

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE
LINHA DE PESQUISA: PLURALIDADE, IDENTIDADE E ENSINO**

TEMITOPE JANE ARANSIOLA

DISCURSOS SOBRE A ÁFRICA PRESENTES NA MÍDIA BRASILEIRA

PONTA GROSSA

2018

TEMITOPE JANE ARANSIOLA

DISCURSOS SOBRE A ÁFRICA PRESENTES NA MÍDIA BRASILEIRA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, junto ao Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*) em Estudos da Linguagem, dentro da linha de pesquisa Pluralidade, Identidade e Ensino, como requisito parcial de avaliação, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Cloris Porto Torquato.

PONTA GROSSA

2018

A662 Aransiola, Temitope Jane
Discursos sobre a África presentes na mídia brasileira / Temitope Jane
Aransiola. Ponta Grossa, 2018.
202 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta
Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Cloris Porto Torquato.

Coorientadora: Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira.

1. Ebola. 2. Identidades. 3. Enunciados. 4. Jornais. 5. Copa da África. I.
Torquato, Cloris Porto. II. Ferreira, Aparecida de Jesus. III. Universidade Estadual
de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. IV.T.

CDD: 417

TEMITOPE JANE ARANSIOLA

DISCURSO SOBRE A ÁFRICA PRESENTES NA MÍDIA BRASILEIRA

Dissertação apresentada para obtenção do título de grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 1 de outubro de 2018.

Profa. Dra. Clóris Porto Torquato
Doutora em Linguística
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira
Doutora em Educação de Professores
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
Doutor em Letras
Universidade Federal de Pampa

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelas oportunidades, pela saúde e por me conceder a capacidade e a sabedoria para chegar até aqui. E ao Espírito Santo, pelas palavras de conforto, a paz, força e pelo direcionamento.

Os meus agradecimentos aos meus pais pela educação que me deram, pelo amor e pelo apoio.

Agradeço imensamente aos meus irmãos, James e Simeon, e à amiga Genifá, que me deram apoio, suporte e ouvidos durante os momentos de desespero.

A minha querida e amada orientadora e mãe de coração, professora Cloris Porto Torquato, pela dedicação, pelas sessões terapêuticas e o pelo engajamento com este trabalho. Desde a minha chegada no Brasil, sempre me acompanhou e me deu suporte.

Aos membros dessa Banca de Defesa: a Profa. Dra. Aparecida Maria Ferreira e ao Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos, que têm contribuído com este trabalho. Agradeço pela leitura atenciosa do texto e pelos seus apontamentos.

Ao programa de Mestrado e à Agência Financiadora Capes.

Aos demais amigos, aos colegas, aos familiares e aos/às professores/as.

RESUMO

Na presente pesquisa, meu objetivo é fazer uma análise dos discursos sobre a África e os africanos presentes na mídia brasileira. Há uma visão estereotipada na representação que os brasileiros possuem do continente e dos africanos, noção que gira em torno de fome, guerra, miséria, conflitos, doenças e animais selvagens. Por isso, o trabalho teve como objetivo, analisar as representações em dois meios de comunicação, a *Folha de São Paulo* e o *Globo*, durante a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul e o surto de ebola de 2014. Entendo que pela/na linguagem representações são produzidas, e a mídia é uma das redes formadoras de opinião que possui grande influência na construção de conhecimento. O procedimento metodológico se desenvolveu com base no arcabouço teórico-metodológico bakhtiniana, focalizando os contextos sócio-histórico, as cadeias enunciativas, os conteúdos temáticos e as tonalidades valorativas dos signos África e africanos. Quanto aos aportes teóricos utilizados para fundamentar esta pesquisa, recorreu-se Hall (1990, 2006), Silva (2000), Martino (2010), que versam sobre identidades, Albuquerque e Filho (2006) para contextualizar a história dos negros no Brasil, aspecto fundamental para situar a cadeia de enunciados. Para os estudos da linguagem,, utilizo autores do Círculo de Bakhtin, Volóchinov (2010) e Bakhtin (1997). Como resultado, pude observar que os enunciados presentes nos dois jornais durante a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul e o surto de ebola em 2014 em países da África Ocidental contribuem para promoção de estereótipos sobre África, pois as notícias reforçam o continente e os africanos sob aspectos majoritariamente negativos, comprometendo assim a sua representação e, conseqüentemente, a construção de identidade dos africanos no Brasil e também dos negros brasileiros, por dificultar a identificação com África e com os africanos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. Enunciados. Jornais. Copa da África. Ebola.

ABSTRACT

In the present research, my aim is to write a discourse analysis about Africa and Africans present in the Brazillian media. There is a stereotyped image in the representation that Brazillians have of the continent and of Africans, a notion that evolves around, hunger, misery, conflicts, diseases and wild animals. That is why, this paper aims, to analyse the representations in two means of communication, Folha de São Paulo and o Globo, during the 2010 World Cup and the outbreak of ebola in 2014. I understand that it is with/in language that representations are produced, and the media is one of the networks which forms opinions that possess great influence in the construction of knowledge. The metodological procedure was developed based on the Bakhtinian theoretical-methodological framework, that focuses in socio-historic contexts, discursive chains, thematic contents and the value tones of the signs Africa and Africans. As regards the autors used to susbtantiate this research, I resorted to Hall (1990, 2006), Silva (2000), Martino (2010), that talk about identities; Albuquerque and Filho (2006) to contextualize the history of Black people in Brazil, a fundamental aspect to locate the discourse chain. For the studies of Language, I utilize authors from the Circle of Bakhtin, Volóchinov (2010) and Bakhtin (1997). As a result, I was able to observe that the enunciations present in the two Newspapers during the 2010 World Cup in South Africa and the ebola outbreak in 2014 in Western Africa, contribute to the promotion of stereotypes about Africa, because the News reinforces the continent and africans mainly under negative aspects, compromising their representation and, consequently, the construction of identity of Africans in Brasil and also of Black Brazillains, because it difficults their identification with Africa and Africans.

Keywords: Identities. Enunciations. Newspaper. African World Cup. Ebola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Capa do jornal	87
Figura 2	- Contracapa do jornal	90
Figura 3	- Notícia sobre abertura da Copa	; 91
Figura 4	- Reportagem sobre a seleção do país sede	95
Figura 5	- Notícia sobre confronto	103
Figura 6	- Notícia sobre segurança dos turistas	105
Figura 7	- Notícia sobre confronto no país	108
Figura 8	- Confronto em Durban faz dois feridos	109
Figura 9	- Reportagem sobre Carnaval	114
Figura 10	- Reportagem da abertura da Copa	117
Figura 11	- Notícia sobre cultura e lazer na África do Sul	118
Figura 12	- Notícia sobre o evento da abertura da Copa	120
Figura 13	- Entrevista com o técnico da seleção e Zimbábue	124
Figura 14	- Notícia demonstrando o racismo velado na África do Sul	126
Figura 15	- Matéria descreve racismo na África do Sul	131
Figura 16	- Texto descrevendo a desigualdade social na África do Sul	133
Figura 17	- Estreia do jogo entre a seleção da África do Sul e do México	136
Figura 18	- Notícia sobre primeira contaminação fora de África	141
Figura 19	- Página do jornal informa sobre o primeiro país a conter o vírus	144
Figura 20	- Texto informa da primeira contaminação nos EUA	147
Figura 21	- Texto do jornal informa sobre o diagnóstico da contaminação do Ebola nos EUA	150
Figura 22	- Reportagem explica como a epidemia afeta os investimentos no continente africano	151
Figura 23	- Especialista nigeriano fala sobre como conter o vírus.	153
Figura 24	- Notícia sobre Paciente de ebola	155
Figura 25	- Problemas com o protocolo de Estados Unidos	157
Figura 26	- Imigrantes sofrem preconceito devido a repercussão	

da epidemia	158
Figura 27 - Problemas de protocolo em Estados Unidos	163
Figura 28 - Para conter a epidemia, EUA criam medidas de segurança rigorosa	165
Figura 29 - Notícia informa o segundo caso da contaminação do vírus	167
Figura 30 - No Brasil, caso suspeito de ebola é dispensado	169
Figura 31 - Mais notícias sobre contaminação de ebola	171
Figura 32 - Noticia relata sobre a vida do primeiro sujeito a contrair o vírus em EUA	173
Figura 33 - Irmãos sofrem agressão física	175

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDC – Centro de Controle e Prevenção de Doenças

FIFA- Federação Internacional de Futebol

GELIC – Grupo de Estudos Linguagens em Contextos

HIV- Vírus de Imunodeficiência Humana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NAP – Núcleo de Assessoria Pedagógica

NUREGS – Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU- Organização Mundial da Saúde

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	TRAJETÓRIA PESSOAL E MOTIVO DA PESQUISA.....	10
2	A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS DISCURSOS - CADEIAS ENUNCIATIVAS.....	17
2.1	FUTEBOL COMO IDENTIDADE NACIONAL DO BRASIL.....	20
2.2	COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2010.....	22
2.3	ÁFRICA COMO ORIGEM DE EPIDEMIAS.....	23
2.4	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS NEGROS NO BRASIL.....	26
2.5	A CONSOLIDAÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL.....	32
2.6	INTERNET COMO NOVO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIA.....	37
3	A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	42
3.1	REPRESENTAÇÃO.....	55
3.2	DISCURSO E REPRESENTAÇÃO.....	58
3.3	REPRESENTAÇÃO E ESTEREOTIPO.....	59
3.4	PRECONCEITO E RACISMO.....	66
4	ANÁLISE DIALÓGICA DOS DISCURSOS.....	71
5	REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA NOS JORNAIS A FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO.....	84
5.1	POLÍTICA	85
5.2	DESIGUALDADE SÓCIO-ECONÔMICA.....	87
5.3	VIOLÊNCIA/SEGURANÇA.....	94
5.4	CULTURA.....	112
5.5	RELAÇÕES RACIAIS	123
5.6	APRESENTAÇÃO DE EBOLA	131
5.7	POLÍTICA.....	139
5.8	DESIGUALDADE SÓCIO-ECONÔMICA.....	147
5.9	VIOLÊNCIA/SEGURANÇA	157
5.10	CULTURA.....	169
5.11	RELAÇÕES RACIAIS.....	171
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
	REFERENCIAS.....	180
	ANEXOS.....	185

1. INTRODUÇÃO

1.1 TRAJETÓRIA PESSOAL E MOTIVO DA PESQUISA

Essa dissertação de mestrado reflete e é o produto da minha trajetória como uma estudante nigeriana que veio a se reconhecer como africana no Brasil. Foi um processo que se iniciou em 2011, desde a minha chegada ao Brasil, explicitando as dificuldades, o choque cultural, a descoberta de novos costumes, a culinária e também questão racial. Tem sido o desenvolvimento de identidades em processo que revela a condição de ser mulher, estrangeira, estudante e africana, posições por vezes conflitantes que escapam de qualquer forma de fechamento e que negocia em diferentes momentos.

Importante que o ser africana de pele negra, muitas vezes, assombra todas as outras possíveis questões, porque quando alguém olha para mim a primeira coisa que enxerga é a cor da minha pele, e antes que eu tenha a chance de negociar outras identidades já me posiciona com base simplesmente na minha cor. Um exemplo disso foi a experiência que passei num banco. Ao ser atendida, o recepcionista deu uma olhada rápida para mim e durante a maior parte do atendimento seus olhos não mais saíram do computador. Ele pediu um documento e entreguei minha carteirinha da Universidade, que era o único documento que estava comigo. Ao ler ‘estudante de mestrado da UEPG’, o funcionário do banco levantou os olhos e sorriu para mim. A partir daí, o atendimento seguiu um rumo mais ‘amigável’.

Situações como esta, e muitas outras, giram em torno das minhas experiências de ser negra no Brasil. Ser estudante e estrangeira é tirar nota alta numa prova e meus colegas acharem ‘bom demais’: nas palavras de uma colega de classe: “a Jane tirou oito igual a gente”. E o ser mulher negra? Não devo nem dizer. O que estou tentando explicitar é que me reconhecer como africana no Brasil não foi algo que eu planejei; simplesmente me tornei sensível e perceptível a situações que foram/são provocadas pela minha negritude. Digo isso porque como nigeriana (o país com o maior número de negros no mundo inteiro) nunca tinha me ocorrido que eu era negra¹.

Desde então, comecei a entender que ser negra no Brasil representa algo em relação a que eu precisava me posicionar. Eu tinha que estar pronta para enfrentar racismo, preconceito

¹ Estou em acordo com Ferreira (2014) quando esta afirma: “neste capítulo, tenderei a utilizar as expressões ‘negros’ e ‘brancos’ (embora a categoria ‘negro’ não exista na classificação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Estou, assim, seguindo a nomenclatura que o movimento negro utiliza - em que ‘negro’ assume a junção entre preto e pardo na classificação oficial do IBGE” (p. 84). Assim, no decorrer deste trabalho utilizo a nomenclatura ‘negros’ e ‘brancos’, compreendendo que o signo ‘negros’ reúne as categorias ‘pretos’ e ‘pardos’.

e discriminação. O que parece ser contraditório num país onde mais da metade da população se autodeclara negra (preta ou parda, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE). Logo depois de alguns meses aqui no Brasil, entendi o porquê de ser seguida pelo segurança do mercado, da indiferença nos atendimentos (como no banco e no comércio) e de frases cruéis que ouvi (como quando me diziam que eu não merecia estar na UPEG porque estava “roubando vagas de brasileiros”). A pior de todas as situações foi quando uma criança de 5 anos falou: “eu não quero brincar com você porque você é escura”, em uma confraternização na qual estavam presentes quase cem pessoas em Londrina. As lágrimas escorreram, queimando minhas bochechas. Naquele momento simplesmente saí em silêncio para uma caminhada enquanto me fazia séries de perguntas sobre mim mesma, a minha cor de pele, a minha vinda para o Brasil e a crueldade que existia aqui.

Desde então, decidi criar meios de lidar com a situação, de obter respostas e de ouvir as experiências de outras pessoas e nesta convivência buscar formas de acabar com essa imagem do ser africano, de mudar o olhar de ‘desconfiança’, de ‘pena’ e de estereótipos. Hoje consigo trabalhar através de espaços conquistados na UEPG através de projetos de extensão, como “Letramento Acadêmico” e “Identidades, Interculturalidade e Letramentos Acadêmicos”, desenvolvidos no Núcleo de Relações Étnico-Raciais de Gênero e Sexualidade (NUREGS), e do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem.

Para situar o meu lugar de fala, como já relatado até aqui, a minha trajetória pessoal e estudantil é muito importante. Assim é possível à leitora e ao leitor compreender que esse texto não é somente uma pesquisa acadêmica, mas também é parte das minhas bagagens. É para explicar como as minhas experiências no Brasil como africana e estrangeira têm me proporcionado uma realidade diferente, cheia de oportunidades, desafios, conquistas e aprendizagens. Vir para o país é e tem sido uma aventura que provoca em mim outras maneiras de olhar para o mundo. Ao falar que existe uma imagem do que significa ser africano também tem a noção do que é morar no Brasil. Antes de viajar as minhas únicas referências eram o time da seleção brasileira de futebol e o carnaval.

Durante as aulas de português, ainda na Nigéria, aprendi mais um pouco sobre a cultura brasileira. Os lugares sobre quais aprendi eram São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador da Bahia. Ensinaaram sobre como as pessoas brasileiras são simpáticas e acolhedoras, mas não explicaram que no Sul do país as pessoas poderiam ser bem diferentes. É necessário mencionar isso porque moro em Ponta Grossa e muitas pessoas são reservadas e não tão receptivas. Essas breves

referências que tive do Brasil me ajudaram a construir uma história única, estereotipada dos brasileiros.

Assim, iniciei os estudos na Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2011 para cursar Jornalismo e não levou nada mais que poucos dias para perceber as diferenças culturais e sociais. As consequências de possuir somente uma única história sobre brasileiros dificultaram a aceitação da realidade em que me encontrei. Ao longo dos anos, tive que passar por um processo de desconstrução e reconstrução da imagem do Brasil e da minha própria identidade.

Nas primeiras semanas, recebi muitos olhares que exprimiam estranhamento, curiosidade, algumas poucas pessoas ousavam fazer perguntas sobre mim e minha origem. O processo de adaptação foi árduo, e durou em torno de dois anos para, pelo menos, me desprender de tudo que eu achava que sabia da cidade, fazer algumas amizades, saber me virar e, principalmente, entender que a minha cor de pele era algo que ia me causar certas dificuldades.

No meio das curiosidades das pessoas sobre mim, deparei-me com a representação que as pessoas daqui de Ponta Grossa tinham da Nigéria e da África de modo mais geral: crianças passando fome, guerras civis, miséria, florestas, savanas, animais selvagens, pessoas morando em árvores e o safari, além de que viam a África como um país e não um continente. Me faziam perguntas sobre a extrema miséria presente na Somália e o safari na África do Sul, sendo que eu tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre esses lugares. No começo, respondia com espanto; depois, irritação leve, indignação e, atualmente, aproveito tais oportunidades para desconstruir esta representação estereotipada do continente que é construída por uma rede conjunta de discursos. Em meio a esse processo e convivendo com outros estudantes africanos na universidade e na cidade, passei a me cobrar para aprender um pouco sobre outros países africanos, como Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, entre outros.

Durante esse processo de desconstrução, reconstrução e negociação, passei a me identificar como africana, tornei-me mais sensível à cor da minha pele e perceptível às questões raciais. Tudo isso despertou o interesse em pesquisar nestas áreas. Por isso, desde 2012, participo do projeto de extensão Letramento Acadêmico, onde alunos estrangeiros apresentam palestras sobre seus países como forma de mostrar estes países sob outra visão, que não seja do ponto de vista hegemônico que conhecemos no Brasil. Com essa finalidade em mente, tenho participado em eventos promovidos pelo Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade (NUREGS), pelo Núcleo de Assessoria Pedagógico (NAP) e pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Tenho realizado palestras nos dias da Consciência Negra e organizei, junto com outros alunos, o Dia da África em 2012.

Esse trajeto também me incentivou a fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2014; um livro-reportagem que intitulei como o *Relatos de alunos africanos em cinco Universidades Estaduais do Paraná*. Esse livro tem como foco compartilhar os relatos de outros alunos africanos sobre as experiências deles no Brasil. Durante a produção desse livro, eu também estava tentando entender se as minhas experiências eram peculiares, se eu estava vendo coisas de uma maneira exagerada, se o problema era eu. Nos relatos, a maioria dos estudantes expressou as mesmas coisas, como a questão de discriminação, o preconceito e as perguntas estranhas que eram feitas, entre outras. O trabalho me ajudou a repensar como lidar e trabalhar estas questões.

A mesma coisa me motiva a fazer essa pesquisa de mestrado, e espero que através dela possa entender a maneira como africanos são representados na mídia brasileira. Atualmente, compreendo que muito da visão que as pessoas têm da África é resultado das representações presentes num conjunto de rede de discursos, como os livros didáticos, a *internet* e a mídia. Neste sentido, o discurso se estabelece num momento ideológico e de escravização no país de forma a se reproduzir questões sociais, históricos e econômicas entre outras.

As participações no GELIC, Grupo de Estudos Linguagens em Contextos, coordenado pela professora Cloris, foram importantes para estudar práticas discursivas como elementos não individuais, mas sociais, que se estabelecem na relação com os outros. Partindo dessa perspectiva, neste trabalho, busco problematizar, principalmente, a seguinte questão: Que representações a mídia brasileira constrói sobre África e sobre os africanos?² Para responder a essa pergunta, faço um recorte das produções midiáticas, focalizando dois jornais da mídia impressa – *Folha de S. Paulo* e *O Globo* - pelo seu poder econômico, cultural, social e político para fazer cobertura de eventos com destaque internacional. Além disso, os dois possuem poder de abrangência, circulação e distribuição em território brasileiro.

Para refletir sobre essa questão, investigo como diferentes assuntos (sejam eles, econômicos, sociais, políticos, culturais e raciais) são colocados por esses dois jornais brasileiros para fazer uma análise crítica dos discursos relacionados ao contexto africano. Essa análise possibilitará identificar como os enunciados constroem a representação social do continente e como esses enunciados são encadeados e situados em um momento histórico.

Conforme o Círculo de Bakhtin (2003), a palavra, signo ideológico por excelência, ganha expressividade no enunciado. Um enunciado não é neutro, pois é o efeito das escolhas, da intenção do autor e dos seus interlocutores. O enunciado acontece na comunicação discursiva

² Embora eu tenha consciência de que não existem “os africanos” como grupo homogêneo, utilizo aqui o termo de modo genérico para fazer referências às pessoas oriundas do continente africano. .

e é presente num contexto que não é exclusivamente momentâneo, mas sim ligado a outros enunciados construídos historicamente. Os discursos sobre o continente africano podem ser ligados a determinados momentos históricos que se modificam, mas são ligados na história. Ora, a maior parte das representações da África no Brasil foram construídas na base das circunstâncias em que os sujeitos africanos escravizados foram trazidos para cá.

Consequentemente, os afrodescendentes, ao traçar referências de suas origens, buscam no passado um suporte, o que faz parte da identidade deles, mas frequentemente ficam restritos somente àquele momento. Percebo um abismo grande entre o passado que os afrodescendentes buscam como referência identitária e o agora do continente africano. Relembro que a lei 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases de educação nacional para as relações étnico-raciais, torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira na sua atualidade. E não somente da cultura africana passada, tal como frequentemente é feito nos dias festivos como o Dia da Consciência Negra.

Parece-me que uma parte do problema dos estereótipos sobre o continente africano está no ponto de encontro entre o passado e a atualidade. Um momento histórico parece que definiu e fixou a ideia do que é ser africano, e esse discurso é modificado, reproduzido e reforçado, mas ainda sob o mesmo enfoque. É algo que a escritora nigeriana Chimamanda Adiche chama de “O perigo da história única” em sua fala no TedEx³ em 2011. A escritora conta como pessoas são vulneráveis em face de uma história, da maneira como é contadas e quem a conta. O perigo está em contar uma história de um povo e reduzi-lo somente a tal história.

A (re- e/ou des-) construção dessa história pode ser feita através de várias formas de narrativa. No caso desta pesquisa, tomo os enunciados no gênero discursivo notícia jornalística, constituídos por imagens e palavras (signos visuais e verbais), como objetos de análise, entendendo-os como formas de reforçar ou desconstruir essa história única muitas vezes contada sobre a África e os africanos. Neste sentido, assim como Volochinov (2003), compreendo o discurso como uma construção social vinculado a uma linha histórica, que depende de sujeitos para sua performance, da sua posição social em relações de poder. Embora reconheça que essas relações são predominantemente conflitantes, entendo que são também negociadas.

Para Volochinov, a língua não existe fora do contexto social e é carregada de ideologias, pois “é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas” (VOLOCHINOV, 2003, p. 17). Se nenhuma língua é neutra, qualquer expressão ou pensamento é ideologicamente

³ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>

constituído. Por isso, ao estudar um enunciado isoladamente estaria ignorando outros elementos importantes que poderiam permitir sua compreensão. Sendo assim, na pesquisa analiso notícias a fim de verificar (texto e foto), o contexto, conteúdo temático e as posições valorativas presentes nos enunciados. Faço uma análise de discurso numa perspectiva bakhtiniana, que insere a língua em seu contexto a fim de estudar as práticas sociocomunicativas e os sujeitos. Nesse trabalho, estudo enunciados em práticas discursivas de seus sujeitos autores em dois jornais, a *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, durante a Copa do Mundo de 2010 e o surto de Ebola em 2014.

Considero esse recorte importante porque a Copa do Mundo é um evento mundial significativo para muitos brasileiros e por ter sido a primeira vez que um país africano foi o país anfitrião do mundial. Era um momento oportuno para o mundo, especialmente os brasileiros, conhecer um pouco do continente sob outro olhar, como as culturas, a multiplicidade étnica, a beleza, as pessoas e a culinária, em vez da visão hegemônica estereotipada de fome, miséria e guerras. Por outro lado, o Surto de Ebola se constitui como um contraste. Nessa circunstância específica, poderia observar como a mídia normalmente trabalha com notícias sobre problemas/doenças em países africanos. Esse difícil evento foi algo que gerou repercussão no mundo inteiro.

No segundo capítulo, abordo a filosofia de linguagem do Círculo de Bakhtin, focalizando as concepções de linguagem, enunciado, discurso e ideologia. Explico, usando o arcabouço teórico bakhtiniano, como discursos são construídos em seus contextos sociais e históricos, o efeito e sua influência na construção de identidade de sujeitos. Trata-se de estudar a linguagem e as suas relações com a sociedade como práticas ligadas a estruturas sociais. No capítulo, demonstro que os enunciados carregam ideologias, são uma forma de comunicação verbal que depende da posição social do sujeito e pode reforçar posições de poder ou resistência.

Além disso, faço uma contextualização da Copa do Mundo de 2010 como um marco histórico. Será abordado a história dos negros no Brasil, como os negros foram escravizados a fim de pensar na bagagem cultural e histórica do modo como a África é pensada. Considero fundamental resgatar essa história porque possibilita explicar algumas questões que irão nos ajudar pensar acerca do tipo de discurso presente na mídia brasileira. Estas questões dizem respeito da vinda dos africanos já em condição de silenciamento de fala, o mito da democracia racial e a política de branqueamento e por último a maneira como o país lidou com a situação. Também trago o contexto de como a África é vista como lugar de epidemias, onde abordo a maneira como o ocidente relaciona o origem de doenças infecciosas ao continente. A mídia colaborou com a promoção da ideia de que a Aíds e o ebola são doenças ‘nativas’ africanas.

Essa contextualização é importante porque situa o enunciado presente no imaginário dos brasileiros de que africanos são responsáveis pelas doenças letais e contagiosas através da entrada deles no Brasil durante a escravização, como Rodrigues (2012) discute em seu livro *Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais. História e Perspectivas*.

No terceiro capítulo, busco refletir sobre o conceito de identidade, identidade e diferença segundo Stuart Hall, Tomaz Silva Tadeu e Kathryn Woodward. Trabalho também com as noções de representação, estereótipo, raça e racismo. Faço uma breve, mas pertinente retomada do arcabouço teórico já no terceiro capítulo usando o Círculo de Bakhtin de discurso. No quarto capítulo, explico a metodologia utilizada na pesquisa. Por último, trago as análises dos enunciados dos dois jornais já referidos, mobilizando o referencial teórico-metodológico explicitado nos capítulos dedicados à teoria.

Sendo assim, neste estudo tenho como **objetivo geral**:

- Analisar os discursos presentes nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* durante dois períodos, o da Copa do Mundo de 2010 na África do Sul e durante o Surto de Ebola em 2014 em alguns países da África Ocidental, com vistas a observar como se constroem representações sobre África e os africanos nesses discursos.

Os objetivos específicos são:

- Verificar, nestes enunciados, os conteúdos temáticos e as tonalidades valorativas dos signos “África” e “africanos”, já que compreendemos a língua/linguagem como construtora de significados. Acreditamos que é através da linguagem, dos discursos, que as representações são produzidas;
- Observar como os discursos presentes na mídia brasileira contribuem para a (des)promoção dos estereótipos sobre o contexto em questão;
- Entender quais imagens dos africanos são construídas nesses jornais⁴;

⁴ Questão também levantada por Fernando Costa da Conceição em “Qual a cor da imprensa?”, no livro *A cor do medo: homicídios e relações raciais no Brasil*.

2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS DISCURSOS: CADEIAS ENUNCIATIVAS

Considerando que na perspectiva bakhtiniana cada enunciado é parte de cadeias enunciativas, contextualizar um enunciado é também retomar alguma cadeia enunciativa na qual esse enunciado pode ser/estar inserido. Sendo assim, neste capítulo, retomo enunciados que tratam do futebol como parte da identidade nacional brasileira, contextualizando assim os enunciados que analiso no quinto capítulo. Depois, aproximo o foco e trato da Copa do Mundo de 2010. Resgato também, os enunciados que tratam da África como lugar de epidemias.

Por entender que o extraverbal sustenta o verbal, segundo o Bakhtin, também descrevo um pouco sobre a história dos negros no Brasil, a vinda de africanos para o Brasil como sujeitos escravizados, as consequências e as repercussões dessa condição na construção de identidade do sujeito africano e afrobrasileiro.

Em seguida, faço uma breve descrição de como a imprensa se consolidou no Brasil como meio de demonstrar sob quais fatores a produção da mídia se estruturou no Brasil e, para finalizar, trago um pouco de como a internet é um espaço de produção de notícia.

Nesta pesquisa, analiso as representações produzidas sobre a África pela mídia brasileira nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* durante a Copa do Mundo na África do Sul e durante o Surto de Ebola nos meses julho/2010 e outubro/2014, respectivamente. A abordagem dada às notícias pelos jornalistas-autores contribui para a construção de discursos sobre o continente por parte do sujeito-leitor e influencia na representação dos sujeitos africanos no Brasil. Como já colocado, uso como base o conceito de linguagem de Volochinov (2010), que define a língua como lugar das relações e lutas sociais.

Para este autor, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (VOLOCHINOV, 2006, p. 99); por isso, a língua deve ser analisada na sua materialidade, mas também pelo seu contexto, pois “tudo que é ideológico possui um significado, e remete a algo situado fora de si mesmo”. (VOLOCHINOV, 2006, p. 29). Um produto ideológico faz parte de uma realidade, mas também refrata outra realidade, que lhe é exterior.

A língua não é algo acabado nem isolado, pois uma enunciação só pode ser percebida e compreendida quando relacionada com outras enunciações que pertencem ao mesmo domínio ideológico. Soma-se a isto que uma palavra única pode figurar em dois contextos mutuamente conflitantes (VOLOCHINOV, 2010). O autor reafirma que os contextos normalmente se encontram em situações de interação e, muitas vezes, de conflito. Uma vez que tudo que é ideológico retrata uma realidade, mas também refrata outra, e que todo signo é ideológico,

devemos entender que toda enunciação pode adquirir um sentido que ultrapassa aqueles inicialmente pretendidos pelo falante. Assim ela pode ser fiel ou distorcer de um ponto de vista específico.

Nenhuma enunciação pode ser explicada pela condição psicofisiológica do sujeito falante, pois a enunciação é de natureza social. É de natureza social também a constituição dos próprios falantes. Por assim dizer, entende-se que um sujeito é construído na interação dele com os outros, a sua convivência social é fator determinante na construção de sua identidade e consequentemente na imagem que os outros têm dele.

Sendo assim, pode-se afirmar, com certeza absoluta, que a influência que as notícias têm sobre os sujeitos leitores possui impacto no que eles pensam; elas geram efeitos sobre os leitores. Estes interiorizam (já entendendo que têm bagagem anterior a essa enunciação sobre o assunto), processam-na e a (re)exteriorizam com suas próprias tonalidades valorativas (BAKHTIN, 2013). Compreender um signo significar aproximar o novo signo a um signo já conhecido.

O conteúdo, que neste caso é a notícia, quando é (re)exteriorizado, já entrou em negociação com outros enunciados anteriores conhecidos pelos leitores. Nesse processo, pode passar por uma transformação, ressignificação, de acordo com as identidades e posições valorativas dos leitores. É isso que Volochinov (2010) explica quando afirma que signos só podem aparecer em *terreno interindividual*. O discurso é formado no exterior através da relação social, e a enunciação é o produto de interação dos indivíduos socialmente organizados. Só assim, no contexto social interacional, os signos podem constituir-se. (Volochinov, 2010). O conhecimento e os valores dos signos são construídos por grupos sociais organizados no curso de suas relações.

Se tomarmos a explicação do Volochínov (2010) de que o signo no enunciado não pode ser tomado como ‘neutro’ (embora seja neutro quando não está inserido no enunciado), podemos dizer que uma notícia não é neutra. A notícia é um gênero discursivo no qual o enunciado toma forma na comunicação social. Nem os signos são neutros na notícia, nem a própria notícia é neutra, porque já está inserida na cadeia da comunicação verbal. Nesse contexto, os signos são carregados ideologicamente, valorativamente. No caso desta pesquisa, tomo os signos África e africanos como focos do estudo, uma vez que ao utilizá-los os autores dos textos os carregam valorativamente. Uma vez que historicamente o signo ‘africano’ esteve ligado ao signo ‘negro’, ao carregar valorativamente o primeiro também se valoriza o segundo. Notícias sobre pessoas africanas geram relações e efeitos ideológicos sobre pessoas negras. Na

sociedade brasileira, em distintas esferas sociais e domínios discursivos, há uma íntima relação entre os signos ‘África’, ‘africano’ e ‘negro’ (pretos e pardos de acordo com IBGE).

Mas também precisamos destacar que esse grupo denominado ‘negros’ (pretos e pardos de acordo com IBGE) existe na relação com um outro grupo, o de brancos. Essa relação constrói os processos de identidades/identificações e diferenças/diferenciações, dos quais trata Tomaz Silva Tadeu (2000) e Stuart Hall (2000). Então neste estudo o *terreno interindividual* enunciativo envolve esses grupos. Embora não estude a relação entre eles, entendo que, até certo ponto, o efeito da interação entre esses grupos faz parte da constituição valorativa dos signos (e dos próprios sujeitos).

Volochínov descreve que a palavra, “como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signo social na enunciação concreta, é inteiramente determinada pelas relações sociais” (VOLOCHÍNOV, 2010, p. 117). A linguagem é carregada de ideologia. E mesmo que o signo seja a “arena de lutas sociais”, de várias ideologias que dialogam e/ou lutam entre si, algumas são mais dominantes na enunciação concreta. É uma forma de negociação entre os grupos.

Neste contexto, relaciona-se com o que Michel Foucault (2011) destacou: na sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos de poder. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo qual se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2011, p. 10). Em outras palavras, o discurso é uma forma de exercer poder e é um espaço de diferentes relações de poder. Todo enunciado/discurso é carregado de ideologias e é constituído por e em relações de poder. Por sua vez, o poder circula, é negociado e existe em qualquer relação social. Essas relações de poder configuram não apenas cada enunciação em separado, mas a cadeia de enunciados.

Os signos são arenas de lutas ideológicas, refletem e refratam ideologias e relações de poder. Como eles são retirados das enunciações concretas, entendemos que essas lutas, os reflexos e refrações são realizadas nas enunciações, em cada uma individualmente mas também em sequências de enunciações em relações dialógicas.

No conjunto de enunciados que analiso, é possível observar uma cadeia de enunciações: os textos se relacionam primeiramente por tratarem do mesmo tema/assunto no mesmo período histórico; também se relacionam com outras enunciações anteriores.

Na sequência deste capítulo, focalizo contextos socioverbais mais amplos e outras enunciações com as quais as notícias em análise dialogam/se relacionam e que podem fazer parte das lutas sociais. Como indiquei anteriormente, os signos ‘África’ e ‘africano’ estão

relacionados valorativamente com os signos ‘negro’ e ‘branco’ no Brasil. É fundamental, então, retomar aspectos dessa relação, dessa cadeia enunciativa na qual se inserem as notícias em análise.

Ainda, um dos temas de que trata as notícias é a Copa do Mundo de Futebol. Esse tema é interessante porque o futebol é um dos esportes mais populares do país e é um espaço de negociação de identidade nacional. Nessa cadeia enunciativa se inserem as enunciações que analiso.

2.1 FUTEBOL COMO IDENTIDADE NACIONAL DO BRASIL

O futebol é um esporte que reúne muitas pessoas de diferentes grupos. O ato de torcer, para Ariel Sander Damo (2002), é pertencer e tomar partido, assumir riscos e passar por excitações agradáveis ou frustrações. Segundo esse autor, o futebol é um dos símbolos da identidade brasileira, pois faz parte do processo de socialização e possui um vínculo com a cultura popular. O Brasil é famoso pelo seu time da seleção brasileira de futebol e os seus astros que a compõem. Lembro-me que quando morava na Nigéria, crianças, adolescentes e adultos adoravam os astros brasileiros, como Pelé e Ronaldinho.

Torcer por um clube de futebol é “redefinir a identidade social num nível mais amplo”, DaMatta (1994) citado por (DAMO 2002, p. 36). A chegada de futebol no país foi estruturada justamente na sociabilidade, associacionismo e de pertencimento, embora tenha vindo da alta burguesia. Assim pode-se afirmar que o futebol se iniciou no Brasil como elitista, mas se tornou um instrumento de consolidação do relacionamento entre pessoas da alta e baixa classe. No início, somente brancos podiam jogar, por ser elitista (SOARES, 2001). Isso também foi uma forma de promover a ideia de um país onde há harmonia entre brancos e negros.

O futebol mostra a resistência, democratização e afirmação do negro do Brasil. Os autores Mário Filho e Gordon Jr. (1995), citados por Soares (2011), relembram a ausência de jogadores negros nos tempos iniciais do futebol. Para estes dois autores citados, os negros e pobres eram proibidos, até 1918, de participar do futebol o que enfatiza a exclusão e segregação destes, além da discriminação da formação social enraizada pelo colonialismo e pelo escravismo (SORAES, 2001).

A presença dos negros no esporte somente aconteceu em 1918 porque a equipe de ingleses precisava formar equipes, assim eles se misturaram aos brancos para praticar. Para Soares (2001), o requisito básico para praticar este esporte é o corpo, e isso os negros já tinham, pois como coloca Murad (1994) citado por Soares (2001), eles desenvolveram essas habilidades

como meio de sobrevivência durante o regime escravista. Por isso, este espaço esportivo seria um espaço para expressar a resistência à opressão.

O corpo do negro tornou-se uma figura de habilidade corporal. O autor chama atenção para esse fato que ele denomina ‘racismo invertido’ que se manifestou no ‘elogio’ ao negro pela sua sensibilidade nas áreas de música, força, resistência e habilidade corporal. Assim “o negro seria “naturalmente” bom para o trabalho pesado e para expressão estética na dança, na luta da copeira e na música” (SOARES, 2001, p. 30), e também no futebol. Sua capacidade intelectual não é levada em consideração. É uma noção estereotipada e preconceituosa que atribuiu ao grupo social habilidades relacionadas ao corpo de maneira a limitá-los a algo que se desenvolveu em momentos extremamente desumanos. Não é algo a ser celebrado. É parte da construção do estereótipo de que negros se destacam em qualquer área esportiva em função do seu biotipo.

Segundo Gilberto Freyre, a participação dos negros no futebol brasileiro trouxe uma roupagem nova para o campo do esporte. Fato que ele associa à participação do Brasil na Copa da França de 1938, onde ele expressa que uma das condições de sucesso nos jogos se deve à presença de um time afro-brasileiro. Característica que diferenciou o time brasileiros das demais seleções. Em contraposição, Soares (2001) nos lembra que a opinião de Freyre não explica o sucesso do futebol brasileiro. O sucesso da seleção não foi através da integração racial, embora demonstra a construção histórica da identidade brasileira via futebol. Estudos sobre futebol acabam naturalizando, “tornando essencial e legitimando tal construção social através de uma história que se explica pelos atributos raciais do negro e da miscigenação” (SOARES, 2001 p. 31). Por outro lado, Leite Lopes (1994) citado por Soares (2001) explica que mesmo o futebol tendo se fundado como elitista, os jogadores negros criaram suas jogadas e imprimiram seus estilos próprios nele.

Mesmo assim, “o estilo do futebol brasileiro teria sido construído não só pelas “habilidades corporais do negro”, mas também em função do racismo dominante na sociedade brasileira que se refletia no espaço do futebol” (SOARES, 2001, p. 36-37). Apesar disso tudo, o estilo do negro tornou-se nacional e reconhecido. Para o autor, a democratização do futebol foi o início do momento onde o racismo foi colocado em evidência: negros e brancos podiam existir no mesmo campo.

Quando a seleção ganhava, eram são celebradas a força e garra do negro, mas quando perdia, era apontada a fragilidade emocional. Ao mesmo tempo que os autores apontam para o futebol como elemento central da identidade brasileira, também indicam a raça, miscigenação e o racismo como fatores da construção desse estilo de futebol (SOARES, 2001). Para Damo

(2002), o futebol foi trazido da Europa como símbolo da modernidade. O estilo desse esporte foi usado para demarcar determinadas visões do mundo, períodos históricos e posições sociais. O esporte tornou-se marca de identidade e diferença onde certas características definem o estilo de futebol do brasileiro. No Brasil, esse esporte serviu para delimitar posições sociais acentuando o que Freyre chama de *molecagem baiana*, *a capoeiragem pernambucana* e *a malandragem carioca*. Tornando essas características em ‘habilidades’ o que é discriminatória.

2.2 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2010

A Copa do Mundo é um fenômeno que desperta e une pessoas no mundo inteiro para uma finalidade: torcer pela seleção de seu país, o que contribui para representar a identidade nacional de cada país. “A Copa do Mundo é um excelente momento para se refletir sobre o significado do futebol no Brasil” (HELAL, 2001, p. 151), porque nesta época as manifestações se tornam mais intensas e dramáticas. Neste período, as pessoas se juntam para a manifestação de sentimentos intensos, onde compartilham da experiência e movimento de pertencimento a uma comunidade. A Copa do Mundo de 2010 não foi diferente, embora algumas notícias relatem casos de países europeus que compareceram tarde ao país anfitrião por medo de ser atacado. Isso devido ao fato do estereótipo de que africanos são violentos.

A Copa do Mundo de 2010 foi sediada pela África do Sul, sendo o primeiro país africano a sediar uma copa. A expectativa dos africanos em mostra-se competente e capaz aumentou, e a alegria de ter um país representando outros países africanos era grande, depois que a Federação Internacional de Futebol (Fifa) anunciou o resultado. Muitos nigerianos e outros africanos se esforçaram para prestigiar esse grande e momento único. Lembro-me que alguns nigerianos viajaram para a África do Sul, e o governo também se mobilizou para garantir a participação dos nigerianos, flexibilizando os horário de trabalho nos momentos dos jogos do time nigeriano para eles assistirem.

O mundial foi um momento oportuno para o mundo conhecer um pouco dos países africanos sobre outro olhar. Conhecer as culturas, a culinária e, principalmente, os africanos sob uma perspectiva que escapa do olhar meramente hegemônico. Desconstruir a noção de uma África na visão de fome, miséria, conflito e animais selvagens. Os africanos estavam prontos para mostrar a hospitalidade, a receptividade, a simpatia, o orgulho, o calor humano e o acolhimento. Que apesar das dificuldades, dos governos corruptos e das diferenças culturais, o povo africano é resistente e animado.

Essas características também foram representadas no mascote da Copa, um leopardo, Zakumi, que possui ‘espírito aventureiro, espontaneidade e muita energia⁵’. O animal é presente na sua rica fauna e se apresenta com corpo amarelo e cabelo verde. O nome, Zakumi, é uma junção de algumas das várias línguas africanas. Na festa de abertura o mundo pode conhecer um pouco da diversidade sul-africana através das artistas locais cantando em suas línguas, a homenagem emocionante a Nelson Mandela e os coreógrafos vestindo roupas coloridas no palco. Isso antes do palco ser tomado pela cantora Shakira e o cantor americano Fergie, artistas escolhidos pela Fifa para abertura do Mundial. Os artistas locais somente conseguiram apresentar após protestarem ao organizador do evento para serem incluídos na festa.

Os vendedores ambulantes também demonstram sua animação com o Mundial sabendo que o evento seria bom para os seus negócios e era momento de mostra um pouco sua cultura e culinária. Como as comidas de rua, bem apimentadas e temperadas e as tranças feitas na beira da estrada para os turistas. A Copa foi um momento importante para conhecer um pouco das culturas africanas, a política, a economia, a culinária, as vestimentas e as línguas. Além de mostrar ao povo que não conseguiu conter suas emoções ao participar de uma Copa africana.

2.3 ÁFRICA COMO ORIGEM DE EPIDEMIAS

A África subsaariana tem se revelado um dos lugares que mais sofre com doenças contagiosas de animais. Em comparação com outras partes do mundo, a Organização Mundial de Saúde Animal revela que 12 de 15 das doenças consideradas as mais contagiosas são encontradas na África (RWEYEMAMU et al, 2006). Essas doenças atingem as pessoas e causam fome e morte, além de prejudicar o desenvolvimento econômico e desestabilizar países inteiros. Das doenças no continente, o HIV se constitui como uma ‘bomba relógio’. A estimativa é que 26 milhões de pessoas sejam infectadas pelo HIV nas próximas décadas.

Além disso, os efeitos de outras doenças, como malária e tuberculose, podem aumentar devido ao grande número de pessoas com sistemas imunológicos fragilizados. O número de pessoas infectadas com HIV tem aumentado desde 1986. Entretanto, as grandes ameaças na África não são oriundas de uma doença, mas sim de conjuntos efeitos de diversas doenças em pessoas, animais e plantas que interage com sociedades e o meio ambiente (RWEYEMAMU et al, 2006). Os autores elaboraram um relatório de como o continente pode controlar, conter e lidar melhor com as epidemias de maneira mais eficaz. Para eles, é bem provável que a África

⁵Ver UOL Copa do Mundo 2010. Mascote: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/a-copa/mascote.jhtm>.

continue carregando os resquícios da maioria das doenças infecciosas nos próximos 10 a 15 anos e além do mais, vai sofrer desafios de novas doenças emergentes. Para lidar com isso de maneira eficaz, é necessário que o governo e os líderes estejam dispostos a considerar as sugestões mencionadas no relatório. Além disso, a cooperação internacional é fundamental para o controle das doenças infecciosas, pois possibilita o monitoramento regional e internacional.

De acordo com Reis (2012) as doenças transmissíveis representam 63% das mortes no continente africano, com destaque para AIDS, tuberculose e malária. Para ele, a maioria das epidemias de doenças infecciosas na África está associada ao subdesenvolvimento do continente, uma vez que as economias são fracas e as doenças transmissíveis estão ligadas à pobreza. Nas últimas décadas, os avanços científicos e tecnológicos na saúde têm promovido o controle das doenças transmissíveis, contudo os fatores necessários para que isso se realize dependem do desenvolvimento socioeconômico que permite melhorar o meio ambiente, nutrição, abastecimento de água, higiene e saneamento básico. Reis (2006) salienta que as dificuldades mais significativa que se encontram no tratamento das doenças são os testes diagnósticos efetivos, as mutações e as resistências aos medicamentos e a dificuldade de encontrar fundos e pessoal para os tratamentos.

É nessa linha que a Lassana Danfá (2016) explica, em sua dissertação de mestrado, que:

Quando se trata de explicar a origem de doenças na África, como a Aids, por exemplo, os povos africanos são frequentemente vinculados à animalidade, barbárie e subumanidade, pelo fato dessas doenças serem atreladas à interação homem-animal. Essa vinculação pode assim incitar ou expressar formas de racismo (DANFÁ, 2016, p. 14).

Quando a Aids surgiu no cenário epidemiológico internacional (entre fins da década de 1970 e início da década de 1980), as primeiras interpretações da origem da doença foi baseada no pensamento, que recebeu contribuição da mídia, de que o primeiro ser humano contaminado foi um homem africano que manteve relações sexuais com macacos (as) (RODRIGUES, 2012). Da África, a doença teria migrado para Haiti e de lá “dilatou-se até as costas dos Estados Unidos pela imigração ilegal de carinbenhos miseráveis” (RODRIGUES, 2012, p.17) e assim, se espalhou pelo mundo.

Para o autor, o fato de os causadores do ebola e Aids serem vírus “nativos” da África não provocou espanto porque, ao longo dos séculos, tem sido comum atribuir aos africanos a responsabilidade pela introdução de doenças epidêmicas ou endêmicas no Ocidente. Há afirmações categóricas de que africanos trouzeram para o Brasil doenças desconhecidas até que o tráfico foi impementado. O autor citou um exemplo das afirmações feitas a partir do livro do Octávio de Freitas (1935) acerca da imagem do Brasil como lugar onde os africanos teriam

vindo contaminar com suas doenças perculiars. Rodrigues (2012) ainda salienta que autores como Goeldi (1905), Paula Francisco de Candido (1996) e Jose Lourenço de Margalhães (1900) tomaram doenças como coléra, febre amarela e a lepra como berço da África e que se espalharam para o Brasil através do tráfico. Para Rodrigues (2012), nas poucas vezes em que os médicos intelectuais brasileiros do século XIX e início do XX suscitaram debates sobre essas doenças, se tratavam de discussões menos significativo do ponto de vista biológico. Mas “quando se empenharam em afirmar que as doenças mais graves sofrida pela população do pais eram heranças africanas, aí sim praticavam uma assumida politização da medicina” (RODRIGUES, 2012, p. 26).

Neste sentido, Oliva (2005) afirma que “nós brasileiros, ou pessoas do Ocidente, tratamos a África de forma preconceituosa” (OLIVA, 2005, p. 92). Além de que reproduzem em seus imaginários, notícias que circulam pela mídia, que revelam o continente marcado pelas misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência economica.

Para Rodrigues (2012) a origem de doenças no Brasil é muitas vezes atrelada à vinda dos africanos durante a escravidão. De acordo com ele, mesmo sendo que o Octávio de Freitas (1935) e outros autores lançaram sobre os africanos o estigma da culpa pela introdução das doenças, não puderem comprovar tais afirmações.

O vírus de ebola foi identificado pela primeira vez em humanos em 1976 num território que pertence à República Democrática do Congo. Anteriormente conhecido como febre hemorrágica ébola, é uma doença grave e fatal causada pela infecção com uma das espécies do vírus do ebola. A doença é provocada por um vírus da família *Filoviridae*, género Ebolavirus, e atinge humanos e primatas não-humanos como macacos, gorilas e chimpanzé. De acordo com o relatório do Centro Nacional de Doenças Zoonóticas Infecciosas, desde sua descoberta, ocorrem surtos esporádicos em África. Ainda desconhecem como o vírus surge nos humanos, mas investigadores acreditam que o primeiro paciente é contraiu por ter contato com um animal infectado. A transmissão acontece através do contato direto com fluídos corporais ou sangue (CDC, 2015).

Em humanos, o período de incubação pode variar de 2 a 21 dias e o contágio só ocorre até apresentar os sintomas. Elas incluem febre, dor de cabeça, fraqueza, vômitos etc. Os surtos da vírus na África têm acontecido em regiões de extrema pobreza, nas quais as estruturas montadas para a assistência sanitária mostraram-se precárias (SAMPAIO; SCHÜTZ, 2016). Portanto, os autores mencionam que, de acordo com a infectologista da Fiocruz, Oflia Lupi, a letalidade do vírus pode ser menor se o paciente for tratado em centros de saúde com mais e melhores recursos.

A epidemia atinge, desde início de 2014, a África Ocidental, em especial a Libéria, Guiné (Conari) e Serra Leoa e é considerada a doença, de que se tenha registro, o mais extenso e duradouro até hoje. Entre março a outubro de 2014, o surto matou quase 5 mil pessoas. Assim, foi declarada, pela diretora-geral da Organização Mundial de Saúde, Margaret Chan, como estado da emergência em saúde pública mais grave dos tempos atuais (SAMPAIO; SCHÜTZ, 2016). Para eles,

A epidemia DVE na África Ocidental foi um marco na história da humanidade por ser a maior e mais complexa já registrada até hoje. Chamada pela mídia de “epidemia do medo”, a DVE mais de 28 mil e matou mais de 11 mil até a primeira quinzena de outubro de 2015”~.

De acordo com Danfá (2016), percebe-se nesse último surto da ebola a proporção alarmante que as crises provenientes no continente africano assumem na mídia brasileira. No estudo de caso dela, aponta que as imprensas brasileiras, a Folha de São Paulo e a revista Veja, projetam a ebola como se a doença fosse problema unicamente africano ou do negro, e não como limitação humana, responsabilidade estatal ou uma das possibilidades existenciais. Ainda no estudo dela que foi desenvolvido na dissertação de mestrado intitulado, *Alteridade, racismo e representações sociais: o caso do ebola no Brasil*, a autora afirma que os veículos midiáticos apresentaram “a África como um continente desorganizado, caótico, e sem estruturas sanitárias adequadas, criando condições propícias para eclosão e proliferação das doenças” (DANFÁ, 2016, p. 115).

A África é relacionada às imagens da devassidão, da barbárie, dos sacrifícios humanos, do canibalismo e da natureza fantástica (OLIVA, 2006). No ocidente, a televisão apenas abre espaço para a África para divulgar suas misérias e epidemias. Essa realidade se repete nos jornais impressos. Tornam-se elementos comuns no imaginário elaborado sobre a África:

As imagens de sociedades “tribais” em conflito permanente; cidades desorganizadas e sujas; natureza selvagem e incontrolável; padrões culturais ritualizados e folclorizados; doenças misteriosas e temidas – como o vírus ebola –; e comportamentos “primitivos”, como a crença de alguns grupos sul-africanos de que a violência sexual praticada contra meninas virgens possibilitaria a cura da Aids (OLIVA, 2006, p. 114).

2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS NEGROS NO BRASIL

Para fazer uma análise de discurso sobre como a mídia brasileira representa o continente africano e os próprios africanos, é fundamental estudar a história de negros africanos no Brasil. Fazer uma contextualização da história dos africanos ajuda-nos a entender como se consolidou a imagem do africano e a sua base cultural, social e econômica. Assim, buscamos na história

uma reflexão para entender algumas construções discursivas sobre a África para a consolidação da inserção dos africanos no contexto brasileiro. Isso é necessário porque nos permite analisar, segundo a perspectiva de discurso do Círculo de Bakhtin, a cadeia de enunciados que liga o presente ao passado.

Com isso, entendemos que um enunciado responde a outro enunciado tanto no mesmo período quanto em diferentes momentos históricos, por isso a importância de buscar na história elementos do discurso presente hoje. Assim dizer, a condição em que os africanos foram trazidos (a condição do regime escravista) influencia os enunciados sobre eles. Os africanos entraram para fazer parte da história do país de uma maneira marginalizada, silenciada, negativa, em situação desumana. Aquele momento histórico estruturou o olhar que a sociedade brasileira possui deles. Para isso, utilizamos Moura (1989) e Albuquerque e Filho (2006), que falam sobre a história dos negros no Brasil.

Os negros africanos foram trazidos, na condição de escravizados, por volta de 1549, quando D. João III concedeu a autorização que cada colono poderia importar até 120 africanos para suas propriedades legalmente. Mas antes desse tempo, segundo alguns historiadores, já havia negros no Brasil (MOURA, 1989). O tráfico de africanos escravizados para o Brasil intensificou por causa do desenvolvimento econômico através do cultivo de cana-de-açúcar. Segundo Moura (1989), esta população era trazida para contribuir para o desenvolvimento econômico através da mão de obra, o que se resumiu a condições de trabalhos precárias, falta de pagamento, agressões físicas, trabalho obrigatório e jornadas de trabalho desumano. Mesmo com suas contribuições de trabalho árduo, foram excluídos da divisão da riqueza.

Para Albuquerque e Filho (2006), depois da longa travessia do Atlântico, os africanos percebiam que sobreviver era um grande desafio e que dali por diante teriam que conviver com o trauma do desenraizamento das terras e dos ancestrais. Os documentos de Nina Rodrigues recordam a presença de africanos da Angola, Moçambique, Calabar, Bissau, Camerum (Camarões) e.t.c.

Eles eram muito maltratados. Moura (1989) argumenta que esse povo era mal alimentado e, às vezes, nem este acontecia. Vivendo em situações precárias e trabalho exaustivo, especificamente de quatorze a dezesseis horas, a alimentação muitas vezes era o 'pagamento' deles. Fora isso, quando um escravizado era considerado preguiçoso, a punição era de castigo ou a tortura. A maioria deles trabalhava na agroindústria açucareira, nas minas ou nas fazendas de café, e os outros eram escravizados domésticos, que trabalhavam nas casas dos senhores como cozinheiros, carregadores de leiteiras, amas-de-leite etc. "Por mais de

trezentos anos a maior riqueza produzida, consumida no Brasil ou exportada foi fruto da exploração do trabalho escravo” (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 65).

É sob essas condições que a identidade do africano foi construída no contexto brasileiro. A noção de pessoas que sofreram maltratos, agressões e muitas vezes abuso. Revela uma trajetória que fez/faz com que algumas pessoas tivessem/tenham pena, mas nunca os veja como iguais, e tornem a força física em ‘habilidade corporal’ a ser celebrada e tornem a cor de pele negra como algo pejorativo que lembra do sofrimento. Conseqüentemente, é frequente que ainda sejam representados/vistos sob essa visão. Importante frisar que é fundamental estudar e relembrar a história, pois faz parte de quem somos, mas há necessidade de estudar quais outros elementos fazem parte da nossa identidade. A identidade é um processo, é algo em constante movimento (SILVA, 2000) e é importante que ao falar de como a história produz quem somos, deve também considerar, na atualidade, as suas transformações e mutações constantes.

A presença dos negros na história brasileira, hoje, é lembrada sob essa perspectiva. E quando se trata de suas raízes, são celebradas a dança (capoeira), a religião e a comida (feijoada, acarajé etc.). Esses aspectos tornaram-se referência cultural e fazem parte da cultura brasileira. Os negros africanos não apenas povoaram o país e construíram a prosperidade econômica, mas também trouxeram “as suas culturas que deram o *ethos* fundamental da cultura brasileira” (MOURA, 1992, p. 33). A cultura desses sujeitos foi considerada primitiva e exótica, e eram proibidos de praticá-la às vezes, pois “toda a estrutura desse controle cultural, nas suas diversas graduações, foi racionalizada para que os padrões dessas diversas culturas africanas fossem considerados inferiores” (MOURA, 1992, p. 34). Apesar dessa tentativa de controle e cerceamento, a cultura dos sujeitos escravizados serviu como resistência social ao regime que os oprimia. Assim, mesmo nessas condições, os africanos incorporavam seus modos de vida, a religião e música em suas atividades quando era possível.

O número de pessoas nesta posição subalterna era grande o suficiente para que suas práticas deixassem marcas na cultura brasileira. Os dados apresentados por Moura estimavam que em 1568 a população do Brasil era de 57.000 habitantes, sendo que 25.000 eram brancos, 18.000 índios e 14.000 negros. Esse número saltou em 1818, numa população de quase 4 milhões, quase dois milhões eram de sujeitos escravizados, ou seja, quase 45% da população, isso sem contar os que eram livres. O maior número de escravizados estava no Maranhão, sendo 66,6%, e 17,2% no Paraná em 1943, isso segundo Ramos Artur, citado por Moura (1992). Essa distribuição geográfica explica a menor presença dos negros no Paraná, somando-se a isto a imigração de europeus para as regiões Sul e Sudeste (MOURA, 1992).

A escravidão não foi somente um sistema econômico. Ele moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

A partir dela instituíram-se os lugares que os indivíduos deveriam ocupar na sociedade, quem mandava e quem devia obedecer. Os cativos representavam o grupo mais oprimido da sociedade, pois eram impossibilitados legalmente de firmar contratos, dispor de suas vidas e possuir bens, testemunhar em processos judiciais contra pessoas livres, escolher trabalho e empregador. Por isso, pode-se caracterizar o Brasil colonial e imperial como uma sociedade escravista, e não apenas uma que possuía escravos (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

Os autores ainda explicam que a relação entre senhores e escravizados era fundamentada na dominação pessoal. Assim, os castigos físicos e as punições eram aspectos essenciais da escravidão. Além disso, as condições às quais os homens e as mulheres foram submetidos eram penosas, o que aumentou a taxa de mortalidade, principalmente nas mulheres em suas gestações.

Mesmo os negros contribuindo para o desenvolvimento econômico, eles não tinham direito a nada, toda produção era enviada para o exterior, além de serem tratados como animais (MOURA, 1989). Interessante é que, mesmo com essa ‘contribuição’ dos negros africanos no desenvolvimento do Brasil, percebe-se uma invisibilidade e um silenciamento deles nas histórias que dizem respeito a como o país se constituiu como nação. Autores como Luiza Santos (2010), Sílvio Romero, Florentina Souza (2008) e Regina Dalcastagnè (2008) apontam para a invisibilidade do negro na história do Brasil e na literatura. Os textos apontam para a imposição da cultura europeia através da religião e dos costumes, a dominação dos índios para atividades da igreja e como os negros eram vistos como submissos e úteis para mão de obra pesada.

Regina Dalcastagnè (2008), em seu texto, fez análise de livros didáticos dos últimos 15 anos, de 1993 a 2007. Analisou a presença dos negros nos livros didáticos, e o resultado comprovou a invisibilidade dos negros, o que em alguns momentos ganha visibilidade de maneira estereotipada. Essa representação persiste ainda hoje na história e na literatura, mesmo considerando que mais de 30 anos já se passaram e as discussões sobre raça e racismo ganharam destaque na vida intelectual, ainda continuam estruturando a vida da sociedade brasileira (SOUZA, 2008).

Durante o período de exploração e violência da escravidão, a luta pelos direitos e por melhores condições de vida teve lugar, e os negros estavam determinados a conquistar a liberdade de vida, o que Moura (1992) chama de quilombagem. A quilombagem surgiu como movimento considerado como rebeldia dirigida pelos escravizados como meio de exigir direitos

e melhores condições de vida e aconteceu em todo o território nacional, uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia os sujeitos escravizados. A participação em movimentos sociopolíticos incluía negros escravizados e livres. O povo negro lutou e resistiu contra a escravidão, mas raramente se destaca essa perspectiva de resistência e rebelião quando se fala desse povo.

Após a abolição (que mais se deu no papel do que nas condições de trabalho), houve a tentativa de embranquecer o país. Ainda o país tentou vender a ideologia da democracia racial. Os sujeitos escravizados foram deixados para reconstruir suas vidas sem nenhum apoio social, econômico ou político. A partir disso, instalou-se a desigualdade. Os ex-escravizados foram deixados para competir num mercado de trabalho caracterizado pelo preconceito racial e de classe e pela segregação de raças (VAN DIJK, 2008). A forte influência de mestiços cresceu com os índios, o qual se tornou o principal elemento de identidade nacional do país. Uma maneira de ‘celebrar’ a mistura entre os índios, brancos e os negros, o que é tomada como prova para miscigenação, que demonstraria a democracia racial do país (RODRIGUES, 1982). A questão do mito da democracia racial é retomada e desenvolvida no capítulo três.

Nessa situação, pessoas sem propriedade ou trabalho profissional foram ‘livres’ para construir suas vidas. No mesmo período, houve a vinda dos europeus para o Brasil. A estes foram dadas terras para construir suas casas e para cultivar a fim de ter uma renda (VAN DIJK, 2008). Para Albuquerque e Filho (2006), a abolição aconteceu de uma forma para adaptar à sociedade pós-abolição as hierarquias raciais, com fim de garantir que brancos e negros continuassem sendo não só diferentes, mas desiguais. É neste sentido que a miscigenação significava para alguns, a garantia de tornar o país predominantemente branco ao longo do tempo. Por isso, o investimento da vinda de imigrantes europeus para o Brasil e a barreira para negros e asiáticos. O objetivo disso foi embranquecer a população e “civilizar” os costumes.

O projeto de civilização era mais para impor hábitos, formas de trabalhar e de morar de acordo com os modelos da Europa. Ao longo do século XIX, barreiras raciais definiram limites à ascensão social do ex-escravo e seus descendentes. A cor de pele era um elemento poderoso na classificação dos indivíduos. Quanto mais escura a pele, mais limites e discriminações. Pessoas brancas pobres ou mestiços de pele mais clara ainda tinham acesso a financiamento. Para isso, o mestiço tinha que esconder o lado africano de sua descendência (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006). Mesmo quando os negros conseguiam ascender socialmente, ainda não eram poupados da discriminação.

Os africanos e afrodescendentes tiveram que competir com tudo isso para se manter. Para uma população que passou anos trabalhando em fazendas, o único meio de ganhar dinheiro

era voltar a trabalhar na mesma posição de onde saiu. Foram nestas condições que o racismo se estabeleceu no país. Nessa situação de limitar acesso, restrições, a discriminação, a desigualdade e a persistência em criar distinções sociais entre os brancos e os negros.

Para os sujeitos escravizados, emancipar-se do cativeiro significava um passo importante para a frente. Então, muito deles aceitavam qualquer tipo de trabalho só para não voltar para condição escravo, porque poderiam começar a viver sem a interferência dos ex-senhores em suas vidas. Mesmo que tivesse que recorrer a eles para socorrê-los de alguma forma, como por exemplo, conseguir atestado de ‘boa conduta’ para poder trabalhar. Além disso, deixar de ser escravo e passar à condição liberto não significava tornar-se inteiramente livre (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

Para distinguir esses sujeitos e manter uma distinção social entre os escravizados e os brancos ricos, foi aprovada uma lei que proibisse os negros libertos e cativos de vestir tecidos de seda. Esse se configura um elemento simbólico da distinção racial. Além disso, após a Independência, a Constituição deu a condição de ‘cidadãos brasileiros’ somente para os libertos no Brasil. Ou seja, os africanos continuaram como estrangeiros, assim limitando eles de alguns direitos de cidadania pela falta do título de naturalização (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006). A liberdade deles ainda era limitada.

No Brasil, a raça negra é discriminada pela sua capacidade de civilização. Nina Rodrigues (1982) constata que é difícil dizer com precisão a data em que começou a escravização de negro no Brasil. “A escravidão negra no Brasil é, pois, contemporânea da sua colonização” (RODRIGUES, 1982, p. 14). A escravidão foi apresentada na sua fachada como serviço doméstico e depois se estendeu à lavoura e mais tarde para as minas. Algumas vezes essa fachada ainda é utilizada.

Em meio a esse contexto sócio-histórico mais amplo são construídos textos sobre a África e sobre os africanos no Brasil. É nesse contexto que se fala sobre a África negra, sobre os africanos e afrodescendentes negros. Como já foi mencionado, a mídia e a escola são, em grande parte, responsáveis pela formação de conhecimento, conseqüentemente, do discurso e da identidade. Essa visão histórica sobre os negros no Brasil está relacionada com os discursos da escola e da mídia. Assim, é necessário se preocupar com uma “análise crítica da mídia e a construção do imaginário no discurso de sala de aula” (CARMAGNANI, 2003, p. 305). Uma vez que a mídia vem ocupando um espaço maior na sala de aula, nos materiais didáticos e nas falas de professores e de alunos, é relevante analisar os discursos da mídia sobre a África e sobre os africanos. Assim, devemos pensar em como a imprensa no Brasil se desenvolveu para

melhor entender o papel desse meio de comunicação e tentar responder às questões colocadas nos objetivos.

Em seguida, faço uma breve descrição de como surgiu a imprensa no Brasil, a natureza em que foram esse meio se consolidou e se estruturou para entender como funciona sua técnica de produção e como interfere na representação dos africanos. Fundamento essa retomada em autores como Nelson Werneck Sodré, Barbosa Lima Sobrinho, José Marques de Melo para constituir o aporte teórico que respalda a presente análise.

2.5 A CONSOLIDAÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL

Ao longo desta seção será abordada uma breve descrição de como a imprensa se desenvolveu no Brasil. A história da imprensa no Brasil se consolidou num momento paralelo à época escravista. A imprensa e o jornalismo no Brasil se consolidaram quatorze anos antes da separação de Portugal, especificamente em 1808. Muitos historiadores afirmam que o primeiro jornal brasileiro é o *Correio Braziliense*, impresso na Inglaterra (MOREL, 2011; SODRÉ, 1999), mas Sodré relembra que muitos autores questionam a inserção deste jornal no Brasil pelo fato de ser impresso no exterior. Neste mesmo ano, registra-se a impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Para vários autores, essa história começou com a presença do primeiro jornal, e para outros começou a partir da independência dos jornais.

Para Lago e Romancino (2007), a imprensa no Brasil começou mais tarde em relação a de outros países, precisamente os Estados Unidos; por isso, sua implantação se deu na base dos modelos destes dois paradigmas (português e estadunidense), sendo possível pela chegada da corte de D. João VI, em 1808, para fugir da invasão napoleônica. Vários fatores contribuíram para o atraso, entre eles estava a pouca alfabetização da população, a limitação da tipografia e a censura prévia de Portugal (LAGO e ROMANCINO, 2007; MELO, 2003; SODRÉ, 1999).

Alguns historiadores argumentam que antes da data oficial, já existiam livros e outros impressos no Brasil. Em acréscimo José Marques de Melo (2003) exprime que esses momentos iniciais da imprensa foram controlados pela censura, estando somente na reprodução de informações e documentos do governo. O Brasil só conseguiu uma história da imprensa após a instalação da tipografia e a Imprensa Régia, o que deu início ao primeiro jornal independente – o *Correio Braziliense* – com Hipólito José de Costa Pereira como editor e também conhecido como o fundador do Jornalismo Brasileiro (MARTINS; LUCA, 2011; MELO, 2003).

A imprensa, como constata Nelson Werneck Sodré (1999), nasceu com o capitalismo e a concentração de poder; ambos marcaram as características da produção de informação como mercado de ideologia. Martins e Luca (2011) registram que o surgimento da imprensa é paralelo ao desenvolvimento do país pela influência da corte portuguesa, como descrito anteriormente.

Resumindo, “a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel” (MARTINS; LUCA, p. 8, 2011). A imprensa é relacionada à trajetória política, econômica, social e cultural do país. Marcada por diferenças de interesses da sociedade capitalista, a imprensa é reconhecida pela influência que tem sobre o comportamento das massas e dos indivíduos, tudo que nos conduz à padronização de valores culturais (SODRÉ, 1999). Os autores nos ajudam entender que momentos como a luta de um povo, o de uma imprensa e o do país, se influenciam fortemente.

De acordo com os autores Martins e Luca (2011) a produção e circulação de jornais não era limitada a um público letrado mesmo sendo que os que estavam responsáveis pela sua produção eram os que detinham o poder. Um exemplo disso, segundo Sodré (1999), é o *Correio Brasiliense* que se destaca pelo poder de falar livremente sobre assuntos que não eram permitidos pela censura. Por outro lado, a *Gazeta* que surgiu na Bahia, se aproxima mais do que conhecemos como jornal que na época tinha periodicidade curta, era informativo, tinha poucas folhas e preço baixo. Enquanto o *Correio* possuía mais de cem páginas, com produção mensal, preço alto e era menos informativo.

Sodré ressalva de que o atraso da imprensa, fora aos que mencionados acima, se deve à ausência de capitalismo e de burguesia no Brasil, pois se houvesse esses dois fatores, a imprensa no país teria se desenvolvido mais cedo. Com esse caráter de capitalismo em que a imprensa se desenvolveu e considerando a classe de sujeitos envolvidos, dá para ter noção do grupo de pessoas que estava envolvido neste meio. Se voltarmos à história, foi mais ou menos nessa época que africanos estavam reconfigurando suas vidas, portanto é plausível afirmar que eles não pertenciam aos grupos que detinham o poder.

O *Correio* foi trazido para o Brasil clandestinamente e isso também limitou a sua circulação. “A imprensa, periódica ou não, surgiu e se consolidou sob determinadas condições e características, que não eram, evidentemente, as de uma democracia moderna, de sociedades industriais ou de uma cultura de massas” (MOREL, 2011, p. 28). O autor explica que em 1821 foi decretada a suspensão da censura prévia no Brasil, o que mudou, consideravelmente, a técnica de circulação dos jornais. Esse movimento, constata o autor, impulsionou o crescimento da imprensa, mesmo que os redatores ainda tivessem preocupações governamentais.

Para Sodré (1999), a independência, realizada em 1822, era diferente de liberdade. Segundo ele, a liberdade no Brasil não foi conquistada e sim concedida. A diferença da liberdade concedida e a liberdade conquistada é que a primeira é aquela que “pode ser anulada sem alteração das condições políticas, e a outra, para ser anulada,” exige a alteração das condições políticas (SODRÉ, 1999, p. 46). Esse autor alerta para esses dois aspectos similares, mas diferentes, da independência e liberdade concedida, pois “a mistura entre os dois problemas, o da independência e o da liberdade, denuncia a complexidade da fase política, explica enganos individuais, justifica mudanças de posição nas figuras mais destacadas e reflete-se de imediato na imprensa” (p. 46). A imprensa no Brasil, portanto, está relacionada à separação do Brasil e Portugal e é marcada pela liberdade concedida, pela não mudança nas condições políticas efetivas.

É inegável que, nesse processo, o Brasil começa a viver uma liberdade de imprensa, mas é diferente da verdadeira liberdade de imprensa do século XX. Outros momentos relativizaram essa liberdade: o regime do Estado Novo e o Regime Militar. Segundo Melo (2003), a liberdade de imprensa no Brasil é aquela que constitui o privilégio das elites nacionais. Como ele mesmo reafirma:

Os grandes contingentes da nossa população permanecem à margem dessa liberdade constitucional. Deixam de usufruir tanto da prerrogativa da livre expressão quanto do direito de ter acesso à informação que os habilita à plena cidadania e consequentemente à participação integral na vida democrática (MELO, 2003, p. 147).

Com o surgimento dos panfletos entre o século XVIII e o começo do XIX, o que também é reconhecido como imprensa de opinião por Morel (2011), desenvolve-se também uma imprensa mais opinativa. Os panfletos ganharam difusão rapidamente pelas características de modo de produção, a linguagem e a acessibilidade. Isso também marcou a expansão do público leitor.

O período da independência marcou o desaparecimento e diminuição de número de periódicos perseguidos pelo poder dos que ainda os controlavam. Sodré (1999) explica que o fim do século XIX foi marcada por transformações importantes, como o fim do escravismo e a ascensão da burguesia. Estas transformações deram traços novos para a imprensa brasileira. Uma dessas transformações foi o surgimento de uma imprensa da abolição. Se a emancipação da Imprensa foi em 1822, ela consolidou o sentimento de nacionalidade em 1870 (BAHIA, 2009).

Juarez Bahia (2008) expressa que os anos de 1865 a 1880 marcam momentos em que o Brasil despertou para a situação da economia apoiada na escravidão, apesar de o tráfico ter sido oficialmente extinto em 1850. A produção de açúcar e café, no Nordeste e no Sul, dependia

de trabalho escravo. Nesse processo, a corte portuguesa ainda permanecia no Brasil, o que tornava difícil a liberação total dos escravizados, pois poderia perder a produção e desconstruir as hierarquias. Esse momento foi travado por uma luta entre liberais e republicanos; uns a favor da abolição, e outros contrários. As imprensas abolicionistas, como *O Diabo da Meia-Noite*, *A Metralha* e *A Reforma* tiveram papel importante nesse período. O *Abolicionista* surgiu em 1880 e foi liderado por Joaquim Nabuco. Esses jornais foram criados e dedicados à luta pela causa da libertação dos escravizados.

O período de Independência foi de crise na imprensa, mas também fase de transição, a qual se acelerou na segunda metade no século XIX. Além disso, Luca (2011) nos lembra que esse momento foi o fim da produção artesanal dos impressos devido ao avanço tecnológico, a segmentação de áreas por especialidades e a diminuição de habilidades manuais. Isso alterou o processo de produção de textos e facilitou a utilização de fotos nos jornais, principalmente os diários. Pela necessidade de planejar estratégias de produção, distribuição e gerenciamento, oferecer mercadoria mais atraente, aumentar tiragem e número de páginas, donos de jornais precisavam adotar novos métodos que atendessem ao mercado potencial de leitores que estava cada vez mais exigentes. Fatores como a reconfiguração do ensino, o crescimento de centros urbanos, a prosperidade do café e a proliferação de indústria contribuíram para o grande avanço da imprensa.

Um pouco antes dessas mudanças ocorrerem, Sodré (1999) informa que houve uma crise da imprensa, crise relacionada à produção do impresso. O papel utilizado era importado, e as máquinas necessárias para produção tornaram-se complexas por causa do aumento em número de leitores e a produção exigia tiragens grandes em pouco tempo. Esse fator é importante para entender como a metade do século XIX trouxe um avanço significativo para a imprensa.

Sobre como o poder econômico interfere na atividade jornalística, pode se dizer que as famílias que detém o controle da maior parte das ações das empresas jornalísticas são fazendeiros, exportadores entre outros, ou seja são empresários preocupados com o sucesso financeiro do negócio. A necessidade de algo que sustenta financeiramente o jornal é o motivo dos anúncios, assinaturas e a publicidade, cujo finalidade é manter o veículo e seus profissionais no mercado para sua viabilização como empresa independente (BAHIA, 2009).

Entretanto acontece que esses donos ou empresários acabam por influir suas ideologias no veículo, diretamente ou indiretamente, a partir do momento em que objetivo de jornalismo continua sendo para manter o público informado e não meramente para fins econômicos. Fora

isso, o Estado também exerce um controle político e formal e manipula os conteúdos de maneira institucional e normativa (BAHIA 2009).

Esse momento marcou a modernização da imprensa com a criação de estratégias estruturais e de linguagem no texto. Com o sucesso do jornalismo ao longo dos anos, a tecnologia trouxe transformações para o fazer jornalismo, mudando formas de produção e circulação. Notícias requerem ser difundidas imediatamente. A seguir, é sobre as vantagens da *internet* no mundo jornalístico e as suas consequências para os meios de comunicação, pois ela serve como nova forma de sociabilidade. Características como velocidade, imediatismo, dinamismo, multimídia e acessibilidade tornaram-se marcas desse fenômeno.

Nos anos 2000, o Brasil entra em outra fase de liberdade de imprensa. Ao entrar no século XXI, a imprensa parece se restringir a uma fatia minoritária da sociedade. Isso pode ser observado no fato de que a população brasileira aumentou mais de 200%, mas a tiragem de jornais cresceu somente em 40%. Essa nova fase reforça a fase anterior, visto que “constitui um privilégio das elites que podem se expressar livremente através de modernos suportes midiáticos” (MELO, 2003, p. 148). A imprensa dirige-se a e representa classes da sociedade brasileira que foram educadas para ler, conseqüentemente, classes com poder de adquirir bens simbólicos e capacidade para participar intelectual e politicamente.

Melo (2003) levanta a possibilidade de aumento de usuários da internet no decorrer da primeira década do século XXI, mas esse aumento não será pela busca de informação. Ele aponta o novo dilema do jornalismo frente a essa situação de uma imprensa que capta interesses dos privilegiados e deixa de lado a inclusão do conjunto de cidadãos. Ele coloca que diante disso “a exclusão comunicacional constituía sério risco para a estabilidade de democracia e naturalmente para a governabilidade” (MELO, 2003, p. 150).

2.6 A *INTERNET* COMO NOVO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIA

A era da Informação e o avanço tecnológico trouxeram mudanças para o fazer jornalismo alterando modos de produção e circulação noticiosos com características de imediatismo em função da compressão de espaço e tempo que possibilita não só novos modos de escrever e produzir, mas também de ler. O público leitor torna-se cada vez mais um produtor de suas notícias com seu aparelho, o *Smartphone*, tablete ou *I-pad*. Essas inovações não se limitaram às mudanças na estrutura de produção, organização e financiamento, atingiram também a qualidade dos conteúdos que exige do profissional a competência em várias áreas (LUCA, 2011).

A *internet* está se tornando umas das principais fontes de informação, e assim um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas: auxilia no fomento de movimentos sociais e na atuação política como instrumento privilegiado para “informar, recrutar, organizar, dominar e contra dominar” (CASTELLS, 2003, p.114). Por possuir tanto poder de influenciar o meio político e lutas sociais é que Manuel Castells (2003) questiona se esse instrumento não afeta as formas das atividades políticas e seus atores. A *internet* é um dos símbolos da modernidade. Ela reúne elementos de todas as mídias de forma dinâmica, podendo utilizar recursos como imagem, som, texto, vídeo, tudo isso em movimento (ABREU, 2002). A praticidade de fazer jornalismo ficou mais ágil e barata. Profissionais de jornalismo viram-se diante da necessidade de atender um público cada vez mais segmentado e especializado tendo que ‘competir’ com os usuários. O jornalismo se insere num momento de estar sempre se renovando diante do leitor que também está se tornando produtor.

Castells (2003) salienta que a internet é mais que um instrumento útil a ser utilizado, pois ela se ajusta ao tipo de movimento social. Ela abre espaço e desenvolve novas formas de troca de informação, além da construção de significado. Essas características aumentaram o papel da internet como mídia privilegiada. A *internet* é indispensável para movimentos sociais, pois são mobilizados em torno de valores culturais. Ela também é um dos instrumentos ideais para promover a democracia (CASTELLS, 2003). Se, por um lado, a internet é fundamental para os movimentos sociais, para partilha de suas posições, também pode, por outro lado, se concretizar como espaço de oposição e de detração desses movimentos. Assim, a internet se constrói como espaço de embate/confronto. Como espaço de notícias e informações, a internet pode se caracterizar como confronto de pontos de vista e posições ideológicas relacionadas às notícias.

Abreu (2002) nos lembra que no Brasil a internet foi implantada no ano 1995 e o *Jornal do Brasil* foi o primeiro a oferecer uma versão eletrônica de suas notícias. Abreu (2002) descreve como as transformações das últimas décadas do século XX tem influenciando bastante o perfil do profissional da imprensa e a atividade jornalística. Esse processo de mudança deu início à transição política que conduziu o país à ‘ditadura da democracia’. A imprensa, que antes dos anos 50 dependia do Estado e de pequenos anúncios, começou a emancipar-se com a era da indústria e foi se tornando menos dependente do poder público. Para ele, os jornais de grande circulação eram concentrados no Rio de Janeiro e em São Paulo, e são indicadores da importância política e econômica desses dois centros. O processo de industrialização do Brasil se tornou mais visível no governo de Vargas (1950–1964) e mais acelerado e irreversível no

governo do Juscelino Kubitschek (1956-1960). Pouco tempo depois disso, os jornais passam a obter mais lucro com anúncios através de propaganda e agências de publicidade.

Para Camargo (2011), no Brasil, as transformações sofridas pelos meios de comunicação na virada do século XXI devido à *internet* não somente os tornaram globais como mantiveram a estrutura concentrada em poucas grandes empresas de comunicação social. Faz uma comparação ao Estados Unidos que criou leis para limitar a concentração de propriedade na mídia. Antes disso, ele cita Marshall McLuhan (1911-1980) que relembra como o processo tecnológico se projetou em um mundo onde tudo acontece ao mesmo tempo, facilitando o acesso e a obtenção de dados entre outras conquistas. Para McLuhan, os meios de comunicação são elementos determinantes na comunicação. Além deste autor, Camargo (2011) também cita o diretor-presidente do jornal *Le Monde Diplomatique*, ao suscitar que empresas grandes estão mergulhando em novas possibilidades de expansão devido às mudanças tecnológicas.

A concentração de propriedade, como explica Camargo (2011), continua mantida uma vez que, o Brasil, em 1990, já adotou a privatização e abertura de capital das comunicações. A Emenda Constitucional de 2002 também foi um dos fatores que contribuiu para a privatização de empresas públicas quando autorizou “a participação de pessoas jurídicas no capital social das empresas jornalísticas e de radiodifusão, inclusive de capital estrangeiro, limitando a 30% do total” (CAMARGO, 2011, p, 272). Esse fato culminou para o monopólio da grande mídia brasileira nas mãos de dez famílias, atualmente sete, contando que algumas não resistiram a queda de circulação de jornais e de publicidade nos anos 2000.

Camargo (2011) contextualiza com a fala do falecido jornalista Cláudio Abramo ao chamar a atenção dos profissionais que para falar em liberdade de imprensa precisa falar de liberdade da empresa jornalística, pois a liberdade de imprensa só é usada pelos donos das empresas e o profissional não pode ter opinião sobre as coisas, mas a empresa tem, e essas opiniões se manifestam nos editoriais e nos textos dos jornalistas que se alinham à posição do jornal (ABRAMO, 2002).

Para ele, a imprensa é ligada aos interesses da classe que possui condições para mantê-lo, e os jornais somente podem manter-se esclarecidos se existir uma contradição com a conjuntura nacional. Ele deu exemplo de como isso é possível com o final do regime militar e a posição de jornal *Folha de S. Paulo*. Entretanto nos faz lembrar que o ‘esclarecimento’ é possível de acordo com o interesse da imprensa, considerando que este tem interesses peculiares e pertence “a pessoas cujos interesses estão ligados a um complexo econômico, político e institucional” (ABRAMO, 2002), mas também não deve esquecer que poder exercer papel de educador.

A tecnologia foi um dos principais instrumentos responsáveis pelas transformações na imprensa. Surgiram novas técnicas de produção, circulação e distribuição da notícia, mudanças nas estruturas das empresas, a concentração de veículos de comunicação e diversificação do consumidor. Deve-se dizer que a tecnologia ajudou, principalmente, no barateamento de custos operacionais, assim, estudos mercadológicos utilizados para “sustentar um produto no mercado consumidor e garantir seu êxito comercial passaram a ser preocupação primordial dos empresários da imprensa” (ABREU, 2002, p. 28).

Desta maneira, as empresas de publicidade tentam induzir as empresas jornalísticas a serem mais atraentes para o público consumidor que estava se tornando mais exigente e com necessidades específicas levaram os jornais a direcionar os conteúdos para campos de especialidades, criando assim editorias especializados. Essas características do público, seus gostos e valores passaram a definir o conteúdo, a linguagem e a apresentação do produto. Nessa interação entre o jornal e o público, os meios de comunicação conseguiram atender as necessidades do leitor de acordo com sua área de especialização, mas também há críticas de que essa busca de se aproximar do leitor pode levar a imprensa a fazer concessões ao mau gosto. Acontece que “ao tentar satisfazer o gosto do público, baixa a qualidade da informação e contribui para a permanência de tendências e valores retrógrados da sociedade” (ABREU, 2002, p. 32).

Fora o público leitor, outra coisa que trouxe as alterações da imprensa causadas pela *internet* é a estrutura de produção de um jornal. O tempo e a natureza comercial do jornal fazem com que os profissionais trabalhem cada vez mais sob pressão. Em suma, “se as inovações técnicas e a concorrência têm um lado positivo, na medida em que tornam o poder mais transparente, elas também impõem uma uniformização ou uma homogeneidade a essa mercadoria que é a notícia” (ABREU, 2001, p. 36). Portanto, com a *internet*, os jornais e os jornalistas têm buscado se adaptar às demandas dessa tecnologia.

Os conteúdos noticiosos se aproximam mais do público numa escala global e local e ganham maior visibilidade. Os profissionais ainda têm uma tarefa grande de se adaptar à linguagem a ser utilizada para os conteúdos *on-line*. Abreu (2001) não consegue ainda medir as consequências desse instrumento na vida dos cidadãos e as transformações que isso pode trazer para as mídias tradicionais, mas é uma nova etapa que acabou de começar. Nesta linha de pensamento, Carmago (2011) já avançou ao sugerir que o jornalismo do início do século XXI, provavelmente, irá sobreviver dentro das sociedades globalizadas. Com a *internet*, os impressos, jornais, livros e revistas tem se beneficiado mais e por isso tem se percebido um

aumento na leitura de jornais entre jovens de 15 a 24, isso se refere aos 55% de jovens brasileiros (MELO, 2003).

Os meios de comunicação oferecem aos sujeitos maneiras de se manterem informados sobre assuntos do cotidiano ao redor e longe deles, além das atividades do governo, do Estado, tudo através da mídia eletrônica (MELO, 2003). O autor argumenta que a mídia pelo seu poder de alcance influencia o comportamento coletivo porque:

Cidadãos instruídos, que cultivam padrões de sociabilidade mais elevados, tendem naturalmente a reivindicar melhores e renovados produtos da mídia. A própria indústria midiática, estruturada segundo as regras da economia do mercado, procura captar os anseios dos consumidores, atuando em consonância com as suas expectativas (MELO, 2003, p. 138).

A natureza ou caráter mercadológico do jornalismo exerce influências na relação de demanda e oferta do produto. Leitores podem consumir o produto para lazer, aprofundar ou abastecer conhecimento, ou simplesmente pelo prazer de ver. As pessoas geralmente assistem mais de um canal de televisão ou leiam mais de um jornal ou escutam mais de um canal de rádio, porém há um veículo que monopoliza a atenção dos consumidores, é a televisão (MELO, 2003).

Melo reafirma que os meios de comunicação atuam um papel importante na formação dos brasileiros, “atuam verdadeiramente como educadores coletivos” (MELO, 2003, p, 139). Uma coisa importante que o autor nos chama atenção é a função educacional da mídia e da escola. Para ele, se as escolas formais não proporcionam uma educação de qualidade para os alunos, a cultura de massa definitivamente tem mais chances de atrair e exercer influência sobre as crianças e adolescentes. Isso se comprova na velocidade e rigor em que as pessoas reproduzem informações da mídia. Tomamos o exemplo da autora citada anteriormente, Carmagnani (2003) analisa como as propagandas da mídia se tornam evidentes no discurso dos alunos e dos professores sobre a importância das pessoas devem estudar Inglês.

No capítulo do livro *Identidade e discurso*, Carmagnani (2013) conclui que a heterogeneidade do discurso da mídia é apenas camuflada e os professores e alunos utilizam programas televisivos para desenvolver competências diversas. As falas dos alunos mostram a penetração do discurso sobre a importância da Língua Inglesa. “Sem dúvida alguma, estamos todos sujeitos a essas imposições e, em termos ideológicos, estamos inevitavelmente por elas constituídos” (p. 312). O resultado da análise demonstra que os alunos reproduzem os enunciados que subjazem a grande parte dos textos produzidos pela mídia. Tudo bem que não dá para medir os limites de um discurso, mas é importante estar alerta para isso.

Neste sentido, tomamos outro exemplo mais próximo de nosso objeto de estudo: a Copa do Mundo de 2010 e o surto de Ebola em 2014. As pessoas ficaram sabendo desses dois acontecimentos rapidamente e, imediatamente, através dos meios de comunicação, atualmente fomentados ainda mais pela internet. Durante o surto de Ebola, uma colega de faculdade com quem não tinha muito contato sentiu a necessidade de perguntar se eu não havia tido contato recentemente com a minha família. Talvez ela acreditasse que eu entendi como mera preocupação comigo. Essa situação aconteceu quando notícias se espalharam a respeito de um homem de Guiné Bissau que havia, supostamente, chegado de viagem da sua terra natal; ele teria acabado de entrar em Cascavel, Paraná. A notícia era que o homem tinha fugido das autoridades e que três pessoas haviam acabado de ser diagnosticadas com o vírus. Enfim, meses depois houve outra notícia avisando que este homem de Guiné não estava contaminada pelo vírus⁶

É no contexto do jornalismo no Brasil e das notícias via internet que os textos analisados neste trabalho se inserem. É em relação aos embates ideológicos/valorativos presentes no jornalismo impresso e na internet que os textos sobre África e africanos se posicionam. Assim, além dialogar com uma perspectiva histórica sobre África, africanos e negros no Brasil, esses textos dialogam com os modos de produzir e circular notícias no país.

⁶ Ver notícia no G1. Homem com suspeita de ebola está internado em cascavel no Paraná. <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/10/homem-com-suspeita-de-ebola-esta-internado-em-cascavel-no-parana.html>.

3. A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Neste capítulo do trabalho, apresento o arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa. Discuto o conceito de identidade, o discurso como espaço onde representações são construídas, seus efeitos e, por fim, como a estereotipização pode produzir o preconceito e o racismo.

Cada sujeito é parte de uma comunidade histórico-social e de relações com outros indivíduos. A identidade de cada sujeito é dada pelo reconhecimento de um “outro” (SODRÉ, 1999). Citando Parson, Sodré (1999) confirma que a identificação pode ser entendida “enquanto conceito sociológico” no campo da ideologia como um sistema compartilhado por um grupo social, podem ser crenças ou valores. A identidade é algo implícito na representação que fazemos de nós mesmos e na representação que determina a maneira como nós definimos e o lugar que ocupamos em sistemas de relações.

A identidade é o meio pelo qual nos identificamos. É uma construção inacabada, um processo de produção ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade tem estreitas conexões com o poder. Ela não é uma essência, não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente e, tampouco, é homogênea ou definitiva e está ligada a sistemas de representação (SILVA, 2000). Identidades se consolidam nas relações que estruturam práticas sociais (WOODWARD, 2000). Moita Lopes (2002) também entende que as identidades são múltiplas e contraditórias, em processo e se atualizam nos discursos, na interação.

A identidade é múltipla no sentido que é um produto de uma intersecção de diferentes componentes, de histórias e discursos. “As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (WOODWARD, 2000, p. 33).

São representações que se constroem em práticas discursivas com os outros e possibilitam reposições, questionamentos e negociações. Identidades são construídas dentro e não fora do discurso e devem ser concebidas “como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109).

As narrativas comunicam o que somos e, como consequência, nos identificamos com algumas delas; elas comunicam uma representação de nós mesmos. Esses discursos são criados dentro da história e dependem de vários fatores, tal como a memória. Assim passamos a escolher e montar uma narrativa para nos representar diante dos outros. A formação de identidade se constitui num processo contínuo de escolhas e obrigações sociais, mesmo sem

fronteiras definidas, onde outros decidem quem nós somos e dizem algo sobre o nosso espaço dentro da sociedade, nosso lugar com os outros (MARTINO, 2010).

Identities adquirem existência e sentido na linguagem e nos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A identidade é relacional, pois depende, fora dela, de outra identidade para existir (WOODWARD, 2000). O discurso é construído de acordo com a realidade que um sujeito vive, por exemplo, a realidade de um sujeito de classe social C difere e influencia a sua narrativa do sujeito de classe B. Embora o primeiro sujeito possa, de alguma maneira, construir um discurso parecido com o outro, isso depende das oportunidades e do meio social. Este discurso compartilhado por uma comunidade possui caráter simbólico e cultural vinculado à possibilidade do indivíduo compreender e transformar a sua realidade a partir dele (MARTINO, 2010). A “identidade é marcada por meio de símbolos” (WOODWARD, 2000, p. 8) e, portanto, ela expressa sua natureza como um referente social.

Um sujeito negocia múltiplas identidades a partir do contato com outras pessoas, mas não perde as identidades negociadas anteriormente, como se fosse assim: “em um minuto sua identidade mudou, você é a pessoa do minuto passado somada às características adquiridas no instante presente e, portanto, você é outra pessoa. Mas ainda é a mesma. Paradoxal” (MARTINO, 2010, p. 14). O paradoxo da identidade é carregar múltiplas identidades, constituir-se em/de vários fragmentos. Por essa multiplicidade é que as identidades são negociadas, entram em tensões e conflitos.

“A identidade é algo que se produz, transformando-se em uma mensagem, reelaborada por outra pessoa” (MARTINO, 2010, p. 14). Este autor entende que a comunicação é um elemento central na articulação das relações sociais. Para ele, a cultura permite um conjunto de conhecimento para construir uma identidade, o que somos, e também identificar os outros. A identidade é vinculada à comunicação. Na medida em que as pessoas se articulam com outras, são capazes de transformar e influenciar modelos de compreensão.

A identidade se constrói nas relações sociais e discursivas, assim possibilitando o reconhecimento dos outros e de si próprio. A ideia principal é que a identidade passa por relações de comunicação onde são criadas narrativas e discursos que permitem às pessoas se reconhecerem como parte de alguma coisa, um grupo, igual ou diferente dos outros (MARTINO, 2010).

No que concerne às identidades de africanos no Brasil, pode-se dizer que o racismo e o preconceito são elementos que participam da construção das representações dos africanos. O que remonta as marcas que o regime escravista deixou na representação desses sujeitos. Albuquerque e Filho (2006) salientam que o trabalho árduo e a jornada longa de trabalho na

lavoura era penosa para os escravizados que tinham que trabalhar cerca de quinze a dezoito horas por dia. A instalação de hierarquias de trabalho, a mão de obra forçada, a segregação e a marginalização dessa época caracterizam a imagem do africano. Além disso, as formas de resistência do povo africano eram tomadas como características agressivas e violentas dos sujeitos.

Mesmo após a abolição, os senhores tentaram preservar sua autoridade sobre eles, justificando que os africanos não iriam conseguir viver sem um senhor ou um rei e que eles não estavam preparados para a vida em liberdade. Além disso, diziam que fora do cativeiro os negros poderiam tornar-se vadios. Com medo de retaliação, alguns dos senhores tentaram manter os negros ainda trabalhando nas suas fazendas oferecendo um abrigo a eles. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

No discurso oficial, a abolição no Brasil aconteceu de uma forma que impulsionasse o ‘progresso’ do país, o que significou a substituição dos ex-escravizados por imigrantes europeus. Ao contrário do que muitos pensavam – que a abolição iria garantir melhores condições de vida aos negros, acesso a bens, saúde e à educação – o sistema somente motivou a vinda dos europeus ao país; não houve nenhuma reparação aos ex-escravizados (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

Nisso, os ex-escravizados foram responsáveis pela sua condição de liberdade assegurando sua própria subsistência. O que aconteceu foi a adaptação de hierarquias raciais que foram montadas durante a escravidão. Essa forma de inserção que não se preocupou em desconstruir a desigualdade estabelecida no passado influenciou na representação do africano até os dias de hoje. A construção de identidades negras nem sempre rompeu com a permanência de práticas escravistas. Assim, o país se estruturou no racismo. “A negação do preconceito era conveniente, pois mantinha os privilégios de uma minoria e isentava o governo brasileiro de qualquer responsabilidade sobre a situação de pobreza e marginalidade da população negra” (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 263).

Essa imagem do afrobrasileiro como sujeito ignorado pela sociedade brasileira já entrou em processo de desconstrução através de movimentos sociais que surgiram com essa finalidade. Porém, essa representação estereotipada ainda continua norteando identidades do afrobrasileiros negros tanto a noção que o sujeito tem de si quanto o que os outros possuem dele (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006). Além disto, a maior parte da população brasileira ignora o que se passa atualmente no continente africano como ignora também as identidades dos próprios africanos.

Não existe uma identidade pura ou essencial (WOODWARD, 2002) até porque para existir ‘nós’, precisa de ‘eles’, ‘os outros’, que fazem o contraste e atribuem significados ao “nós”. Ela precisa do outro, o diferente, para existir. A construção da identidade é simbólica e social. Adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos que representam. Assim, marcada pela diferença, se distingue por aquilo que ela não é (WOODWARD, 2000). Identificar tem o poder de definir, incluir\excluir, agregar\separar. Ao afirmar ser uma coisa automaticamente nega o oposto que não é. O problema com a identidade surge quando ela é levada como coesa, estável e unificada (SILVA, 2000). As oposições de identidade/alteridade, nós/eles, construídas, não dizem nada quando interrogadas (MARTINO, 2010).

Ainda sobre diferença, Woodward (2000) salienta que a diferença que distingue um grupo do outro está localizada em um ponto específico no tempo. Assim, “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (WOODWARD, 2000, p. 11). Tomando o nosso objeto de estudo, podemos afirmar que a representação do africano e da África durante o regime escravista foi construída de maneira estereotipada, subalterna e marginalizada (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006). A imagem/representação do africano e da África é vinculada e condicionada pelas marcas da escravidão. Esse momento construiu desigualdades sociais e raciais e a partir destas, instituem-se os lugares que indivíduos devem ocupar na sociedade, quem deve mandar e quem deve obedecer, neste sentido as relações de poder se enquadram e se reproduzem.

Se é na relação social que se constrói a identidade, deve-se lembrar que a sociedade brasileira é marcada pela escravidão e pelo racismo, no sentido que durante a era colonial e imperial, os negros (africanos ou afrobrasileiros), livres ou não, eram tratados como inferiores aos brancos europeus. Ao criar o escravismo estava criando também o racismo (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

Relações sociais são organizadas e divididas em oposições. No caso da sociedade brasileira, muitas vezes, as oposições são binárias: negro/branco. Essa dicotomia de nós/eles ou superior/inferior não pode explicar sozinha “o grau de investimento pessoal que os indivíduos têm nas identidades que assumem”.(WOODWARD, 2000, p.68). Embora os sistemas classificatórios dêem sentido e ordem à vida social e as distinções sejam fundamentais, desconstruir esses binarismos da identidade é desnaturalizar o discurso, pois as afirmações dessas dicotomias classificam sujeitos e grupos. A normalização é uma das formas mais sutis pelas quais o poder se manifesta na identidade e na diferença.

Normalizar significa eleger -arbitrariamente -uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas

possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marca das como tais (SILVA, 2000, p. 83).

Por isso a necessidade de desconstruir os binarismos a fim de não desvalorizar uma identidade em detrimento da outra. O binarismo normaliza e privilegia algumas identidades em detrimento a outras. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam (SILVA, 2000). A diferença normalmente carrega uma definição negativa do que não se é. A identidade se liga a outra para estabelecer suas fronteiras e limites, a diferença, salienta Martino (2010). “A identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (SILVA, 2000, p. 70).

Estas fronteiras complexas e, muitas vezes, conflitantes delimitam e categorizam a posição dos indivíduos, definindo-os. A identidade se configura não pelo que você é, mas pelo “você sendo”. Moita Lopes (2006) relaciona isso ao um jogo de cozinha onde a identidade é um processo incompleto em constante transformação.

A identidade se constrói através da relação com o outro. É neste sentido que Hall (2002) descreve as concepções de modernidade para explicar a identidade. De acordo com ele, a identidade do sujeito é construída a partir de relações com a sociedade e com outras pessoas dando assim, sentido aos seus valores, sentidos e símbolos - a sua cultura. O ‘eu’ é formado e modificado num diálogo com culturas exteriores. Essa multiplicidade possibilitada pela identidade deve ser celebrada, embora conflitante.

A identidade e a diferença são produzidas em contextos culturais e sociais e são sujeitas a relações de poder que são impostas e disputadas. São maneiras de demarcar fronteiras e classificar. Lembrando que a identidade e a diferença são consolidadas na linguagem e no discurso (SILVA, 2000). Um sujeito se constitui através da linguagem, e por isso o lugar a ser ocupado por ele é determinado pelo discurso. Na hierarquia estrutural, social ou cultural, aqueles que detêm o poder do discurso, determinam a posição dos sujeitos (HALL, 2000).

“A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças” (SILVA, 2000, p. 51), reforça que você não é chinês ou argentino, por isso “é preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas” (SILVA,

2000, p. 52). “A diferença é sustentada pela exclusão: se você é sérvio, você não pode ser croata, e vice-versa” (WOODWARD, 2000, p. 4).

A identificação permite ao homem pertencer a algo e ao mesmo tempo demarcar diferenças além de buscar, nessas marcas, ser completo. Cada indivíduo é singular, mas também compartilha semelhanças linguísticas ou simbólicas, por isso, os autores afirmam que a identidade diz respeito às representações que nós projetamos. A ilusão da identidade causa efeitos sociais e individuais e ajuda politizar conflitos possibilitando que nossa subjetividade seja representada. (SODRÉ, 1999). Para Woodward (2000), a cultura molda a identidade através de toda prática de significação, ao dar sentido à experiência. Toda prática de significação envolve relações de poder, que definem quem é incluído ou excluído.

As culturas nacionais constituem uma das principais fontes de identidade cultural no processo de dizer o que somos, (HALL, 2006), nigerianos, angolanos ou brasileiros. A necessidade de pertencer a uma comunidade é porque sem sentimento de identificação o sujeito moderno sofre uma perda de sua subjetividade, então, um homem precisa ter uma nacionalidade assim como é normal ter um nome, Hall (2006) menciona Geller. A identidade é imaginária, o que implica afirmar que não nascemos com uma identificação, ela é adquirida, formada e transformada no interior da representação. Sabemos o que é ser “brasileiro” por causa da maneira como a “brasilidade” é representada, a partir de um conjunto de significados da cultura nacional brasileira. Ou seja, o discurso da brasilidade representa o que o Brasil é, além disso, dá sentido à identidade de ser brasileiro e fixa Brasil como foco de identificação.

Uma nação é um sistema de representação cultural e não somente uma entidade política que regula e governa os sujeitos, é uma comunidade simbólica onde os sujeitos participam da ideia ou imagem da nação como ela é representada. Culturas nacionais são formas modernas de identificação. A formação de uma cultura nacional criou uma cultura homogênea, “se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade” (HALL, 2006, p. 50).

Uma cultura nacional é um discurso construído a fim de influenciar e organizar nossas ações, assim como a concepção que temos de nós mesmos por meio de símbolos e representações. Elas constroem a identidade e estão contidas nas narrativas (discursos) que são contadas sobre a nação. A identidade nacional é imaginada. Hall (2006) coloca isso em cinco elementos. O primeiro é: as narrativas contadas/recontadas nas histórias, literatura, na mídia e na cultura popular que simbolizam experiências partilhadas, a tradição e na continuidade contadas e recongadas de geração em geração. O segundo diz respeito à tradição e à intemporalidade, onde os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis,

apesar de todas as vicissitudes da história, continuam, desde o nascimento, unificado e "imutável" ao longo de todas as mudanças.

O terceiro é a estratégia discursiva através da tradição inventada onde valores e normas incorporados, o mito fundacional estórias localizada na origem da nação (narrativa do tempo colonial que influencia a tradição). O quarto diz respeito ao que Hall (2006) chama de *mito fundacional*, uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem, não do tempo "real", mas de um tempo "mítico". Por último, a identidade nacional é muitas vezes simbolicamente baseada numa ideia de povo original.

O discurso da identidade nacional é simbólico, ele não é puro. Além disso, influencia outras narrativas, porém é importante fazer uma ressalva e lembrar que as culturas nacionais produzem significados, mas estes não unificados e por isso podem entrar em conflito. Pessoas em uma nação são diferentes em termos de classe, raça ou gênero, mas a cultura tenta unificá-las como pertencentes a uma cultura homogênea, salienta Hall (2006). A ideia é que esse discurso nacional reúne essas diferenças dos povos em uma só dentro da particularidade de cada uma delas. Ao evitar esses conflitos étnicos e culturais causados pela unicidade de cultura, impõe uma hegemonia cultural, o que é um paradoxo que unifica e ao mesmo tempo separa. Isso é necessário para que cada povo possa se identificar com seu grupo específico e, ao no mesmo tempo, com a nação, valorizando assim, múltiplas culturas.

O que foi proposto no texto do Hall (2006) é que não tem estabelecer uma identidade nacional que representasse todas as culturas de um país porque há várias culturas, classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero. O que pode acontecer é pensar as culturas nacionais como constituindo um 'dispositivo discursivo' que representa a diferença como unidade ou identidade. Não existe um país que é composto por um único povo ou uma única cultura. Os países, as nações, são "híbridos culturais". São marcas simbólicas que ajudam diferenciar socialmente um grupo de outro. Concluiu-se que ao afirmar que identidades estão sendo deslocadas\fragmentadas, em seguida cabe lembrar que culturas nacionais nunca foram unidas, elas mantêm as diferenças culturais em união. Em outras palavras, cultura nacional não unifica, pois dentro dessa unificação há diferenças que precisam ser valorizadas, Assim, em vez de pensar que unificam, é mais interessante pensar no fato de que elas constroem discursos que representam aquilo que é diferente como unidade\identidade.

Essa heterogeneidade se torna ainda mais evidente com a globalização. Situação que impulsionou a pluralidade de identidades, causando mudanças e transformações. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas e desestabilizadoras (SILVA, 2000). As identidades em

conflito estão no meio das mudanças sociais, políticas e econômicas para as quais elas contribuem. As que são construídas pela cultura são contestadas num momento histórico entre velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento.

Silva (2000) relaciona que os conflitos nacionais são caracterizados por tentativas de recuperar e reescrever a história. Busca na história as representações desses sujeitos e também na representação que a mídia faz desse passado. Assim, há necessidade de contestar quem conta a história e se há diferentes histórias. Desse modo, é possível identificar a natureza estrutural da opressão. “Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-lo, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante contestação” (WOODWARD, 2000, p. 28).

A globalização é um fenômeno decorrente do uso de tecnologia que possibilitou a conexão imediata numa escala maior para o mundo. No âmbito da globalização, a identidade deixa de significar o espaço local, as práticas da comunidade ou agrupamento de pessoas, e passa a se referir a um conjunto de vários elementos de origens diferentes que se influenciam, interagem e se misturam mutuamente. Este fenômeno é marcado pela desterritorialização da cultura, a qual se torna híbrida e difusa. A globalização se consolidou após a 1ª Guerra através da tecnologia (MARTINO, 2010). Segundo o autor, extensões humanas “se diluem a cada instante” e expressões culturais tornaram “culturas híbridas”.

A hibridação modificou maneiras de falar sobre a identidade, cultura, diferença e igualdade. Esse processo se evidenciou na década final do século XX. A hibridação permite “dar conta de formas particulares de conflito gerado na interculturalidade” (CANCLINI, 2011). Nestor Garcia Canclini (2011, XIV) entende por hibridação,

Processos socioculturais em que práticas que antes existiam separadamente se juntam para produzir novas estruturas e práticas, ou seja, culturas, pessoas e modos de viver que antes existiam ou possuíam origem fixa, isoladas e estáveis agora se misturam causando transformações e mudanças de hábito novos. O homogêneo agora torna-se heterogêneo (CANCLINI, 2011, XIV).

Essas mudanças afetam culturas locais, misturam práticas e valores de várias partes do mundo e as conectam numa rede ao mesmo tempo que questiona a existência de elementos originais (MARTINO, 2010). A identidade, para Martino, “é construída a partir da intersecção do fluxo global de imagens, em um movimento híbrido de apropriação de significados, articulação de ideias e modos de agir” (MARTINO, 2010, p. 46).

Não existe uma identidade original, autêntica e pura. Essencializar a identidade é conferir características estáveis que não se alteram ao longo do tempo, colocá-la em oposição a outra, como forma de desvalorizá-la (WOODWARD, 2000). Martino salienta que a

identidade é relacionada a questões políticas e descreve como, no final da Segunda Guerra, impérios governados pela Europa começaram a se fragmentar pela presença forte dos exilados e deslocados dentro do continente através de suas práticas culturais e sociais que se misturam e são incorporadas naturalmente.

Pode-se pensar no processo de hibridação e no conceito de identidade como vias de mão dupla que serve para desconstruir a ideia de uma identidade essencial e pura. Canclini (2011) coloca que a hibridação não somente acaba com a ideia de identidades autênticas assim como

Põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização. Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (línguas, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram (CANCLINI, 2011, p. 13).

Com a globalização, o mundo e as pessoas estão mais conectados e identidades se configuram em nível amplo. Comunidades e grupos que antes se apropriaram de fontes homogêneas (entre si) agora ocupam espaços heterogêneos em âmbitos transnacionais que geram novos modos de segmentação, causando mudanças de hábitos e comportamento, resultado do cruzamento híbrido entre nações e pessoas (CANCLINI, 2011). O efeito causado pela globalização trouxe a necessidade de teorias e conceitos que fossem capazes e adequados para explicar melhor os novos fenômenos.

Se na Europa ocorreu a fragmentação de impérios, no Brasil, foi a difusão de imigrantes no século 20 que causou impactos sociais, econômicos e políticos. Esses impactos já haviam sido antecidos por repercussões/efeitos dos processos de hibridação dos colonizadores com os colonizados, dos africanos escravizados com os indígenas. Tomando a descrição de Canclini, pode-se entender assim: a entrada dos africanos como escravizados teve impactos na sociedade brasileira, alguns permaneceram e outros não, tais como práticas sociais, culturais e religiosas. A presença dessa interconexão transformou de alguma maneira o ser brasileiro e dissolveu a noção de uma cultura puramente ou “originalmente” local. Na visão de Edward Said (1978) essas influências são propícias para a fecundação entre culturas.

A mídia e a expansão urbana são uma das responsáveis pela intensificação da hibridação. Mesmo levando em consideração que a mídia é uma mediadora de interações coletivas, além de fomentar identidades coletivas, também reconhece que esses meios contribuem para a fragmentação da mesma através de notícias e compartilhando experiências comuns na vida urbana (CANCLINI, 2011). Quase todo acontecimento que é divulgado pela mídia, é reproduzido “porque a mídia o diz e parece que ocorre como a mídia quer”.

Concordo com Fonseca (2011) ao afirmar que a mídia é um instrumento capaz de regular opiniões e agendas da população, influenciando ações políticas e sociais. Essa credibilidade conferida a ela é relacionada justamente por ser um meio que confere legitimidade de discurso. Assim, a investigação dos discursos da mídia pode auxiliar a compreender como são construídas aí representações e agendas, como são mantidas ou contestadas as representações, como são legitimados ou deslegitimados estereótipos, preconceitos e racismos.

A luta pela afirmação da identidade do africano e do afrobrasileiro negro no Brasil é de origem histórica, desde os tempos em que os africanos foram trazidos à força de seus países durante o período escravista e mesmo após a abolição. Algumas representações dos negros desde esta época parecem ainda continuar iguais, fixas em relação àquele momento histórico. Ou seja, a imagem ou a representação do negro estereotipada como sensual, erótico e animalesco construído num determinado tempo já existe há muito tempo e algumas vezes é reconstruída pela mídia, por isso muitas pessoas somente possuem imagens negativas dos africanos, relacionadas à fome, à pobreza, ao conflito étnico e à incapacidade intelectual.

Woodward (2000) alerta que há necessidade de reconstruir novas identidades, a desconstrução dessa identidade historicamente perpassada. Este fenômeno já está em processo através dos atos como a aceitação das mulheres negras ao cabelo natural e movimentos sociais que lutam pelo reconhecimento e aceitação da origem e cultura afrobrasileira e africana. A aprovação das Leis 10.369/03 e 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da cultura e história afrodescendente e africana, é um avanço neste sentido .

Para Albuquerque e Filho (2006), a ideia de identidade nacional no Brasil formulada pelas elites republicanas servia para negar a existência do racismo e desestimular a formação de associações negras. Além disso, as dificuldades de ascensão social das populações negras não foram reconhecidas. Isso porque era mais conveniente negar a existência dos problemas, manter os privilégios de um grupo e isentar o governo da responsabilidade sobre a situação de pobreza e marginalização dos negros.

Muitos dos intelectuais negros africanos e afrobrasileiros na época (pós abolição) reivindicaram o reconhecimento da contribuição civilizadora dos negros no país. Tentaram conquistar direitos e posições de poder no Brasil porque para eles não fazia mais sentido voltar para suas terras. Em um dos jornais publicados pelos intelectuais negros eles afirmaram que “África é para quem não teve o trabalho de cultivar e dar vitalidade a um imenso país como este. A África é para quem quiser, não para nós” (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 263).

Esse grupo reconheceu que o desenraizamento ia marcar a vida deles para sempre, e essa ausência é algo que não podia ser preenchida. Fazia mais sentido lutar por uma identidade

brasileira do que voltar para a África. Era mais fácil continuar desenvolvendo suas práticas no país onde gerações foram criadas e muitas famílias foram formadas por muitos séculos. Criaram novas formas de ser africano e afrobrasileiro, passadas de geração em geração, formaram novos meios de pensar, de vestir, falar e de viver, tentando se manter conectados às suas raízes, mas também desenvolver meios de sobreviver na sua condição.

Esse conflito perdura até os dias atuais. Séculos após a abolição da escravidão, as relações entre brancos e negros foram marcadas pela falta de uma política de integração deste povo recém-liberto à sociedade envolvente, o que fortaleceu as bases históricas de desigualdades sociais entre brancos e negros, além de incentivar a imigração europeia branca como forma de branquear a população em consonância com as políticas racistas eugenistas desenvolvidas na Europa do século XIX (VAN DIJK, 2008).

Ou seja, a existência de uma imagem que coloca o negro como ruim ou perigoso é retrçada desde a época escravista e estruturou a sociedade brasileira. Se a situação irá mudar, é uma pergunta difícil de responder. Talvez pode-se entender porque Gay Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?*, coloca que questões como estas não devem ser respondidas totalmente porque se fossem, a universidade e as pesquisas não teriam razão de existir.

A identidade nacional do negro no Brasil é caracterizada por discursos racistas. No meio dessa crise surge a necessidade de (re)afirmação de novas identidades. A (des)construção\((re)construção de novas identidades que valorizam o negro como sujeito e não somente o aspecto biológico ou de raça. Discursos que diminuem o sujeito a uma imagem negativa. É olhar para os negros\africanos com olhares diferentes do padrão, como de ele ser útil para mão de obra pesada, da qualidade dele ser atrelado somente ao corpo ou a imagem dele ser visto positivamente somente em campos como: futebol, música, dança ou arte. É entender que o corpo, a raça, ou a cor não é um parâmetro para definir ele como ser humano com capacidade intelectual, quando dado as condições necessárias para obter tal classificação. É como salienta Bhabha (1998):

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o Socius; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade (BHABHA, 1998, p. 71).

O autor, neste capítulo, se comprometeu em estudar a identidade do sujeito colonial, especificamente, o negro. Ele questiona o tipo de identidade que o ocidente construiu do negro, pois isso é necessário para entender quem este sujeito é hoje e a narrativa que representa a imagem do negro é carregado de estereótipos. A figura representativa dele “é a imagem do

homem pós-iluminista amarrado a, e não confrontado por, seu reflexo escuro, a sombra do homem colonizado, que fende sua presença, distorce seu contorno, rompe suas fronteiras” (BHABHA, 1998, p. 72). Ou seja, a identidade do homem negro é definida pela alteridade, o homem branco, que por outro lado, essencializou a identidade do primeiro ao corpo. Ao assumir essa identidade, transforma o próprio sujeito.

É justamente diante dessas transformações sociais que Hall (2006) explica que o mundo social está em declínio e as velhas identidades também, assim fazendo surgir novas identidade e fragmentando o indivíduo moderno que antes era visto como unificado. É o que o autor chama de ‘crise de identidade’. Parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando estruturas centrais e abalando quadros de referência. Assim, Hall (2006) classifica as identidades em três concepções; a identidade do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

O primeiro se baseia na ideia do sujeito como indivíduo unificado, centrado e que permanece “idêntico” a ele ao longo de sua existência sem passar por transformações. O sujeito sociológico se insere num mundo complexo em que o sujeito deixa de ser autônomo e auto-suficiente. Ele é formado nas relações com outras pessoas ao redor e é nessa relação que se estabelecem valores e sentidos. Na relação com a sociedade que a identidade do sujeito é transformada e alterada. Nesse processo do indivíduo que passa de ser centrado a múltiplo e fragmentado, nasce o sujeito pós-moderno (HALL, 2006).

A identidade do sujeito pós-moderno não é fixa e essencial. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ sendo formada continuamente na relação às formas pelas quais somos representadas. É um processo de ser inacabado. O sujeito assume identidades distintas em diferentes momentos (HALL, 2006). Assim, todo sujeito rompe com a sua individualidade a partir das relações, deixa de ser único para ser múltiplo.

Para Hall (2006), a identidade é formada através de processos inconscientes. Por ser um processo incompleto é que o autor salienta que deveríamos falar de identificação. Assim, a identidade “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 10).

Com as mudanças no mundo social, o sujeito moderno também está sendo afetado pelo processo de globalização. As culturas nacionais são umas das principais fontes da identidade cultural. Um sujeito se identifica com um grupo, classe ou nação. Hall (2006) explica que a identidade nacional não é algo com a qual nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. O autor reforça que nós só sabemos o que significa ser inglês pelo

modo como a “inglesidade” é representada. O grupo na qual participam não é apenas uma entidade política, mas algo que produz significados. É um sistema de representação. “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 2006, p. 14).

A cultura nacional produz sentidos, sentidos com os quais nós podemos nos identificar. Esses sentidos estão contidos nas estórias, nas memórias que conectam o passado com o presente e nas imagens que são construídas sobre a nação. As representações de um país nos ajudam conhecer as identidades do povo, além de contribuir para construir um senso comum sobre o pertencimento do lugar. Pela ideia de Hall (2006), a cultura nacional é um discurso e ao construir sentidos influenciam e organizam nossas ações e a concepção que temos de nós mesmos.

Nesse parâmetro, há vários aspectos que constroem o discurso da nação. Entre eles está a narrativa que é contada e recontada nas histórias, nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Eles fornecem séries de imagens e estórias que representam as experiências compartilhadas que dão significado e importância às nossas vidas com a nação que preexiste a nós e continuam existindo. São símbolos que dão sentido ao nosso modo de ser. É o que distingue um brasileiro de um europeu. Assim:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade (HALL, 2006, p. 15).

A cultura nacional apresenta as identidades como unificadas e anula as diferenças. Mesmo com as diferenças de raça, gênero, sexualidade e de classe, a cultura nacional tenta representar todos os seus membros como pertencendo à mesma família (HALL, 2006). Com a unificação, os valores e significados criados como imagem da nação geralmente representam um grupo em detrimento a outros grupos. Além de se impõe uma hegemonia cultural.

Entretanto, o autor propõe que “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p. 16). Não tem qualquer nação que esteja composta por apenas um único povo ou uma única cultura. As nações modernas são híbridas. Ainda, porque é difícil unificar a identidade nacional em torno de uma raça. A raça é uma categoria discursiva e não biológica porque ela organiza as formas de falar, os sistemas de representação e as práticas sociais de um povo. As características físicas como a textura do cabelo ou a cor da pele são marcas simbólicas que diferenciam socialmente um grupo de outros.

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder [...]Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade (HALL, 2006, p. 17).

3.1 REPRESENTAÇÃO

A representação dos negros no futebol brasileiro contribuiu para a construção positiva de identidade e serviu como meio de integração social mas, também, para manutenção de hierarquias sociais que permeiam a estrutura da sociedade brasileira desde a época da escravidão, exprime Abrahão e Soares (2011). O esporte é um dos campos ‘livres’ onde a imagem do negro é visto positivamente. No Brasil, raça e preconceito racial demarcaram posições e hierarquias, no final do século XIX, onde ser negro carregava um significado negativo (ABRAHÃO; SOARES, 2011).

Definir a cultura negra, espaços ou campos para esse sujeito negro, é fixa-lo a certas coisas, determinando o que ele pode ou não fazer. Homogeneizar o negro unificou a pluralidade africana a favor de uma identificação essencialista mesmo sendo que a África é composta por países, histórias e culturas diferentes (MUNANGA, 1988). Foram criados discursos com adjetivos que posicionaram o negro num patamar inferior, desse jeito “o negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 1988, p. 9).

Adjetivos que são atrelados a ele são marcas da representação do passado, quem ele é e a maneira como os outros o conhecem. Palavras como agressivo, perigoso, bandido, intelectualmente incapaz, pobre, sofredor etc. são algumas das que são utilizadas para descrevê-lo. É mais ou menos o que se refere à escritora nigeriana e ativistas de discussões sobre igualdade de gênero, raça, classe e sexualidade, Chimamanda Ngozie Adichie (2013), em seu vídeo “*O perigo da história única*”. Ela descreve que histórias são importantes e parte determinante na maneira como os outros nos vêem. Somos, como descreve a autora, impressionados e vulneráveis na face da uma história, pois dependendo da maneira como for contada, quem a conta, nós definimos a pessoa. Não tem como uma história única sem falar em poder. É o que ela chama de ‘*Nkali*’ que é “ser maior que o outro”.

Histórias são definidas pelo princípio de *nkali*, como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. Comece uma história com o fracasso do continente africano e não com a criação colonial do

continente e você tem uma história totalmente diferente. Só porque uma história conta a realidade de um jovem psicopata americano não quer dizer que representa todos os jovens dos Estados Unidos.

Desta maneira, o negro é reconhecido por habilidades relacionadas a sua característica física, como: a música, a dança e o esporte, neste caso, o futebol. O corpo do negro tornou signo de sua natureza e faz com que seus atributos sejam referenciados a partir dele. Esses estereótipos “positivos” são os únicos momentos em que o ser negro tem conotação boa. É como se esta população somente pudesse ser boa em áreas de atividades físicas como o futebol, mas também pode ser ligada ao fato de atribuir ao negro adjetivos como “agressivo”, “forte” e “impulsivo” (ABRAHÃO; SOARES, 2011). Este cenário virou algo tão natural que ao ver alguém “de cor” em qualquer modalidade esportiva, a maioria já automaticamente presume ser o melhor de todos. Mas não, não todos os negros são bons em esportes ou fortes, mas talvez as situações precárias que são submetidos os tornam mais fortes e resistentes a certas situações.

Desde o século XIX, as representações sobre a “raça negra” sempre foram ligadas aos traços corporais na construção da identidade brasileira, de afrodescendentes. Esse fato é comprovado por Gregório de Matos em seus poemas sobre a construção de identidade no Brasil, que descreve enfaticamente, o corpo do homem negro e a erotização da mulher negra. Nisso também se desenvolveu a marca do futebol brasileiro sob uma ideologia de mistura de identidades, um campo onde a cultura do país é representada pacificamente, como “nação mestiça”. Os reconhecimentos neste campo serviu “também para confirmar e maximizar a imagem que os outros - os brancos - faziam deles, ou seja, a subjetividade de sua vocação para as atividades corporais”, assim como a essencialização da homogeneidade do negro como meio de demarcar as hierarquias sociais (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 87).

Este campo ou zona serve para integrar os negros à sociedade e dar a eles visibilidade, mas fazendo isso sem perder a posição deles na inferioridade. Assim, “promove o mito de que relações raciais no país são cordiais ou democráticas ao mesmo tempo que convivemos com a intensa dominação branca sobre outros segmentos étnico-raciais no acesso a bens materiais e simbólicos” (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p.73). Num país onde tem a segunda maior população negra no mundo, o que corresponde a 52% dos que se declaram negros (pretos ou pardos), depois da Nigéria (SILVA; ROSEMBERG, 2008), mas dependendo da região (Moura (1989) nos explica como ocorreu a separação geográfica no capítulo 1), não tem visibilidade e ainda sofre fortemente o racismo.

A visibilidade como colocamos aqui não é somente em números, deles serem vistos, mas os espaços que ocupam, são espaços em evidencia ou não. Não adianta inserir o negro

numa novela só para que a população o veja, mas sim, o tipo de papel que ele atua. É de questionar: ele é a personagem principal? Antagonista ou protagonista? É um negro que é apagado com características de um branco? O enredo mostra como a escravidão contribuiu para o sucesso dele? Estas e outras perguntas são levantadas. Nisso, os autores demonstram como essa realidade ocorre no Brasil e como a mídia tem papel fundamental nesta situação.

“O Brasil constitui uma sociedade racista na medida em que a dominação social de brancos sobre negros é sustentada e associada à ideologia da superioridade essencial de brancos. A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros” (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p.74).

Dalcastagné (2008), citada anteriormente, constatou que representações podem ser incorporadas de várias maneiras, seja reproduzindo-as de maneira acrítica, descrevê-las para colocar em evidência ou colocá-las em choque diante do leitor, mostrando que a aceitação, ou recusa tem repercussão sobre o modo como vemos o mundo e nos vemos nele e as consequências de nossos atos. A autora nos lembra a maneira como podemos trabalhar com representações e podemos questionar como a mídia tem trabalhado com estas questões. Silva e Rosemberg (2008) ainda afirmam que o mito ideológico pressupõe relações cordiais e igualdade de oportunidades.

A identidade do futebol brasileiro foi construída sob a imagem de um país que valoriza os grupos étnicos, mas é de se entender que o Brasil é um país racista pelo processo histórico que configura o padrão de relações, salienta Abrahão; Soares (2011). Silva e Rosemberg (2008) asseguram que dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) colocam em evidência o racismo histórico e contemporâneo que constitui a sociedade brasileira em relação a população branca e a população negra. Os dados demonstram que 0,791 equivale ao índice de brancos e 0,671 de negros.

Desde 1940, a Lei Federal Afonso Arinos atua no combate ao preconceito racial. Após sua reformulação e integração à Constituição de 1988 passou a considerar o racismo como crime inafinanciável. Porém, ainda resta o problema com o parâmetro do que é considerado preconceito ou não. O termo ‘racismo’ foi introduzido no Brasil no final dos anos 70, no período da organização do Movimento Negro Unificado. Em 1995, o governo brasileiro reconheceu, pela primeira vez, que o país é estruturalmente racista (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p.73). Entende que um dos principais meios de acesso à informação é a mídia e a escola. Essas duas propulsoras de informação são responsáveis, em grande parte, pela formação do sujeito e influência na sociedade.

3.2 DISCURSO E REPRESENTAÇÃO

“Palavras atribuem sentidos, vinculam significados às coisas e enquadram” um conjunto de significados que se organizam ao redor do discurso. A interação ou comunicação ocorrem quando não existe uma fronteira simbólica entre quem detém um conhecimento e quem não tem (MARTINO, 2010). Isso quer dizer que para duas pessoas estabelecerem um fluxo de comunicação, os dois participantes precisam ter o mesmo ou semelhante nível de conhecimento. Palavras possuem um valor específico e adquirem certa autoridade dependendo do sujeito que possui legitimidade para proferí-las. Cada falante e cada palavra têm um valor designado e a diferença entre esses dois é revelada em seu discurso. Essas diferenças estabelecem e revelam não somente o espaço social, mas também coloca limites de poder (MARTINO, 2010). Assim, nossas identidades são construídas nas práticas discursivas com o outro (MOITA LOPES, 2006)

Não se pode falar em discurso, linguagem e poder sem falar sobre representação. Falar do outro é importante porque a partir dele é que retiramos referência para definir a nós mesmos, ele é a pessoa de fora do nosso grupo social. O “Outro assim como o conceito de identidade (HALL, 1997; SILVA, 2000; WOODWARD, 2000; MOITA LOPES, 2006) é relacional, por isso a necessidade de levar em consideração o aspecto sob, “definir de quem é o ponto de vista: o de quem observa ou de quem é observado; o de quem representa ou o de quem é representado; o de quem define ou o de quem é definido” (VALENÇA, 2005, p. 253). O sujeito constrói a si mesmo, o outro e sua realidade no discurso, então, torna-se importante como as diferenças entres eles são representadas no discurso e como isso afeta a maneira como agem, explica Moita Lopes (2006).

A concepção da “política da representação” é a forma pela qual discursos e práticas se inscrevem em relações de poder. A representação neste meio, normalmente, parte de uma perspectiva dominante (VALENÇA, 2005, p. 253). Nisso, Hall (1997) explica que a diferença é uma maneira de se situar diante dos demais e pode ser positiva ou negativa, mas é um ato necessário para construir significados e a formação de uma cultura e da identidade. O autor tenta responder a pergunta sobre ‘porque a diferença é importante?’ para demonstrar porque a diferença é necessária e perigosa. Ele aponta para quatro abordagens acerca da diferença (aqui vamos descrever somente três delas).

O significado é relacional (HALL, 1997). Nós tomamos como ‘diferente’ a partir dos ‘outros’. O significado de alguma coisa depende da diferença entre os dois polos. Tomamos por exemplo, as oposições binárias preto\branco, dia\noite, homem\mulher. Essas oposições são maneiras de capturar a diversidade do mundo, mas também são reducionistas e brutas para

estabelecer um parâmetro de significado, mas mesmo assim não podemos fazer sem elas. Também cita o Derrida que argumenta que oposições binárias são raramente neutras e um dos polos, normalmente é o dominante. Demonstra assim a dimensão do poder discursivo. As oposições seguem assim: BRANCO\negro, MASCULINO\feminino, RICO\pobre (HALL, 1997).

O segundo vem da teoria da linguagem do Mikhail Bakhtin que aponta que significado existe no discurso porque somente podemos construir significado através do diálogo com o Outro. Em outras palavras, o significado existe só no ato de fala, ela é puramente dialógica. A terceira é antropológica onde a cultura associa significado às coisas designando posições diferentes ao eles dentro de um sistema classificatório. Neste sentido oposições binárias são necessárias para estabelecer uma diferença distinta para classificá-los. O último é psicanalítico, importante em nossas vidas para nos constituirmos como sujeitos e a nossa identidade sexual.

3.3 REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO

Para conhecer ou ter uma ideia de como o outro é, construímos imaginários ou possibilidades de imagens, é isso que Richard Dyer (1997), citado pelo Hall (1997), chama de ‘tipos’ e ‘estereótipos’ (*typing and stereotyping*). Criamos tipos ou tipagens, como Valença (2005) coloca que, para dar sentido ao nosso mundo, associamos\classificamos objetos e coisas de acordo com o tipo que são para entendê-los e significá-los. Utilizamos tipos para classificar alguém através dos espaços que ocupam, como: a classe, a religião, a personalidade, a nacionalidade, a raça, o gênero, etc. Por exemplo, ao conhecermos outrem é normal que tentarmos identificá-los; quem são, o que fazem, de onde são, a personalidade e o tipo de pessoas que são.

Através disso julgamos ou consideramos do que são capazes, o tipo que são e como podemos nos relacionar com eles, avaliamos se são pessoas que queremos nos aproximar ou não. No outro lado, estereótipo é a maneira como avaliamos algumas características simples, facilmente compreendidas e vastamente reconhecidas sobre a pessoa. Ao fazer isso, “reduz, essencializa, naturaliza e fixa diferenças” (HALL, 1997, p. 258) além de criar barreiras. Estereótipo faz parte dos elementos que mantém ordem social e simbólica, manifestando-se onde há desigualdade de poder (HALL, 1997). É definir uma pessoa com uma parte das suas características.

Para ficar claro usamos a definição do Sander Gilman, citado por Hall, ao escrever que “todos nós criamos estereótipos. Não podemos funcionar no mundo sem eles”. Ainda usou um

exemplo de que uma criança de 4 a 5 meses é capaz de criar um senso de separar identidade e distinguir a diferença entre ele\ela e o resto do mundo, podendo diferenciar o bom e o mau.

Todavia:

Estereótipos surgem quando a auto integração é ameaçada. Assim sendo, fazem parte da nossa maneira de lidar com a instabilidade da nossa percepção do mundo. Isso não quer dizer que são bons, apenas são necessários. Podemos e devemos fazer uma distinção entre estereotipagem patológica e a estereotipagem que todos nós precisamos fazer para preservar nossa ilusão de controle sobre nós mesmos e o mundo⁷ (HALL, 1997, p. 284-285, tradução nossa).

A estereotipagem tem um viés ideológico e é uma tentativa de fixar representações sobre o outro. Assim, Hall entende que a fixação de estereótipos é perceber características de alguém exagerá-las, simplificá-las e fixá-las “para eternidade sem mudança ou desenvolvimento” (HALL, 1997, p. 258). Estereótipos classificam o normal e o anormal, criam separação e as mantêm na ordem social e simbólica. Além disso, estereótipos ocorrem quando há desigualdade de poder. O poder que é direcionado ao grupo subordinado ou excluído. Hall (1997) também cita Jaques Derrida (1972) que argumenta que oposições binárias como nós\eles não estão simplesmente propondo uma coexistência pacífica, mas uma hierarquia violenta.

Chimamanda Adichie (2013), no mesmo vídeo citado anteriormente, descreve como estereótipos são criados. De acordo com ela, uma história única é criada com discursos simplistas e rasos sobre a história de um povo. Ao reproduzir o mesmo discurso várias vezes para muitas pessoas da mesma maneira, esse povo é reduzido somente a esta narrativa que pouco diz respeito da trajetória do povo. Ela deu exemplo que ela mesma viveu quando foi estudar nos Estados Unidos. Chimamanda narra a história de como sua colega de quarto na universidade carregava uma história única de africanos e mesmo antes de conhecê-la já concebeu uma imagem de alguém que não sabia usar um fogão e, muito menos que sabia se comunicar.

Sentia pena dela mesmo antes de conhecê-la. A colega construiu e se baseou numa história única de catástrofe, de africanos que não possuem a possibilidade de serem iguais a ela, pessoas que não sabem se defender e uma África onde há paisagens bonitas, animais selvagens e pessoas lutando guerras inúteis esperando um branco salvá-los. A mesma ideia que a colega da Chimamanda carrega não é muito diferente do que os brasileiros têm dos africanos e dos países africanos. Todo ser humano tem uma ideia de algum lugar que não condiz com a

⁷ “Stereotypes arise when self-integration is threatened. They are therefore part of our way of dealing with our instabilities of the perception of the world. This is not to say that they are good, only that they are necessary. We can and we must make the distinction between pathological stereotyping and the stereotyping all of us need to do to preserve our illusion of control over the self and the world” (HALL, p. 284, 1997).

realidade do lugar. É como a escritora admitiu ao expressar que numa das suas viagens para o México percebeu que pensava nos mexicanos como pessoas que pulavam muros para atravessar fronteiras e que fugiam dos policiais.

Para o discurso proliferar, como se referiu a escritora, precisa ser “materializado em práticas de representação diferenciadas (na literatura, no cinema, na TV, na academia, na pintura, na imprensa etc), constituindo-se numa forma “racializada” de conhecimento do “Outro”” (VALENÇA, 2005, p. 256). O discurso estereotipado depende da fixação para construção ideológica da alteridade, uma forma de identificação que oscila entre a fixação e a repetição sem possibilidade de comprovação, é esse processo de ambivalência que Homi Bhabha (2010) argumenta ser central para o estereótipo na teoria do discurso colonial.

Para Bhabha (2010), o estereótipo ganha validade e repetição em conjunturas históricas e discursivas mutantes com estratégia de marginalização e individualização, produz verdade prováveis em excesso e não pode ser provado empiricamente ou explicado pela lógica. Entretanto, para lidar com isso o foco não é trabalhar as imagens positivas ou negativas, mas o *processo de subjetivação* que ela produz. Além de questionar o *modo de representação da alteridade*, do Outro. Muitas vezes estudamos e nos concentramos na invisibilidade do negro na mídia, nos livros didáticos, em geral, em espaços de visibilidade, mas às vezes esquecemos que a questão não é somente ele ser visto, mas o modo como ele é visto. O espaço onde esse sujeito é inserido é importante. Entende-se que é isso que Bhabha trata quando se refere ao modo de representação da alteridade.

O estereótipo é uma falsa representação da realidade. “É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença [...] constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (BHABHA, 2010, p. 117). O autor apresenta o argumento de Edward Said (2007) que propõe uma semiótica do poder “orientalista”. No livro *Orientalismo* é onde ele discute a representação que o Ocidente faz do Oriente. Ele explica que o Oriente é visto, pelo resto do mundo, através de lentes de fábula, do estereótipo e do confronto polêmico.

Em nosso caso, o continente africano, é visto através da lente de conflitos étnicos, miséria, guerra, pobreza, fome e safári. A Europa construiu a visão da África como país pobre e com pessoas com doenças que precisam da intervenção para sobreviver. O discurso colonial é essencial para traçar o estereótipo, pois ele é construído sob enunciações históricas. A colonização portuguesa no Brasil e a colonização europeia em países africanos explicam o tipo de discurso que possuem da África. A narrativa “é então uma articulação complexa dos tropos do fetichismo” (BHABHA, 2010, p. 119).

Bhabha (2010) argumenta que o corpo\|a pele é tomado como um símbolo de diferença cultural e racial no estereótipo. O corpo é um dos fetiches e a forma como o sujeito colonial fixa essa estrutura física a uma imagem permite separar as relações coloniais, diferenciando quem é mestre e quem é o subalterno. No caso do negro, seu corpo é tomado como selvagem, encarnação da sexualidade sem controle, primitivo e manipulador de forças sociais. A importância de analisar a colonização é entender como o colonizador definiu esse povo, a influência que essa definição possui na limitação de identidade e de representação dos sujeitos. Assim a necessidade de reafirmação da identidade não partir de como o sujeito colonizador os definem, mas como eles mesmos se sintam representados.

Hall (2009) atenta para o fato de que o pós-modernismo não trouxe consigo algo muito novo, mas sim o reaparecimento da proliferação de diferenças culturais, sexuais e étnicas, uma mudança na cultura popular marcada pela produção de espaço produtivos da cultura marginal em relação ao mainstream. Isso, para ele, é o resultado de políticas culturais da diferença, de produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. O argumento do Hall (2009) é baseado em três eixos que acompanharam a entrada na pós-modernidade; o primeiro é o deslocamento de modelos europeus de cultura, o surgimento dos EUA como potência mundial como centro de produção e circulação global de cultura e a descolonização do Terceiro Mundo. Basicamente o que Hall (2009) faz é chamar atenção para a cultura popular, a representação do negro na cultura marcada pela objetivação do corpo e a hegemonização desta cultura. Essas categorias colocadas por ele causam o apagamento de diferenças.

Devemos, constata Hall, dar atenção não para a homogeneidade da experiência negra, mas para a diversidade, não para a celebração de diferenças históricas entre as diásporas, mas “reconhecer outros tipos de diferença que localizam, situam e posicionam o povo negro” (HALL, 2009, p. 328). “Não há como escapar de políticas de representação, e não podemos lidar com a ideia de ‘como a vida realmente é lá fora’ como uma espécie de teste para medir o acerto ou o erro político de uma dada estratégia ou texto cultural”. (2009, p. 327). Também chama atenção para a não essencialização do negro, pois ele “naturaliza e deshistoriciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético” (HALL, 2009, p. 326).

O autor está dizendo que o sujeito negro não deve ser analisado ou tomado fora de seu contexto histórico, cultural ou político. Tomar o negro somente em seu encaixe biológico desvaloriza sua identidade, afunda numa categoria de racismo e naturaliza suas características potenciais. Este negro na cultura negra é aquele cuja cultura era invisível, mas com as mudanças

está ganhando espaço em lugares de poder, mesmo com a mercantilização, ganhou novo espaço de valorização de sujeitos politicamente e socialmente engajados.

Frantz Fanon (1997), citado por Martino (2010), explica o problema da representação em seu livro *Os condenados da terra*, onde ele mostra como o poder colonial é um ponto de partida pelo qual deve-se discutir a identidade (nacional), analisando os efeitos da colonização. Ele salienta que após a Segunda Guerra Mundial e a descentralização das colônias, nações africanas ainda estavam sob o domínio da Europa. A novidade da análise do Fanon é que ele estuda a representação a partir do colonizado e não do colonizador como outros autores fazem. É como se fosse assim: “se quiser conhecer um sujeito estuda o que ele diz sobre si mesmo e não somente o que os outros dizem sobre ele”. Ele aponta para uma violência ‘de ser’ onde o colonizador retira o direito ‘de ser’ do colonizado para tornar-se um algo. Ao eliminar as referências de identidade: a cultura, a língua e os costumes, cria-se uma dominação e exclui a possibilidade do colonizado pensar em si como ser autônomo. Dessa maneira, tudo que é pensado sobre o colonizado é através do cânone\lente do colonizador, “o colonizador define o colonizado” (MARTINO, 2010).

Fanon explica que os colonizados eram tratados de forma desumana com o objetivo de “rebaixar os habitantes do território anexado ao nível do macaco superior para justificar que o colonizador os trate como bestas de carga. A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los” (FANON, 1997, p. 9). Interessante é que o colonizador justifica sua dominação sob uma faixa de modernidade, uma justificativa humanística no sentido de ajudar os povos menos desenvolvidos (MARTINO, 2010). Para Fanon, mesmo após a descolonização, o colonizador ainda continua tendo poder sobre o colonizado. “A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados” (FANON, 1997, p. 26). Esse processo “é, em verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade” (FANON, 1997, p. 27).

No livro de Muniz Sodré (1999), as identidades cultural e nacional se apresentam como as principais questões que marcam o país, às vezes é difícil compreender que a população de afrodescendentes são os que suportam o peso primitivo do capital e mesmo assim constituem uma espécie de símbolo ontológico de classes econômica politicamente subalternas. Definir ou atribuir uma identidade ao Outro a partir de categorias do pensamento ocidental dá ao colonizador um espaço na história do Outro criando assim um cânone onde o colonizado é visto através do colonizador.

Tomar identidades e culturas como singulares é substanciá-las em perspectivas fechadas e abandonar a possibilidade de reinterpretar a diferença pela universalidade. A filosofia nos ajuda entender que um corpo institucional impõe aos seus agentes, por meio de tradição e discurso, métodos que dissimulam oposições sociais (preto\branco) conforme as normas num campo específico. Isso também é um ‘esquecimento do ser’, Sodré citando Bourdieu e Heidegger. Ou seja, institui es que estruturam as esferas fazem com que a sociedade aceite uma certa opinião ou ideia como norma e o outro que não se encaixa na norma   esquecido. Este autor utiliza bastante vezes o exemplo da rela o do Ocidente com o Oriente.

Como anteriormente disse Dalcastagn  (2008), muitas dessas representa es do negro na literatura e na m dia configuram estereótipos. Essa representa o constrói identidades étnico-raciais. Albuquerque e Filho (2006) também relembram que a identidade cultural dos negros africanos no Brasil foi construída   base de uma sociedade racista. Além disso, esse povo ganhou reconhecimento, principalmente, no carnaval, capoeira e no esporte. Por outro lado, a imagem do negro   marginalizada. Assim sofrendo consequências na educa o, saúde e trabalho.

Na questão de raça, Munanga (2006) utiliza o contexto afro-americano para pensar a identidade e a raça na globaliza o. Ele salienta que a identidade   múltipla e por essa natureza podem existir tensões e contradi es. A maneira como os americanos v em os afro-americanos   negativa e isso influencia na maneira como eles mesmos se enxergam. A sua pesquisa revelou uma polariza o dos negros na sociedade americana branca, tanto nos espaços onde circulam como nas áreas onde moram. Parte da popula o negra vive no nível de pobreza. Essa realidade não   muito diferente no Brasil, onde muitos negros vivem   margem da pobreza, segundo dados do IBGE.

Appiah Kwame (1997) em seu artigo *Ilusões de raça* também explica o conceito de raça citando Du Bois. Du Bois explica que existem três tipos de raça: a branca, a negra e possivelmente, a amarela. As diferenças entre essas raças não são nos traços físicos, como o cabelo ou a cor, mas sim nas diferenças delicadas e sutis que separam os homens em grupos. A raça   definida na ciência, na história e na sociologia. O autor argumenta que o conceito de raça não   científico, da biologia, e sim sócio-histórico.

Ele usa como exemplo para reforçar sua discussão os negros nos Estado Unidos ao apontar que para o talento negro se desenvolva   preciso trabalharem juntos e aceitar as diferenças, além de entender que cada grupo tem um papel a desempenhar e estão relacionados não como superior e inferior, mas como complementaridades.

Munanga (2006) distingue três formas de identidade e alerta que o ‘por quem’ e o ‘porque’ são determinantes da identidade cultural como símbolo que possui significado. A identidade legitimadora que é construída por instituições dominantes da sociedade, a identidade de resistência é produzida por atores que já passaram por condições desvalorizadas e por último a identidade de projeto é construída para redefinir uma posição na sociedade, um exemplo disso é o feminismo. Pensar o outro a partir de uma referência específica de identidade como meio de essencializar-la é uma forma de desumanizar o sujeito.

Deve-se reconhecer a alteridade do outro ao mesmo tempo em que partilha com ele da sua particularidade, sua subjetividade e sua autonomia. Reafirma que, “trata-se de liberar a humanidade inscrita em todo homem, considerando cada ser humano como irredutível a qualquer conteúdo, seja ele de uma natureza particular ou de uma condição social naturalizada” (MUNANGA, 2006, p. 25). Ainda, salienta que o Estado deve reconhecer que cada sujeito tem suas necessidades específicas, individuais e também dentro de uma comunidade ou grupo social diferenciado.

O que nos torna humanos é o reconhecimento da nossa existência como indivíduo ou parte de grupo de pessoas, a percepção que temos de nós ou que os outros têm de nós, que pode ser limitada ou depreciativa e que influencia a maneira ou a imagem que nós temos de nós mesmos. Grupos dominantes propagam imagens depreciativas de grupos submissos como forma de reforçar sua posição hegemônica. Munanga descreve isso fazendo uma análise da imagem depreciativa que os brancos constroem dos negros durante gerações onde eles próprios não conseguem resistir:

Elas interiorizam a imagem da inferioridade contra elas forjada de tal modo que, mesmo desaparecendo alguns obstáculos objetivos ao seu progresso, elas podem permanecer incapazes de tirar proveito dessas novas possibilidades. Além disso, são condenadas a sofrer a tortura de uma baixa estima de si (MUNANGA, 2006, p. 28).

O espaço de debate para corrigir essa situação é na escola e na mídia, como meio de modificar esse cânone imposto por brancos. O que Munanga nos convida para experimentar é ‘dar reconhecimento legítimo àqueles que até então eram excluídos’. A mundialização é um fenômeno que tem causado transformações na sociedade tanto atividades econômicas, quanto, e muito importante na forte manifestação de identidades coletivas, de resistência e visibilidade de grupos minoritários proporcionando espaços de debate e colocando os em evidência numa escala global. Tomando de novo o exemplo do autor sobre os negros em Estado Unidos, ao apontar que para que o talento negro se desenvolver precisam trabalhar juntos e aceitar a diferença como complementaridades.

3.4 PRECONCEITO E RACISMO

“O preconceito é uma atitude negativa, com relação a um grupo ou uma pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo do indivíduo é considerado como o ponto positivo de referência” (JONES, 1973, p. 3). Interessante que a afirmação acima de Jones, mesmo depois de séculos, ainda se aplica à realidade brasileira de hoje, no século XXI. Isso chama atenção para a situação de questões raciais presentes na sociedade..

No século XXI, pessoas ainda questionam: por que há tanto racismo e preconceito no mundo? Ou, especificamente, por que existe racismo no Brasil? Pesquisas e movimentos sociais nos ajudam pensar em como lidar com ele, mas por curiosidade, será que um dia haveria soluções ou o desaparecimento de problemas raciais? O preconceito tem duas posições a sociológica e a psicológica. (JONES, 1973). O preconceito começa quando um grupo social com referência positiva se compara a outro grupo social que nada sobra a não ser um tipo de referência diferente da positiva.

Falar em preconceito é também falar sobre racismo. Jones (1973) classifica o racismo em três categorias, o individual, o institucional e o cultural. O primeiro diz respeito a “uma crença na superioridade de nossa raça com relação a outra” (p. 4). Ele é mais próximo do preconceito racial e relações comportamentais. O racismo institucional é o que acontece nas escolas ou universidades quando utilizam testes padronizados como critério de admissão. É mais ou menos próximo do que as universidades brasileiras tentam evitar ao introduzir o sistema de cotas. Por último o racismo cultural é a junção do individual e institucional onde existe superioridade de valores culturais de uma raça em relação a outra. Um exemplo disso pode ser observado nos Estados Unidos, onde colocam que os negros não contribuíram em nada para a expressão cultural.

No Brasil, a cultura africana e a afrobrasileira praticamente se estendem no país inteiro, sendo mais presente em algumas regiões, como no Nordeste em comparação com o Sul. A presença da cultura africana se manifesta na comida, música, dança e no esporte, mas mesmo assim, existe racismo cultural na discriminação de práticas culturais e confinamento do negro a certos aspectos de cultura, como o carnaval ou a capoeira. O autor faz uma ressalva que o racismo cultural não atinge somente os negros, mas todas as minorias étnicas. No Brasil, promove-se a ideia de um país de multiplicidade étnica, mas ignoram o fato de que, principalmente, no sul (local com a maior presença de imigrantes europeus), ver um negro na rua não é comum e quando veem fixam olhares apreensivos e as vezes as crianças procuram por refúgio nas mães (experiência pessoal minha).

A explicação para essa situação nos Estados Unidos, é a segregação racial que aconteceu nesse país em 1968, quando a Corte Suprema declarou a separação dos brancos e negros, institucionalizou a discriminação entre as duas raças (JONES, 1973). No Brasil, a promoção (do mito) de uma ‘democracia racial’, como visto anteriormente, ocorreu anos após a abolição da escravidão, mas não garantiu a inserção destes na sociedade. Não foi pensado em como este povo que foi explorado e tratado desumanamente poderia conseguir empregos que não os explorassem ou como poderiam viver em melhores condições. Eles foram deixados para resolver tais problemas sozinhos, o que foi o começo de desigualdade e a segregação social mesmo que não tenha sido oficialmente pronunciada, como foi nos Estados Unidos. Quer dizer: a segregação racial existe no Brasil, mas não é declarada. Para nos ajudar a compreender a situação de conflito racial norte-americano, mas que também pode ser adotado em outros contextos como no Brasil (embora com diferenças em relação aos EUA), Jones busca no sociólogo Lee Rainwater quatro objetivos principais:

1. Descrever a posição inferior dos negros
2. Condenar a ideologia racista que mantém o sistema de casta
3. Demonstrar que a responsabilidade para as desvantagens que os negros sofrem está literalmente na casta branca, que obtém prestígios econômicos e benefícios psíquicos com a atuação do sistema, e
4. Sugerir que, na realidade, os brancos ficariam em situação melhor, e não pior, se o sistema de casta fosse destruído (JONES, 1973, p. 13-14).

Esses aspectos nos ajudam entender e saber trabalhar com preconceito e racismo. O autor Fernandes (1972) chama atenção para a situação racial brasileira onde o racismo é tomado com naturalidade, algo disfarçado com o que chamam de ‘democracia racial’. Segundo ele, os brasileiros mantêm um atitude ‘ultrajante’ para quem sofre e ‘degradante’ para quem o pratica. Ninguém afirma-se racista, mas todos conhecem alguém que é, ou tem um amigo ‘de cor’ e por isso não é racista. Fernandes, assim como Van Dijk (2008), toma a democracia racial como mito que nada mais é do que uma distorção criada para inclusão dos negros e mestiços na sociedade após a abolição da escravatura. A miscigenação não integrou nenhuma dessas minorias tanto social como economicamente.

O mito da ‘democracia racial’ construiu-se e justificou-se acima da “mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição” (VAN DIJK, 2008, p. 29). Mesmo assim, quando os negros tentaram se manifestar por condições de igualdade racial foram tomados como um “perigo para a sociedade”. Isso prova que a democracia racial é um mito e que em vez de oferecer ajuda, dificulta a situação.

De acordo com Fernandes, cabe ao governo suscitar alternativas que dariam suporte para a população negra, como escolarização e condições empregos socialmente valorizados. Entretanto, ele sustenta a ideia de que será difícil que o governo ou pessoas negras consigam ‘êxito diante da indiferença do “branco” nesse assunto’, e a razão para isto é que “é preciso que se compreenda que uma sociedade nacional não pode ser homogênea e funcionar equilibradamente sob a permanência persistente de fatores de desigualdade que solapam a solidariedade nacional” (VAN DIJK, 2008, p. 34.) Essa citação responde à questão colocada no início da subseção sobre se um dia poderá se falar em uma sociedade brasileira sem preconceito racial.

Para avançarmos nesta questão, no texto ‘A cor do medo: o medo da cor’, Oliveira, Lima e Santos (1998) nos lembram que discutir a existência da discriminação racial não é mais algo a ser contemplado (é certo que há discriminação), pois uma situação mais necessária surgiu, que é dar visibilidade e romper barreiras que impedem a constituição de uma sociedade que não discrimine a pluralidade de culturas, raças etc. Interessante que esses autores também sustentam que brasileiros praticam a discriminação racial mas somente reconhecem essa prática nos outros. Além disso, mencionam que “as discriminações contra os negros no Brasil eram atribuídas às diferenças socioeconômicas e não às raciais” (OLIVEIRA; LIMA; SANTOS, 1998, p. 39). A questão socioeconômica mascara, assim, o racismo e é um dos elementos que alimenta o mito da democracia racial. Os autores questionam: ‘quem é o negro no Brasil?’ e se baseiam nos dados do IBGE e de estudos de jornais que demonstram que a comunidade intelectual brasileira tem dificuldade em identificar quem os negros são, embora a mídia e a polícia saibam fazer essa identificação.

Parece ter avanços com a inclusão de negros(as) em espaços de evidência na televisão. Um exemplo disso é a presença da jornalista negra no Jornal Nacional, a Maju Júlia Coutinho, que sofreu agressões verbais poucas semanas após sua integração na equipe do Jornal como ‘garota do tempo’ e atualmente como apresentadora. Ou os comentários racistas na internet dirigidas ao casal de atores Taís Araújo e Lázaro Ramos, por serem os protagonistas numa série brasileira onde eles atuam como casais ricos e famosos.

Essas pessoas são famosas e são frequentemente vistas na mídia televisiva, mas o fato de atuarem em papéis socialmente valorizados, alguns telespectadores consideraram isso socialmente errado⁸. Embora não tenha sido aceito naturalmente por alguns telespectadores, pode ser considerado um avanço considerável suas presenças nesses espaços midiáticos. É

⁸ Situação acompanhada pelas redes sociais com comentários degradantes que referem aos atores como ‘macaco’, ‘pretos sujos’ entre outras.

notável o número limitado de pretos\pardos em espaços de visibilidade, com exceção da área musical, do futebol ou da dança. Alguns espaços são ‘reservados’ para os negros, e quando há alguém desta população que se encontra em um espaço socialmente ‘reservado’ para brancos, as pessoas estranham ou respondem com agressões verbais, como em relação ao casal dos atores da Globo. Bastante pessoas sofrem com preconceito racial no Brasil, mas poucas pessoas denunciam, seja por medo ou pela insuficiência da lei em determinar o que é racismo ou não.

A questão da ‘cor’ nos noticiários impressos no Brasil foi questionada por Fernando Costa da Conceição (1998), que traz algumas questões importantes para pensar. Não só para a pesquisa dele ao analisar a quantidade de pessoas negras (afrodescendentes) nos homicídios, mas também outras pesquisas que propõem analisar a representação de africanos e afrobrasileiros na mídia brasileira.

De acordo com as análises do autor, o jornalismo não é de forma alguma uma ciência exata, pois a subjetividade tem peso na composição do texto. Um dos momentos onde a “cor” é exposta e fundamental para o texto é na editoria de Polícia e outros afins, mas em outras editorias a cor da pele não é considerada importante. A justificativa dessa posição é que os profissionais de mídia entendem como politicamente incorreta a atribuição da cor e utilizam eufemismos. Um dos problemas da presença de negros nos editoriais policiais, como sustentado por Conceição, é que de tanto verem sua imagem sendo representada e relacionada à violência criminal, os negros muitas vezes se confundem com a própria imagem do crime. Quando aparece um negro em alguma notícia ou numa foto, automaticamente pensam que é por ter cometido algum crime.

Numa pesquisa feita por Conceição (1998), que citou Muniz Sodré (1999), o autor constatou que “jornais brasileiros em consonância com a ideologia da “democracia racial”, já não podem mais afirmar-se racistas” (CONCEIÇÃO, 1998, p. 158). Até porque a legislação classifica a discriminação racial como crime inafiançável. O que acontece é a reprodução de estereótipos onde “os afrodescendentes são o Drácula da mídia brasileira”, descreve Muniz Sodré (1999). Em suma, destaca que o negro não é representado na mídia brasileira e quando é, sua imagem “ganha contornos construídos pelo imaginário do preconceito racial”. Embora o autor reconheça que a imagem do negro nos jornais tem se modificado desde meados da década 1970, a mídia deve ser constantemente investigada com a finalidade de se observar como ela representa/constrói o negro no Brasil.

É nesse contexto de racismo, preconceitos e estereótipos que as notícias sobre África e sobre africanos são produzidas e lidas. Essas notícias, portanto, dialogam com esses enunciados

anteriores, marcados pelo racismo (velado algumas vezes, explícito outras vezes). E é nesse processo dialógico que posiciona/constrói identidades.

Neste capítulo, retomei a discussão de identidade e de representação, que é fundamental para análise das notícias sobre África e sobre os africanos publicadas no Brasil. Essas notícias constroem representações e, com isto, identidades.

4 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Aqui descrevo como realizei a geração de dados – a escolha dos jornais, a seleção dos textos - como desenvolvi a análise. No início, com apoio na teoria dialógica do discurso do Bakhtin, faço uma descrição da importância da escolha metodológica do trabalho. Poderia escolher por fazer uma análise de conteúdo, mas as contribuições da análise dialógica de discurso se tornam indispensáveis para a realização da pesquisa. Para auxiliar na relação da fundamentação teórica com a análise, retomo a teoria da análise dialógica, que entende que um enunciado existe num elo de outros enunciados, possui uma história e caracteriza um contexto de interação verbal. A Análise do Discurso é parte do arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa porque é uma abordagem na área de estudos da linguagem que estuda interpretação de texto e é um campo transdisciplinar que possibilita trabalhar com diversas áreas (RESENDE; RAMALHO, 2009). Tem objetivo de “mapear as conexões entre relações de poder e recursos linguísticos utilizados em textos” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 9).

Para Beth Brait (2006), não é possível estabelecer uma definição fechada do que é análise de discurso ou teoria dialógica do discurso. Mas, basicamente, ela diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e de produção de sentidos que se apoia nas relações discursivas executadas por sujeitos historicamente situados. A análise dialógica do discurso estuda a relação entre língua, linguagens, histórias, sujeitos. Deste modo, instaura os estudos da linguagem como lugar de produção de conhecimento. Ela não é apenas um procedimento teórico e metodológico. Tem como objetivo:

Conceber *estudos da linguagem* como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e necessariamente, por uma ética que tem na linguagem e em suas implicações nas atividades humanas (BRAIT, 2006, p. 10).

As relações dialógicas podem ser extralinguísticas e não podem ser separadas do discurso. Toda linguagem está impregnada de relações dialógicas. Elas se personificam na linguagem, tornam-se enunciados e assim convertem-se em posições valorativas/ideológicas diferentes de sujeitos expressas na linguagem. É nessa interação entre os sujeitos que surgem as relações dialógica (BRAIT, 2006).

O aspecto metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se efetua ao reconhecer e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam os discursos e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos. A análise permite reconhecer os gêneros a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam. Além disso,

focaliza o meio em que esses discursos se inserem, e a partir disso, encontra sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.

A autora ainda relembra que nos estudos da linguagem a possibilidade de estudar a linguagem levando em conta a historicidade, os sujeitos, o social, provocaram mudanças que podem ser simbolizadas na ideia de signo ideológico. Nenhuma ideologia pode aparecer fora do signo. O pensamento bakhtiniano possibilita conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo sua inserção na história, no social e no cultural (BRAIT, 2006). Para Brait (2006), uma das características de uma teoria/ análise dialógica do discurso é que a produção de sentido se dá a partir do ponto de vista dialógico.

O discurso não é somente um objeto verbal (BAKHTIN, 2010; 1992). Analisar a versão online de dois jornais (o meu objeto de estudo) é estudar o contexto sócio-histórico em que se inserem os textos e, posteriormente, estudar a própria construção do texto, o uso das palavras e outros elementos textuais – dentre os quais o uso de signos visuais – para entender como a sua interpretação influencia os sujeitos, tanto o autor da fala quanto o sujeito-leitor. Bakhtin (2010; 1992) nos ajuda entender que a enunciação é um ato individual e social ao mesmo tempo, uma vez que o falante produz seu enunciado a partir de palavras alheias (que se tornam suas) e em diálogo com enunciados outros.

O processo de comunicação depende de pelo menos duas pessoas para se concretizar e é esse processo de diálogo que caracteriza o ato enunciativo. Porém, o locutor pressupõe a existência dos enunciados anteriores, provenientes dele ou do outro, na qual ele se fundamenta. “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.” (BAKHTIN, 1997, p. 283). Entender a natureza da fala é indispensável para qualquer estudo, pois ignorá-la e as particularidades de gênero “leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida” (BAKHTIN, 1997, p.283).

Um exemplo disso é o estudo feito por Lima; Ávila e Silva (2016), no qual eles analisam como os haitianos são representados pelo jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba. Segundo os estudos, em 2014 o número dos haitianos havia crescido para 50 mil. Esse povo, segundo a análise, migrou para o Brasil devido às condições de desastres naturais que colocou a vida deles em risco. A ideia era verificar se eles estavam sendo representados como sujeitos culturais ou do ponto de vista econômico. O resultado da análise era que os jornais estavam somente noticiando como a vinda deles afetaria o país e não sobre a condição que os tirou fora do Haiti. Matérias como *Secretário diz que haitianos estão sendo ‘despejados’ na cidade, ou ‘Haitianos optam por rota clandestina’*, são exemplos disso, onde a notícia associa o imigrante à clandestinidade.

Um outro exemplo de como notícias podem contribuir para a criação de estereótipos é elaborado por Martino (2010), numa análise da cobertura da imprensa alemã sobre o Brasil na Copa do Mundo de 2002 feita pela Sanna Inthorn⁹. O estudo mostrou o uso de adjetivos que pouco demonstram a imagem da identidade nacional brasileira. Adjetivos como “alegre”, “infantil”, “malícia” e “garra” representam o time brasileiro e “frieza”, “força” e “técnica” marcaram a representação de características dos times alemães. Fato que levou o autor a indagar sobre como a mídia construiu uma narrativa de imagem do futebol “brasileiro”.

Fazer uma análise de discurso estudando somente as palavras é superficial. Estudar os gêneros do discurso, por sua vez, reflete as mudanças na vida social e estudar a história desse gênero nos ajuda entender melhor a sua natureza. Os gêneros primários e os gêneros secundários, aos quais Bakhtin (1997) se refere, são classificados em: gêneros primários, que incluem os diálogos orais, a linguagem familiar, cotidiana, a linguagem das reuniões sociais etc.; enquanto que os secundários incluem os textos literários, científicos etc.

Bakhtin (1997) salienta que os gêneros primários que envolvem a enunciação individual são avaliados diferentemente quando estão incorporados nos gêneros secundários. “O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (BAKHTIN, 1997, p. 294). O pensamento de um locutor é inacabado e relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor e de outros locutores. Os enunciados do locutor e de outros não possuem necessariamente relação direta, mas podem ser relacionados em função de todo o contexto que os rodeia. Um enunciado tem fundamentos num contexto, numa situação, as circunstâncias sócio-históricas.

A ideologia está presente na interação cotidiana e acontece num fluxo verbal que é negociado entre locutor e ouvinte. Quando um locutor exprime uma fala, automaticamente, exige do receptor, seja de imediato ou não, uma resposta. Nesse processo de alternância de fala, há uma pausa quando acaba o enunciado do locutor e o receptor inicia o seu enunciado. Essa pausa marca a unidade real do enunciado determinada pela alternância, através do diálogo real. “O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 295).

A resposta do ouvinte torna ele em um locutor (ele reproduz um significado ou um discurso). É isso que Bakhtin chama de *compreensão responsiva ativa*. Essa ação pode ser imediata ou retardada, mas ela carrega o eco do discurso do locutor. Todo ato de comunicação verbal consiste numa ação discursiva, oral ou escrita. Mesmo sendo que todo enunciado ativo

⁹ INTHORN, Sanna, citado por Luís Mauro Sá Martino, em *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*, no capítulo 6, “a representação e identidade no final da copa do mundo de 2002”.

necessita de uma resposta, o ato verbal não precisa que o receptor ativo o responda de imediato. Em suma, um ouvinte ou o leitor absorve informações e as responde conscientemente ou inconscientemente de maneira ativa, não repetindo o discurso da fonte de informação, mas uma resposta, o seu posicionamento, uma objeção ou uma adesão à mensagem (BAKHTIN, 2010; 1992). A enunciação é produto da interação entre duas pessoas socialmente organizadas independente de essas duas pessoas serem do mesmo grupo social ou não. A situação social e o meio social determinam a estrutura e a forma da enunciação (BAKHTIN, 2010;1992).

Nos gêneros do discurso, todas as esferas da atividade humana são relacionadas e giram em torno da utilização da língua e variam de acordo com a esfera. A língua se efetua em forma de enunciações escritas e orais que refletem as especificidades de cada esfera. O conteúdo, o estilo e a construção composicional são três elementos que Bakhtin (1997) coloca como indispensáveis em todo enunciado. Os gêneros de discurso são os tipos de enunciados utilizados em cada esfera. O autor entende que a língua e a esfera são indissociáveis e por isso acompanha as transformações ou complexidades uma da outra, ou seja, a atividade humana é infinita e por isso os gêneros de discurso se diferenciam e se ampliam à medida que a própria esfera se desenvolve (BAKHTIN, 1997).

Os gêneros de discurso na sociedade são heterogêneos, e existem de diversas formas (orais e escritos), seja como relato familiar, uma carta, ordem militar, documento oficial, declaração pública, texto científico, etc. Estas são algumas das formas de discursos utilizados em diferentes contextos na sociedade. É importante estudar e levar em consideração a diferença essencial que existe entre os gêneros de discurso. Os secundários são (o romance, o discurso científico, o discurso ideológico etc) e os primários (simples). Os secundários absorvem os primários e se manifestam em comunicação verbal. Qualquer expressão por mais complexa que seja deve levar em consideração essas duas facetas. A fusão entre o secundário e o primário se transforma e ganha característica particular perdendo sua relação imediata com a realidade. Seguindo a lógica do exemplo do romance como um enunciado, utilizamos o objeto de estudo desta pesquisa, a mídia, especificamente os jornais, como exemplo.

As notícias jornalísticas são colocadas na categoria secundária. Em outras palavras, o discurso jornalístico retoma diálogos do cotidiano e se apropria deles. Além disto, é importante frisar que essas notícias voltam aos diálogos do cotidiano à medida que, nos discursos dos leitores ou telespectadores, são retomadas essas notícias e, até certo ponto, eles organizam suas atividades em torno delas. Estudar a inter-relação entre os dois gêneros esclarece a natureza do enunciado e o problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo.

Cada discurso tem sua função dependendo do tipo de meio de comunicação verbal. Bakhtin (2010) salienta que a característica dos gêneros do discurso depende do estilo, a composição e o tema. Um estudo sobre o estilo da linguagem deve ser feito com foco na natureza do gênero e se basear em estudos prévios dos gêneros, ou seja, uma análise de discurso precisa de estudo sócio-histórico do contexto no qual se insere esse gênero. Neste caso, é a contextualização histórica que nos ajuda entender a construção da identidade do africano desde a entrada deles no país. Para Bakhtin (1997), “a língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se” (BAKHTIN, 1997, p. 289). O estudo prévio nos ajuda entender em quais condições sócio-históricas o sujeito foi formado e se expressa.

Para Bakhtin (1997) um enunciado sempre requer uma resposta do ouvinte independente de qual for. Quando um ouvinte recebe e entende o significado de um discurso ele adota uma atitude *responsiva ativa* em que ele pode concordar, discordar ou criticar etc.

O diálogo é a forma mais simples e clássica da comunicação verbal. Em qualquer enunciado existe o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* impregnado e determinada pelo locutor. O autor/locutor decide sua amplitude e fronteira. É no *querer-dizer* que é possível medir o acabamento do enunciado e a intenção do locutor, mesmo considerando que um enunciado é constituído pelo enunciado do locutor e na relação com outros sujeitos da comunicação verbal. Um enunciado é determinado por três fatores: o tratamento, o querer-dizer, estrutura.

Como unidade da língua, a palavra é neutra, até ser inserida numa realidade efetiva e em condições reais do ato de comunicação. “O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado” (BAKHTIN, 1997, p. 312). Nosso enunciado está embutido na palavra dos outros pela alteridade ou pela assimilação e nós a assimilamos, modificamos e reestruturamos (BAKHTIN, 1997). O papel do *outro* é muito importante uma vez que é nele que podemos ser participantes ativos da comunicação verbal. Em suma, pode-se dizer que sistemas ideológicos constituídos das estruturas sociais como a família, a religião, a ciência e a escola, influenciam e se alimentam da ideologia do cotidiano. “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala” (BAKHTIN, 2010, p. 123).

A análise de discurso nos ajuda a pensar no uso social da língua e sua influência na construção de identidade e discurso do sujeito. Qualquer texto carrega elementos heterogêneos que são alheios ao signo que muitas vezes escapam ao campo das ciências humanas. Por trás de todo texto a língua está presente e o sentido existe dentro e fora do texto. Uma frase carrega um gênero particular, um estilo ou uma visão de mundo que pode ser diferente quando inserido

em contexto diferente (BAKHTIN, 1997). “Pode-se estabelecer um princípio de identidade entre a língua e o discurso, porque no discurso se apagam os limites dialógico do enunciado, mas jamais se pode confundir língua e comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 335).

Bakhtin sustenta a ideia de que ao analisar uma obra de arte, ‘conscientemente ou inconscientemente nós pensamos no autor, o entendemos, mas não o vemos na mesma maneira que vemos as imagens que ele representa’. Nós o enxergamos como sujeito representador e não como imagem representada. O homem é quem produz o texto e ele se constrói enquanto objeto de estudo (BARROS, 2001). No livro ‘*Diálogos com Bakhtin*’, Barros e outros autores analisam as contribuições de Bakhtin sobre texto e discurso. Barros (2001) aponta para duas concepções do princípio dialógico sendo eles o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos. Enquanto objeto o texto se define como signo, criação ideológica, diálogo e como único. O texto como criação ideológica implica dizer que um texto não existe fora da sociedade e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística.

Barros (2001) entende a importância de estudar o diálogo no uso entre os sujeitos e não apenas o texto na sua ‘materialidade linguística’. As reflexões do Bakhtin (1997) sobre ciências humanas e a linguagem o tornam precursor dos estudos do discurso. Um discurso somente se realiza com a presença de dois sujeitos não como objeto, mas enquanto produtor de texto e de sentido. Se há algum problema no discurso, é no sujeito que podemos entender esse problema. Por isso a necessidade de entender o processo de interação e os fatores o que influenciam.

Como mencionado, Bakhtin toma a concepção de linguagem como dialógica. Para ele, a alteridade define o homem, pois “é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro” (BARROS, 2001, p. 26), ainda que “ser mesmo do homem (tanto exterior quanto interior) é uma comunicação profunda. ‘Ser’ significa comunicar-se”, completa Dostoiévski (1981), citado por Barros (2001). Dostoiévski (1981) argumenta que viver no mundo é participar de um diálogo, é escutar, interrogar, responder, etc., e estas são as concepções dialógicas de linguagem e de discurso. Todo sujeito que vive no mundo necessita dessas concepções para atuar e se constituir como indivíduo na sociedade (BARROS, 2001).

Bakhtin parte da noção de *pluridiscursividade* que trata da diversidade de discursos onde a comunicação é pensada não como um fenômeno de via única mas como um sistema reversível e interacional que gera efeitos sobre o destinatário e o emissor. Um discurso gera efeitos dependendo da posição social do interlocutor. Bakhtin salienta que toda comunicação é carregada de signos e todo signo é ideológico.

Eles não são estanques, são preenchidos por valores que são compartilhados nas relações com o outro e com a sociedade. Um enunciado\discurso tem dois aspectos, um que é produto de uma enunciação e o outro que vem de um contexto histórico ou social. Um enunciado pode nascer de um outro enunciado e também pode nascer de um contexto. Um texto\enunciado é o resultado do “tecido de muitas vozes”.

Ao entender que o sujeito dialoga não só com outras pessoas mas também com a sociedade, é necessário analisar o contexto dessas várias vozes. Barros (2001), explicando Bakhtin, salienta que o discurso não é individual, pois se constrói entre dois interlocutores e porque é um diálogo entre discursos.

O dialogismo, conforme proposto pelo Círculo de Bakhtin nos ajuda estudar e analisar como a mídia constrói o discurso sobre a África e os africanos. Pela análise textual será possível problematizar os objetivos e responder as perguntas propostas nessa pesquisa. Para o autor, a linguagem é por constituição dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa. O discurso é determinado por coerções sociais de diversas formações discursivas que correspondem a formações ideológicas envolvendo diversos enunciados. Isso considerando que os sujeitos pertencem às classes sociais diferentes, mas utilizam o mesmo sistema linguístico que normalmente entram em contradições, se atraem e se rejeitam.

Tendo em vista essa perspectiva dialógica e ideológica, a análise do discurso nessa perspectiva implica em analisar os textos observando as relações dialógicas que eles estabelecem com outros textos/enunciados/enunciações. Além disto, implica em observarmos os valores atribuídos aos signos tendo em vista o contexto sócio-histórico em que os textos são produzidos. Implica também em observarmos os gêneros discursivos na cadeia enunciativa e no processo de interação em que estão inseridos. São esses elementos que procuro levar em consideração na análise no próximo capítulo. Mas antes, faço uma descrição de como foi a geração de dados.

Como explicado no capítulo 1, para a Copa de 2014, foram analisados os cadernos de esporte do mês de junho, pois foi quando os jogos começaram, por isso, foi o mês que mais teve publicação de matérias. No *Globo* foram encontradas 301 notícias no mês de junho e na *Folha de São Paulo*, 182, das quais 75 foram selecionadas de ambos os meios de comunicação e 30 analisadas. Para o surto de ebola, ao fazer uma busca na versão online dos dois jornais, percebe-se uma quantidade grande de notícias durante o mês de outubro. No ano de 2014, *Globo*, publicou 124 reportagens sobre o ebola na editoria ‘sociedade’. Enquanto a *Folha de São Paulo* foram registrados 111 matérias, das quais selecionei, 120, destes, 32 são analisadas. Então, no total, estão presentes no trabalho, a análise de discurso de 62 notícias de ambos os jornais.

Estes jornais foram escolhidos primeiro por causa de seu poder econômico, cultural, social e político. Os jornais têm poder aquisitivo para produzir notícias com peso internacional. Além disso, possuem uma grande escala de distribuição. O foco é analisar as representações da África que os textos constroem, levando em consideração os autores da reportagem (verificamos se são de agências de notícias ou de jornalistas enviados ao local) e alguns elementos internos do gênero de discurso. Relaciono os textos em análise aos aportes teórico-metodológicos utilizados no capítulo 2, 3 e 4.

Os textos analisados foram escolhidos porque se enquadram mais nos objetivos da pesquisa, que é analisar como a mídia brasileira representa os africanos. Então, a seleção se norteou na base de elementos como o conteúdo e a tonalidade. Se explico que no imaginário dos brasileiros, a África e os africanos são representadas sob visões de fome, miséria, conflitos, doenças e animais selvagens, então os textos selecionados abordam essas temáticas. Em outras palavras, essas temáticas estão mais presentes, evidentes e recorrentes nesses textos selecionados.

Em algumas das análises, trago o print da página do jornal como apoio visual para o leitor. A escolha das páginas que aparecem na pesquisa foram, em maior parte, daquelas em que a imagem é indispensável para produção de sentido do texto, uma vez que a foto também foi analisada, nestes contextos.

No primeiro momento, a análise se divide em dois períodos, a pré-estreia da Copa e os jogos na/da Copa. Os textos foram analisados em sua cronologia linear, ou seja, de acordo com as datas da notícia. Optei por um diálogo entre os dois jornais, por isso analiso, em maior parte, além do tempo linear, matérias que foram produzidas pelos dois jornais sobre o mesmo assunto.

Analiso dois momentos distintos, a Copa do Mundo de Futebol de 2010 e o Surto de Ebola em 2014. Numa primeira leitura geral de notícias de jornal sobre o continente africano, observei que as notícias geralmente publicadas pelos jornais tendiam a ser negativas. Assim, com o recorte selecionado, tento trazer um momento em que poderiam predominar notícias positivas, como a Copa. Além disto, este é um evento que reúne pessoas do mundo inteiro. Sobretudo, era a primeira vez em que um país africano sediou o Mundial de Futebol. Como método de estudo, utilizo a Análise de discurso numa perspectiva bakhtiniana.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a geração de dados começou nas primeiras semanas de agosto de 2017. Realizei a assinatura dos dois jornais para ter acesso aos textos. Comecei com o jornal *O Globo* sobre Copa do Mundo e depois *Folha de S. Paulo*. As páginas dos jornais no acervo que criei eram organizadas por mês, dia e ano, assim, fiz uma leitura cronológica das matérias. As notícias eram somente do caderno de esporte, então, eu analisei as reportagens pensando nos objetivos da pesquisa, ou seja, escolhi as matérias pensando nas

possíveis representações de África e africano presente neles, focalizando elementos como o conteúdo temático, o contexto (africano) e a posição valorativa. Essa primeira etapa foi feita diariamente. Na segunda fase, fiz o mesmo processo para a geração sobre ebola nos dois jornais, depois do qual comecei a análise individual de cada notícia. Por exemplo, no caderno do esporte, que geralmente é composto por 15 a 20 páginas, escolhia as notícias com foco nos objetivos da pesquisa. Em outras palavras, para cada dia, li entre 15 a 20 páginas de matérias das quais selecionei os que se enquadravam mais para a análise. Não foi feita uma busca na lupa de ‘busca’, porque tinha notícias recentes e como as temáticas eram de tempos específicos, optei pelo acervo de calendários.

A seleção das temáticas Copa do Mundo e Ebola foi feita para analisar, nesses dois momentos diferentes, o tipo de discurso sobre África presente neles. Desde a minha chegada no Brasil, percebi uma tendência de as pessoas pensarem sobre o continente sob uma perspectiva negativa, e foi possível chegar à conclusão de que os meios de comunicação são uma das ferramentas que propaga essa perspectiva. Uma análise nos noticiários comprovou que das poucas vezes que a reportagem era sobre o continente, as notícias eram extremamente negativas. Nos jornais impressos, a África somente ganha espaço quando se refere a algum assunto de destaque internacional. Isso foi mais abordado na introdução da pesquisa. Entretanto, a partir dessa observação, optei por escolher dois momentos atípicos (de maior circulação de notícias sobre o continente), o surto de ebola, predominando tonalidades valorativas negativas, e a Copa do Mundo, este último visto um momento de celebração e porque foi a primeira vez em que um país africano sediou o mundial.

Essa segunda etapa de análise e seleção foi até o mês de abril de 2018, entretanto, ainda continuei fazendo releitura dos jornais. No primeiro momento, ao analisar os jornais, fiz por ordem cronológica, comparando os dois jornais numa sequência, mas no avançar da análise, se mostrou mais produtiva e necessária a criação de categorias para agrupar os textos. Com isso, poderia evitar a repetição e uma maior possibilidade de relacionar os teóricos com os textos sem esgotar a leitura. Na tabela (abaixo) estão todos os textos lidos e analisados, apresento informações gerais sobre os textos analisados, como título da reportagem, nome do/da autor/a, data de publicação e posição valorativa predominante no enunciado. Também indico a categoria na qual esse texto foi inserido na análise.

Quadro 1- Os jornais com suas tonalidades valorativas, categoria, autor e signo (continua)

COPA						
Jornal	Título da notícia	Data de publicação	Autoria	Signo	Posição valorativa	Categoria
O Estadão	Zuma promete segurança na África do Sul durante Copa	27/01/2010	Dominic Evans (Routers)	África	Negativo	violência/segurança
O Globo	No Zimbábue, O circo somos nós	01/06/2010	Carlos Eduardo Mansur e Renato de Alexandrino	Zimbábue	Negativo	Desigualdade sócio-econômica
	Zimbábue esperam um novo 'Messias'			África (continente)	Negativo	
Folha de São Paulo	Dunga rejeita asséio do Mugabe	03/06/2010	Fábio Zanini	Presidente africano	Negativo	Política
Folha de São Paulo	Carne suspeita, vuvuzelas e olas animam torcida	03/06/2010	Fábio Zanini, Paulo Capos, Martins Fernandez	Comida africana	Negativo	Cultura
O Globo	Zimbábue promete não machucar os brasileiros	01/06/2010	Carlos Eduardo Mansur	Africano (Jogador)	Negativo	violência/segurança
O Globo	Adrenalina no meio de Soweto	01/06/2010	Renato de Alexandrino	Sul-africano	Positivo	Cultura
Folha de São Paulo	Brasileiro sequestrado na África já pode voltar	01/06/2010	Dos enviados a Johannesburgo	África (país)	Negativo	violência/segurança
				africano (pessoa)	Negativo	
Folha de São Paulo	Rio' da Africa do Sul sofre para ver Brasil no mundial	04/06/2010	Rodrigo Bueno	África (país)	Negativo	violência/segurança
Folha de São Paulo	Carnaval antecipado	06/06/2010	José Geraldo Couto e Paula Cesarino Costa	Africano (pessoa)	Positivo	Cultura
Folha de São Paulo	Fifa contribuiu para esvaziar Copa	06/06/2010	Rodrigo Mattos	Africa do sul	Negativo	violência/segurança
	Até cobras fazem turistas evitar o país		Dos enviados a Johannesburgo		Negativo	
Folha de São Paulo	África real	07/06/2010	Rodrigo Mattos	Africano	Negativo	violência/segurança
Folha de São Paulo	África do sul se junta pela seleção	08/06/2010	José Geraldo Couto e Paula Cesarino Costa	Africano	Negativo	Relações raciais

Quadro 1- Os jornais com suas tonalidades valorativas, categoria, autor e signo (continuação)

Folha de São Paulo	O futebol está unindo brancos e negros no país	09/06/2010	Paula Cesarino Costa e Sérgio Rangel	African o	Negativo	Relações raciais
Folha de São Paulo	Visitantes temem estupro e Aids	09/06/2010	Laura Capriglione	African o	Negativo	violência/se gurança
Folha de São Paulo	Holanda conquista apoio negro e aproxima raças	10/06/2010	Rodrigo Mattos	Branco	Positivo	Relações raciais
				Negro	Negativo	
Folha de São Paulo	Jornalistas são assaltados em hotel na África do Sul	11/06/2010	Martín Fernandez	African o	Negativo	violência/se gurança
O Globo	A noite em que o mundo olhou a África	11/06/2010	Flávia Oliveira	África (país)	Positivo	Cultura
				African o	Positivo	
Folha de São Paulo	Bola rola, às 11h, na Copa do contraste	11/06/2010	Fábio Rangel e Rodrigo Mattos	África (país)	Negativo	Desigualda de sócio-econômica
				African o	Negativo	
Folha de São Paulo	Desordem marca show de abertura	11/06/2010	Laura Capriglione e Flávia Cesarino Costa	African o	Negativo	Cultura
O Globo	O fim de uma longa espera	11/06/2010	Jorge Luiz Rodrigues	African o	Positivo	Cultura
Folha de São Paulo	África sem copa	12/06/2010	Fábio Ianni	Branco	Positivo	Relações raciais
				Negro	Negativo	
Folha de São Paulo	A copa da África branca	12/06/2010	Fábio Seixas	Branco	Positivo	Relações raciais
				Negro	Negativo	
O Globo	Estreia Africana tem gosto de final	12/06/2010	Marceu Vieira	African o	Positivo	Relações raciais
O Globo	Cabeças feitas no dia a dia	13/06/2010	Flávia Oliveira	African o	Positivo /negativo	Cultura
O Globo	Domingo de fé e lazer em Soweto	14/06/2010	Flávia Oliveira	African o	Positivo	Cultura
O Globo	BIG 5	14/06/2010	Sidney Garambone	African o	Negativo	Relações raciais
O Globo	Os africanos excluídos da festa	18/06/2010	Marceu Vieira	African o	Negativo	violência/se gurança
Folha de São Paulo	Confronto em Durban faz 2 feridos	14/06/2010	Rodrigo Bueno	African o	Negativo	violência/se gurança
O Globo	Pequenos atos que valem mais que vitórias	25/06/2010	Guto Seabra	African o	Negativo	Des. sócio-econômica
O Globo	Dunga, agora em versão mais light	24/06/2010	Maurício Fonseca	African o	Negativo	Des. sócio-econômica

Quadro 1- Os jornais com suas tonalidades valorativas, categoria, autor e signo (continuação)

Folha de São Paulo	Paciente com Ebola 'luta por sua vida', diz órgão dos EUA	06/10/2014	das agências de notícias	Africano	Negativo	Política
Folha de São Paulo	Ebola tem a 1º contaminação fora da África, divulgada pela Folha	07/10/2014	de São Paulo	África	Negativo	Política
Folha de São Paulo	Europa terá mais casos de ebola, diz OMS	08/10/2014	das agências de notícias	Europa	Positivo	Política
O Globo	Os sete erros da Espanha	08/10/2014	Priscila Guilayn	Europa	Positivo	Política
Folha de São Paulo	Nigéria está livre do ebola, afirma OMS	21/10/2014	Giuliana Vallone	África (país)	Positivo	Política
O Globo	Um dia relativo de alívio em meio à tragédia da epidemia de ebola	21/10/2014			Positivo	Política
O Globo	Nigéria é exemplo a ser seguido na contenção do vírus, afirma OMS	21/06/2014	Leandro Guandeline		Positivo	Política
O Globo	Ebola é diagnosticado pela 1ª vez nos EUA.	01/10/2014	Roberta Jansen	África	Negativo	Des. Sócio-econômica
Folha de São Paulo	EUA diagnosticam 1º caso de ebola no país	01/10/2014	Das agências de notícia		Negativo	Des. Sócio-econômica
O Globo	Epidemia de ebola pode levar a retração dos investimentos na África	05/10/2014	Lucianne Carneiro		Negativo	Des. Sócio-econômica
Folha de São Paulo	É preciso conter o medo da população diante do ebola	14/10/2014	Fabio Brisola		Positivo	Des. Sócio-econômica
O Globo	Paciente com ebola havia sido liberado de hospital	02/10/2014	Não indicado		Negativo	Des. Sócio-econômica
O Globo	Protocolo de ebola não funcionou nos EUA	02/10/2014	Giuliana Vallone	Estados Unidos	Positivo	Violência/segurança
O Globo		11/10/2014	Não indicado	Africano	Negativo	Violência/segurança
Folha de São Paulo	Em Cascavel (PR), imigrantes relatam mais preconceito	11/10/2014	Juliana Coissi e Luiz Carlos da Cruz	Africano	Negativo	Violência/segurança
Folha de São Paulo	Suspeito forçou quarentena de 60 em hospital					
Folha de São Paulo	Paciente melhora, e infecção por ebola é pouco provável	11/10/2014	Johanna Nublat	Africano	Negativo	Violência/segurança
O Globo	1º caso de ebola no país é pouco provável	14/10/2014	Giuliana Vallone	Africano	Negativo	Violência/segurança
Folha de São Paulo	Pânico é mais rápido que ebola, afirma OMS					
Folha de São Paulo	Paranoia em relação ao ebola	14/10/2014	Rodrigo Salem	África	Negativo	Violência/segurança
O Globo	Sindicato americano denuncia falhas no cuidado de pacientes	16/10/2014	Da Associated Press	EUA	Negativo	Violência/segurança

Quadro 1- Os jornais com suas tonalidades valorativas, categoria, autor e signo (conclusão)

O Globo	EUA armam cerco ao ebola	03/10/2014	Flávia Milhorance	Africano	Negativo	Violência/segurança
O Globo	Segundo caso de ebola coloca EUA em estado de alerta	16/10/2014	Não indicado	África	Negativo	Violência/segurança
O Globo	Um site pode fazer muito; mídias sociais engajam	14/10/2018	Jailton de Carvalho e Flávia Milhorance	África (país)	Positivo	Cultura
	Guineano deixa isolamento e deve ter alta				Negativo	Cultura
Folha de São Paulo	Até cem pessoas nos EUA podem ter se expostos ao ebola	03/10/2014	Giuliana Vallone	Branco	Positivo	Relações raciais
				Negro	Negativo	
O Globo	Novos casos de suspeitos de ebola são isolados nos EUA e na Europa	09/10/2014	Não indicado	Branco	Positivo	Relações raciais
				Negro	Negativo	
Folha de São Paulo	EUA têm primeira morte devido ao ebola	09/10/2014	Giuliana Vallone	Africano	Negativo	Relações raciais
O Globo	Irmãos africanos são espancados na escola por causa do ebola	29/10/2014	Renato Grandelle	Africano	Negativo	Relações raciais

Fonte: A autora (20/10/2018).

5 A REPRESENTAÇÃO DE ÁFRICA E DE AFRICANOS NA *FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO*

Neste capítulo, apresento as análises dos enunciados, separando-os por categorias: política, violência e segurança, desigualdade socioeconômica, cultura e relações raciais. Nessas categorias estão divididos os textos relativos à Copa do Mundo (2010) e os textos sobre o surto de ebola (2014). Analiso primeiro os textos que trataram no mundial de futebol; depois, os que trataram da epidemia de ebola. Retomo, antes dessas análises, o contexto extraverbal e cadeias enunciativas em que esses enunciados inseridos. Sendo assim, primeiro apresento uma breve história de como surgiu o evento da Copa no Mundo, contexto e cadeia nos quais se inserem os textos sobre o mundial na África do Sul.

Como demonstrado por Damo (2002), o futebol é uma atividade que reúne grupos de pessoas, torcedores, e também é uma forma de sociabilidade no mundo inteiro. A Copa do mundo é um dos momentos em que isso se torna evidente. A primeira edição de copa foi realizada em 1930, sediada no Uruguai, que foi campeão do mundo naquele ano (NAPOLEÃO, 2012).

A ideia de reunir pessoas do mundo inteiro para jogar futebol surgiu em 1902 quando um comerciante holandês, Carl Anton Wilhelm Hirschman, redigiu um estatuto para reunir as federações de futebol do mundo inteiro (NAPOLEÃO, 2012).

A partir de 21 de maio de 1904, com a fundação da FIFA, o sonho ganhou força, mas nenhum dos países filiados à entidade quis assumir a responsabilidade de organizar a competição. Somente em 1919, quando o francês Jules Rimet foi eleito presidente da FIFA, o projeto da competição começou a ser posto em prática (NAPOLEÃO, 2012, p. 19).

Depois que foi estabelecido, a FIFA aprovou o torneio que passou a ser disputado de quatro em quatro anos. Levou oitenta anos para o mundial ser realizado em um país africano. Desde 1930 até 2014 foram realizadas 20 edições da Copa do Mundo, e a África do Sul foi o primeiro país africano a ser país anfitrião. Em 2004, foi anunciado que a Copa do Mundo de 2010 teria sede na África do Sul, em treze estádios, em diferentes cidades, entre eles a capital Johannesburgo, no estádio Soccer City, com capacidade de 84.490 pessoas. A escolha foi realizada através de uma votação feita pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

5.1 POLÍTICA

Os enunciados agrupados nesta categoria dizem respeito a algum aspecto político no continente africano que estão relacionados ou que diretamente influenciaram a realização da Copa do Mundo em 2010.

O jornal *Folha de S. Paulo* informa sobre a chegada do time brasileiro para um amistoso no Zimbábue. Com o título, “*Dunga rejeita assédio do Mugabe*¹⁰”, (1/06/2010, p. D7), o texto tem autoria de um repórter, enviado especial a Zimbábue, Fábio Zanini. O repórter abordou as questões políticas ligadas ao futebol e como o presidente possuía interesse em faturar politicamente com a presença da equipe. Segundo Zanini, o presidente Mugabe estava insistindo em ver a equipe antes do amistoso para obter a ‘paternidade do jogo’, ressalta o autor. “Em um país fanático por futebol, uma imagem do presidente ao lado dos jogadores é valiosa”, salienta (FOLHA de SP, 01/06/2010, p. D7). Para um país que o autor descreve como “fanáticos por futebol”, a falta de organização e torcida parece demonstrar outra coisa. É bem evidente que o fanatismo dos zimbabuanos não fosse pelo futebol, mas sim pela seleção brasileira, especialmente pelos jogadores mundialmente famosos. Esse enunciado reforça estereótipos de jogadores africanos como desorganizados e despreparados além de uma situação política problemática a ponto do autor considerar a visita do ex-presidente como um assédio. Deste modo, remete ao que Oliva (2005) trata ao afirmar que os brasileiros reproduzem em seus imaginário as notícias que circulam pela mídia, e que revelam um continente marcado pela muitas coisas, entre eles, a instabilidade política e a falência econômica. Concordo com Oliva (2005) ao dizer que esses problemas, “frutos das diásporas da escravidão, das presenças colonialistas e das contingências internas da própria África após a Segunda Guerra” (p. 111), transformaram-se em imagens que influenciam o modo de pensar sobre o continente.

O repórter da *Folha* explicou que, para a partida de amistoso com o time de Zimbábue, a seleção brasileira foi uma das primeiras a chegar em solo africano. Isso porque outros times estavam adiando sua chegada até o limite permitido pela FIFA. Segundo o jornalista, o time brasileiro foi um dos únicos ‘do primeiro mundo da bola’ a manter relações com as regiões pobres da África, pois “todas as outras grandes equipes do mundo só pisaram na África negra para jogos nos mais ricos da área, justamente África do Sul”. (FOLHA de SP, 02\06\2010), ato que fez com que a “seleção ganhe corações e mentes africanas ao se exibir em nações pobres, como o Zimbábue”, afirmou a Folha.

¹⁰ Ver print no anexo 1

A ‘África negra’ como o texto indica e o fato de ser relacionada como ‘nação pobre’ suscita para o leitor que existe uma África branca e que não é pobre. Mesmo que o autor não mencione isso diretamente no texto, fica evidente ao afirmar que a seleção brasileira é um dos únicos ‘do primeiro mundo da bola’ a manter relações com **as regiões pobres da África** (destaque inserido) e, por isso, ela ganha ‘corações e mentes africanas’. Haveria regiões ricas na África, mas o autor não menciona onde nem quais. Zanini descreve a ‘África negra’ como ‘nação pobre’; esta é uma forma preconceituosa de associar pobreza a pessoas negras. É possível fazer essa afirmação porque assim como Bakhtin (2010) entendo que um enunciado tem fundamentos num contexto, numa situação e nas circunstâncias sócio-históricas. Nesse sentido, reforço que, sistemas ideológicos constituídos das estruturas sociais influenciam e se alimentam da ideologia do cotidiano. Além disso, os signos são arenas de lutas ideológicas, refletem e refratam ideologias e relações de poder (VOLÓCHINOV, 2010). Nesse texto, tomamos como signos “África negra” e “nações pobres”.

5.2 DESIGUALDADE SÓCIO-ECNOMICA

Figura 1: Capa do jornal



Fonte: O Globo do dia 01/06/2010, capa.

A figura acima é a capa do caderno de esportes do jornal do *Globo* do dia 01/06/2010, sobre uma notícia de jogo amistoso entre a seleção brasileira e a zimbabuana. O jogo aconteceu no Zimbábue. A legenda da foto explica que o menino segura uma arma falsa e fica posicionado no sentido do estádio onde será o amistoso entre Brasil e Zimbábue, mas não informa nada sobre a foto no texto. Como leitor, a imagem de um menino vestindo uniforme militar e segurando o que parece ser um fuzil apresenta a ideia de que crianças fazem parte do exército militar dentro do estádio. Esta foto dialoga com outras imagens de conflitos políticos e étnicos em outros países africanos das quais participaram crianças, como em Serra Leoa (republicaserraleoa.blogspot.com), no Sudão do Sul, na República Democrática do Congo, na Libéria, na Angola e na Somália. Essas imagens foram veiculadas em filmes, jornais e revistas.

Assim, a foto dialoga com discursos anteriores sobre o continente que tratam da violência e faz parecer que a violência é generalizada no continente e que é normal que as crianças participem das lutas/guerras como soldados.

O uso da foto do menino não é uma escolha aleatória. O enunciado em questão é composto pelas linguagens verbal e visual. Assim, o sentido é produzido não somente pela parte verbal, mas o elemento visual das roupas que o menino veste e a arma de madeira pode suscitar no leitor um significado de violência. Segundo Bakhtin (2010;1992), o discurso não verbal também possui significados e pode gerar interpretações que podem influenciar o leitor. O autor enfatiza que o enunciado é um ato individual e social, uma vez que o autor produz seu enunciado a partir de palavras alheias e em diálogo com outros enunciados. A imagem remete a outros enunciados relativos ao exército em atividade, que pode remeter à guerra. O estereótipo também poder ser abordado nesse texto. Edward Said (2007), que propõe uma semiótica do poder “orientalista” no livro *Orientalismo*, discute a representação que o Ocidente faz do Oriente. Ele explica que o Oriente é visto, pelo resto do mundo, através de lentes de fábula, do estereótipo e do confronto polêmico.

O título ‘*O circo somos nós*’ se refere à seleção brasileira, que foi apresentada como um milagre para um dos países mais pobres do mundo, assim como informa texto que acompanha a capa. As notícias nas páginas 4 e 5, como indica na capa, descrevem que a seleção brasileira levou alegria e diversão para o país africano. A primeira notícia é *Zimbabuanos esperam um novo ‘Messias’* (GLOBO, 1/06/2010, p. 4), é de autoria de Carlos Eduardo Mansur e Renato de Alexandrino. Os autores do texto explicam o fato de que a ida do time brasileiro para um amistoso antes da Copa do Mundo era um ato muito especial e importante a ponto de os Zimbabuanos esquecerem seus problemas e viverem momentos felizes, algo que jamais aconteceria se não fosse pelo time brasileiro. Este não chegou apenas como “time de futebol, mas como esperança de salvação”, afirmam os dois repórteres do jornal. A ida do time brasileiro àquele país foi tão impactante que foi comparada à segunda vinda de Jesus. A representação da seleção brasileira como “messias” está ligado ao que Fanon (1997) explica como a representação que o colonizador faz do colonizado. Para ele, o colonizador tenta justificar sua dominação sob uma faixa de modernidade, uma justificativa humanística no sentido de ajudar os povos menos desenvolvidos, mas cujo objetivo é desumanizá-los. A presença da seleção ser relacionada como salvador e forma de trazer alegria aos zimbabuanos é definir que eles eram tristes. Martino (2010) e Fanon (1997) apontam para uma violência ‘de ser’ onde o colonizador retira o direito ‘de ser’ do colonizado para tornar-se um algo e exclui a possibilidade do

colonizado pensar em si como ser autônomo. Dessa maneira, tudo que é pensado sobre o colonizado é através do cânone\lente do colonizador.

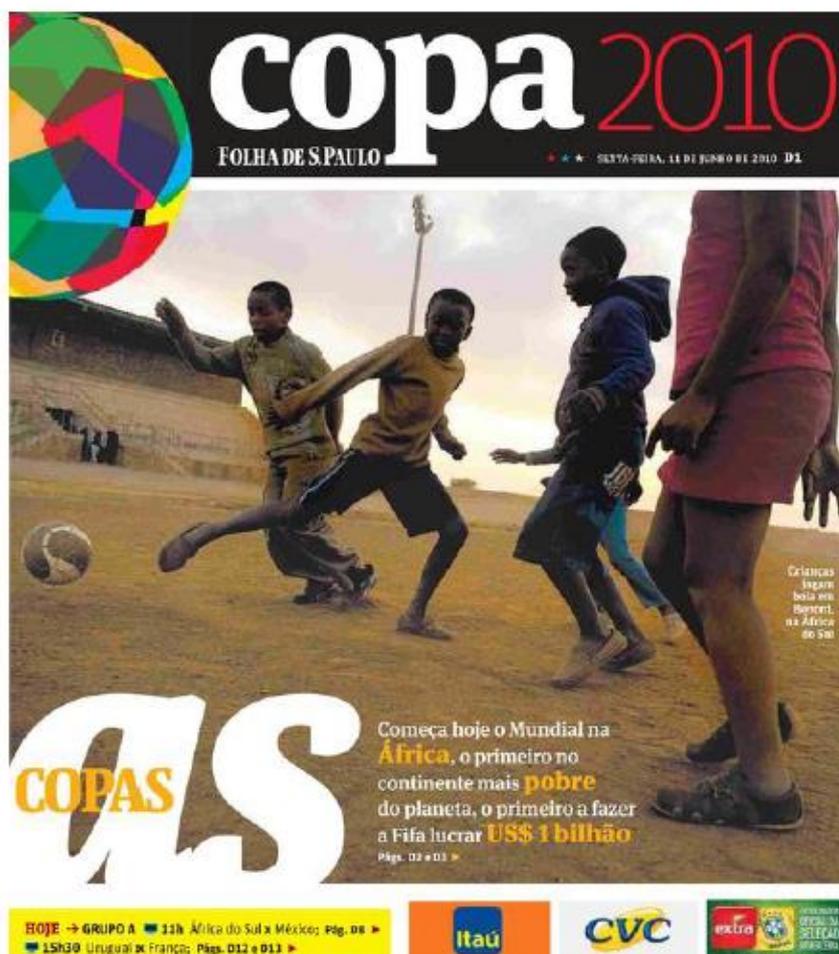
O autor da notícia aponta que a situação econômica, social e política do país é uma das mais precárias do mundo pela “incapacidade de combater Aids e cólera”, o que reduz a expectativa de vida dos zimbabuanos para 42 anos. A frase em destaque acima justamente reforça a ideia dos dois autores. No texto, os zimbabuanos são vistos como pessoas em situações somente desumanas, o jornalista excluiu a possibilidade de eles serem autônomos. Em meio a essa situação complicada e precária que vivem as pessoas deste país, a ida do time brasileiro é, para o jornal *O Globo*, uma oportunidade deles ficarem felizes enquanto a seleção estiver visitando, pois esta é o novo ‘Messias’. O jornal ainda afirma que:

Para uma população que por vezes se julga fora do mapa-mundi, esquecida mesmo, a presença de estrelas como Kaká representa a sensação única de que o mundo estará olhando por eles. Para os governantes, é a tradição de oferecer circo onde falta pão (GLOBO, 1/06/2010, p. 4).

Por esse motivo, os autores consideram o time brasileiro como circo e como a salvação do povo de Zimbábue. A notícia reforça enunciados anteriores referentes ao continente como lugar da fome e da miséria. Por essa perspectiva historicamente construída, é possível construir a imagem da seleção brasileira como o circo. Além disso, no final da matéria, o repórter conclui que apesar de tudo, esses problemas são demais para a seleção amenizar. Mas além de tudo, a partida do jogo dá visibilidade aos jogadores do país africano. A notícia parece dialogar com outros enunciados anteriores que apresentam o continente africano como o lugar da miséria, da fome e de doenças, visão predominante sobre a África por parte de muitos brasileiros. Além de demonstrar como a Europa construiu a visão da África como país pobre e com pessoas com doenças que precisam da intervenção para sobreviver. Para Bhabha (2010) o discurso colonial é essencial para traçar o estereótipo, pois ele é construído sob enunciações históricas, sob um discurso que é “uma articulação complexa dos tropos do fetichismo”, (BHABHA, 2010, p. 119).

Cabe perguntar o que faz com que os jornalistas acreditem que “a população por vezes se julga fora do mapa-mundi, esquecida mesmo”. Seria essa a posição valorativa dos autores do texto em relação a essa população e ao país transferida à população? O texto não indica que os autores tenham ouvido as vozes de pessoas do país para chegar a essa conclusão. Assim, parece que a posição dos autores é colocada como sendo a voz da população.

Figura 2: Contracapa do jornal



Fonte: Folha de SP, 11/06/2010, capa.

A chamada para a matéria diz: “As copas: começa hoje o Mundial na África, o continente mais pobre do planeta, o primeiro a fazer a Fifa lucrar US\$ 1 bilhão”. Frase que ganha sentido ao ler a matéria na página D2. Mas apenas a leitura permite compreender que no texto completo o autor vai explorar a contradição: pobreza X lucro, além disto, a imagem também nos remete à contradição de crianças jogando em campos em condições precárias ao passo que os jogos do mundial são realizados em grandes e novos estádios em ótimas condições. Desde a chamada, então, se explora o sentido das contradições desta Copa no continente africano.

Figura 3: Notícia sobre abertura da Copa

D2 **copa2010** ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 2010 FOLHA DE S. PAULO

Bola rola, às 11h, na Copa do contraste

Antes do 1º Mundial na África, receitas da Fifa chegam a US\$ 1 bi

FÁBIO IANNI
RODRIGO MATOS
ENVIADOS ESPECIAIS A JORNALISMO

Começa hoje a primeira Copa da África. Começa hoje a 19ª Copa da Fifa. Por 31 dias, o futebol viverá a contradição entre as peculiaridades africanas e o modelo padrão da Copa do Mundo.

O ponto de partida é a estreia da África do Sul diante do México, às 11h, no Soccer City, não por acaso localizada em Soweto, foco maior da resistência ao apartheid.

A Copa da África é dominada pelo público local: responderá por 80% dos torcedores, a maioria com ingressos baratos. Muitos obtidos após a Fifa tender-se à realidade do país, com 50% da população abaixo da linha de pobreza, e reduzir preços.

Outra barbatana, cuidadosamente corrigida, foi confiar demais nas vendas on-line, como se a África do Sul, com 8% da população conectada à internet, fosse Alemanha.

A Copa da Fifa era planejada para ter 500 mil estrangeiros, boa parte em pacotes luxuosos. A crise financeira, o medo da violência e os preços altos reduziram o número a menos de 600 mil.

A Copa da África é a renovação da paixão do torcedor local pela sua desmoralizada seleção. Um mar de camisas amarelas saudou os Bafana Bafana (apelido da seleção) no bairro rico (e majoritariamente branco) de Sandton.

Para receber o evento, o país teve de se submeter a uma série de regras que des-

gradaram a muitos sul-africanos. Um preço que aceitou pagar para mostrar ao mundo uma África do Sul moderna e com democracia racial.

Nada foi mais polémico do que a aceitação da primazia dos patrocinadores da promotora do evento. A Copa da Fifa é, por exemplo, a ocupação da praça de um shopping pelo estande da Samsung, que dificulta a circulação do povo.

Mais barulhento ainda foi a proibição de que trabalhadores informais continuassem vendendo seus produtos em "zonas de exclusão", num país em que esse setor representa 15% da economia.

A Copa representa gasto de R\$ 8 bilhões do governo para estádios, alguns fortes candidatos a elefantes brancos. Representa ainda a entrega de arenas de primeira linha a tempo do evento.

A Copa da África são seus cantores que participaram do concerto de abertura após protesto por terem ficado de fora. A da Fifa iria pouco além da popular Shakira.

A Copa da África é Muntari, Mokoena, Drogba (ainda), o Ito'o. E também Maradona, que não se enquadra no script da Fifa e volta ao Mundial 15 anos depois.

A Copa da Fifa é Messi, Kaká e Cristiano Ronaldo, estrelas que a ajudam a se expandir pelo mundo. Essas contribuíram para que ela tenha um aumento de 50% de suas receitas neste Mundial em relação à Alemanha – ganhou US\$ 1 bilhão só em 2009.

Com a ajuda da África pobre, a Fifa é bilionária.

Nada foi mais polémico do que a aceitação da primazia dos patrocinadores da promotora do evento. A Copa da Fifa é, por exemplo, a ocupação da praça de um shopping pelo estande da Samsung, que dificulta a circulação do povo.

Mais barulhento ainda foi a proibição de que trabalhadores informais continuassem vendendo seus produtos em "zonas de exclusão", num país em que esse setor representa 15% da economia.

A Copa representa gasto de R\$ 8 bilhões do governo para estádios, alguns fortes candidatos a elefantes brancos. Representa ainda a entrega de arenas de primeira linha a tempo do evento.

A Copa da África são seus cantores que participaram do concerto de abertura após protesto por terem ficado de fora. A da Fifa iria pouco além da popular Shakira.

A Copa da África é Muntari, Mokoena, Drogba (ainda), o Ito'o. E também Maradona, que não se enquadra no script da Fifa e volta ao Mundial 15 anos depois.

A Copa da Fifa é Messi, Kaká e Cristiano Ronaldo, estrelas que a ajudam a se expandir pelo mundo. Essas contribuíram para que ela tenha um aumento de 50% de suas receitas neste Mundial em relação à Alemanha – ganhou US\$ 1 bilhão só em 2009.

Com a ajuda da África pobre, a Fifa é bilionária.



A banda Black Eyed Peas se exhibe durante o show de abertura da Copa da África

CRÍTICA

Fergie e Shakira encantam os olhos que só verão marmanjo

XICO LÁ
COLUNISTA DA FOLHA

Fosse só um clipe ou um vídeo padrão do YouTube, a cerimônia longa-metragem da abertura da Copa seria um sucesso. Não nos daria a honra de umas pescadarias.

Bastava o incrível rebolado da Shakira. Fergie indignando onde está o amor e, sem esquecer a "real política",

Dosamed Tutu em tabelinha com imagens de Mandela.

Homemagearia a globalização da Democracia Corintiana, com a imagem do doutor Sócrates, que estava no palco para fazer a campanha bom de bola/bom de escola.

O sensacional dessas cerimônias é que temos consciência de que elas serão mordermentas e, mesmo assim, curemos para a besteira da TV

ou do computador.

Mas, amigos, voltemos a Shakira e Fergie. Para nós, marmanjos dispostos a encarar 64 jogos, com 352 homens curruado atrás de uma bola, foi uma licença-prêmio de véspera. Como se pergunta "onde está o amor" com aquelas vestes? Fergie teve a manha de usar a indagação de um hit com seu figurino.

Palmas também para os percussionistas do "pata-pata", que homenagearam a Miriam Makeba. Da plateia, não trocaríamos nada. Os balaios da África do Sul entendem de superação e festa.

Fonte: Folha de SP, 11/06/2010, p. D2.

Na matéria *Bola rola, às 11hs, na Copa do contraste* (11/06/2010, p. D2), Fábio Ianni e Rodrigo Matos, enviados da *Folha* para cobertura da Copa, informam que a Fifa teve bastante lucro com a Copa na África, pois a estimativa de gastos foi menor do que o padrão da instituição. Os autores começam com uma comparação entre o padrão da Fifa para a Copa e como ela teve que fazer ajustes para o local escolhido. A frase "Começa hoje a primeira Copa da África. Começa hoje a 19ª Copa da Fifa. Por mais 31 dias, o futebol viverá a contradição

entre as particularidades africanas e o modelo padrão da dona do Mundial”. (FOLHA de SP, 11/06/2010, p. D6). Assim, a contradição anunciada na capa é reforçada desde o primeiro parágrafo do texto.

Essa informação aponta o contraste entre o padrão da instituição e a realidade do país sede. Implica a dualidade entre duas coisas. Os autores começam explicando que mais de 80% dos torcedores são do público local e pagaram o ingresso por preço muito barato. Segundo Ianni e Matos, a Fifa teve que se render à realidade do país, o que os autores assinalam como os 50% da população que vive abaixo da linha da pobreza. Ou seja, o contraste de que se fala no título é de um país pobre e a riqueza da Fifa. Assim, a experiência que as pessoas terão, segundo os autores, é de um lugar cuja realidade não se adequa aos padrões da Fifa. Voltando para o título, o leitor entende que *a Copa do contraste* pode ser interpretada como a Copa dos pobres versus a Copa da Fifa.

Os autores ainda continuam: “Outra barbeiragem, tardiamente corrigida, foi confiar demais nas vendas online dos ingressos, como se a África do Sul, com 8% população conectada à internet, como se fosse Alemanha”. Em outras palavras, a África do Sul não é apropriada para sediar a Copa porque lhe falta o mínimo, que seria o acesso à tecnologia para compra dos ingressos assim como faltam condições financeiras, obrigando a Fifa a baixar o valor dos ingressos.

A questão da violência aparece de novo. Lembrando que, logo após o anúncio do lugar sede do Mundial e desde o início do ano da Copa, essa questão já tinha sido levantada por alguns jornais inclusive brasileiros, como o *Estadão*. Os autores atestam, portanto, que a baixa venda dos ingressos da Copa também estava ligada à violência na África do Sul. O que me leva a questionar, violência em que momento? A violência que compõe o imaginário sobre o continente? A violência ocorrida em Angola? A partir de que informações e dados sobre violência os torcedores teriam deixado de ir à Copa?

Para os jornalistas, a Copa da África representa a renovação da paixão do torcedor local pela sua “desmoralizada seleção”. Ao longo do texto, mostram polaridades de diferenças entre as exigências de gastos e a exclusão de parte da população local pela gloriosa Copa do Fifa e as consequências locais para a pobre Copa da África. No final da reportagem, expressam que a participação de artistas locais na festa de abertura somente aconteceu porque protestaram por terem ficado de fora. Mas a Copa da Fifa teria ido além da cantora Shakira.

O texto termina com o parágrafo:

A Copa da África é Muntari, Mokoena, Drogba (ainda), é Eto'o. É também o Maradona que não se encaixa no script da Fifa e volta ao Mundial 16 anos depois. A Copa do Fifa é Messi, Kaká e Cristiano Ronaldo, estrelas que a ajudam a se expandir

pelo mundo. E que contribuíram para que ela tivesse um aumento de 50% de suas receitas neste mundial em relação à Alemanha – ganhou US\$ 1 bilhão só em 2009. Com ajuda da África pobre, a Fifa é bilionária (FOLHA, 11/06, p. D11).

Ou seja, a Copa da África não deu certo. Os jogadores africanos não contribuíram nada igual jogadores como Messi e Cristiano Ronaldo, como mencionado acima. Certamente, para o jornal, além da Copa da África ser totalmente fora do padrão o Mundial deixou a desejar. Os contrastes entre a Copa da Fifa e Copa da África deixam evidente que são eventos diferentes, onde um é garantia de sucesso, por seus pacotes luxuosos de hotéis e os artistas internacionais. Enquanto o outro está inclinado ao fracasso. A reportagem na próxima página do jornal corrobora essa interpretação. Antes, porém, convém assinalar que os autores concluem afirmando que foi essa Copa pobre da África que possibilitou o enriquecimento da Fifa, deixando-a bilionária. Deste modo, pode-se compreender que a Fifa ocuparia uma posição de exploração em relação à realidade africana.

Os autores reforçam a representação da África como lugar de pobreza, sem mencionar o desenvolvimento econômico de países africanos, como a própria África do Sul e a Nigéria. Deste modo, os autores alimentam-se do estereótipo e o alimentam.

Esse contraste de uma copa da África pobre versus a copa luxuosa da Fifa normaliza e privilegia o segundo como a norma em detrimento ao primeiro. Desta forma, elege “uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (SILVA, 2000, p. 83). Embora entenda, assim como Silva (2000), que os sistemas classificatórios dão sentido e ordem à vida social, desconstruir esses binarismos é desnaturalizar o discurso. Para Silva (2000), o problema com a normalização é que ela atribui a essa identidade características positivas em relações às quais as outras só podem ser avaliadas de forma negativa, tornando assim, o padrão, a identidade.

No texto *Dunga, agora em versão mais light*, Globo, 25\06 (anexo C), aparece uma foto com o técnico e duas crianças negras segurando sua mão. Pelo título, pode-se imaginar que ele está mais tranquilo porque passou tempo com as crianças ou algo do tipo. Mas ao ler o subtítulo: “Técnico pede desculpas aos torcedores pelo destempero e brinca com crianças da favela de Durban”, mostra que o texto tenta humanizar Dunga. O uso da frase ‘crianças da favela’ tem intenção de suscitar algum reconhecimento no leitor pelas características de pessoas que moram numa favela, como pessoas pobres, em situação precária ou de risco. Essas crianças seriam, então, carentes. Deste modo, Dunga é apresentado como alguém não só mais controlado e menos conflituoso como também alguém generoso por brincar com crianças carentes africanas.

Segundo alguns autores já mencionados no texto, em específico Stuart Hall (1997) e Regina Dalcastanagè (2000), há várias maneiras de se trabalhar estereótipos. Pode-se confrontá-los, criticá-los, problematizá-los ou simplesmente descrevê-los. Os textos analisados dialogam com discursos anteriores sobre a África do Sul, sobre o continente africano e sobre os africanos. Nesse diálogo, são reforçados estereótipos e preconceitos, que, por outro lado, guiam a produção dos próprios textos. O diálogo entre os textos, como afirma Bakhtin, é constitutivo da linguagem. Cada enunciado faz parte de uma cadeia de enunciados. Essa cadeia remonta ao que historicamente tem sido dito no Brasil sobre a África e os africanos.

A África, frequentemente apresentada como um país, tem sido visto, não apenas no Brasil, como o lugar da violência e da pobreza. Vários dos textos lidos retomam essa representação e a reforçam. Os africanos, por sua vez, têm sido representados como pobres, violentos, sujos e primitivos. Essa representação também tem sido repetida nos textos analisados. Poucos textos apresentam alternativas a essa representação, de modo que tanto o continente como os africanos sejam representados como organizados, em conexão com a contemporaneidade (desenvolvidos, portanto), acolhedores, calorosos, multiculturais e centrais para a história da humanidade. São poucos, portanto, os textos que possibilitam histórias alternativas à história única que tem sido constantemente contada sobre a África e os africanos.

5.3 VIOLÊNCIA/SEGURANÇA

No primeiro momento, alguns meses antes da realização da Copa, foi feita uma pesquisa acerca das notícias sobre a África do Sul para verificar o que os jornais estavam falando sobre o país anfitrião e como exemplo, trouxe a notícia do jornal Estadão. No ano da Copa, foram levantadas questões sobre a segurança do país anfitrião. *O Estadão* publicou sobre isso na matéria, “*Zuma promete segurança na África do Sul durante a Copa*” (27/01/2010)

Figura 4: Reportagem sobre a seleção do país sede


Esportes








Zuma promete segurança na África do Sul durante Copa

'A África do Sul elaborou um plano claro em termos de segurança', garante presidente sul-africano

Dominic Evans, REUTERS
27 Janeiro 2010 | 15h20

SIGA O ESTADÃO





Cupons Estadão

Cupom Ame
Até 10% de desc.

Descontos :
Notebooks com a

Promoção C
Até 10% de desc.

O presidente da África do Sul, Jacob Zuma, minimizou nesta quarta-feira temores de ataques durante a Copa do Mundo deste ano, prometendo que a África do Sul sediará uma competição segura que deixaria um legado de desenvolvimento econômico.

Homens armados atacaram a seleção de Togo na Copa Africana de Nações no início do mês, matando dois membros da delegação e levantando questões sobre a segurança no evento a ser realizado na África do Sul em junho e julho.


Esportes

O orçamento de segurança não foi divulgado, mas 52 mil policiais estarão presentes durante o mês da Copa do Mundo, que começa no dia 11 de junho. Ao menos 13 bilhões de rands (1,8 bilhão de dólares) já foram gastos em novos estádios e infraestrutura.

Zuma disse que a competição revelaria a África do Sul como um destino de comércio, negócios e turismo, e que os projetos de infraestrutura que vieram antes da Copa estimularam a economia.

A experiência de preparar um país para sediar a competição também o deixou pronto para continuar "um enorme programa de desenvolvimento na infraestrutura para os próximos cinco anos", afirmou Zuma.

Mais conteúdo sobre:

Copa 2010

África do Sul

Zuma

futebol

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

Mas Zuma disse que seria errado comparar a segurança em seu país com a de Angola, que ele disse ter "acabado de sair de uma guerra" e fica a quatro horas de avião de seu país.

"A África do Sul elaborou um plano claro em termos de segurança", disse Zuma aos delegados no Fórum Econômico Mundial, que está sendo realizado em uma estação de esqui em Davos. "Nossas forças policiais, com a ajuda do Exército e outros elementos de segurança, estão muito esclarecidos e prontos. "Nada irá acontecer".

A África do Sul não sofre de violência política como o enclave de Cabinda em Angola, onde separatistas que lutam uma guerra de baixa escala há três décadas abriram fogo contra um ônibus da equipe togolesa. No entanto, crime é uma grande preocupação para os anfitriões da Copa do Mundo.

O orçamento de segurança não foi divulgado, mas 52 mil policiais estarão presentes durante o mês da Copa do Mundo, que começa no dia 11 de junho. Ao menos 13 bilhões de rands (1,8 bilhão de dólares) já foram gastos em novos estádios e infraestrutura.

Zuma disse que a competição revelaria a África do Sul como um destino de comércio, negócios e turismo, e que os projetos de infraestrutura que vieram antes da Copa

ck.net...

Fonte: Estadão, 21/01/2010.

O texto foi assinado pelo repórter, Dominic Evans, da Reuters, uma agência britânica de notícias do mundo, o que aponta para o fato de dialogar com enunciados não apenas da cultura brasileira, mas de outras culturas. Segundo o jornalista, os tremores que levaram ao questionamento da segurança no país começaram depois da notícia de um ataque, em Angola, à seleção de Togo na Copa Africana de Nações, matando dois membros da delegação togolesa.

Os primeiros dois parágrafos informam que o presidente da África do Sul tentou minimizar os temores e sobre o ataque. Logo em seguida, na citação da fala do presidente sul-africano, explica-se que o ocorrido aconteceu em Angola e garante que há segurança em seu país. Mais adiante o jornal esclarece que:

A África do Sul não sofre de violência política como o enclave de Cabinda em Angola, onde separatistas que lutam uma guerra de baixa escala há três décadas abriram fogo contra um ônibus da equipe togolesa. No entanto, crime é uma grande preocupação para os anfitriões da Copa do Mundo. (ESTADÃO, 27/01/2010).

Na citação, embora afirme que a África do Sul não sofre com violência igual a Angola, declara que crime é um problema para o país, deixando, mesmo assim, no imaginário do leitor, preocupações sobre a segurança no país. No começo do texto imagina-se que houve um ataque na sede do mundial, por isso questiona-se a segurança no país. Mais adiante, esclarece, na fala do presidente do país, que o ocorrido aconteceu num país "que fica quatro horas de avião de

seu país”, afirma o jornal. No final da notícia, descreve como a ofensiva aconteceu e reforça que haveria 52 mil policiais durante o mês da Copa.

Essa notícia parece dialogar com o imaginário social de que na África há muita violência, em função de lutas étnicas e políticas. Embora o ataque ao ônibus tenha ocorrido no evento esportivo em Angola, a notícia discute a possível violência na África do Sul. Essa preocupação parece desconsiderar as especificidades de cada país africano. É possível que esta posição esteja ligada ao fato de frequentemente o continente africano ser tratado como um país. Assim, esta notícia pode estar dialogando com diferentes discursos anteriores que circulam sobre a África: violência e a divisão político-territorial do continente. Como afirma Adichie em sua fala do TED, predomina internacionalmente a visão de que África é um país.

A questão dos africanos serem representados como violentos ou a África como um lugar perigoso é algo que já está embutido na história. É o que Conceição (1998) aborda ao tratar sobre a representação dos negros na mídia. Segundo ele, a imagem do negro é muitas vezes associada à violência criminal. Albuquerque e Filho (2006) pensam que o fato de os negros serem representados como tal está ligado ao período de escravidão onde as formas de resistência do povo africano eram tomadas como características agressivas e violentas dos sujeitos.

A violência parece ser vista como um sinal de pouco desenvolvimento, uma vez que, no primeiro parágrafo da notícia, o autor apresenta a fala do presidente como uma promessa de uma competição segura como legado de desenvolvimento econômico. A segurança está, assim, relacionada ao desenvolvimento enquanto que a violência torna-se vinculada à falta de desenvolvimento. Nessa perspectiva, a promessa do presidente parece responder àqueles discursos que representam o continente africano como sub- ou não desenvolvido, retomando discursos coloniais de primitivismo e pouca civilidade. Por outro lado, a segurança seria sinal de desenvolvimento e civilização.

Relembrando que esta notícia foi veiculada seis meses antes do início da Copa. Os jogos começaram no dia 10 de junho, mas antes disso houve amistosos entre algumas seleções.

A notícia publicada pelo *Globo* sobre o amistoso entre a seleção de Zimbábue e do brasileiro no dia (2\06\2010) expressa a oportunidade que a seleção local tem de jogar ‘perto de estrelas internacionais’, descreve o jornalista, Carlos Eduardo Mansur. Com título *Zimbábue promete não machucar os brasileiros*, (anexo D), o texto começa descrevendo que é um:

[..] fato inédito. Serão vistos pelo mundo. Num país cujo povo se sente grato aos brasileiros pela presença e que pretende transformar sua imagem diante do planeta a partir desse jogo, ver o Brasil perder algum jogador por lesão causada por um zimbabuano seria desastroso. (GLOBO, 2/06/2010, p. 4).

Por isso, o técnico da seleção local deu o aviso para seus jogadores evitarem jogadas violentas. Mais adiante, o texto reforça que os oponentes precisavam conter o ânimo para não causar nenhum acidente aos brasileiros. Entretanto, no mesmo tempo que o autor reconheceu a força física dos oponentes, criticou o técnico por desorganização da equipe. No texto fica evidente que o jornalista concluiu que os jogadores zimbabuanos são fisicamente fortes, mas ainda falta a preparação e a qualificação para ser uma equipe de alto. A preocupação com a força dos jogadores africanos em relação aos famosos jogadores brasileiros parece dialogar com enunciados anteriores que tratam das seleções africanas como seleções com jogadores fortes. Esses enunciados circulam tanto na televisão (numa copa anterior, os comentaristas se referiam aos jogadores de Camarões como “guarda roupa duplex de porta aberta” e “negão”), especialmente em transmissões de jogos, quanto nas páginas esportivas dos jornais. (inserir depois links e títulos). Além disto, esses enunciados remetem a outros ainda mais anteriores, que tratam da força física dos africanos. Enquanto africanos são fortes fisicamente, falta-lhes o desenvolvimento cultural e cognitivo. Na notícia em questão, falta ao time o desenvolvimento tático necessário a um bom futebol. Esse desenvolvimento tático pode remeter ao desenvolvimento cultural.

O texto, logo no título, remete aos atributos físicos dos zimbabuanos, o que naturaliza o estereótipo do corpo do negro como qualidade. Algo que é atrelado a imagem dele ser visto positivamente somente em campos como: futebol, música, dança ou arte. Entretanto, Bhabha (1998) relembra que o corpo, a raça, ou a cor não é um parâmetro para definir ele como ser humano com capacidade intelectual, mas nesta condição, o jornalista remete ao corpo dos zimbabuanos como fortes e agressivo o suficiente a ponto de causar uma lesão num jogador brasileiro. Mesmo sendo que no texto, ele critica a organização do técnico e a despreparo dos jogadores. Para o autor, identidade do homem negro é definida pela alteridade, o homem branco, que por outro lado, essencializou a identidade do primeiro ao corpo.

Desta maneira, o negro é reconhecido por habilidades relacionadas a sua característica física. O corpo do negro tornou signo de sua natureza. Eles são representados de uma maneira que somente pudessem ser bons em áreas de atividades físicas como o futebol, mas também pode ser ligada ao fato de atribuir ao negro adjetivos como “agressivo”, “forte” e “impulsivo” (ABRAHÃO e SOARES, 2011). Para Hall (2009), a representação do negro na cultura é marcada pela objetivação do corpo e a hegemonização desta cultura. O corpo é objetivado neste texto como o próprio lugar da violência (que precisa ser contida). O texto parece dialogar com, reforçando, uma visão essencializada da raça, em que características morais seriam decorrentes de características físicas. O negro africano é violento, e isso está inscrito no seu corpo.

Por outro lado, a página de esporte da Folha divulgou a matéria *Brasileiro sequestrado na África já pode voltar*, (anexo A), no dia (1/06/2010, p. D6) ainda duas semanas antes da Copa começar. Primeiro, o título sugere que o sequestro aconteceu em um “país” (África) e que este “país” é perigoso para estrangeiros. No texto, o jornalista informa sobre um comerciante que “foi vítima de um golpe de quadrilha que promete negócios vantajosos para estrangeiros no país africano”. O texto foi assinado com ‘dos enviados a Johannesburg’, o que indica que é de jornalistas da Folha enviados especialmente em função da Copa. As informações no texto somente descrevem que o sujeito foi sequestrado e que foi encontrado depois que a polícia sul-africana invadiu o esconderijo dos sequestradores. No meio da matéria, é citado o embaixador do Brasil na África do Sul que afirma: “a gangue é muito maior do que se pensa, tem muitas ramificações”. Os culpados foram presos. No final do texto, a porta voz dos policiais que comandou a operação garantiu que não há risco de sequestro a estrangeiros durante a Copa.

Notícias como estas foram publicadas na pré-estreia da Copa e todas elas reforçam o estereótipo de africanos como violentos, desorganizados e miseráveis, infelizes. É isso que transparece nos textos que retratam que a presença da seleção brasileira como salvação, a capa da notícia do menino em uniforme militar segurando uma arma falsa e pela representação de um time totalmente desorganizado. Além disso, reforça a ideia de africanos cuja positividade reside na força física, mas que são totalmente despreparados e tem falta de técnicas. Mostra a ‘África’ como um lugar perigoso onde estrangeiros correm risco se serem sequestrados. Apenas uma notícia aponta para desenvolvimento e inovação, que é a possibilidade de realizar esporte radical em Soweto. Tais notícias foram produzidas para o leitor criar um sentido do que é ou o que se deve esperar do continente sede da Copa. Esses textos podem criar vários efeitos no leitor: alguns deles podem ser: medo, pena ou desgosto. Percebe-se que a produção de tais notícias nesses jornais brasileiros tem como efeito possível reforçar a imagem negativa de africanos pré-existentes no conjunto de discursos que circula no Brasil historicamente.

A reportagem *‘Rio’ da África do Sul sofre para ver Brasil no mundial*, (anexo E) notícia, da *Folha* (4/06/10), explica a vida de dois brasileiros que estão na Cidade do Cabo para acompanhar os jogos da seleção de seu país. Foi escrito por Rodrigo Bueno. Os torcedores reclamam pelo valor alto pago pelos ingressos e os gastos para se manter na cidade. Os dois advogados contam sobre suas experiências e comparam a geografia da Cidade do Cabo com o Rio de Janeiro. Percebe-se que a realidade a qual os dois brasileiros comparam o local é em relação a aspectos negativos. Isso fica evidente na fala deles ao expressar que “dizem que há violência aqui. Não é tanto assim. Nesses dias, o nosso pai de família {o responsável pela casa em que ficam} levou uma garrafada na cabeça, mas já está velhinho, às vezes acontece”.

(FOLHA de SP, 4/06/2010, p. D7). Parece haver a normalização da violência pelo local onde estão (afinal, estão num país africano). Para Volochinov (2003), nenhuma expressão ou pensamento é neutro, eles são ideologicamente construídos; por isso, a normalização da violência pelo entrevistado pode ser compreendida como a presença do imaginário segundo o qual africanos são violentos. Ele mesmo reconhece na sua fala que (retomando enunciados anteriores) há violência, e a atitude responsiva dele para isso é a naturalização.

Um dos advogados continua, “eles dirigem como loucos, vão jogando em cima, todos se apertam”, expressa. “Quem quer ganhar dinheiro não vem para cá”, fala um dos advogados entrevistados. A fala dele indica uma realidade precária dos sul-africanos e ainda sente a necessidade de dizer que as pessoas não deveriam visitar o local. Pela sua frase alega que o país é pobre e não é para pessoas que querem ganhar dinheiro. Essa posição valorativa dos entrevistados citados pelo repórter para fazer a notícia retoma enunciados anteriores que dizem que a África é o lugar da pobreza. Assim, além da normalização/naturalização da violência, se observa o reforço à visão de África como local de pobreza, que não pode gerar riqueza.

Em outro texto, lemos que os estereótipos sobre a África do Sul e os países africanos em geral afetaram o número estimado de estrangeiros antecipados para a Copa, conforme indicam as notícias *Fifa contribuiu para esvaziar Copa e Até ‘cobras’ fazem turistas evitar o país*, (anexo F e G), publicadas na Folha no dia 06/06/2010. Mais uma vez a representação do continente como perigoso. Nos textos, os autores contam que a previsão era de 400 mil estrangeiros visitando o país para a Copa, mas o número caiu para 250 a 300 mil. O Ministério de Turismo do país alega que a situação é parcialmente causada pela mundial crise econômica. Mas também explica que, embora esse fator seja parte do problema, “a imagem de violência associada ao país, pelo alto índice de homicídio, também influenciou”, conta o autor do texto. (FOLHA de SP, 06/06/2010, p. D20). Além disso, explica que a FIFA, em parte, é também culpada pelo número baixo de estrangeiros participando da Copa, devido algum problema com as reservas dos hotéis.

“O país da Copa teve que enfrentar estereótipos para atrair turistas para a Copa-2010” (FOLHA, de SP, 06/06/2010, p. D20) é o primeiro parágrafo do texto intitulado “*Até ‘cobras’ fazem turistas evitar o país*”, (anexo G). No texto, um representante do Ministério de Turismo conta que um jornal inglês disse que havia cobras no local onde a Inglaterra treinaria e que as pessoas poderiam morrer. Além disso, o jornal brasileiro se posiciona ao afirmar que “o tremor de violência foi o maior obstáculo. Até os tiros contra a seleção do Togo, em Angola, tiveram que ser rebatidos como ameaça por Fifa e pelo governo.” (FOLHA de SP, 06/06/2010, p. D20).

No próximo parágrafo desse mesmo texto, o jornalista ainda afirma: “Mas é fato que a taxa de 38,6 mortes por 100 mil habitantes foi relevante para afastar potenciais visitantes durante a Copa”. (FOLHA de SP, 06/06/2010, p. D20). Ainda informa que para desmistificar esses fatos o governo sul-africano apostou em campanhas na mídia internacional, especialmente América e Europa.

Nessas notícias, é reforçada a representação da África como lugar de violência e pobreza. Além disso, a notícia do jornal inglês mencionado no texto não nos indica como o jornal chegou a tal conclusão. Será algum incidente que ocorreu ou outro imaginário? Digo imaginário porque as pessoas já têm noção de que somente tem animais selvagens na África.

É importante frisar que o país anfitrião teve que utilizar mídias internacionais para tentar convencer as pessoas do contrário sobre a questão de violência, sempre levantada pelos jornais. Percebe que o meio pela qual a notícia é divulgada legitima o discurso. É o que Fonseca (2011) explica ao afirmar que a mídia é um instrumento capaz de regular opiniões e agendas da população, influenciando ações políticas e sociais. Essa credibilidade conferida a ela é relacionada justamente por ser um meio que confere legitimidade de discurso.

Certamente se a campanha fosse feita pela mídia do país africano as pessoas não iriam acreditar. Vejamos assim, quem produz essas representações estereotipadas dos países africanos? A mídia, mas a mídia internacional para ser específica. E quem o país dependeu para desconstruir essa identidade negativa? A mídia internacional. O diálogo sobre os estereótipos se dá, portanto, na mídia internacional. A mídia brasileira entra nessa rede de diálogos, o que parece indicar que alguns dos estereótipos não são exclusivos do povo brasileiro em relação aos povos africanos e ao continente africano. Como o próprio jornalista brasileiro afirma, o país precisou enfrentar estereótipos. Embora reconhecendo que os estereótipos influenciaram nas decisões dos torcedores, desmotivando-os de ir para África do Sul, o jornalista reforça a representação da violência, dizendo que os números de homicídios configuram um fato concreto, e esse fato não poderia ser contestado.

Voltando aos aportes teóricos mencionados nos capítulos anteriores, como Hall (2000), Silva (2000) e Woodward (2000), lembro que as identidades são construídas na relação com o outro. Nós somos identificados pela maneira como nós representamos, mas também pela maneira como o outro nos representa, mesmo que nós não nos identifiquemos pela maneira como o outro nos representa. É isso que acontece nesta notícia. A mídia representa o país como perigoso, com alto índice de violência e homicídios. É a violência como fato, não como representação do país, que influenciou na decisão dos estrangeiros de visitarem ou não o país.

A África do Sul tentou desconstruir essa identidade porque ela não se define somente pelas representações negativas. E em alguns casos até atos de violência que não aconteceram no país foram associados a ela. Isso é relacionado ao que Bakhtin (2013) se refere como os enunciados serem construídos sócio-historicamente. Através do gênero de discurso, determina a esfera pela qual o discurso vai transitar, o conteúdo, a produção e os participantes.

Figura 5: Notícia sobre confronto

ÁFRICA real

RODRIGO MATTOS
ENVIADO ESPECIAL A DURBANHEIM

Na semana da abertura da Copa, a África do Sul viu ontem o primeiro grave incidente ligado ao torneio: ao menos 15 pessoas ficaram feridas e foram hospitalizadas devido a uma confusão antes do amistoso preparatório entre Coreia do Norte e Nigéria.

O tumulto ocorreu em uma sede oficial da Fifa para treinos, o estádio Makhulong, na pobre comunidade de Tembisa, no município de Ekurhuleni, próximo a Johannesburg. É uma arena com 12 mil lugares, onde os norte-coreanos treinam.

A distribuição de ingressos gratuitos para a partida, o efetivo insuficiente de segurança e as instalações precárias da arena contribuíram para o problema. Um policial sofreu ferimentos mais graves e outras 14 pessoas tiveram machucados leves.

Pouco antes da partida, a polícia fechou um portão do estádio por temer superlotação. Torcedores com e sem ingressos começaram a forçar a passagem pelo local e a polícia tentou contê-los, o que gerou um confronto.

Em menor número, os policiais tiveram que abrir o portão. Nesse momento, pessoas foram pisoteadas e um

A 5 dias do início do Mundial, **tumulto** em amistoso entre Coreia do Norte e Nigéria deixa **15 feridos** em estádio que é sede oficial da Fifa para treinos

policial ficou preso entre o portão e a parede.

Houve mais feridos leves, incluindo crianças, mas só 15 foram levados aos hospitais.

Apesar do incidente, o jogo ocorreu sem pausa até o início do segundo tempo, quando caiu uma grade.

Não houve feridos, mas a partida foi paralisada por dez minutos, para que a polícia recolhesse os torcedores.

"Nós subestimamos a quantidade de público", reconheceu o representante da confederação sul-africana Steve Godard. A massa de nigerianos não deveria ter sido surpresa. Tembisa tem forte presença de pessoas do país,

como relataram torcedores no estádio. Na África do Sul, a comunidade é de 50 mil legais e milhares ilegais.

Foi a Federação nigeriana de futebol quem decidiu distribuir ingressos gratuitos. Mas seus representantes se esquivaram de culpa pelo episódio ao dizer que havia muita gente querendo ir ao jogo. E reclamaram de não ter estádio maior para o amistoso.

"Temos que investigar essas doações de ingressos", ressaltou o porta-voz da polícia Eugene Opperman.

Mas ele também reconheceu que só houve reforço de policiais após o incidente — uma empresa privada também fazia a segurança.

A Fifa e o comitê organizador se isentaram de culpa, pois a partida "não faz parte da operação da Copa-2010" e as entidades não cuidaram da distribuição de ingressos.

Mas foi a Fifa quem deu o aval para o estádio ser uma sede de treinos do Mundial.

Reformada por R\$ 9 milhões, a arena ficou bem diferente do projeto original, que está disponível no site da Prefeitura de Ekurhuleni. Entre as deficiências do estádio Makhulong está a falta de cadeiras numeradas no local, o que dificulta determinar quando o estádio atingiu sua lotação máxima.



Torcedores se esmagam na entrada do estádio Makhulong

O PALCO DO INCIDENTE



Estádio Makhulong
Capacidade: 12 mil pessoas
É o centro de treinos da Coreia do Norte no Mundial

R\$ 9 milhões
foi o custo da reforma para a Copa



Nigeriano ferido na confusão antes do amistoso

Fonte: Folha de SP, 07/06/2010, p. D2.

E é sobre esse cânone de violência e estereótipos em que o continente africano é representado que a notícia *África real* foi publicada pela *Folha* no dia 07/06/2010. A notícia é sobre uma confusão que deixou 15 pessoas feridas antes do amistoso entre Coreia do Norte e Nigéria, que aconteceu na África do Sul. A situação ocorreu porque houve superlotação do estádio, o que não foi previsto pela organização e o tumulto para entrar causou a confusão, deixando um policial preso entre os portões e algumas pessoas foram pisoteadas. Segundo o autor do texto, o policial sofreu ferimentos graves, mas os outros 14 tiveram ferimentos leves. O autor do texto, Rodrigo Mattos, a organização do evento e a equipe de segurança foram responsabilizadas pela incapacidade de evitar tais danos. No dia seguinte, a Polícia emitiu uma

nota de que haveria regras novas para os demais amistosos. Os ingressos que antes eram vendidos até a hora do jogo só seriam vendidos até três horas antes do jogo para evitar superlotação.

O autor da reportagem, ao colocar como título ‘*África real*’ afirma que essa é a África verdadeira: a África da violência, da insegurança, da incapacidade administrativa. Além disto, indica que africanos são violentos, se comportam dessa maneira bagunçada, desorganizada, e não respeitam regras. O texto toma um episódio isolado e generaliza todos os africanos e para toda a África. O problema com a afirmação ‘*África real*’ é que reduz, essencializa, naturaliza e fixa diferenças. Esse estereótipo tem um viés ideológico e é uma tentativa de fixar representações sobre o outro. (HALL, 1997). Por isso o autor considera que a fixação de estereótipos é perceber características de alguém exagerá-las, simplificá-las e fixá-las para sempre sem mudança ou desenvolvimento. Para Bhabha (2010), o estereótipo ganha validade e repetição em conjunturas históricas e discursivas mutantes com estratégia de marginalização e individualização. Entretanto, para lidar com isso o foco não é trabalhar as imagens positivas ou negativas, mas o *processo de subjetivação* que ela produz; ou seja, os efeitos do ela produz, além de questionar o *modo de representação da alteridade*, do Outro.

Além disto, o texto é confuso, pois em um parágrafo explica que “Houve mais feridos leves, incluindo crianças, mas só 15 foram levados aos hospitais”. Mas um parágrafo depois disse que “não houve feridos, mas a partida foi paralisada por dez minutos pra que a polícia realocasse os torcedores.” (FOLHA, de SP, 7/06/2010, p. D2). Percebe-se uma contradição nas informações.

Ao conversar com os oficiais sobre a situação, o representante da confederação sul-africana expressou que “nós subestimamos a quantidade de público”. Para contextualizar a situação, o autor afirma; “A massa de nigerianos não deveria ter sido surpresa. Tembisa tem forte presença de pessoas do país, como relataram torcedores no estádio. Na África do Sul, a comunidade é de 50 mil legais e inúmeros ilegais”. (FOLHA, de SP, 7/06/2010, p. D2). Assim, o autor do texto contrapõe-se ao representante citado, reforçando a imagem de falta eficiência, de organização e de conhecimento dos responsáveis. A “*África real*” é aquela em que predomina a violência e a ineficiência.

Figura 6: Notícia sobre segurança dos turistas

FOLHA DE S.PAULO

QUARTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2010



copa2010



D11

Visitantes temem estupro e Aids

África do Sul é recordista mundial de soropositivos e famosa por crimes de violência sexual

LAURA CAPRIGLIONE

ENVIADA ESPECIAL A JOHANNESBURGO

Francine Dobb, 28, está no bar de um hotel três estrelas em Sandton, o centro financeiro de Johannesburg. Ela solta um "oulalaaaa!" animado quando Robinho, na televisão, marca um gol. Tenta chamar a atenção de um jornalista que toma cerveja, olhos cravados no celular.

Francine chegou na segunda-feira do Congo, com uma missão: faturar alto durante a Copa. Prostituta, pretende disputar com outras 40 mil colegas os intervalos entre os jogos dos 450 mil torcedores estrangeiros que a África do Sul deve receber.

No Congo, Francine tem

dois filhos. Mora em uma vila vizinha da fronteira com Ruanda, o país que, em dez dias de 1994, presenciou o genocídio de 800 mil pessoas. Com uma tragédia vivida tão de perto, a moça negra não deveria temer a violência de uma cidade moderna como é Johannesburg.

"Tenho medo, sim. Não ando sozinha na rua à noite por nada deste mundo", diz.

O medo de Francine tem duas cabeças: a má fama da cidade, pela fatura de casos de estupro, e o fato de a África do Sul contabilizar 5 milhões de soropositivos com HIV, recorde mundial.

"Já escapei de muita coisa para querer, agora, sofrer com isso." Ela jura não ser

portadora do vírus da Aids.

Para reduzir o impacto na saúde pública dessa hiperconcentração de prostitutas (locais e importadas) com torcedores de futebol, o Ministério da Saúde sul-africano pretende distribuir 1 bilhão de preservativos neste ano. É o dobro do que o país consome normalmente.

→ GOVERNO DISTRIBUI 1 BI DE PRESERVATIVOS

Metade desse montante, ou 500 milhões de camisinhas, será para atender à lubrificidade dos cerca de 450 mil torcedores que assistirão à Copa-2010 —uma média de 1.111 preservativos por torcedor.

A diferença ficará por conta do apetite sexual dos torcedores da Copa.

"O problema é que esturador não usa preservativos neste país", diz Okoh Ukpere, 30, missionário da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O religioso faz campanha para que seu rebanho evite ao máximo andar pelas ruas quando jogarem as seleções sul-africana ou brasileira, de longe a mais querida ali.

A dois dias da abertura dos jogos, o Hospital Chris Hani Baragwanath, que fica em Soweto, tinha ontem um congestionamento de macas na entrada da emergência, à espera de tratamento. Viam-se em vários pacientes os sinais claros do avanço da Aids.

O funcionário Nkosiyehtu disse à **Folha** que o hospital, o maior do país, com quase 4.000 leitos, está lotado. "Nosso maior receio é que o setor de emergência fique mais sobrecarregado. Com os jogos, o pessoal bebe mais e sai fazendo loucuras por aí."

Na África do Sul, a frase adquire um tom mais sério: pesquisa divulgada em 2009, em que se entrevistaram 1.738 homens (de todos os grupos raciais, faixas de renda, moradores de áreas rurais e urbanas), mostrou que um em cada quatro já tinha cometido um estupro. Desse, 46% atacaram mulheres mais de uma vez.

Francine promete que ficará no bar do hotel.

Fonte: Folha de SP, 9/06/2010, p. D11.

Nesta outra notícia, temos a informação de que tanto os turistas quanto locais, especialmente da área de saúde, ficaram preocupados com o possível aumento de pessoas no centro de atendimento e emergência, principalmente por questão de estupro e AIDs, informa o texto. Segundo a autora, o país é conhecido como o maior número de soropositivos e crimes de violência sexual. Uma das entrevistadas para composição da notícia, Francine, apresentada como 'prostituta' congoleza, é a porta-voz do medo tanto dos estupros quanto da AIDs. Ao apresentar a história da mulher, a jornalista explica que ela:

Mora em uma vila vizinha da fronteira com Ruanda, o país que, em dez dias de 1994, presenciou o genocídio de mais de 800mil pessoas. Com uma tragédia vivida tão de perto, a moça negra não deveria temer a violência de uma cidade moderna como é Johannesburg. (FOLHA de SP, 09/06/2010, p. D10).

Percebe-se, no excerto, que a autora sente a necessidade de indicar a cor da pele da mulher. E ainda tenta desmerecer sua experiência ao dizer que, por morar perto de Ruanda, não deve temer a violência de uma cidade como Johannesburg. O fato de a jornalista indicar que a mulher teria normalizado a situação de violência, como se fosse natural, é problemática. O preconceito que a autora cria no texto é evidente. Primeiro, por ela ser garota de programa e segundo por ela ser negra africana. Interessante observar a escolha por uma mulher negra

africana ruandesa. É como se a autora dissesse: se essa mulher que convive com a violência no continente africano teme estupros e AIDS, quanto mais não devem temer as outras mulheres não africanas. Mais uma vez o corpo aparece aqui como símbolo de diferença cultural, que para Bhabha (2010), é um fetiche e uma forma do colonizador fixar a estrutura física a uma imagem permite diferenciar quem tem o poder e quem é o subalterno. Nesse caso, o corpo da mulher negra é tomado como selvagem, encarnação da sexualidade sem controle, primitivo e manipulador de forças sociais. E o período escravista contribuiu para a proliferação desse imaginário da mulher negra como sensual, erótica e exótica, construído e algumas vezes é reconstruído pela mídia. Por sua vez, reforça o corpo de homem negro como lugar da violência. Os homens negros são tomados como naturalmente violentos, capazes de violentar até as próprias mulheres negras e, portanto, capazes de violentar mulheres brancas.

A representação da normalização, via generalização, da violência sexual e da AIDS na África do Sul é reforçada nos últimos parágrafos, onde a autora informa que agentes locais de saúde pública temem que situações como estas podem acontecer. O número de homens que já estuprou, inclusive mais de uma mulher, também produzem um efeito de normalização da violência sexual. A normalização dos africanos como dados ao sexo – sem as travas geradas pelo processo civilizatório que geraria o controle sobre os desejos, sobre a sexualidade – retoma discursos do período colonial, quando a proibição da poligamia por parte do colonizador em relação aos colonizados buscava justamente o controle da sexualidade. Outros elementos dessa normalização são a apresentação de uma prostituta africana bem como a decisão do governo sul-africano de disponibilizar 1 bilhão de preservativos.

A questão da Aids também é tratada por Oliva (2005) ao expressar que a mídia suscitou no imaginário das pessoas que a África é um lugar de doenças, embora, para Reis (2012), as doenças no continente africano estejam associadas ao subdesenvolvimento do continente, uma vez que as economias são fracas e as doenças transmissíveis estão ligadas à pobreza. A perspectiva de Reis pode ser associada à visão de que o continente africano é um continente predominantemente pobre. Pode-se dizer que ao apresentar a questão da violência sexual e Aids e ao entrevistar uma garota de programa, o autor tenta ironizar a atividade praticada pela Francine. Em outras palavras, o fato dela ser ‘prostituta’, como o texto a descreve, e ainda se preocupar com a violência sexual. Ainda pelo fato de tentar naturalizar violência no país de origem da entrevistada como forma de caracterizá-la. Para Danfá (2016), quando se trata da África, a chance de incitar preconceito, estigma ou discriminação é maior, uma vez que o continente é geralmente rotulado pelo Brasil e pelo ocidente como problemático, repleto de mazelas sociais, principalmente doenças como Aids, ebola, malária, zika e entre outras

(RODRIGUES, 2012), como veremos mais detalhadamente nos textos sobre o surto do ebola analisados mais adiante.

No mesmo dia 10/06/2010, uma notícia sobre um roubo foi publicada. Além do medo de violência, a qual é presente no imaginário das pessoas por causa das notícias sobre o país, publicadas em jornais e mencionados acima, os estrangeiros também ficaram preocupados com assaltos. Foi o que a notícia *Jornalistas são assaltados em hotel na África do Sul*, (anexo H) publicada pela *Folha*, divulgou, relacionando esse medo a um assalto sofrido por três jornalistas, um espanhol e dois portugueses. Eles foram assaltados no hotel onde estavam hospedados. Segundo o texto, o assalto aconteceu enquanto estavam dormindo, e seus pertences foram levados.

A notícia informa que um dos assaltados acordou durante o assalto e teve a arma apontada para ele, sendo ameaçado. Esclarece que quinze minutos após o ato, policiais chegaram à cena. Uma das vítimas explicou que a segurança do local era fraca porque somente tinha um homem trabalhando lá. No texto, é afirmado que, após o ocorrido, os jornalistas ficaram com medo de dormir em seus quartos e pediram escolta policial. O autor da notícia informa que o pedido, no entanto, não pôde ser atendido porque não havia condições de designar policiais. É noticiado que, para minimizar a situação, o diretor da agência de turismo que recepcionou o grupo de 20 jornalistas hospedados no mesmo hotel disse que “tivemos assaltos na Euro de 2004. A África do Sul não é um país perigoso”. Assim, o autor conclui o texto com uma fala que minimiza a situação comparando-a com uma situação ocorrida na Europa. Deste modo, utilizando a fala do diretor, é como se o autor dissesse que assaltos podem acontecer em qualquer lugar, não é exclusividade da África do Sul, de modo que não é este assalto que determina que este país é perigoso. Ao concluir o texto com essa fala, o autor pode provocar um efeito ambivalente em seu texto: ao mesmo tempo em que detalha as condições do assalto, que podem ser consideradas perigosas, já que um jornalista foi ameaçado, também possibilita que o leitor considere que situações como essa podem acontecer em lugares não associados ao perigo e à violência.

Figura 7 e 8: Notícia sobre confronto no país

Os africanos excluídos da festa

Revoltados com valor de diária, seguranças de estádios fazem greve e são reprimidos violentamente pela polícia

Marceu Vieira

• JOHANNESBURGO: Um novo conflito entre a polícia sul-africana e seguranças privados contratados para vigiar os estádios da Copa assustou torcedores, ontem, na Cidade do Cabo. Como já ocorreria domingo, em Durban, depois de Alemanha 4 x 0 Austrália, policiais dispersaram com bombas de gás lacrimogêneo e balas de efeito moral manifestantes em greve contra o valor de suas diárias. Houve relatos até do disparo de uma granada. Um coronel identificado como André Traut disse que sete guardas, da empresa terceirizada Stallion Security Consortium, foram presos. Foi a quarta manifestação dos trabalhadores desde o início do Mundial e a segunda reprimida com violência pela polícia.

Os uniformes toscos e surrados informam que eles são os seguranças da Copa. Mas os corpos dentro das fardas, franzinhos e maltratados pela pobreza, tentam desmentir esta condição. Os guardas privados formam um exército frágil de cerca de dez mil homens e mulheres, quase todos negros e favelados, contratados por três meses pelo Comitê Organizador para cuidar dos acessos aos estádios do Mundial em Johannesburgo, Durban e na Cidade do Cabo.

Situação é tensa

Dez mil seguranças privados...



Rogan Ward/Reuters



Marceu Vieira

POLICIAS controlam os grevistas à porta do Moses Mabhida Stadium, em Durban; acima, o sindicalista Jackson Simon: "Os pobres ficaram de fora da festa"

ontem Jackson Simon, coordenador nacional do Satawu, sindicato que reúne trabalhadores dos setores de Transportes, Segurança e Limpeza.

A revolta já se alastrou para quase todos os estádios. Domingo, os guardas que cuidavam do Moses Mabhida Stadium, em Durban, foram para a rua após a goleada alemã e fizeram uma manifestação reprimida por policiais. Cobravam a promessa de 415 randes por dia (cerca de R\$ 100) — a Stallion Security, vencedora da licitação do Comitê Organizador, só estaria pagando 190 (R\$ 45) pela jornada de 16 horas. Apesar das bombas de gás lacrimogêneo, os trabalhadores não se intimidaram. Ter-

centena de seguranças privados permaneceu em frente à sede da Stallion em Johannesburgo para cobrar seus direitos. A situação era tensa. Muitos se queixavam de terem perdido suas credenciais para a Copa, como punição. Uma segurança mulher, exaltada, contou que, na manifestação em Durban, dois funcionários chegaram a improvisar tochas com jornais para ameaçar incendiar a empresa. Foram contidos, disse, por colegas. Outro se queixou de ter passado quase o dia todo sem comer, no dia do jogo do Brasil.

Comida fria e ruim

A alimentação dos três mil recrutados só para o Ellis Park se-

gem do GLOBO, dezenas de trabalhadores se aproximaram e fizeram uma roda para desfiar seu rosário de lamentações. Para eles, o céu da Copa se converteu em inferno. Um dos seguranças relatou ter passado dois dias no Soccer City, sem voltar para casa. Dormiu no frio do estádio, disse, para economizar no dinheiro da passagem até a favela de Alexandra, a mais miserável da cidade, e não perder a hora do trabalho no dia seguinte:

— Tudo isso por 190 randes?! Não é justo — bradava, para o aplauso dos demais.

A iminente desclassificação da seleção anfitriã, após a derrota de 3 a 0 para o Uruguai,

Confronto em Durban faz 2 feridos

Polícia usa balas de borracha e gás lacrimogêneo contra manifestantes

RODRIGO BUENO
ENVIADO ESPECIAL À DURBAN

Ao menos duas pessoas ficaram feridas em confronto entre policiais e funcionários de segurança do estádio de Durban, horas depois da partida em que a Alemanha goleou a Austrália por 4 a 0.

O conflito ocorreu no estacionamento da arena, onde mais de 300 monitores que trabalharam no jogo iniciaram um protesto, alegando não ter recebido o salário combinado com a organização do Mundial sul-africano.

Pouco antes da 1h de hoje (20h de ontem em Brasília), cerca de cem policiais dispararam balas de borracha e lançaram bombas de gás lacrimogêneo para espalhar os manifestantes. O incidente durou cerca de meia hora e acabou quando os protestantes foram confinados em uma rua perto do estádio — pelo menos dois foram detidos.

"Vi uma pessoa caída e outra sendo carregada", contou o repórter cinematográfico da ESPN Brasil, Julio Guaraldo, que filmou parte do confronto. Segundo Xolani Hlonga, profissional que trabalha na TV do estádio de Durban, um ferido "levou um tiro de bala berracha".

Segundo testemunhas, a outra vítima foi pisoteada durante o avanço da polícia sobre os manifestantes.

Dzenas de pessoas foram "jogadas" para fora da área do estádio. A polícia, na tentativa de afastar os funcionários, atirou dentro do estádio, em frente ao centro de

imprensa, em uma área na qual estavam jornalistas, monitores e voluntários.

"Eles precisam pagar o que nos devem", disse Noivu Zandine, uma das manifestantes. "A Fifa falou que ia nos pagar por jogo 1.500 rands [cerca de R\$ 350]. E pagou só 200 rands [R\$ 70]. Ai começou a greve, é uma questão de salário. Temos família para criar", acrescentou Mtdokozisi Hlongwa.

Outro manifestante, que não se identificou, declarou que trabalhou três dias sem receber nada. Todos eles são contratados da empresa Stallion Security, que tem sede em Johannesburgo.

Datuk Doll Akbar Hyder Khan, funcionário com crachá da Fifa, não quis comentar o confronto. Em uma sala, ele tratava da negociação sobre o pagamento dos funcionários. Ao pedir para entrevistar Khan, a reportagem da **Folha** foi retirada do local por chefes da segurança.

"Depois, depois, ninguém precisa falar disso agora", disse um deles. A reportagem perguntou sobre as bombas: "Não houve bomba no estádio, houve apenas uma pequena insatisfação dos funcionários", respondeu um outro agente.

Mais tarde, Olivier Huc, o encarregado de imprensa da Fifa na arena de Durban, afirmou que o incidente "é uma questão do Comitê Organizador Local" e que a Fifa faria um pronunciamento oficial sobre o caso hoje.

O Comitê Organizador Local não comentou o conflito.



Laser e invasão de campo ligam sinal de alerta

DE AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Um feixe de luz verde fez a Fifa acender o sinal de alerta de segurança nos estádios da África do Sul. Foi na vitória da Argentina sobre a Nigéria por 1 a 0, no sábado, no Ellis Park, em Johannesburgo.

Em vários momentos da partida, o laser, emitido por uma caneta, estava focado na bola, nos jogadores e até no técnico Diego Maradona.

Isso suscitou dúvidas quanto aos procedimentos de segurança na entrada do estádio. A Fifa apressou-se em divulgar nota garantindo que está tudo sob controle.

Nicolas Maignot, chefe do departamento de imprensa da entidade, ainda reforçou: "Não tenho informação de que a segurança nos estádios não esteja trabalhando."

Só que isso foi contrariado ontem. Em Argélia x Eslovênia, no Peter Mokaba, em Polokwane, houve um incidente quando um grupo de torcedores invadiu o gramado.

Fonte: Folha, 14/06/2010, p. 14

As notícias *Confronto em Durban deixa dois feridos*, publicada pela *Folha* (14/06), e *Os Africanos excluídos da festa*, publicada pelo *Globo* (18/06), informam sobre um protesto de funcionários da empresa de segurança. No texto da *Folha*, Rodrigo Bueno descreve que, funcionários fizeram greve após receberem um valor menor àquele que havia sido combinado

pela empresa, o que resultou em confronto entre polícia e os trabalhadores. A reportagem da *Folha* relata que durante o confronto, policiais utilizaram gás lacrimogêneo e balas de borracha contra os manifestantes. Esclarece que o conflito ocorreu no estacionamento da arena, e uma pessoa ficou ferida.

Em o *Globo*, Marceu Vieira apresentou o fato, descreveu a situação e explicou que houve relatos do disparo de uma granada além do suposto uso de gás lacrimogêneo. O jornalista descreveu os funcionários assim:

Os uniformes toscos e surrados informam que são seguranças da Copa. Mas os corpos dentro das fardas, franzino e maltratados pela pobreza tentam desmentir está condição. Os exércitos provados formam cerca de dez mil homens e mulheres, quase todos negros e favelados contratados para cuidar dos acessos aos estádios do Mundial em Johannesburgo, Durban e Cidade de Cabo. (GLOBO, 18/06/2010, p. 8).

A fala do autor mostra uma certa discriminação ao dizer que ‘negros e favelados’ são os contratados para cuidar da segurança. Ou seja, não são mais trabalhadores, mas sim, marginalizados. Além disso, essas palavras ‘favelados’ e ‘negro’ reforçam para o leitor, pessoas negras como pessoas não confiáveis e perigosas para ter acesso aos estádios. Bakhtin (2003) nos lembra que um enunciado representa a intenção do falante e que escolhemos as palavras de acordo com as características do gênero discursivo utilizado no momento, com a visão que temos do interlocutor e com os valores atribuídos ao conteúdo do nosso dizer. Então, podemos dizer que o uso das palavras ‘favelados’ e ‘negros’ não foi uma escolha alheatória, mas revela a posição do jornalista sobre o fato relatado e sobre as pessoas envolvidas: essas pessoas não têm nem mesmo condições físicas de serem seguranças: são “negros” famintos magros sem força para conter algum conflito nos estádios; são “favelados”, eles próprios parte do problema social que poderia a segurança afetar os estádios.

O parágrafo acima retrata a desaprovação do jornalista em relação aos trabalhadores ao desqualificá-los para o serviço, descrevendo eles como ‘um exército frágil’, pessoas franzinas, pobres, extremamente magros. Dizer que ‘houve relatos do disparo de uma grana é o acúmulo de medo, pânico e insegurança que o texto transmite para os leitores. As palavras atribuem sentidos e veiculam valor relacionado às coisas. Cada palavra tem seu valor designado que é revelada no discurso (MARTINO, 2010). Mais uma coisa que comprova que a escolha das frases utilizadas pelo autor para descrever os trabalhadores não foi alheatória está na relação discursiva historicamente situada (BETH BRAIT, 2006). Para Brait, as relações dialógicas ganham sentido no enunciado cuja posição ele expressa. Então, os signos “favelados”, “exército frágil”, “negros”, “pessoas franzinas”, ganham sentido ideológico quando inseridos na história, social e no cultural.

O autor da notícia do jornal *O Globo* relata, através de uma fonte, que a empresa de segurança prometeu pagar cerca de R\$ 100, mas estava pagando R\$ 45. A *Folha* por outro lado, conta que em vez de R\$ 300, estava pagando R\$70. O jornal *O Globo* enfatiza que todos os manifestantes são ‘maltratados’ pela pobreza, o que não condiz com a foto que acompanha a matéria, pelo menos dos que estavam na foto. Ainda dizer que “se rebelaram”, numa situação dessas, é uma maneira deturpada de retratar a situação. No fim disso, afirma que a situação mostrou aos visitantes ‘uma face perversa da Copa da África do Sul’. As informações bem diferentes dadas pelos dois jornais. Percebe também que as duas notícias foram publicadas em dias diferentes (a *Folha* no dia 14 e o *Globo* no dia 18), mas o evento aconteceu no mesmo dia.

É difícil não perceber o sentimento de pena que se tem pelos africanos como pessoas que somente vivem em miséria, pobreza e maus tratos. Mais uma vez isso se evidencia na matéria do jornal *O Globo* com título *Pequenos atos que valem mais que vitórias*, 25\06/2010 (anexo I). Na reportagem, o autor mostra membros da seleção brasileira fazendo caridade. A pequena coluna é um texto que retrata a chegada do ônibus da seleção no estádio Princess Magogo. O jornalista informa que, ao avistar o ônibus da seleção, crianças correriam atrás e gritavam os nomes de seus ídolos, o que emocionou Dunga, que pediu para que os portões dos torcedores fossem abertos a elas.

O jornalista informa que o estádio fica numa comunidade carente do Kwamashu, área afastada do Durban. No meio dessa comunidade carente, fica o estádio com instalações de primeiro mundo. Segundo o texto, após a Copa, o estádio será utilizado pela comunidade “dando início à política de educação pelo esporte”. Nas palavras de Dunga, os presentes foram “no fim, fato raro na vida das crianças, receberam presentes dos jogadores”. Antes disso, no meio do texto, nos relembra que o país é extremamente pobre com 25% de rendimento abaixo do nível de subsistência, 30% de taxa de desemprego, alto número de pessoas contaminadas pelo HIV e índice de violência 17 vezes maior que o resto do país. Sim existem pessoas carentes na África do Sul, mas apresentar crianças que desejam ver seus ídolos não é motivo de desumanizá-los como coitados ou reduzi-los ao sentimento de pena.

Pelo contexto apresentado no texto, reúne os estereótipos de pessoas (crianças) que vivem em situação de extrema pobreza a ponto dos presentes que receberam serem considerados “um fato raro na vida das crianças”. Além disso, o contexto da reportagem ao falar sobre a violência, o HIV e a pobreza, demonstra enunciados que tem fundamento num contexto, numa situação e as circunstâncias sócio-históricas. Isso porque para Bakhtin (1997), os enunciados do locutor podem não possuir relação direta, mas poder ser relacionados em função do contexto que os rodeia.

5.4 CULTURA

Sobre as notícias pré Copa apresentadas pelo *O Globo*, a página 8 (01/06/2010) do jornal trouxe um texto sobre as atividades esportivas disponíveis para turistas que irão acompanhar a Copa na África do Sul. Uma delas é o salto de bungee jump, uma atividade radical, com cem metros de altura. O texto, com título *Adrenalina no meio de Soweto*, (anexo J) informa que o *Orlando Towers*, onde se poderia realizar esse esporte, é localizada em Soweto, uma comunidade carente que virou marco contra o Apartheid e atualmente é usada como ponto turístico, além de ser na cidade onde morou Nelson Mandela. O autor, Renato de Alexandrino, apresenta um aspecto cultural e esportivo do povo sul-africano mostrando uma imagem diferente da representação comum de pontos atrativos que geralmente são ligados ao Safári e aos zoológicos. Desta forma, o jornal aponta para a modernização dos esportes na África do Sul, apresentando uma visão pouco comum daquele país. Desta forma, o leitor é levado a pensar que há inovações na África do Sul, o que possibilita pensar em inovação em outras áreas, não apenas na esportiva. O jornalista possibilita uma representação da África do Sul como país conectado com a contemporaneidade.

A matéria, (anexo K), *Carne suspeita, vuvuzelas e olas animam torcida*, (Folha 03\06), primeiro descreve como foi o amistoso entre Zimbábue e Brasil, depois fala sobre algumas comidas. Pelo título ‘carne suspeita’ indica que o autor questiona o alimento dos vendedores ambulantes, mas em nenhum momento faz menção a justificativa do uso de ‘suspeita’. O título já mostra a desconfiança dos autores, Fábio Zanini, Paulo Capos e Martíns Fernandez, que no decorrer do texto fala sobre as comidas com desaprovação. A assinatura do texto é ‘dos enviados a Hahare’, o que significa que a reportagem é do grupo de repórteres da Folha enviado ao Zimbábue. A desaprovação do autor se materializa nos parágrafos:

Pior que a poluição sonora é a poluição visual: há um mar de restos de carne, cascas de frutas, lenha queimada, latas e garrafas, tudo espalhado pelo chão. E Pior ainda é a poluição do ar. A fumaça castiga os olhos, a mistura de cheiros embrulha o estomago. Nas grelhas a carvão, nos panelões e nas frigideiras com óleo transbordante, mudos de frangos, bifes enormes, ensopados, linguças variadas. Como acompanhamento, gordas batatas fritas e um purê esbranquiçado. (FOLHA de SP, 03/06/2010, p. D9).

A citação indica que critica tais hábitos. Percebe que sem dúvidas o autor sente um estranhamento e apreensão pela comida. O autor descreve um ambiente bagunçado e sujo. Sente-se o incomodo do jornalista. Além disso, ele desaprova tanto a comida em si (cujo cheiro “embrulha o estômago” e tem aparência desagradável, com “gordas batatas fritas e purê esbranquiçado), como desaprova o modo de comer ao dizer: “alguns jogam tudo dentro de um pão, outros comem com a mão, em pratos de plástico que invariavelmente terminam no chão”,

adiciona. Se o autor do texto se deixasse conhecer a cultura, saberia que há alguns pratos africanos que as pessoas comem com a mão. E no caso do exemplo que ele citou, comer pão com a mão não é algo peculiar aos zimbabuanos. A descrição do autor lembra o que Hall (1997) chama de estereótipos, pois, é a maneira como avaliamos algumas características simples, facilmente compreendidas e vastamente reconhecidas sobre uma pessoa, neste caso os africanos. O desconhecimento do autor com as peculiaridades culinárias africanas faltam no texto para conhecer melhor o contexto. Mas em vez disso, ele classifica as pessoas do continente como sujos e a comida como esteticamente desagradável. O que ele fez foi exagerar e simplificar a culinária sul-africana, só com seu olhar de observador. “É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença [...] constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (BHABHA, 2010, p. 117).

O texto como todo, por outro lado, remete ao que afirma Moura (1992), segundo o qual, desde o regime escravista, as culturas dos africanos foram consideradas primitivas e exóticas, e eram proibidos de praticá-las às vezes. As culturas africanas foram descritas de modo “que os padrões dessas diversas culturas africanas fossem considerados inferiores” (MOURA, 1992, p. 34), ainda que, no Brasil, “as suas culturas que deram o *ethos* fundamental da cultura brasileira” (MOURA, 1992, p. 33). Para Martino (2010) a cultura permite um conjunto de conhecimento para construir uma identidade, o que somos, e também identificar os outros. Para Woodward (2000), a cultura molda a identidade através de toda prática de significação, ao dar sentido à experiência. Então, dessa forma, é possível afirmar que o autor da notícia desconhece uma parte da identidade sul-africana, desaprova com base, provavelmente, em outras referências do que seria uma comida agradável. E, ao não fazer parte dessa prática de significação, dá um sentido limitado à experiência, carregando seu texto de uma tonalidade valorativa negativa .

Para coincidir com a Copa, os sul-africanos fizeram questão de adiantar o carnaval anual, para que os estrangeiros pudessem conhecer a tradição e a cultura do país (foto abaixo).

Figura 9: Reportagem sobre Carnaval



**car
na
val**
ANTECIPADO

Soweto adianta festa tradicional para coincidir com a **Copa** e festeja **africanidade** com mar vibrante de gente nas ruas

JOSÉ GERALDO COSTA
PAULA CESARINO COSTA
ENVIADOS ESPECIAIS A JOHANNESBURGO

Um Carnaval fora de hora para unir as culturas tradicionais sul-africanas tomou conta ontem das ruas de Soweto. "Um dia maravilhoso", "um momento inesquecível", "uma celebração emocionante" eram algumas definições ditas por moradores da Província de Gauteng, onde fica Johannesburg.

O festival, que segue hoje com a participação de Martinália, é a sexta edição do Pale Ya Rona Carnival, este ano antecipado (normalmente é em setembro) para coincidir com a Copa do Mundo.



Folião aguarda início do festival



Foto: Paulo Roberto / Folha de SP



No alto e acima, pessoas fantasiadas em Soweto

Sessenta velhinhas de Pretória, adolescentes de distritos de Johannesburgo, grupos de dança e teatro do próprio Soweto, batuqueiros da Nigéria, dançarinos da região de Kwazulu-Natal.

Nesse vibrante mar de gente, de brancos mesmo só os membros de delegações de fora da África e um ou outro sul-africano da organização do evento ou integrantes da John Arc Productions, responsáveis pela criação artística de vários blocos.

Para o percussionista zulu Bafana, 30, do grupo Sava Theatre, de Soweto, aquela era uma oportunidade ímpar de "exibir ao mundo nossas tradições, nossa cultura,



Garotos festejam nas ruas de Johannesburgo

mostrando que não existe só pobreza e violência entre o povo negro sul-africano".

Para Bafana, as seleções de futebol de outros países deveriam visitar Soweto. "Não só acenar da janela do ônibus, mas conversar com a gente, ver como vivemos, conhecer nossa arte."

Ao lado, só observando a "concentração" dos vários grupos que desfilariam, duas irmãs adolescentes, Nandipha, 18, e Amanda, 15, não continham o entusiasmo pela festa e pela Copa do Mundo. "É maravilhoso estar aqui hoje", disse Nandipha, moradora do distrito. Ela acredita que o Mundial trará ganhos permanentes para o país: "Mais empregos, mais recursos, mais respeito".

Peggy Manganye, Joyce Fernie e Sam Maphale acreditam que a Copa do Mundo é muito boa para que pessoas de várias partes do mundo possam olhar o país sem preconceito. Têm esperança, mas não muita confiança, de que algo de bom pode ficar depois da competição.

Veterano de quatro edições do Pale Ya Carnival (expressão que significa "nossa história") e sobrevivente dos sangrentos conflitos entre zulus e xhosas dos anos 90, Bafana é mais cético. "Os empregos são temporários. Tenho dúvidas sobre quem vai se beneficiar de fato com a Copa", diz ele, em seu traje sumário de pele de leopardo.

Havia uma alegria e uma emoção visíveis, especialmente nos mais velhos.

Patrícia Marabe, Thoko Motloung, Lindiwe Buthelezi e Suzzan Mpekula estreavam na festa com trajes típicos da etnia zulu e iriam representar um ritual Sangoma.

Havia fantasias de todo tipo. Desde as mais improvisadas até alegorias elaboradas. Nada que chegasse perto dos carnavais brasileiros.

Destacava-se um carro alegórico que reproduzia o estádio Soccer City, onde acontecerá a abertura e a final da Copa. Iria desfilar ao som de com um Dj tocando músicas contemporâneas. Era um dos vários ritmos ouvidos na festa, ao lado de cantos tradicionais e diferentes batuques.

Grupo alemão chama atenção pelo contraste

DOS ENVIADOS A JOHANNESBURGO

Em meio aos participantes do carnaval no Soweto, o que mais chamava a atenção, pelo contraste, era um pequeno grupo de louros branquíssimos fantasiados de feiticeiros e bruxas, o Stumpenhexen, da Alemanha.

Bianca Wodzisz, 27, explica que eles costumam celebrar o fim do inverno em seu país em fevereiro. Vieram à África do Sul a convite do Instituto Goethe, que os levou ao Carnaval carioca de 2003.

De acordo com Wodzisz, o grupo está sendo recebido com simpatia e curiosidade por todo o país.

No entanto, quando se apresentou, anteontem, no mesmo Mofolo Park, fez-se um grande silêncio. E ontem, ao serem anunciadas por alto-falante as delegações participantes, a única que recebeu um esboço de vaia foi a alemã.

Vestidos de camisetas com o logotipo do governo Lula, doadas pelo Ministério dos Esportes, o bloco brasileiro, do grupo Batala, trazia representantes nacionais misturados a sul-africanos.

Havia ainda grupos da Coreia do Sul e da França, além de representantes de Nigéria, Argélia, Gana e outros países africanos. (PCC 116)

→ BLOCO DE POLICIAIS É O MAIOR DO DESFILE

O "bloco" dos policiais e seguranças era o mais numeroso ontem. Alguns usavam roupas pretas com a inscrição "Crime acaba aqui". Os cerca de 2.000 voluntários da comunidade vestiam coletes cor de laranja. Sua função era auxiliar os policiais na organização do desfile pelas ruas de Soweto.

Fonte: Folha (6/06/2010, p. D8).

Isso é tratado na notícia *Carnaval Antecipado*, da Folha de SP no dia 6/06/2010, de autoria de dois jornalistas do jornal. Uma celebração que geralmente ocorre em setembro estava prestes a acontecer no dia 06 de junho. A reportagem informa que o carnaval naquele país tem como objetivo reunir as culturas tradicionais sul-africanas. Na fala de um sul-africano entrevistado, que estava participando do carnaval, o evento era uma oportunidade de mostrar as culturas e "que não só existe pobreza e violência entre o povo negro sul-africano[...] não é só acenar da janela do ônibus, mas conversar com a gente, ver como vivemos, conhecer nossa arte". (FOLHA de SP, 06/06/2010, p. D8)

O percussionista citado no texto revela que tem conhecimento das representações estereotipadas que há sobre o país. Ele reconhece que o momento da Copa é importante para eles, pois pode servir como forma de desconstruir estereótipos sobre o país e a população. Ao afirmar que não é para os turistas só acenarem, mas sim conversarem com os sul-africanos, demonstra que quer a oportunidade de ser ouvido e não silenciado. Deste modo, ele parece assinalar que possui sua própria voz e não quer ser representado pelos discursos dos outros. Percebe-se que ainda que, ao utilizar “povo negro sul-africano”, indica a noção de que os estereótipos somente dizem respeito a uma parte do país, os negros. O entrevistado expõe assim o racismo que observa na relação dos turistas com a população negra local.

No texto, a fala do sul-africano aponta para uma proliferação de diferenças culturais e étnicas, uma mudança na cultura popular marcada pela produção de espaço produtivos da cultura popular em relação ao mainstream, remetendo às diferenças culturais de que trata Hall (2009) no seu texto “Que negro é esse na cultura popular?”. Os autores do texto assinalam que esse carnaval tem um papel importante na relação entre os distintos grupos étnicos e as diferentes culturas sul-africanas, unindo esses grupos. Eles ressaltam as posições valorativas das pessoas presentes na festa, que eram predominantemente positivas, tingindo seu texto com essas tonalidades. Por outro lado, ao comparar o carnaval sul-africano ao brasileiro, de certo modo, desqualificam aquele primeiro. No encontro das vozes dos autores com as vozes que eles citam no seu texto é possível perceber tonalidades valorativas distintas, tendendo um pouco mais para uma posição menos positiva as vozes dos autores brasileiros.

Figura 10: Reportagem da abertura da Copa

PA 2010

ão
is
nas

Guérios

Argentina
contra a
tipo B, e só
o Brasil nas
o confronto
oias sul-
ário. Craque
Verón tem
ehol, cabelos
lor rival na
anos, de volta
icar afastado
— ele foi
s
o demorar a
ntelo no fim
a Argentina
la Inglaterra
302 —, o
previsível
: ao dizer que
ento não
i. Embora a
rreiros de
a exatamente
a brasileira
chê de Verón
ar em samba,
io fosse
seria
os anos. Não
a em campo,
os do amarelo
ro — disse,
r o temor e as
s em Buenos
ssi estaria à
ão por
s, o médico
issegurou que
res estão



A BANDA Black Eyed Peas foi o mais aplaudida no show de abertura. Público cantou e dançou sem parar

Radio Signal/Reuters

A noite em que o mundo olhou a África

Festa de abertura do primeiro Mundial no continente emociona 35 mil pessoas em Soweto

Flávia Oliveira
JOHANNESBURGO

A noite gelada não espartou o calor dos sul-africanos na abertura da Copa 2010, ontem à noite, no Orlando Stadium, em Soweto. A festa começou pontualmente às 20h, durou três horas e animou cerca de 35 mil pessoas. Não faltaram emoção e homenagens a personalidades históricas do país e do mundo da bola. O presidente Jacob Zuma agradeceu ao povo e à Fifa pelo evento, ao lado de Joseph Blatter, presidente da entidade. Houve espaço até para a mensagem politicamente correta da campanha "Uma meta — Educação para Todos", cujo anúncio tem a participação de Pelé.

A banda americana Black Eyed Peas fez o show mais aplaudido da noite. O cantor do grupo, Will. I Am, segurou a bandeira do Brasil durante a apresentação. A colombiana Shakira, intérprete oficial da canção da copa "Waka Waka" (Tempo de África) e última a se apresentar, também empolgou a platéia. Alicia Keys apareceu de cabelos cacheados, visual incomum. Angélique Kidjor, cantora beninense, foi apresentada como a rainha da música africana.

O bispo Desmond Tutu, Nobel da Paz de 1984, todo vestido de Bafoana, homenageou Nelson Mandela, esperado hoje no jogo de abertura da Copa, entre África do Sul e México.

Os sul-africanos cantaram, dançaram e gritaram muito. Muitos pareciam não acreditar no que viam: a África do Sul celebrando a realização da primeira Copa do Mundo no continente.

— É incrível. Estão todos cantando. O futebol une — disse Mawa Ndilo, visivelmente emocionado com a festa.

Hoje tem mais. ■

globo.com.br/esportos

Fotogaleria
Veja a fotogaleria do show em Johannesburg

FESTA PARA O LÍDEI
Mandela é es
• Grande expectativa em Johannesburg, antes do jogo contra o México. A presença aguardada com ansiedade momentos antes do início da abertura do Mundial sul-africano, de 91 anos, tem o motivo para evitar de durante o Mundial, a receberá visitas, aze Mandla Mandela disse do tempo antes de tr articular seu estado-d futebol", disse ele, q o que seria altamente

PROIBIÇÃO
Racismo tira twitter da Hoi
• Assim como os espanhóis e os ingleses jogadores da Holanda poderão usar o twitt durante o Mundial. O motivo foi o coment considerado racista : respeito dos marroq de Ejjero Elia, em um vídeo no microblog. jogador pediu descul

AJUDE A POLÍCIA DO NO DESARMAMENT
Difusão de drogas, armas em m violência doméstica, exploração crimes ambientais. Ligue a den

DISQUE DENÚNC
2253 117
FIA DO BRASIL
ARMANDO BARROSO

Fonte: O GLOBO, 11/06/2010, p. 5.

A festa de abertura da Copa do Mundo de 2010 aconteceu no dia 11 de Junho em Johannesburg. *A noite em que o mundo olhou a África*, foi o título utilizado pela jornalista de *O Globo* para o texto em que noticia essa festa. O texto é de autoria de uma jornalista, Flávia Oliveira. Se pode dizer que não foi a primeira nem a única vez que o mundo olhou para a África, como implica no título, mas foi a primeira em que um país africano sediou a Copa do Mundo de Futebol. No início do texto, somos levados conhecer o ‘calor’ dos sul-africanos presentes no estádio para o evento apesar de ser uma noite gelada. Neste parágrafo, a autora dá noção de um povo animado. Logo em seguida, informa que o ato começou pontualmente no horário designado.

No texto curto, a autora apresenta os artistas que participaram no palco, Black Eyed Peas, uma banda americana, a banda WILL. I AM, a colombiana, Shakira, Alicia Keys e uma cantora beninense, Angélique Kidjor. Oliveira termina descrevendo a emoção dos sul-africanos de celebrar a realização da primeira Copa do Mundo no continente. A jornalista brasileira

representa os sul-africanos como pessoas calorosas, receptivas e alegres. Além disso, os representa como comprometidos e sérios com suas atividades/obrigações, uma vez que a festa de abertura começou pontualmente no horário marcado. Essa é uma característica normalmente atribuída a europeus e está relacionada com ter compromisso e levá-lo a sério. É uma representação positiva dos africanos.

Um aspecto cultural do país é abordado pelo *Globo* na notícia, *Cabeças feitas no dia a dia*, no 13/06, na página 10, (anexo L) que fala sobre tranças. A reportagem mostra que outra forma de impulsionar a economia, durante a Copa, são os vendedores que exibem suas mercadorias e seus serviços ao ar livre. Convida os turistas a visitarem o local.

Figura 11: Notícia sobre cultura e lazer na África do Sul.

Domingo de fé e lazer em Soweto

O dia de descanso começa com os cultos e passa pelos almoços em família e a diversão nos parques, como o Thokosa, que teve até telão ontem

Flávia Oliveira
JOHANNESBURGO

A maior e mais famosa township da África do Sul guarda o seu ritmo de vida da semana para a religião e o lazer, necessariamente nessa ordem. Ontem, primeiro domingo após o início da Copa, não foi diferente. Exceto pela quantidade de gente vestindo as cores da seleção nacional — até na igreja. O sol forte e o céu azul tiraram os sorrisos, apelido dos locais, de casa cedo.

As mulheres costumam preparar o almoço antes de irem ao culto, conta Patricia Magaia, funcionária da Receita Federal. — Fazemos a comida de manhã e nos preparamos para a igreja. Na volta, almoçamos em família. À tarde, vamos ao shopping, aos parques ou encontramos os amigos para beber.

Os cultos se estendem das 10h ou 11h às 13h. Nesse horário, é normal encontrar famílias inteiras a caminho ou de volta da igreja. As mulheres usam espécies de uniformes que diferenciam cada credo e estão sempre com a cabeça coberta por chapéus ou lenços.

Há dezenas de igrejas em Soweto. A mais conhecida é a Regina Mundi Church, que abrigou encontros dos opositores do apartheid. Nos confrontos com a polícia no sangrento 1976, chegou a ser invadida e danificada. Ontem, um grupo de mulheres recebia lições do evangelho. Várias usavam camisetas e acessórios dos Bafana Bafana.

A African Emanuel Church, igreja improvisada na garagem da casa da líder espiritual Rehana Tso, também teve de 20

única mulher na função. Elas são maioria nos templos religiosos de Soweto, diz Patricia.

Mary Sibisi foi outra sozinha a ir à igreja, a Christian Grace Bible Church, antes do lazer. Depois do almoço, foi com o casal de netos ao bem equipado Thokosa Park, um dos mais procurados da região. Tem brinquedos para crianças, gramado e um conjunto de frondosos bambus, garantia de boa sombra. — Venho aqui com os meus netos para aproveitar o dia e relaxar. É seguro, não há crime. Há muitos policiais e seguranças. E ainda conhecemos gente do mundo todo.

Jogos da Copa em telão

Vusi Kubheka, desempregado, pai de quatro filhos, é outro que costuma visitar o parque aos domingos. Ora vai com os filhos, ora com a namorada.

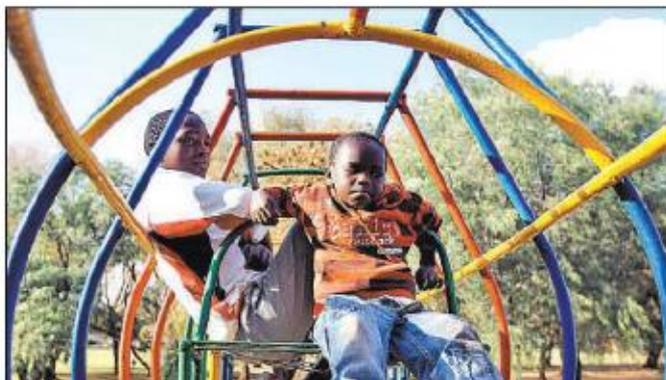
— É um belo lugar para relaxar ou assistir a um jogo de futebol — diz Kubheka, numa referência ao telão que, ontem, exibiu Argélia x Eslovênia.

Siphamandla Matweni, de 16 anos, vai ao parque aos domingos encontrar os amigos e, claro, paquerar as moças. Ontem, pretendia ver Gana e Sérvia, com o amigo Linda Mbulawa, de 19. Quando não assistem, jogam. Soweto tem dezenas de campos de futebol. Nenhum deles fica vazio aos domingos.

Uma área do Thokosa é reservada para barracas de comida, feita na hora pelas sul-africanas. Servem frango frito e bifês com arroz e salada de batata. Cada prato custa 50 rand, cerca de R\$ 12. Ontem, Nombuso Vilakasi esperava vender de 30 a 40 refeições. Foi um bom dia em Soweto. ■



A REGINA MUNDI Church foi importante durante o apartheid. Fiéis usavam acessórios dos Bafana Bafana ontem



Outro aspecto cultural mostrado nas notícias é a atividade dos sul-africanos nos domingos. Em *Domingo de fé e lazer em Soweto, Globo* (14/06, p. 7), a jornalista Flávia Oliveira informa o que moradores de Soweto geralmente fazem aos domingos: vão à igreja e depois vão ao shopping. Como demonstra: “A maior e mais famosa *township* da África do Sul guarda o primeiro dia da semana para a religião e o lazer, necessariamente nessa ordem” (GLOBO, 14/06/2010, p. 7).

De acordo com a autora, há bastante igrejas em Soweto e a mais conhecida é a *Regina Mundi Church*, que abrigou opositores do apartheid. Outra igreja mencionada no texto é a *African Emanuel Church*, improvisada na garagem da casa do líder espiritual. Os cultos, informa a jornalista, geralmente duram entre uma a duas horas. Avisa que “usar a casa como templo é comum em Soweto” e que predomina a presença de mulheres nos templos religiosos. Oliveira informa que, por lazer, as pessoas vão ao parque, o *Thomas Oark*, o mais procurado na região. Antes do lazer, as famílias almoçam juntas, comida que geralmente é preparada pela manhã antes de ir à igreja.

A autora afirma que no parque, as crianças brincam enquanto os adultos conversam ou jogam futebol. Em outros casos, assistem aos jogos no telão instalado pelo governo para a população, no parque. Oliveira diz que, para pessoas que não podem ir até o telão, os vizinhos fazem uma vaquinha para arrecadar dinheiro e montam para a vizinhança assistir, remetendo a uma espécie de irmandade/solidariedade e apoio mútuo entre as pessoas, que inclusive caracterizaria um certo conceito de negritude, como afirma Munanga (2009): “um dos elementos que entram na definição *cesairiana* de *negritude* é a solidariedade, ou seja, o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los” (p. 58). Essa perspectiva de negritude se assentaria sobre os fundamentos biológicos raciais, ressignificando-os positivamente. A tonalidade valorativa que predomina no texto é positiva em relação aos sul-africanos, de forma que esse texto gera uma representação positiva dos africanos.

Figura 12: Notícia sobre o evento da abertura da Copa



Desordem marca show de abertura

Falhas atormentam fãs no concerto da Copa e geram dúvida para 1º jogo

**LAURA CAPRIGLIONE
FLAVIA CESARINO COSTA**
EPÍFORAS ESPECIAIS A JOHANNESBURGO

Falhou. Apesar das juras da África do Sul de que está pronta para sediar a Copa, o primeiro grande evento, realizado ontem à noite em Johannesburg, acabou em desorganização, filas, congestionamento e confusão.

O show de celebração no Orlando Stadium, em Soweto, reuniu 16 mil pessoas para ouvir músicos sul-africanos e estrangeiros, como Black Eyed Peas, Alicia Keys, Shakira, John Legend, Angeli que Kidjo e Amadôla. Nunca se cantou tanto a África.

O trânsito parou. Os 30 km que separam Sandton, distrito nobre da cidade, do local da cerimônia, normalmente percorridos em 30 minutos, o nem custaram duas horas.

No final do show, foi pior. Com quase todo o público tentando sair ao mesmo tempo, ficou clara a ineficiência da organização. Espectadores ficaram retidos em bancas, à espera de deixar o estádio.

Do lado de fora, a confusão persistia. Houve empurra-empurra, e por pouco os alambrados que separavam as filas não caíam. Encostados em um muro, funcionários do evento só olhavam.

Nos bolsões de estacionamento, os carros não se moviam. A reportagem da *Folha* demorou 70 minutos para sair do local. O vento cortante, levantando areia, e a temperatura de menos de 10°C aumentavam o desconforto.

Os incidentes causam dúvida para o jogo de abertura, hoje, no Soccer City, que comporta 88 mil pessoas. O estádio fica próximo ao Orlando Stadium, e as vias para chegar a ele são as mesmas.

Aberto com a música sul-africana mais famosa, "Pata Pata", de Miriam Makeba, o show teve cenas emocionantes, como a aparição do bispo Desmond Tutu, herói da luta antilapartheid. Vestido de amarelo e verde, cores do país, Tutu homenageou o ex-presidente Nelson Mandela, ovacionado pelo público.

Antes, o presidente Jacob Zuma já fora muito aplaudido ao saudar a plateia, que dançou e cantou sem parar.

A Fila aproveitou a festa para associar o Mundial da África a seus programas sociais. Pré e até Sócrates vestiram a camisa do programa de educação para todos.

Tumulto fere seis em festa na Cidade do Cabo

de locais públicos reservados para fãs acompanharem os jogos do Mundial na cidade, que abrigará oito partidas do torneio.

A polícia local creditou o ocorrido à ansiedade das pessoas. Houve o aviso de que não havia espaço, mas os fãs avançaram. Entre os feridos, um homem quebrou a perna e duas mulheres fraturaram o tornozelo.

No domingo, ao menos 15 pessoas se machucaram em confusão na entrada para o amistoso Nigéria x Coreia do Norte, em Ekurhuleni, próximo a Johannesburg.

Uma aglomeração ontem na entrada de uma festa com 16,5 mil pessoas na Cidade do Cabo deixou seis sul-africanos feridos.

O show, com música e fogos de artifício, celebrava a Copa da África do Sul na véspera de seu início.

O incidente ocorreu no Grand Parade, o maior dos

EVENT FULL

Perto de festa na Cidade do Cabo, placa diz 'Evento lotado'

Fonte: Folha de SP, 11/06/2010, p. D3.

O título da notícia indica o que se espera do texto *Desordem marca show de abertura* (FOLHA, 11/06/2010, p. D3). “Falhou. Apesar das juras da África do Sul de que está pronta para sediar a Copa, o primeiro grande evento, realizado ontem à noite em Johannesburg, acabou em desorganização, filas, congestionamento e confusão”. (Folha de SP, 11/06/2010). Assim foi a frase inicial da reportagem. As autoras da notícia – Laura Capriglione e Flavia

Cesarino Costa – falam sobre a desorganização do país em sediar um evento tão grande, a ineficiência da organização por causa do público que estava tentando sair ao mesmo tempo e pelo congestionamento que resultou nos 70 minutos de demora que a equipe do jornal levou para sair do local. A equipe do jornal relata que a distância percorrida até o local do evento que geralmente leva 30 minutos custou duas horas. Por todos esses fatores, as duas jornalistas, autoras do texto concluem que a Copa do mundo na África falhou. Relembrando que esse mesmo evento também foi divulgado pelo Globo, mas numa perspectiva marcadamente diferente.

No dia seguinte, 12/06/2010, na página D3, a *Folha* publicou uma nota ainda falando sobre a festa de abertura. No texto sem autoria, apenas assinado como ‘dos enviados a Johannesburgo’, relata alguns aspectos da festa do dia anterior. O texto é carregado de uma tonalidade valorativa distinta daquelas das autoras Laura Capriglione e Flavia Cesarino Costa. Enquanto o texto das autoras afirmou o que as autoras viram como falhas no e do evento, o texto dos enviados ressaltou aspectos positivos do evento. É possível que essa mudança valorativa tenha decorrido dos diferentes comentários e das diferentes notícias em diferentes mídias sobre o evento de abertura da Copa que tenderam a salientar os aspectos positivos da abertura.

O parágrafo desse segundo texto começou com:

A festa de abertura da Copa, no Soccer City, em Johannesburgo, celebrou o berço da humanidade, multicultural, alegre, rítmica, de luta contra o racismo. Foi embalada por músicos africanos como o argelino Khaled, o nigeriano Femi Kuti, o grupo de cantores de Soweto e o trompetista sul-africano Hugh Masekela, além de afrodescendentes como R Kelly (FOLHA, 12/06, p. D3).

No trecho acima citado, o jornal apresentou as características dos africanos e terminou com ‘a luta contra o racismo’, frase que ficou muito solta, pois não explica de qual maneira isso poderia acontecer. Mais adiante indica a presença de artistas africanos e internacionais. O autor do texto considera importante lembrar que o cantor americano R Kelly, é um afrodescendente e também esteve presente.

No meio do texto, o jornal descreve com detalhes a apresentação feita por mulheres sul-africanas. Uma coreografia com tecidos africanos que formou o mapa do continente africano, e pegadas que demonstraram a ancestralidade africana da humanidade e a descoberta do primeiro esqueleto de homínido na África do Sul. Todos esses elementos foram apresentados na coreografia e apresentados no texto jornalístico. O jornal, assim, representa a festa e os africanos como carregados de história, uma história que não é apenas africana, mas de todos os povos. Embora não mencione o texto publicado no dia anterior que afirmava que a África do

Sul havia falhado na abertura, ao apresentar esses aspectos específicos da festa, contrapõe-se à visão das autoras, responde a elas chamando a atenção para o acerto do evento. Assim, representa o sucesso da coreografia na retomada histórica e na performance e, portanto, dos africanos que a produziram.

O texto demonstra certo preconceito por parte das autoras. A afirmação é possível se tomarmos a definição de preconceito do Jones (1973). Para ele, “o preconceito é uma atitude negativa, com relação a um grupo ou uma pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo do indivíduo é considerado como o ponto positivo de referência” (JONES, 1973, p. 3). Assim, o preconceito cultural e individual se manifestaram no texto das jornalistas, que reduziram a festa de abertura ao fracasso. O racismo cultural é onde existe superioridade de valores culturais de uma raça em relação a outra (JONES, 1973). Albuquerque e Filho (2006) também relembram que a identidade cultural dos negros africanos foi construída à base de uma sociedade racista.

O primeiro jogo da abertura da Copa foi entre África do Sul e o México. O texto *O fim de uma longa espera*, O GLOBO, 11\06\2010, p. 6) relata como foi o jogo entre os dois países. O primeiro parágrafo da reportagem explora alguns aspectos da cultura sul-africana, como o ‘palco arrepiante’, a cobertura do estádio tem formato de um Calabash (um pote usado para servir as ‘iguarias da culinária’) e ‘a acústica’.

De acordo com o texto, “confiante” é a frase que melhor descreve como o técnico da seleção sul-africana, Bafana Bafana, se sente em relação ao time. O então técnico era Carlos Alberto Parreira, brasileiro, e comandava a equipe havia alguns anos. Além disso, Parreira cita algumas semelhanças que vê entre o povo brasileiro e o sul-africano. “Como nós brasileiros, os sul-africanos gostam de futebol, de dançar, e de festejar [...] o time já tem uma cara, uma identidade” (O GLOBO, 11\06\2010).

Essa reportagem, ao falar sobre o jogo, tenta trazer alguns outros aspectos do país africano. É o primeiro texto que apresenta algumas informações sobre o país. De um lado traz a representação de um povo animado, alegre, determinado. Isso por causa do número de pessoas que compareceram para assistir o jogo mesmo no frio, como descreve no texto. Também, informa que a África do Sul é um país em que falam onze línguas, a multiplicidade étnica e a solidariedade dos outros países africanos torcendo pelo time sul-africano. Mostra um time que reflete uma parte de identidade sul-africana. É dessa identidade que se refere o capitão da seleção na citação acima.

O Bafana Bafana foi descrito com frases como “organização técnica” “Pouca qualidade individual”, “seguro”, “grande defesa” “bom jogo”, enquanto a oposição foi “insegurança” “perigoso” e “deu sorte”.

5.5 RELAÇÕES RACIAIS

No dia 8/06/2010, a *Folha* publicou a matéria *África do Sul se junta pela seleção*, (anexo M). A matéria informa que o treino da seleção foi liberado para o público, e os torcedores compareceram para apoiar. A maior parte deles eram professores e estudantes da Universidade Witwatersrand, a faculdade perto do parque onde a seleção estava treinando. Um dos torcedores presente era Jason Burt, branco, mas não disse se é sul-africano. Reconheceu que somente havia um branco no time e, diante do que afirmou: “não é que os brancos jogam mal, mas como a maioria da população é negra, é lá que está o talento”, concluiu Burt. Por outro lado, uma sul-africana negra afirmou que o time “joga bem, mas não o suficiente para estar na seleção” (FOLHA de SP, 08/06/2010, p. D14).

A fala do Burt remete a um estereótipo que ele mesmo tentou justificar pela quantidade de população. O talento não se justifica pela quantidade de pessoas, mas sim pelo estereótipo de que negros são fisicamente fortes e por isso ganham espaço em áreas como esporte. É o que Abrahão e Soares (2011) explicam: a imagem do negro está associada às atividades corporais, assim como a essencialização da homogeneidade do negro como meio de demarcar as hierarquias sociais. O corpo do negro se tornou signo de sua natureza e faz com que seus atributos sejam referenciados a partir dele. E isso é um estereótipo.

Bhabha (2010) argumenta que o corpo\|a pele é tomado como um símbolo de diferença cultural e racial no estereótipo. Ao dizer “a maioria da população é negra, é lá que está o talento” reproduz o imaginário de que o campo de esporte que serve para integrar os negros à sociedade e dar a eles visibilidade, mas fazendo isso sem perder a posição deles na inferioridade. Assim, parece transferir para as relações raciais na África do Sul aquilo que vivenciamos no Brasil, onde se “promove o mito de que relações raciais no país são cordiais ou democráticas ao mesmo tempo que convivemos com a intensa dominação branca sobre outros segmentos étnico-raciais no acesso a bens materiais e simbólicos” (SILVA e ROSEMBERG, 2008, p.73). A identidade do negro foi construída sob a base que tornou força física em habilidade corporal a ser celebrada. Mesmo assim, “o estilo do futebol brasileiro teria sido construído não só pelas “habilidades corporais do negro”, mas também em função do racismo dominante na sociedade brasileira que se refletia no espaço do futebol” (SOARES, 2001, p. 36-37). Pela fala do Burt,

percebe-se a reprodução da ideologia de que negros são talentosos em campos esportivos. Numa perspectiva bakhtiniana sobre os usos da linguagem, é possível dizer que há uma construção que o sujeito faz na interação dele com outros, onde sua convivência social é um fator determinante na construção de sua identidade e na imagem que ele possui dos outros, cuja fala é o efeito de uma ressignificação dele mesmo (VOLÓCHINOV, 2010).

Figura 13: Entrevista com o técnico da seleção e Zimbábue

D14  **copa 2010** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2010 FOLHA DE S. PAULO

PAULA CESARINO COSTA
SÉRGIO RANGEL
DIVISÃO ESPECIAL A124MANEIRADO

A Copa do Mundo vai repetir o sucesso de superação da barreira racial alcançada por Nelson Mandela com o rúgbi, retratado no filme "Invictus", afirma o brasileiro Carlos Alberto Parreira, 67, técnico da África do Sul.

"O futebol está unindo o país", disse Parreira à **Folha**. Aplaudido por brancos em restaurantes de Johannesburg, o carloca comanda uma equipe quase exclusivamente negra. "Temos um branco apenas pois é o único com condição de jogar. Futebol aqui é esporte de preto."

"Invictus", baseado em livro de John Carlin, conta a história da Copa do Mundo de rúgbi de 1995, ano seguinte ao da eleição de Mandela, em uma África do Sul que havia sido recém-libertada da política oficial de segregação racial, o apartheid.

E mostra como Mandela foi o arquiteto por trás da campanha vitoriosa da seleção do país ao transformar o rúgbi, esporte majoritariamente branco, num fator de integração nacional com o slogan "Um time, um país".

"Um jogo aqui é uma festa. A torcida é talvez a mais alegre do mundo", diz Parreira, invicto há 12 partidas.

Em sua sexta Copa, ele avisa: é a última como treinador. Leia a seguir os principais trechos da entrevista concedida à **Folha** nos jardins do hotel em que a seleção sul-africana está hospedada, em Johannesburg.

★

Folha - Você acha que a seleção pode ter a função de unir brancos e negros do país?

Carlos Alberto Parreira - Os brancos estão animadíssimos. Fui a um restaurante italiano que tem muito branco e fui aplaudido.

O que a seleção de futebol está fazendo o Mandela fez com o rúgbi em 1995. "Um esporte, um país." O que vai acontecer na Copa, não sei.

Estamos num grupo difícil. A seleção estava descreditada. Agora, estamos nos unindo. Um jogo aqui é

“Temos um branco apenas porque é o único com condição de jogar. Futebol aqui é esporte de preto

O que a seleção de futebol está fazendo o [Nelson] Mandela fez com o rúgbi em 1995 [no Mundial na África do Sul]

O [meu] ciclo de [treinador de] seleção é pra encerrar aqui mesmo

CARLOS ALBERTO PARRERA
Técnico da África do Sul

uma festa. A torcida é talvez a mais alegre do mundo.

Existe alguma questão racial no time?

Não. Temos um branco apenas porque é o único com condição de jogar. Futebol aqui é esporte de preto.

Como é a questão sexual?

São muito liberais. Tanto quanto os brasileiros. Aqui há jogadores que já tiveram três mulheres, mas nada ao mesmo tempo oficialmente. Vários deixam de pagar a pensão e por isso têm problemas com a justiça.

Os índices de portadores de HIV são altos. Já houve algum caso de jogador com Aids?

Já aconteceu em clubes. Na seleção, não sei. Aqui é proibido fazer exame de HIV. Só podemos fazer se os jogadores permitirem.

A África do Sul mostrará alguma evolução tática na Copa?

Nós não tínhamos uma caneta. Quis dar uma identidade. Fiz questão de colocar a bola no chão. Parecia coisa de criança. Não somos iguais ao Brasil ou ao Barcelona, mas já temos um modo de jogar.

Não sei se o futebol aqui vai melhorar. Eles têm que investir na base para não ficar para trás. É uma das dez ligas mais ricas do mundo.



ENTREVISTA CARLOS ALBERTO PARRERA

O futebol está unindo brancos e negros do país

TÉCNICO DA ÁFRICA DO SUL COMPARA O PAPEL DA COPA COM UNIÃO ALCANÇADA POR MANDELA COM O RÚGBI EM 1995, RETRATADA EM FILME

Isso acontece em outros momentos (imagem acima), por exemplo quando o próprio técnico da seleção, o brasileiro Carlos Parreira, alega que futebol na África do Sul é esporte de negros numa entrevista para o jornal, *O futebol está unindo brancos e negros no país*, (09/06). Na fala dele, disse que “temos apenas um branco, porque é o único com condição para jogar. Futebol aqui é esporte de preto” (FOLHA de SP, 09/06/2010, p. D14).

Convém salientar que a tonalidade valorativa do signo “preto” na fala de Parreira deve ser associada às tonalidades que recebe no Brasil e não na África do Sul. No Brasil, o uso desse signo feito por falantes brancos normalmente está associado a um tom pejorativo. Para Soares (2001), a democratização do futebol foi o início do momento onde o racismo foi colocado em evidência, onde negros e brancos podiam estar no mesmo espaço. Da mesma maneira que o autor aponta para o futebol como elemento central da identidade brasileira, também indica o racismo como um dos fatores da construção desse estilo de futebol. Relacionando a experiência do racismo no Brasil no contexto futebolístico, é possível compreender a fala de Parreira. Pode-se perceber que ‘futebol aqui é esporte de preto’ o tom racista que caracterizou o futebol no Brasil e que deixou marcas, tonalidade valorativas, como afirma Bakhtin, nos enunciados posteriores sobre esse esporte. Assim, “o estilo do futebol brasileiro teria sido construído não só pelas “habilidades corporais do negro”, mas também em função do racismo dominante na sociedade brasileira que se refletia no espaço do futebol” (SOARES, 2001, p. 36-37).

Além disto, na fala do Burt, de que é na população negra que está o talento, pode-se observar referência ao estereótipo do negro como tendo (apenas) habilidades corporais. É uma noção estereotipada e preconceituosa que atribuiu ao grupo social habilidades relacionadas ao corpo de maneira a limitá-los a determinados espaços sociais. Soares (2001) chama isso de ‘racismo invertido’ que se manifestou no ‘elogio’ ao negro pela sua sensibilidade nas áreas de música, força, resistência e habilidade corporal. Por outro lado, restringia os negros a esses contextos, impondo-lhes barreiras para os espaços acadêmico-científicos, de comandos em áreas administrativas, nas profissões socialmente valorizadas.

Um dia antes da abertura do Mundial, 10/06/2010, a *Folha* publicou o texto a seguir:

Figura 14: Notícia demonstrando o racismo velado na África do Sul

FOLHA DE SP.AULO

QUINTA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 2010

★ ★ ★ copa 2010

D9

Holanda conquista apoio negro e aproxima raças

Com projetos sociais na África do Sul, seleção se livra de ecos do apartheid

RODRIGO NATTUS
ENVIADO ESPECIAL A JOHANNESBURGO

Um negro sul-africano levanta a bandeira da Holanda. Vestido com o uniforme laranja, ele canta, dança e assopra sua vuvuzela para abalar o treino da seleção europeia, o primeiro aberto ao público antes da Copa-2010.

Comum em qualquer outro lugar do mundo, o fato surpreende na África do Sul. O símbolo holandês, com suas linhas horizontais e três cores, serviu de inspiração para a antiga bandeira da África do Sul, lembrança da época do apartheid, que segregava brancos e negros.

Foram os africanos, descendentes de holandeses, que junto com os ingleses implantaram o sistema que perdurou até os anos 90.

A população negra não costuma usar a camisa da Holanda no dia-a-dia. Mas, pelo menos em volta de um campo de futebol, o país reconciliou-se com os nativos sul-africanos.

No estádio de rúgbi da Universidade de Wits, a movimentação dos atletas encheu com a distribuição de ingressos gratuitos. Prática, aliás, condenada pela Fifa,

mas feita com bilhetes com logos oficiais da Copa.

Negros dividiram arquibancadas com brancos, entre representantes da comunidade holandesa na África do Sul e torcedores vindos da Europa para o Mundial.

'OUTRA' HOLANDA

"Não penso nela [Holanda] ligada ao apartheid", disse Ronny Totjela, negro com a camisa da Holanda.

Não era um caso único. A Folha contou pelo menos outros cinco espalhados pela arquibancada vestindo casacos e gomos-laranja.

Ao lado de Totjela, Van der Vit, branco e descendente de holandeses, dividia uma vuvuzela com ele e usa a camisa da África do Sul.

Atrás, um grupo grande de torcedores negros cantava músicas típicas africanas.

A equipe acenou com palmas. É uma seleção, por sinal, que tem como característica a diversidade de cores. Jogadores negros como Davids, Gullit e Rijkaard já se destacaram com sua camisa.

Na atual equipe, Babel e Bruijn são negros.

A federação holandesa ainda desenvolve projetos sociais na África do Sul para a evolução do futebol local.

Assim, distancia-se da imagem da antiga bandeira da África do Sul, que não foi vista ontem no treino.

Holandeses, legítimos ou descendentes, e negros não se entenderam ontem apenas em um momento. Quando se impunham ritmos mais complexos aos cantos, os brancos se perdiam.

A seleção laranja é a cabeça de chave do Grupo E do Mundial, que tem também Camarões, Dinamarca e Japão. A estreia é na segunda, contra os dinamarqueses.

Torcedora holandesa assopra a vuvuzela durante treino da seleção da Holanda no estádio de rúgbi da Universidade de Wits

Velocidade e muita conversa definem equipe

DO ENVIADO A JOHANNESBURGO

Se na arquibancada havia diversidade, a Holanda exibia dinâmica em campo, característica de seu futebol. E conversas constantes.

O treino holandês foi composto por lances rápidos, em dois toques, ou por triangulações. É seguido por coletivo em campo reduzido com velocidade nos passes e trocas de posição constantes dos jogadores.

Para acertar toda a movimentação, o técnico Ben van Marwijk fez cinco reuniões com o grupo para explicar o que queria. Ao final de cada atividade, era hora para um papo com o treinador para novas instruções.

Até a corrida para encerrar a atividade foi precedida por uma preleção.

Continua de fora das atividades o atacante Robben, do Bayern, que sofreu uma lesão na coxa. Ele está praticamente fora da estreia ante a Dinamarca, na segunda.

Apesar do desfalque, os holandeses estão confiantes, como exibiu Van Persie em entrevista ao site da Fifa. "Devemos chegar pelo menos às semifinais. Isso é um dever para nós, se levarmos em conta os 23 jogadores e os times onde jogam", afirmou o atacante, que diz que o time está preparado mental e fisicamente.

A Holanda só ficou entre os quatro primeiros em três Copas (1974, 1978 e 1998).

Mas um belo voleio e um chute colocado na trave durante o treino, além das rápidas trocas de passes, indicam que a Holanda tem qualidade para atingir suas metas na Copa. (R)

INGLATERRA

CAPELLO TEM UM DIA DE FÚRIA

Em treinamento ontem, em Rustenburg, o italiano Fabio Capello, que dirige a seleção inglesa, reclamou muito dos jogadores do seu time e até dos fotógrafos. "Por que vocês tiram fotos dos quartos? Vocês não estão mais na Inglaterra", reclamou. Ele se referia à publicação de imagens de um centro médico onde estavam alguns de seus jogadores.

Fonte: Folha de SP, 10/06/2010, p. D9.

O autor do texto, no título e no subtítulo da matéria, afirma que a seleção da Holanda realizou projetos sociais com vistas a se livrar dos ecos do apartheid. O repórter do jornal informa que:

Um negro sul-africano levanta a bandeira da Holanda. Vestido com uniforme laranja, ele canta, dança, e assopra sua vuvuzela para abalar o treino da seleção europeia, o primeiro aberto ao público antes da Copa-2010. (FOLHA DE SP, 10/06/2010, p. D9).

Porém a foto que acompanha o texto é de uma menina holandesa, com camiseta laranja, soprando vuvuzela e segurando a bandeira da Holanda, o que é explicado numa pequena legenda. Os dois primeiros parágrafos explicam que o fato de um menino negro ficar segurando a bandeira da Holanda é algo incomum na África do Sul. Adiante descreve que o sistema de apartheid, que durou até os anos 90, foi implantado pelos africanos (descendentes de holandeses) e ingleses. “A população negra não costuma usar a camisa da Holanda no dia a dia” (FOLHA DE SP, 10/06/2010, p. D9). Em outras palavras, os negros sul-africanos carregam ressentimentos e rejeitam os colonizadores. E continua:

Mas, pelo menos em volta de um campo de futebol, o país reconciliou-se com os nativos sul-africanos. [...] Negros dividiram arquibancadas com brancos, entre representantes da comunidade holandesa na África do Sul e torcedores vindos da Europa para o Mundial (FOLHA DE SP, 10/06/2010, p. D9).

O texto, desde seu título é extremamente racista. Primeiro porque ‘Holanda conquista apoio negro’. O subtítulo ainda implica que através dos projetos sociais, a seleção é capaz de se livrar dos efeitos do apartheid. Ainda no texto, informa que ingressos gratuitos foram distribuídos, o que permitiu que os negros sul-africanos assistissem o treino. Afirmar que no campo de futebol o país reconciliou-se com os nativos sul-africanos é forçado porque essa amostra não representa a realidade de convivência de ambos. O texto fica mais interessante quando diz que a seleção distribuiu ingressos gratuitos, com ênfase em, “bilhetes com logos oficiais da Copa”, mesmo porque a prática fosse proibida pela Fifa. Tamanha generosidade conquistou o apoio dos negros sul-africanos a levantarem a bandeira do país europeu e aproximou as duas raças, como implica o título. Pode-se associar essa posição àquela que trata da troca de espelhos trocados por ouro, com os indígenas no Brasil. Os ingressos seriam trocados por apoio e reconciliação.

Para, ainda, provar esse laço de proximidade, explica que os negros dividiam arquibancadas com os brancos, não só com os torcedores vindos da Europa, mas com os representantes da comunidade holandesa na África do Sul. Ressalta o fato de que a seleção holandesa “tem como característica a diversidade de cores. Jogadores negros como, Davids, Guillt e Rijkaard já se destacaram com sua camisa. Na atual camisa, Babel, Braafhied são negros” (Folha de SP, 10/06/2010, p. D9). É uma tentativa de aproximar a seleção holandesa dos negros sul-africanos pela presença de negros no time.

No final do texto, o suposto negro, Totjela, que levantou a bandeira foi entrevistado e, segundo ele, “não pensa na Holanda ligada ao apartheid”. Além dele, o repórter contou cinco pessoas negras espalhadas pelo estádio vestindo roupas cor laranja. O texto ainda continua

forçando a intimidade entre os dois países ao alegar que um branco e descendente holandês dividia a vuvuzela com Totjela. Para o autor, dividir a vuvuzela seria um ato muito íntimo que marcaria a união e irmandade das duas raças. Segundo o autor, holandeses e os negros sul-africanos se entenderiam muito bem. E a presença de negros torcendo, usando a camisa cor laranja no jogo seria uma prova disso. O autor do texto, Rodrigo Mattos, parece levar para seu texto o mito da democracia racial que caracterizou por tanto tempo a sociedade brasileira, marcado especialmente por tonalidades hierárquicas tingidas por uma certa benevolência dos brancos em relação aos negros, exatamente como ressalta Mattos ao falar dos holandeses “ajudando” após o Apartheid. O texto também nos remete ao mito da democracia racial brasileiro que teria no futebol o seu símbolo máximo, não fosse, como bem ressalta Soares (2001), o futebol tão marcado pelo racismo.

Figura 15: Matéria descreve racismo na África do Sul

D4  copa 2010 ★ ★ ★ SÁBADO, 12 DE JUNHO DE 2010

FOLHA DE S. PAULO

Cidade de **africâneres radicais**, pró-apartheid, **despreza estreia** dos Bafana Bafana

ÁFRICA sem COPA



FÁBIO ZAMINI
ENVIADO ESPECIAL A ORÂNIA

Enquanto os sons das vuvuzelas se espalham pela África do Sul, uma cidade de brancos no meio do país ignorava solenemente o dia mais importante desde o fim do apartheid, em 1994.

Em Orânia, a 670 km de Johannesburg, só nove pessoas acompanhavam pela TV do único bar da cidade, às 16h05 (11h05 em Brasília), no jogo África do Sul x México.

Os funcionários do local não pararam de trabalhar. Fora do bar, seis garçons jogavam rúgbi, esporte muito mais interessante para eles.

"Futebol? Não está em mim. Não é para nós", disse um deles, Kook Steenkamp, 10. "Nós" significa os africâneres, descendentes de holandeses que vivem isolados nessa cidade de 720 habitantes. No país, são 6% da população. Futebol, para eles, é esporte "negro".

Africâneres radicais não se em Orânia — onde negros e mestiços são proibidos — e lá tentam manter uma suposta pureza da raça. A maioria dos habitantes é abertamente saudocista do apartheid. Tem até um museu dedicado a Hendrik Verwoerd (1901-66), o primeiro-ministro que prendeu Nelson Mandela, nos anos 60.

O jogo não mudou a rotina da cidade. Pedreiros continuam trabalhando na obra de uma casa. Motoristas fazem compras no único supermercado do lugar. Uma mulher fazia coquetel. "Futebol? É distante demais para mim", afirmou outra mulher.

O abolicionista Abram Petrus deemsis guardou a respectagem bateu em sua casa durante a partida. "Preciso descansar", afirmou.

ESTRANHO SILÊNCIO

Ortens, as ruas pacatas de Orânia pareciam pertencer a outro país. Nenhuma bandeira sul-africana em casas ou carros, ninguém com camiseta dos Bafana Bafana. E nenhuma vuvuzela.

"É a coisa mais idiota já inventada. Minha vontade é apertar em quem toca esse negócio", disse a aposentada Elise Lombard, para quem Mandela é um "criminoso".

No bar, Heinrich Schmitz, 17, disse que foi ao local ver o empate em 1 a 1 de ortens jogado pela namorada, Estelle Eschoff, 15. "Vou ver os outros jogos se tiver tempo", disse ele. Apesar de se dizer interessada em futebol, ela só conhecia o zagueiro Matthew Booth, único branco da equipe sul-africana.

Outro garoto, 51, assumido de rúgbi, não sabia nem mesmo o nome do técnico da equipe (Carlos Alberto Parreira). "Só sei que é branco."



Poucos moradores de Orânia veem o jogo da seleção

Fonte: Folha de SP, 12/06/2010, D4.

Enquanto o povo se animava com o jogo de estreia dos Bafana Bafana (seleção sul-africana), a equipe de reportagem da *Folha* fez uma visita a um vilarejo da cidade. O texto *África sem Copa* (12/06/2010, p. D4) fala sobre um pequeno vilarejo que se chama pelo nome Orânia, uma cidade perto do Johannesburg. Mais uma vez o uso da palavra África reforça a ideia do continente como um país, mas numa inversão: a África do Sul representa toda a África e, assim, mais ainda, o pequeno grupo de africânderes representa a África branca.

O repórter, autor da notícia, explica que o vilarejo não acompanhou um dos eventos mais importantes do país anfitrião. De acordo com Ianni, no lugar vivem descendentes de holandeses, os africânderes, que compõem 6% da população sul-africana. Os moradores seguiram suas rotinas normalmente e não reconheceram a celebração.

“Futebol? Não está em mim. Não é para nós”, explica um dos rapazes entrevistados. O rapaz estava jogando rúgbi quando foi entrevistado. Na matéria, o autor informa que, para eles “futebol é esporte negro”. “Africâneres radicais reúnem-se em Orânia – onde **negros e mestiços são proibidos** – e lá tentam manter uma suposta **pureza da raça**”, ressalta o autor do texto. (FOLHA de SP, 12/06/2010, p. D4; destaques meus). É importante explicar que raça é uma categoria sociológica discursiva e não biológica porque ela organiza as formas de falar, os sistemas de representação e as práticas sociais de um povo. As características físicas como a textura do cabelo ou a cor da pele são marcas simbólicas que diferenciam socialmente um grupo de outros (HALL, 2006). Na questão de raça, Munanga (2003) salienta que “raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito” (p. 5) utilizado para explicar a diversidade humana mas também para classificá-la, dividi-la e hierarquizá-la. Em outras palavras, as raças não existem biológica e cientificamente. Mas as classificações continuam sendo mantidas socialmente de modo mais amplo para hierarquizar numa escala de valores negros, brancos e amarelos (MUNANGA, 2003).

Por outro lado, como afirma Guimarães, (2011), os movimentos negros - a partir dos anos 70 - têm utilizado o conceito de raça, como construto social, histórico e discursivo, num sentido distinto daquele utilizado pelos colonizadores ou pelos grupos hegemônicos racistas. O uso feito pelos movimentos negros tem motivação política, de luta pelos direitos e pelas políticas afirmativas. Guimarães afirma:

Mas, o mais importante para o ressurgimento da raça, enquanto classificador social, se deu com sinal invertido, isto é, como estratégia política para incluir, não para excluir, de reivindicar e não de sujeitar. São os movimentos sociais de jovens pretos, pardos e mestiços, profissionais liberais e estudantes, que retomaram o termo, para afirmar-se em sua integridade corpórea e espiritual contra as diversas formas de desigualdade de tratamento e de oportunidades a que estavam sujeitos no Brasil moderno [...]

A raça retorna, portanto, não mais como mote do imperialismo ou colonialismo, mas como glosa dos subordinados ao modo inferiorizado e desigual com são geralmente incluídos e tratados os negros, as pessoas de cor, os pardos. Para os cientistas sociais, assim como para os ativistas políticos, a noção de raça tem vantagens estratégicas visíveis sobre aquela de etnia: remete imediatamente a uma história de opressão, desumanização e opróbrio a que estiveram sujeitos os povos conquistados; [...].

Renascido na luta política, a noção é recuperada pela sociologia contemporânea como conceito nominalista – isto é, para expressar algo que não existindo, de

fato, no mundo físico, tem realidade social efetiva (Guimarães, 1999). (GUIMARÃES, 2011, p. 266).

Ao tratar aqui das relações raciais, coloco-me junto com esses autores que compreendem a raça como construto social. Assim como os autores acima citados e como Ferreira, compreendo que “a ‘raça’ é um fenômeno social e historicamente construído” (FERREIRA, 2014). E que tem sido utilizado politicamente pelos movimentos negros. Ao tratar de raça, esses movimentos denunciam a exploração, a violência, o silenciamento, a exclusão vivida historicamente pelos negros no Brasil.

Retornando à notícia em análise, o autor explica que essa população africâner consegue viver isolada e manter a segregação racial através da **brecha** na Constituição sul-africana, que assegura a existência de comunidades de “culturas” autônomas. E assim conclui que, “para os moradores, Orânia não é racista, mas sim preserva a cultura africâner. Para morar ali, é preciso aprovação da comunidade, **o que é na prática excluir negros e mestiços**” (FOLHA DE S. PAULO, 12/06/2010, p. D12; destaques meus). O autor, pela escolha dos signos que faz (veja trechos em destaque nas citações), ressalta a exclusão dos africânderes, permitindo ao leitor identificar a segregação e o racismo, que já foi predominante no país e mostra que isso ainda persiste no país. Para Munanga (2003), a afirmação acima é uma forma de “justificar o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categorial social de dominação e da exclusão” (p. 6). É um conceito carregado de ideologia que envolve a relação de poder e dominação. O fato dos moradores do Orânia pensarem que a cidade não é racista revela um tipo de racismo que Munanga (2003) explica como a tendência em tomar as características intelectuais e morais de um dado grupo e considerá-las como consequências de suas características físicas ou biológicas. O racismo nasce quando tomam os caracteres biológicos como justificativa de tal comportamento. É justamente para estabelecer hierarquias das chamadas raças em superiores e inferiores. A ideia de preservar uma cultura africâner pode ser vista então como uma forma de racismo, uma vez que é construída na base das diferenças culturais e identitárias, recorrendo a elementos biológicos.

Moreira (2014), por outro lado, afirma que o branco foi por toda história (auto)representado como o ser humano ideal, o que lhe conferiu ao longo de séculos uma situação de privilégio que é legitimada na sociedade até os dias atuais” (p. 74). Ela reconhece, com base nos autores citados por ela, como Edith Piza (2005), Cardoso (2014) e Bento (2002), que ser branco é sinônimo de ter privilégios em várias aspectos da vida. Há um silêncio em caracterizar os lugares ocupados por brancos no contexto brasileiro. Isso é uma forma de manter

privilégios, conseqüentemente, buscam justificar e legitimar a ideia de superioridade de um grupo sobre o outro, mantendo assim, as desigualdades. (MOREIRA, 2014). E é no gozo desse privilégio e superioridade que os moradores de Orânia desfrutam.

Deve se lembrar a fala do técnico da seleção, o brasileiro Carlos Parreira que também afirmou na sua fala que futebol é um esporte de preto. No final do texto, o jornalista cita um casal, moradores de Orânia, que foi ao estádio assistir ao jogo da estreia. A notícia termina com a citação abaixo:

Apesar de se dizer interessada em futebol, ela só conhecia o zagueiro Matthew Booth, único branco da equipe sul-africana. Outro garoto, fã assumido de rúgbi, não sabia o nome do técnico da equipe (Carlos Alberto Parreira). “Só sei que é branco” (FOLHA de SP, 12/06/2010, p. D4).

A citação acima é mais um exemplo da segregação destes brancos em relação à população negra da África do Sul, tanto que as personagens reconhecidas pelos dois sujeitos são as brancas. É possível dizer que o texto inteiro teve esse intuito de mostrar que há áreas no país em que existe discriminação racial. O texto é carregado valorativamente de crítica à discriminação racial e busca desconstruir a ideia de que, acabou o apartheid, acabaram as relações de poder e também a separação dos espaços de brancos e negros na sociedade.

Figura 16: Texto descrevendo a desigualdade social na África do Sul

D22  copa 2010 ★ ★ ★ SÁBADO, 12 DE JUNHO DE 2010 FOLHA DE SP.AULO

UM MUNDO QUE TORCE Aventuras, roubadas, histórias, erros e acertos numa viagem pelos países da Copa

A COPA DA ÁFRICA branca



Torcedores no Soccer City, na partida entre África do Sul e México

FÁBIO SEIXAS
ENTREVISTA ESPECIAL A JOHANNESBURGO

Em 15h51 em Johannesburg, 10h51 em Brasília, quando Joseph Blatter estufou os pulmões para concretizar antiga obsessão da sua Fifa e proclamar que “a Copa do Mundo está na África”.

Na África branca, no caso. Porque, na abertura do 19º Mundial de futebol, a África negra ficou fora do Soccer City. Ou dentro, mas de costas para o jogo, trabalhando.

Torcedores brancos da África do Sul eram a grande maioria ontem no estádio que recebeu o empate da seleção anfitriã contra o México. Um chocante contraste com o que se via nas ruas, desde cedo. Com o que se vê pelo país, desde sempre.

O futebol é o esporte favorito dos negros sul-africanos. Mas, com ingressos caros, na média dos R\$ 140 para o público local, quem ocupou pa-

Negros eram minoria entre a torcida sul-africana que ocupou o estádio Soccer City na estreia dos anfitriões

ra valer os assentos no estádio foram os brancos, com maior poder aquisitivo, aficionados históricos do rúgbi.

“Só pode ser por causa do preço, não pode haver outra razão”, disse à *Folha* David Everatt, que levou ao jogo a mulher, Kathy, e os filhos John e Josie, adolescentes.

David vestia camisa de rúgbi, como vários dos seus compatriotas no Soccer City. Pelo estádio, havia também algumas falhas com o desenho do antílope, marca da seleção “Springbok”, irmã mais bem sucedida dos Bafana Bafana.

“Confesso que ainda estou aprendendo a torcer no futebol. A geração do meu filho já acompanha, mas a minha só via rúgbi. O futebol era o esporte dos negros. Hoje, um esporte está invadindo o território do outro, e isso é muito bom para as pessoas.” David, de fato, não exibia intimidade com seu mais novo esporte, não mostrava a menor malevolência bofeira.

“Meu coração parou”, lançou, após o primeiro ataque dos Bafana, aos 25min de jogo. “Obrigado”, soltou com toda a calma do mundo, quando um mexicano se atrapalhou num lance e jogou a bola para a lateral.

SÓ AQUI

Estã banheiros do Soccer City pedio-se parar em construções nas arquibancadas, estavam bestas



Fonte: Folha de SP 12/06/2010, p. D22.

O título da notícia acima destaca a presença predominante de pessoas brancas nas arquibancadas. Com o ângulo da foto, só conseguimos ver pessoas brancas. O autor do texto, Fábio Seixas, avisa que “na abertura do 19º Mundial de futebol, a África negra ficou fora do Soccer City. Ou dentro, mas de costas para o jogo, trabalhando” (FOLHA de SP, 12/06/2010, p. D22). Segundo o autor, nas ruas, a maioria dos torcedores eram negros, mas na estreia eles eram a minoria no estádio acompanhando o jogo. O autor insere em seu texto a afirmação de

um entrevistado, segundo o qual a ausência de negros “só pode ser por causa do preço, não pode haver outra razão”, disse “a fonte que levou sua mulher e dois filhos para assistir ao jogo (FOLHA de SP, 12/06/2010, p. D22). O autor informa que a fonte David e seus compatriotas (pessoas brancas) estavam vestindo camisa de rúgbi. Seixas apresenta a confissão de David de que não acompanha muito futebol, mas que a geração do seu filho acompanha. Percebe-se na fala de David a justificativa da realidade social dos negros como uma categoria de exclusão, onde ele classificou os negros de acordo com o poder aquisitivo. Ele considerou que os negros como grupo social são inferiores ao grupo ao qual ele pertence. Para Volóchinov (2010), “um signo extraído pelo locutor de um estoque social de signo social na enunciação concreta” (p. 117) e é determinado pelas relações sociais. Ao usar o signo “negro”, David carrega esse signo de sentidos historicamente construídos: negros são pobres, negros sul-africanos são pobres. Desconsidera-se, assim, que há uma elite negra sul-africana que também não está nos estádios.

A fonte ressalta “o futebol era esporte dos negros. Hoje, um esporte está invadindo o território do outro, e isso é muito bom para as pessoas” (FOLHA DE SP, 12/06/2010, p. D22). Nessas falas selecionadas e apresentadas pelo autor, o autor associa a falta de negros no estádio com o seu poder aquisitivo, e com muita certeza ele reforça isso. Certamente ele percebe/conhece que os negros sul-africanos são economicamente desprivilegiados. Mas também pode ser que ele imagina que pessoas negras são pobres e por isso não conseguiram participar, considerando que as pessoas negras que poderiam estar no estádio não são somente sul-africanos, mas sim, de várias partes do mundo.

Mais uma vez o branco é apresentado como o protagonista. Para Moreira (2014), o termo branquitude “refere-se ao ponto de superação do ideal branco através da aceitação da existência do privilégio por parte dos brancos e sua consequente tentativa de combate ao racismo”. (p. 73). Para Cardoso (2014), autor também citado por Moreira (2014), com foco nos estudos sobre o que significa ser branco, a branquitude tem se colocado como a identidade racial do branco e uma de suas características principais é o privilégio racial. “A branquitude (crítica) significa a identidade racial de um branco crítico antirracista que critica seus privilégios raciais” (CARDOSO, 2014, p. 102). Moreira (2014) salienta que a branquitude estaria associada à construção de uma negritude, uma identidade negra positiva. Vale destacar que Cardoso (2010) aponta também para a existência de uma branquitude acrítica, que reforça seus privilégios, não critica o racismo e sustenta a sua superioridade racial. Ao fazer essa diferença, o autor dispensa (e até critica) a distinção feita entre branquitude e branquidade. Esta última se referiria aos brancos que não fazem a crítica do racismo e sustentam a sua superioridade, o que Cardoso (2010; 2014) denomina como branquitude acrítica. O que diz respeito tanto à branquitude

quanto à branquidade é o reconhecimento do privilégio de ser branco. Esse privilégio é pouco reconhecido por boa parcela dos brancos brasileiros.

A reportagem é concluída com as palavras do autor, “com foco fora do estádio, novamente nas ruas, os negros, voltaram ao protagonismo” (FOLHA DE SP, 12/06/2010, p. D22). Para ele, a frase “o tão perto de tão longe”, de um menino negro de 15 anos foi quem descreveu melhor o sentimento de exclusão do jogo ao acompanhar *A Copa da África Branca*, como diz o título. A frase “tão perto de tão longe” pode significar o sentimento de estar presenciando a Copa do Mundo em seu país, mas não poder participar dela. O autor, como Fábio Ianni, noticia a exclusão que ainda persiste no país. Ambos os autores, dialogando com a história do Apartheid, mostram que essa história ainda tem efeitos no cotidiano do país, seja pela exclusão em Orânia, seja pela exclusão nos estádios.

Por outro lado deparamos com outra matéria do *Globo* sobre a estreia, como mostra na foto abaixo:

Figura 17: Estreia do jogo entre a seleção da África do Sul e do México

Estreia africana tem gosto de final

Multidão ocupa as ruas de Johannesburgo para celebrar o início da Copa e a estreia da seleção Bafana Bafana contra o México

Marcos Vieira

JOHANNESBURGO

Parecia que já era a final da Copa do Mundo. Uma multidão sem fim de sul-africanos saiu às ruas de Johannesburgo, ontem, para celebrar o início do primeiro

Mundial no continente e acompanhar por telões espalhados pela cidade a estreia da seleção Bafana Bafana contra o México. Os jogadores comandados por Carlos Alberto Parreira não conseguiram devolver em gols tanto carinho. O trânsito já engarrafado no dia a dia, ficou caótico. Por volta de 13h30m (horário local), o tráfego na rua do Southern Sun Hotel, concentração da seleção, em Sandton, foi interrompido por um mar de pessoas com camisas amarelas. O ônibus que levou os jogadores até o Soccer City Stadium foi escutado por centenas de carros que buzinavam sem parar. No céu, dois helicópteros — um da polícia e outro do Exército — acompanhavam o cortejo.

A polícia da província de Gauteng calculou em mais de 200 mil pessoas o público dos espaços Fun Fest montados na cidade pela Fifa e por seus patrocinadores. No de Sandton, da própria Fifa, que reuniu cerca de 25 mil torcedores, o barulho das buzucas só foi interrompido quando o imenso telão exibiu o momento da execução dos hinos. O povo, disciplinado, fez silêncio até para o do México — e cantou, num coro emocionante de milhares de vozes, o do país de Mandela.



MULHERES E crianças também vestem as cores da seleção e celebram fora do estádio Soccer City

Quando Joseph Blatter, presidente da Fifa, e Jacob Zuma, presidente da África do Sul, declararam oficialmente aberta a Copa do Mundo, houve quem chorasse, como se um ciclo da história do país, 16 anos depois do fim do apartheid, estivesse se encerrando. A partir daí, foi só cantoria. A massa entoava cânticos em quase todos os 11 idiomas oficiais do país — nove das etnias que compõem a nação sul-africana, mais o inglês e o africâner, falados por todos. Um deles, da etnia sotho, maioria em Bloemfontein, a 420 km de Johannesburgo, virou bordão nos estádios do país e foi cantado por todos:

— Thiba kamo! Thiba kamo! / Rebulaya di ntjatsena!

Pronuncia-se "tiba cano, tiba cano, rebulaya tebacena". Quer dizer algo como "guarde

este lado, guarde aquele lado, inimigo (o México, no caso), vou te matar". O canto era acompanhado por um balé de mãos com buzucas voltadas para o alto, empunhadas como se fossem tacapes, numa dança de guerra.

Pulsos após o primeiro gol

O povo apinhado nos Fun Fest de Johannesburgo foi o que não conseguiu comprar ingresso ou não pôde pagar por um lugar nas arquibancadas do Soccer City. O preço do bilhete para o jogo de abertura da Copa chegou a US\$ 900 (cerca de R\$ 2,1 mil).

— Vivi o apartheid e fico feliz por estar aqui hoje e presenciar este momento — comemorava a sul-africana Rhinny Semanya, 36 anos, que tinha 20 quando o regime de segregação racial foi extinto.

Perto dela, Charles Odenaal, 25 anos, que ainda estava para fazer 10 quando Nelson Mandela se elegeu presidente, vivia emoção parecida: — Tenho recordações. Mas meus pais é que sofreram com a segregação. É muito bom que o mundo esteja olhando para nosso país em 2010.

Quando Tshabalala abriu o placar, aos 10 minutos do segundo tempo, o grito da multidão no Fun Fest de Sandton pareceu o da África do Sul inteira. As filas imensas para comprar cerveja, refrigerante e cachorro-quente se desfizeram por um instante, e todos saíram pulando. Pena, para eles, que, 24 minutos depois, o zagueiro mexicano Márquez empatou o jogo. Ficou no ar a promessa de um resultado mais feliz, quarta-feira, contra o Uruguai. ■

Na reportagem acima, é evidente na foto a presença de negros, e informa na legenda que mulheres e crianças também celebram fora do estádio. Em geral, o autor do texto, *Estreia tem gosto de final*, *Globo*, 12/06, fala sobre a emoção da população num evento que reuniu cerca de 86 mil pessoas. Explica que, com o primeiro gol no jogo contra México, a população saiu às ruas para comemorar. Relembrando que na versão na *Folha* a maioria dentro do estádio eram brancos. Estabelecendo relações dialógicas entre os textos dos dois jornais, é possível observar como os jornalistas estão dialogando com a história de segregação racial da África do Sul e de modo quase complementar apresentam a Copa dos brancos dentro dos estádios e a Copa negra fora dos estádios. Também informa sobre os cânticos nos 11 idiomas oficiais do país. O texto segue descrevendo a emoção de sul-africanos que viveram a Apartheid (período de segregação racial no país) e que também estavam presenciando o momento.

A notícia *BIG 5*, publicada pelo *Globo* no dia 14/06/2010, (anexo N) retrata cinco atrações turísticas do país. Retrata sobre os cinco animais símbolos do país e cinco dos lugares mais frequentados por turistas. Na reportagem, o autor, Sidney Garambone, fala sobre as belezas sul-africanas e está apresentado um pouco sobre como esses cinco animais (rinocerontes, elefantes, leões, búfalos e leopardo) são símbolos que representam o país, e também, seus moradores.

O autor informa que o primeiro dos 5 lugares para turismo é o Museu do Apartheid, um parque de reflexões que traça paralelos expressos entre a discriminação de quase meio século. O segundo, e uma que chamou atenção do repórter, é o *Randpark Golf Club*, um hotel que também tem espaço para golfistas. É inclusive onde a seleção brasileira se hospedou. Informa que: Hectares e hectares de grama bem aparada, numa caricatura do que foi a divisão entre brancos e negros poucas décadas atrás. Pois ainda hoje a maioria esmagadora dos golfistas é branca. E todos os caddies são negros (GLOBO, 14/06/2010, p. 11). ‘Caddies’ são as pessoas que carregam os equipamentos de quem joga golfe. Ainda explica que, embora o governo incentive os negros a participarem, não “deu tempo de subirem na vida a ponto de invadirem pacificamente este reduto da elite; de usar tacos só para bater na bolinha[...]” (GLOBO, 14/06/2010, p. 11). Percebe-se que o autor indica na última linha da sua frase que os negros ainda não usam tacos só para bater na bolinha, o que sugere que usam predominantemente para carregá-los para os jogadores brancos. Além disso, indica sobre a realidade do país que se diz abolir a segregação racial, mas que os negros ainda não alcançaram o estilo de vida dos brancos. Ainda se considerar que a maior parte da população sul-africana é composta por negros, a situação parece ser bem séria.

A fala do Sidney, o espaço e posição social de negros e brancos são diferentes. “A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros” (SILVA e ROSEMBERG, 2008, p.74). Fernandes (1972) o racismo é tomado com naturalidade, algo disfarçado com o que chamam de ‘democracia racial’. Embora não esteja falando da realidade brasileira, observa-se que o autor do texto carrega seus valores e posições para tratar da questão racial na África do Sul.

No próximo parágrafo, o autor conta que:

E a sociedade sul-africana, infelizmente, ainda carrega em suas vísceras filhotes da abominação racial. Gente capaz de aconselhar aos jornalistas que tenham muito cuidado com os negros, porque eles fazem apenas duas coisas na vida: “Mentir e roubar.” Perto desses, qualquer leão é manso (GLOBO, 14/06/2010, p. 11).

Realmente demonstra que há algo muito problemático na sociedade sul-africana que não foi devidamente explorada: a questão racial. Embora vários textos dos dois jornais abordem a questão racial, as marcas históricas e presentes da segregação racial, do violento racismo presente no país, nenhum deles aprofunda a discussão. Essa abordagem superficial do racismo pode estar relacionada com o próprio mito da democracia racial que orienta a sociedade brasileira. Evita-se assim aprofundar a discussão e, sobretudo, relacionar com o racismo no Brasil. Para Silva e Rosemberg (2008), o Brasil “constitui uma sociedade racista na medida em que a dominação social de brancos sobre negros é sustentada e associada à ideologia da superioridade essencial de brancos” (p. 74). Esse racismo é sustentado pela mídia brasileira, como afirma Oliva (2005):

As imagens e informações que dominam os meios de comunicação, as revistas e livros didáticos se incorporam a tradição multissecular que inferioriza o continente, alguns estudos preconceituosos e racistas acerca da História da África e a discriminação pela qual são submetidos os afro-descendentes aqui dentro, e os africanos pelo mundo (OLIVA, 2005, p. 93).

Mas para além da educação escolar falha, o autor afirma que as interpretações “racistas e discriminatórias elaboradas sobre a África, e incorporadas pelos brasileiros, são resultado do casamento de ações e pensamentos do passado e do presente” (OLIVA, 2005, p. 93), visão com a qual eu concordo.

5.6 APRESENTAÇÃO DE EBOLA GLOBO E FOLHA

A epidemia de Ebola ganhou destaque na mídia e no mundo a partir do mês de outubro de 2014. Assim como a análise da Copa do Mundo, organizei as notícias de acordo com as

categorias: política, desigualdade sócio-econômica, violência/segurança, cultura e relações raciais. Aqui faço uma análise a fim de demonstrar as ideologias representadas pelos jornais num momento de surto, considerando o discurso presente no imaginário das pessoas de que a África é origem de doenças contagiosas. Assim como discutido no capítulo 2, onde estudos de teóricos como Rodrigues (2012), Danfa (2016) e Oliva (2005) apontam que o continente geralmente é representado como lugar de epidemias e que a mídia é uma reprodutora de tal noção. O ebola e a Aids são males atribuídos a africanos (RODRIGUES, 2012).

O Ebola é um vírus que atinge seres humanos e outros mamíferos que é provocado pelo ebolavirus. Os sintomas se manifestam de duas a três semanas através de febre, garganta inflamada, dores musculares e dores de cabeça. Esses sintomas são seguidos por vômito, diarreia e insuficiência renal, fase em que o paciente também começa a ter hemorragia interna e externa.¹¹ Os cinco países onde foram registrados os maiores números de pessoas infectadas são Libéria, Guiné-Conacri e Serra Leoa. A doença também foi reportada em outros países, como Estados Unidos, Mali, República Democrática do Congo, Nigéria, Senegal, Espanha, Reino Unido e Itália (SAMPAIO; SCHÜTZ, 2016).

5.7 POLÍTICA

Paciente com Ebola 'luta por sua vida', diz órgão dos EUA (FOLHA de SP, 6/10/2014, p. A8), (anexo O), assinado “das agências de notícias”. A matéria é sobre a situação do paciente liberiano, Duncan, o primeiro paciente que foi infectado pelo vírus no país. O diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), Thomas Freiden, informa que o paciente não está recebendo o medicamento experimental. Isso porque “O médico e a família do liberiano teriam de decidir usar a droga. Se quiserem, terão acesso a ela” afirma Thomas (FOLHA de SP, 6/10/2014, p. A8). A fala do diretor parece ter uma desconexão porque o início do texto, ele mesmo explica que “aparentemente” o Duncan não está recebendo nenhum remédio experimental. Mais adiante, o diretor conta que as doses do remédio experimental “acabaram” e o medicamento “não estará disponível em breve”. Percebe-se o uso das aspas pela autora em algumas frases, o que indica que a autora prefere delimitar e diferenciar a sua voz da voz do diretor. O uso de aspas é um importante recurso para marcar as diferentes vozes presentes no texto. Para Bakhtin (1997), em qualquer enunciado existe o *intuito discursivo* ou o *querer-*

¹¹Informações retiradas da Wikipedia, Doença por vírus ebola. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doen%C3%A7a_por_v%C3%ADrus_%C3%89bola. Acesso em: 10/09/2018.

dizer impregnado e determinado pelo locutor, pois é no *querer-dizer* que é possível medir o acabamento do enunciado e a intenção do locutor. Para Bakhtin, um enunciado é determinado por três fatores: o tratamento, o querer-dizer, estrutura. Então pode-se dizer que as frases foram colocadas em destaques pela agência de notícia com o projeto de diferenciar as vozes.

O diretor ainda acrescenta: “pelo que entendemos, remédios experimentais não estão sendo utilizados {por Duncan}”. Depende de seus médicos, dele mesmo e de sua família decidir qual tratamento adotar” (FOLHA de SP, 6/10/2014, p. A8). O texto e as frases em destaque apresentam certa desconfiança nos motivos pelas quais o paciente não está sendo tratado. Primeiro porque o diretor afirma que Duncan não está recebendo o remédio, mas também que ele poderia usar, mas o uso só depende da decisão dele, do médico ou da sua família. Devo apontar que, em matérias anteriores, foi informado que a família do paciente está sob monitoramento policial para não sair de casa com risco de ser processado. Faltou a fala do médico para explicar se Duncan está realmente sendo tratado ou não. Portanto, em outro momento, o diretor também disse que o remédio experimental havia acabado. Essa matéria levanta uma série de questões não respondidas no texto.

Entretanto, na notícia (imagem abaixo), *Ebola tem a 1º contaminação fora da África*, divulgada pela *Folha* (7/10/2014, p. A8), explica que o Duncan começou a ser tratado com o medicamento experimental.

Figura 18: Notícia sobre primeira contaminação fora de África

★
★
★

FOLHA DE S. PAULO
TERÇA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO DE 2014 A8

NA INTERNET
Queniano deixa Presidência para se apresentar a Tribunal em Haia
folha.com/no1528221

NA INTERNET
Marinhas das duas Coreias trocam tiros de advertência
folha.com/no1528567

mundos

Ebola tem 1ª contaminação fora da África

Nos EUA, infectado por doença começa a receber remédio experimental; cinegrafista chega a país para tratamento

DE SÃO PAULO

Uma auxiliar de enfermagem espanhola que tratou de dois missionários que morreram devido ao ebola foi diagnosticada com o vírus em Madri, disseram autoridades na segunda-feira (6).

O caso, o primeiro diagnosticado dentro da Europa, também representa a primeira transmissão da atual epidemia fora da África Ocidental. “Estamos trabalhando para averiguar se [durante o tratamento dos dois missionários] foram seguidos estritamente todos os protocolos estabelecidos”, afirmou a ministra da Saúde, Ana Mato.

A profissional, que não foi identificada, foi posta em isolamento após chegar ao Hospital de Alcorcón com febre alta. A mulher, que estava em férias quando adoeceu, é casada mas não tem filhos.

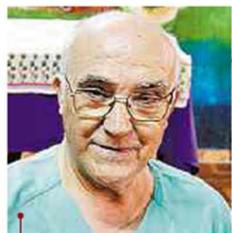
Segundo o diretor-geral de pronto atendimento da comunidade Autônoma de Madri, Antonio Alemany, o marido e três profissionais de saúde que a atenderam no domingo (5) terão a temperatura medida duas vezes por dia durante 21 dias.

O protocolo também será aplicado a 30 funcionários que, da mesma forma que a infectada, atenderam os dois religiosos espanhóis no Hospital Carlos 3º.

O padre católico Manuel García Viejo, de 69 anos, morreu três dias após ter sido repatriado em 22 de setembro de Serra Leoa, onde trabalha-

PACIENTES COM EBOLA TRATADOS FORA DA ÁFRICA

Dois deles morreram; os outros estão sob tratamento nos EUA e na Espanha



MIGUEL PAJARES

Padre espanhol contraiu o vírus na Libéria; ele chegou a ser enviado a um hospital em Madri, mas morreu em 12 de agosto

KENT BRANTLY

Foi o 1º americano infectado, em julho; o médico foi levado da Libéria para Atlanta e sobreviveu após 21 dias de tratamento com um remédio experimental

NANCY WRITEBOL

Missionária foi infectada na Libéria em julho e levada para Atlanta, onde teve o mesmo tratamento que Brantly; recebeu alta após 20 dias

RICK SACRA

O obstetra foi contaminado com o ebola na Libéria, onde era voluntário, e foi levado para Nebraska, onde conseguiu se curar em 25 de setembro

idar de missionários que se infectaram no oeste africano

va em um centro médico da Ordem Hospitalar de São João de Deus.

Para evitar contágios, não foi feita necropsia no cadáver, que foi cremado.

O mesmo procedimento foi adotado após a morte, em 12 de agosto, de Miguel Pajares, 75, outro missionário que se infectou na Libéria.

ESTADOS UNIDOS

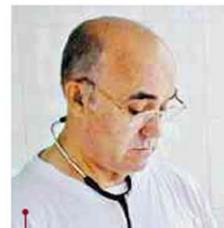
Em estado crítico, Thomas Duncan, 42, começou a ser tratado com o medicamento experimental brincidofovir contra o ebola, segundo anunciou o porta-voz do Hospital Presbiteriano do Texas, em Dallas, na segunda-feira.

A rede NBC o diretor do Centro de Prevenção e Controle de Doenças (CDC), Thomas Frieden, afirmou que nenhuma das 48 pessoas monitoradas por terem tido algum contato com o liberiano mostrou sintomas da doença. Duncan foi a primeira pessoa a ser diagnosticada com ebola nos EUA.

Também na segunda-feira, chegou aos Estados Unidos Ashoka Mukpo, 33, cinegrafista freelancer da NBC diagnosticado com ebola na Libéria. Ele foi o quinto norte-americano a ser diagnosticado com a doença — apenas um morreu.

Em Washington, o hospital da Universidade de Howard descartou a infecção por ebola em um paciente internado na sexta-feira.

A atual epidemia de ebola, que se espalha por fluidos corporais, deixou mais de 3.400 mortos na África, segundo a Organização Mundial da Saúde.



Juan Ciudad Ongel/AF/Photo

MANUEL GARCÍA VIEJO

Missionário do mesmo grupo do padre Pajares foi levado a um hospital em Madri, mas não resistiu às complicações e morreu em 26 de setembro

ASHOKA MUKPO

Cinegrafista da emissora NBC também contraiu a doença na Libéria, no dia 1º; ele foi transferido na segunda (6) para um hospital de Nebraska



Willmot Chayee/AP Photo

THOMAS DUNCAN

Teve os primeiros sintomas da doença já em Dallas, nos EUA, após viagem à Libéria, sendo o primeiro caso de diagnóstico fora da África; está internado desde 1º de outubro

A reportagem começou informando sobre o primeiro caso da contaminação do vírus fora da África, o caso ocorreu em Madri, onde uma enfermeira que estava cuidando de dois missionários que morreram da doença foi diagnosticada com o vírus. Segundo o texto que é assinado “de São Paulo”, o autor relata que a enfermeira contraiu a doença por não seguir corretamente os protocolos. Ela estava em férias com o marido quando adoeceu.

Sobre o caso de Duncan, avisa que ele está em estado crítico, mas segundo o porta-voz do Hospital Presbiteriano do Texas, ele começou sendo tratado com o medicamento experimental. Além disso, o diretor da CDC, Thomas, conta que, as 48 pessoas que estavam sobre monitoramento por ter tido contato com o Duncan não mostraram nenhum sinal de doença. No final do texto, relembra que dos cinco norte-americanos diagnosticados com o vírus no continente africano, apenas um morreu e termina retomando que mais de 3 mil pessoas já morreram do vírus na África. Com o aumento da preocupação do número de pessoas sob observação, o ex-Presidente Barrack Obama decidiu não proibir voos dos países mais afetados. Percebe-se que quando o caso de infecção é nos EUA, o diretor da CDC e os profissionais de saúde geralmente relacionam isso à quebra de protocolo.

As notícias da *Folha* (8/10/2014), *Europa terá mais casos de ebola, diz OMS*, e do *Globo* (8/10/2014), com o título *Os sete erros da Espanha*, (anexo P e Q) apresentam como a Europa está lidando com a situação da auxiliar de enfermagem, Teresa Romero, que foi contaminada ao cuidar de dois missionários que foram infectados pelo vírus. Os dois missionários morreram. Na matéria do *Globo*, o autor informa que uma auxiliar de enfermagem está infectada, uma outra profissional de saúde está com febre, três pessoas estão em isolamento e 52 estão em observação. Na fala do marido da Teresa, ela seguiu todos os protocolos e que em nenhum momento ela cometeu um erro que poderia expô-la ao vírus. Mais uma vez, o contágio com o vírus é tratado como falha médica e quebra de protocolo, diferente de quando se trata dos países africanos e pessoas africanas.

No texto, de autoria da Priscila Guilayn, a coordenadoria da saúde pública em Madri considerou irresponsável a decisão do Ministério de Saúde em trazer as dez pessoas infectadas na África para o país. Para ela, o Ministério tinha que enviar hospitais, laboratórios de campanha e recursos sanitários às regiões mais afetadas pelo ebola. Ou seja, era melhor manter essas pessoas nos países africanos e enviar ajuda para eles. A ideia de que africanos espalham doenças para mundo foi algo abordado por Rodrigues (2012) onde ele demonstra que a África é tratada como lugar de origem de doenças contagiosas. Sidney Chalhoub (1996) também observou que o comércio de africanos era visto por médicos como o responsável pela febre amarela no Brasil. Além disso, afirma que a epidemia de bexigas que alcançou Bahia em 1641 e depois Rio de

Janeira, foi um surto que começou na África Central. Esses autores nos ajudam a situar a noção de africanos como pessoas que transmitem doenças para outros continentes. Associada a essa representação, está a representação dos Estados Unidos como país potencial que ajuda a África com recursos financeiros.

O texto ainda reforça que, das dez pessoas que foram enviadas para seus países de origem para receberem tratamento, somente dois morreram. Outro erro, de acordo com o texto, foi improvisar uma estrutura para receber os religiosos e treinar, às pressas, uma nova equipe para atendê-los. No resto do texto, a jornalista descreve que os demais erros cometidos, segunda as denúncias relatadas, é que o protocolo de segurança não foi mantido.

Por outro lado, a matéria da *Folha* (8/10/2014, p. A9) relata que Europa terá mais casos de ebola. A diretora europeia da Organização Mundial da Saúde (OMS), Jakab, explica que “tais incidentes serão inevitáveis por causa das viagens para os países afetados e vice-versa.” Logo em seguida ela afirma que “o mais importante é que a Europa ainda apresenta baixo risco para a doença, com a região do continente sendo a bem mais preparada para responder a febres hemorrágicas virais, incluindo a ebola” (FOLHA de SP, 8/10/2014, p. A9). A chefe do hospital onde a auxiliar de enfermagem contraiu a doença explica que a equipe médica está “revisando os protocolos”. Por outro lado, os profissionais de saúde relataram para o jornal *EL País* que apesar do hospital de Madri ter protocolos rígidos para conter a doença, as roupas usadas para proteção não eram adequadas para o nível de ameaça. A porta-voz do Comissão Europeia disse que “quando for identificada, a falha servirá de exemplo aos outros países” (FOLHA de SP, 8/10/2014, p. A9).

Na reportagem da *Folha*, indica que a contenção da transmissão do vírus ainda não havia sido controlada pelos EUA e a Europa, mas pela fala da diretora da OMS, a situação seria mais como uma forma de reafirmar o poder hegemônico do país, uma vez que ela indica que a Europa está mais preparada para lidar com a situação, mesmo sendo que os profissionais relatam o contrário. O fato de conter o vírus na África é algo que Danfá (2016) coloca como barreira sanitária que é colocado como solução inicial para alguns países de modo a conter o possível risco do vírus. Para ela, ao citar Joffe e Haarhoff (2002), esse procedimento é uma estratégia comum que países ocidentais utilizam com crises potenciais como ebola: colocam barreiras como forma de impedir as pessoas pertencentes aos grupos acusados de entrarem nos países ocidentais. A respeito dos procedimentos para crises como do ebola, é importante retomar Bhabha (2010), que partilha da ideia de que a Europa construiu a visão da África como continente pobre e pessoas com doenças que precisam de intervenção para sobreviver. A

intervenção deve ser feita à distância, para garantir que os africanos se mantenham distante dos países europeus.

Figura 19: Página do jornal informa sobre o primeiro país a conter o vírus

Nigéria está livre do ebola, afirma OMS

País africano não registrou novos casos nos últimos 42 dias, o equivalente a dois períodos de incubação do vírus

Nos EUA, 44 pessoas deixaram de ser monitoradas porque não correm mais risco de manifestar a doença

GIULIANA VALLONE
DE NOVA YORK

A OMS (Organização Mundial da Saúde) anunciou nesta segunda-feira (20) que a Nigéria está livre do ebola, depois de 42 dias (dois períodos de incubação do vírus) sem registro de novos casos.

Nos Estados Unidos, 44 pessoas deixaram o monitoramento para a doença sem nenhum sintoma.

“É uma história de sucesso espetacular que mostra que o ebola pode ser contido”, diz nota da organização sobre a Nigéria.

De acordo com a OMS, o país —o mais populoso da África, com 177 milhões de

habitantes— registrou 20 casos da doença. Oito pessoas morreram.

EUA

Também nesta segunda, as autoridades sanitárias de Dallas (Texas) anunciaram que 44 pessoas passaram pelo período de 21 dias de incubação do vírus sem desenvolver a doença e não correm mais nenhum risco.

Elas estavam sob monitoramento por terem tido contato com o liberiano Thomas Duncan, o primeiro paciente diagnosticado com ebola nos EUA, morto em 8 de outubro.

Entre esses casos estão a noiva de Duncan, Louise Troh, seu filho e dois sobrinhos que ficaram em quarentena ao longo deste período.

“Estamos muito felizes que isso está terminando e gratos por nenhum de nós ter apresentado sinal da doença”, disse Troh. “Perdemos muito, mas temos nossas vidas e

nossa fé em Deus.”

Ainda estão sendo monitorados mais de 70 funcionários de saúde que atenderam Duncan no Hospital Presbiteriano do Texas —onde duas enfermeiras se infectaram.

Clay Jenkins, juiz do condado de Dallas, pediu à população que trate com compaixão aqueles que estão saindo do isolamento.

No Estado de Ohio, três pessoas estão em quarentena e outras 142 sob monitoramento, depois que Amber Vinson, uma das enfermeiras diagnosticadas com o ebola, viajou para a cidade de Cleveland dias antes de apresentar sintomas da doença.

A família de Vinson rebateu, em comunicado, as acusações de que a enfermeira não seguiu as regras do CDC (Centro de Prevenção e Controle de Doenças) ao voltar de Cleveland para Dallas um dia antes de ser internada em um avião comercial.

FORA DO MAPA

Sem casos há 42 dias, OMS declara Nigéria livre da epidemia



País	Casos
Guiné	1519
Libéria	4262
Serra Leoa	3410
Nigéria	20
Senegal	1
Espanha	1
Estados Unidos	3

Fonte: Folha, 21/10/2014, p.A12.

Em meio às notícias de tragédia sobre a epidemia, os jornais *Globo e Folha de SP*, registraram no dia (21/10/2014), boas notícias de que OMS declarou a Nigéria livre do surto. Na *Folha*, a matéria aparece com o título, *Nigéria está livre do ebola, afirma OMS*, de autoria de Giuliana Vallone. O primeiro parágrafo começa avisando que a Organização Mundial de Saúde declarou o país livre do vírus depois de 42 dias, o que corresponde a dois períodos de incubação do vírus. Logo em seguida aponta que 44 pessoas deixaram o monitoramento para a doença sem nenhum sintoma. Além disso, a OMS conta que Nigéria registrou 20 casos da doença, em que oito morreram. Por outro lado, na cidade de Ohio em EUA, três pessoas estavam em quarentena e 142 pessoas continuavam sob monitoramento, depois que a enfermeira Amber, diagnosticada com o ebola, viajou para a cidade de Cleveland. Observa que somente quatro parágrafos foram dedicados às informações sobre o vírus, não indica nada sobre como o país conseguiu conter a doença. O destaque foi dado ao contágio da enfermeira nos Estados Unidos.

As notícias *Um dia relativo de alívio em meio à tragédia da epidemia de ebola e Nigéria é exemplo a ser seguido na contenção do vírus, afirma OMS*, (anexo R e S) escritas por Leandro Guandeline, foram publicadas pelo *Globo*. Na reportagem, o autor informa que a OMS “destacou que a nação africana é um exemplo a ser seguido na contenção do vírus” (GLOBO, 21/10/2014, p. 27). E acrescenta a União Europeia se comprometeu em intensificar os esforços para arrecadar cerca de R\$ 3 bilhões de dólares para ajudar no combate ao ebola na África. Além disso, “o Canadá enviou a Genebra, sede da OMS, o primeiro lote de uma vacina experimental para ser testada por técnicos da instituição em hospitais da cidade de suíça” (GLOBO, 21/10/2014, p. 27). Também no texto do jornal *O Globo* não é explicado como a Nigéria conseguiu conter o vírus. Em vez disso, avisa sobre o dinheiro que será arrecadado para ajudar no combate do ebola no continente. Indica que a Europa irá contribuir com ajuda financeiro. Sobre o ocidente pensar na África como lugar pobre que precisam de ajuda, Oliva (2005) afirma:

Aos preconceitos anteriores articulam-se, no século XIX, as crenças científicas, oriundas das concepções do Evolucionismo Social e do Determinismo Racial, que alocaram os africanos nos últimos degraus da evolução das “raças” humanas. Infantis, primitivos, tribais, incapazes de aprender ou evoluir, os africanos deveriam receber, portanto, a benfazeja ajuda européia por meio das intervenções imperialistas no continente (OLIVA, 2005, p. 103).

Essa visão sobre o continente parece se manter, indicando como esses enunciados coloniais ecoam em enunciados contemporâneos sobre o continente. Relembro que a ajuda financeira, na fala da diretora da OMS, será a forma mais apropriada de ajudar o continente. Essa estratégia é uma forma de criar barreiras que mantenha os afetados pelo vírus dentro de seus países, como mencionado por Joffe e Haarhoff (2002). De acordo com o texto, em julho, um americano de origem liberiana, Patrick Sawyer, desembarcou em Lagos, capital da Nigéria, com sintomas de febre hemorrágica, levando assim o vírus para o país. Lagos, “a maior cidade da África, com 21 milhões de pessoas (o equivalente a Guiné, Serra Leoa e Libéria), deflagra uma epidemia apocalíptica” (GLOBO, 21/10/2014, p. 27). Segundo a OMS, a rápida identificação e o monitoramento de todas as quase mil pessoas que tiveram contato com a primeira vítima, Sawyer (que faleceu cinco dias depois de entrar no país), “limitaram os possíveis contágios, no que classificou como ‘um trabalho de investigação epidemiológica de nível mundial’. A posição valorativa da notícia é positiva, seguindo o colorido valorativo da OMS, que considerou trabalho de contenção de nível mundial, ou seja, de países não africanos. O padrão de referência é dos países europeus e norte-americano, mantendo-os na posição hegemônica, normativa.

De acordo com a notícia, no total dezenove pessoas foram infectadas, a maioria sendo profissionais de saúde que trataram do Sawyer, das quais sete morreram. Em relação a isso, o texto termina explicando que *The New York Times* elogiou o papel de Cuba na luta contra o ebola. O país enviou centenas de médicos e enfermeiros ao Oeste da África em setembro. O jornal descreveu isso como “O mais roubo entre as nações que buscam conter o vírus”.

Ao tratar dos casos de infecção pelo vírus do ebola em países fora da África ou da contenção da propagação do vírus na Nigéria, os textos tratam das relações políticas entre países africanos e países do Norte (países europeus e Estados Unidos). Se trata, deste modo, de política externa, sobretudo, diferente dos textos que tratam de política relativos à Copa do Mundo; nestes, o foco está na política interna dos países. Embora tenham esse aspecto diferente, observo uma posição valorativa predominante, com exceção do texto sobre a contenção do vírus na Nigéria: apontam-se as falhas nas políticas dos países africanos. Apenas um texto difere desse tom e apresenta uma tonalidade valorativa positiva em relação à política do/no país, que é em relação à Nigéria. Ao fazê-lo, no entanto, o que predomina é a referência dos países do Norte como referência: a Nigéria é capaz de seguir os protocolos instituídos e valorizados por esses países, reforçando os países do Norte como norma, padrão a ser seguido.

5.8 DESIGUALDADE SÓCIO-ECONOMICA

Figura 20: Texto informa da primeira contaminação nos EUA

30 outubro

Sociedade

Quarta-feira 13/10/2014

Ebola é diagnosticado pela 1ª vez nos EUA

Por quatro dias, paciente esteve doente e teve contato com parentes e amigos, expondo-os ao vírus letal

ROBERTA JANSEN
robertajansen@globo.com.br

Num claro sinal de que a epidemia de ebola está lentamente fora de controle na África e pode se espalhar por outros pontos do mundo, um caso da doença foi diagnosticado ontem nos Estados Unidos. É a primeira vez que um registro da febre é feito fora do continente africano. Segundo informação do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, no sigla em inglês) dos EUA, o paciente passou quatro dias doente e mantendo contato com parentes e amigos, tendo sido isolado apenas anteriormente. Por isso, o risco de contaminação do vírus é relativamente alto. Especialistas garantem, no entanto, que não se deve temer uma epidemia.

O indivíduo contaminado chegou da Libéria (o país mais afetado pela doença) no último dia 20 para visitar parentes que moram nos EUA. Começou a apresentar sintomas no dia 24, mas só foi internado (e isolado) no domingo, no Hospital Presbiteriano de Texas, em Dallas. O paciente se encontra em estado crítico, segundo o CDC, e a prioridade, agora, é salvar sua vida. Todas as pessoas que tiveram algum contato com ele no país serão monitoradas e, caso apresentem febre, serão levadas para isolamento por 21 dias.

CONTÁGIO SOMENTE APÓS SINTOMAS

Diferentemente de outras doenças contagiosas, o ebola só é transmitido quando o paciente já apresenta sintomas da febre (e não na fase assintomática). Por isso, pessoas que viajam com ele no avião, por exemplo, não estariam em risco. A doença é transmitida por meio do contato direto com fluidos corporais do doente. Não se sabe ainda como o indivíduo contraiu a doença. De acordo com as primeiras informações divulgadas no fim da tarde de ontem, ele não seria um profissional de saúde envolvido na resposta à epidemia.

Diretor do CDC, Thomas Frieden afirmou em entrevista coletiva não ter dúvidas de que as autoridades sanitárias federais e locais são capazes de conter a propagação do vírus.

— Certamente é possível que alguém que tenha tido contato com esse indivíduo desenvolva a doença nas próximas semanas — afirmou. — Mas não tenho dúvidas de que conseguiremos deter a propagação.

O virologista brasileiro Fernando Portela Câmara concordou com o colega americano. Para ele, em qualquer lugar com uma infraestrutura razoável de saúde, saneamento e cuidados básicos de higiene, a propagação de uma epidemia seria quase impossível.

— Na África, a crise está fora de controle porque as condições são as piores possíveis — disse.

Hospitais americanos (e de alguns países da Europa) recebem outros pacientes de ebola provenientes do Sudeste da África, onde a epidemia já matou mais de três mil pessoas. Esses pacientes, no entanto, eram todos profissionais de saúde que trabalharam na resposta à doença e foram diagnosticados ainda na África. Ou seja, foram transportados para os EUA em condições de total isolamento e levados diretamente para a internação, sem risco algum de transmissão. ■



Pequenas vítimas. Uma mulher toma conta de crianças após pais fugir à igreja em Monróvia. Al para os meninos e meninas que pedem as pais, órfãos recolonizados

Unicef alerta para rejeição a crianças órfãs da epidemia

Surto já deixou ao menos 3.700 sem pais em três países. Abandono parte até de famílias

BARBARA TINOCO
barbaratinoco@globo.com.br

Com apenas 4 anos, John foi deixado em um orfanato dois dias depois de perder sua mãe. Ele nasceu mês passado, vítima do ebola, em uma clínica em Monróvia, capital da Libéria. Um sobrevivente da doença, imune ao vírus, quis cuidar da criança, mas foi coagido por vizinhos temerosos de que o pequeno pudesse ser uma ameaça à comunidade local. A história de John vem se repetindo em localidades dos três países mais atingidos — além da Libéria, Guiné e Serra Leoa.

Ontem, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) informou que os órfãos do ebola somam ao menos 3.700 crianças na África Ocidental. Além de perder os pais, meninos e meninas enfrentam rejeição por serem vistos como potenciais transmissores do vírus, cujo atual surto já matou mais de três mil pessoas. A recusa parte inclusive de parentes, e mesmo crianças cujo teste para a doença é negativo são abandonadas. O Unicef fez um apelo mundial por cuidados voltados para elas.



Sem contato. Muito cuidado na África Ocidental.

— Em algumas comunidades, o medo em torno do ebola está se tornando mais forte do que os laços familiares — afirmou o diretor regional do Unicef para a África Ocidental e Central, Manuel Fontaine, após voltar de uma missão de duas semanas nos três países. — Essas crianças precisam de atenção especial e apoio urgente. Não muitas se sentem evitadas ou mesmo abandonadas.

O cálculo sobre o número de órfãos do ebola foi feito ao longo de um trabalho de duas semanas do Unicef. Inicialmente, foram contados 4.500 órfãos, mas a quantidade depois foi corrigida para 3.700. O

fundo ligado à ONU, no entanto, estima que, nas próximas semanas, esse número deve aumentar em duas vezes. De acordo com a pesquisa, crianças de 2 ou 4 anos estão sendo abandonadas devido ao surto mortal.

Pequenos africanos têm sido descobertos mortos em hospitais onde sem pais morrem ou estão em suas comunidades, onde, com sorte, recebem algum tipo de cuidado ou proximidade, que, ainda assim, evitam contatos físicos ou proximidade. O medo é de que mesmo um simples abraço de conforto possa significar contágio. Trabalhos de ajuda humanitária também estão trabalhando de modo como cuidar dos pequenos, por conta dos riscos de contágio da doença.

Segundo o Unicef, o fundo só recebeu até agora 25% dos US\$ 200 milhões que considera necessários para sua missão nos países afetados.

Professor do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (UFF), o angolano José Carlos Gonçalves afirma que esses órfãos se tornam as crianças que pedem pais em outros países, que atingiram a África Ocidental.

— É uma situação do que aconteceu nessas países antes, de outras formas, como nos EUA. — afirma a economista. — A pergunta que fazemos é: quais são os mínimos reais? Esses países têm estatísticas muito deficientes, então os números podem não ser exatamente os que estão saindo. (Com agências internacionais) ■

Fonte: *o Globo*, 01/10/2014, p.30.

No dia 01/10/2014, o jornal *o Globo* publicou a notícia, *Ebola é diagnosticado pela 1ª vez nos EUA*. O texto é de autoria da jornalista Roberta Jansen e começa explicando que “num

claro sinal de que a epidemia de ebola está totalmente fora de controle na África, e pode se espalhar por outras partes do mundo, um caso da doença foi diagnosticado ontem nos Estados Unidos” (GLOBO, 1/10/2014, p. 30). A natureza da fala em que Roberta inicia o texto pressupõe a existência de enunciados anteriores de que África é a origem de doenças contagiosas fora de controle, além de se transmitir pelo mundo. A contextualização histórica sobre epidemias feita no capítulo 2 permite fazer essa afirmação. O texto explica que o vírus chegou no país na cidade de Texas, através de um africano da Libéria, que passou quatro dias tendo contato com pessoas até ser internado. Mas os especialistas garantem que na população não deve temer uma epidemia. O texto informa que a doença só é transmitida quando o paciente apresenta sintomas de febre e por meio do contato direto com fluídos corporal. O diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças, CDC (sigla em inglês), Thomas Freiden, afirma que as autoridades sanitárias são capazes de conter a propagação do vírus. Um infectologista brasileiro foi entrevistado e segundo ele não há dúvidas de que o país conseguiria deter a propagação do vírus. Para ele:

Qualquer lugar com razoável infraestrutura de saúde, saneamento e cuidados básicos de higiene, a propagação de uma epidemia seria quase impossível”. Na África, a coisa está fora de controle porque as condições são as piores possíveis”, conclui (GLOBO, 01/10/14, p. 30).

Ainda reforça que: “na África, a coisa está fora de controle porque as condições são as piores possíveis” (GLOBO, 1/10/2014, p. 30), dialogando com enunciados anteriores que reforçam a ideia de uma África homogênea e caracterizada pela pobreza, pela miséria, pela falta de desenvolvimento. Parece ressaltar aqui uma visão estereotipada do continente, reforçando enunciados colonialistas que justificariam o processo colonial de levar desenvolvimento ao continente. Como afirma Adichie, no TED “o perigo da história única”, um dos problemas do estereótipo é que quando é repetido incontáveis vezes, sem outras narrativas que o contestem, é que ele se torna a verdade. A história da falta de desenvolvimento e da precariedade dos países africanos é a história única sobre o continente na mídia brasileira. Praticamente não há textos que falem do desenvolvimento no continente.

A foto que acompanha a matéria é uma mulher e crianças negras. Na legenda explica que “uma mulher toma conta de crianças cujos pais foram à igreja em Monróvia. Já para os meninos e meninas que perderam os pais, cuidados reelaborados”. A foto não tem nenhuma conexão com a matéria sobre o diagnóstico da doença e com a matéria que explica sobre crianças que se tornaram órfãos devido à doença. A representação é o que liga o sentido e a linguagem à cultura a associação com a linguagem. Para Hall (2016) o significado é construído na linguagem e por meio dela. O significado, por sua vez, gera representações e, para Danfá:

A representação do outro como inferior e ameaçador aumenta em tempos da ameaça e potencial crise, principalmente quando este outro é proveniente de um continente problemático, e pejorativamente tratado como “retrógrado” a olho dos ocidentais, como a África (DANFÁ, 2016, p 44).

O outro, nesse caso, é o continente e os africanos. O modo de representação da alteridade constrói estereótipos num viés ideológico numa tentativa de fixar representações sobre o outro. O estereótipo, por sua vez, ganha validade e repetição em conjunturas históricas e discursivas mutantes com estratégia de marginalização e individualização, produz verdades prováveis em excesso e não pode ser provado empiricamente ou explicado pela lógica (BHABHA, 2010). Para isso que Muniz Sodré (1999) ressalta que definir ou atribuir uma identidade ao Outro a partir de categorias do pensamento ocidental dá ao colonizador um espaço na história do Outro, criando assim um cânone onde o colonizado é visto através do colonizador. Para Munanga (2006), esse tipo de representação presente na fala do diretor e reforçada no texto, é uma forma de pensar o outro a partir de uma referência específica de identidade como meio de essencializá-la, é uma forma de desumanizar o sujeito.

No mesmo dia, a *Folha* publicou sobre o mesmo assunto.

Figura 21: Texto do jornal informa sobre o diagnóstico da contaminação do Ebola nos EUA

EUA diagnosticam 1º caso de ebola no país

Paciente chegou da Libéria no dia 20 e sintomas surgiram quatro dias depois, já no Texas, onde não estava isolado

Episódio é mais grave, pois outros americanos infectados já haviam voltado para casa sob cuidados médicos

DA S A G Ê N C I A S D E N O T I C I A S

Os Estados Unidos confirmaram o primeiro caso de Ebola diagnosticado no país. O infectado é um homem que saiu da Libéria em 19 de setembro e chegou ao Texas no dia seguinte, para visitar parentes que moram lá.

Ele começou a apresentar sintomas quatro dias depois.

Equipes do Centro de Controle de Doenças (CDC) dos EUA estão identificando todas as pessoas que tiveram contato com o doente e que podem, portanto, ter se contaminado. "Provavelmente um punhado de membros da família e um a três membros da comunidade tiveram contato

com o doente", disse Thomas Frieden, diretor do CDC.

Eles serão monitorados por 21 dias (o período máximo de incubação da doença) e terão sua temperatura medida duas vezes por dia. A qualquer sinal de febre, que é um dos sintomas da doença, entram no isolamento.

"Não tenho dúvidas de que o ebola não vai se disseminar amplamente neste país", disse Frieden. "É certamente possível que alguém que tenha mantido contato com o doente possa desenvolver Ebola nas próximas semanas. Mas vai parar aí."

Ele descartou a possibilidade de o paciente ter infectado outros passageiros no voo que o trouxe da Libéria. "Ele ainda não apresentava sintomas, há zero chance de contágio dentro do avião; por isso não vamos identificar o voo", ele disse. Frieden falou ontem com o presidente americano, Barack Obama, para dar detalhes sobre a situação.

O diretor do CDC reiterou algumas vezes que o vírus só é transmitido por um paciente já é sintomático, ou seja, que tenha febre, vômitos, diarreia ou sangramentos.

"Nos vamos conter o ebola, porque temos fortes medidas de controle e estrutura para identificar e monitorar pessoas que tenham mantido contato com o doente", afirmou.

No dia 24 de setembro, quatro dias após chegar nos EUA, o paciente começou a manifestar sintomas. Ele buscou ajuda médica na sexta (26) e foi internado no Hospital Presbiteriano do Texas, em Dallas, no domingo (28).

Na última segunda (29), o CDC confirmou o diagnóstico. O paciente está em "estado crítico" no hospital.

É a primeira vez que um caso de Ebola é diagnosticado fora do continente africano.

Dois americanos, um médico e uma missionária, foram tratados em um hospital em Atlanta, mas eles receberam o diagnóstico na Libéria e foram transportados com todo os tipos de controle, em isolamento.

NÃO AFRICANOS QUE CONTRAIAM EBOLA

12. ago

O padre espanhol Miguel Pajares, que contraiu o vírus na Libéria, morre em hospital em Madrid

21. ago

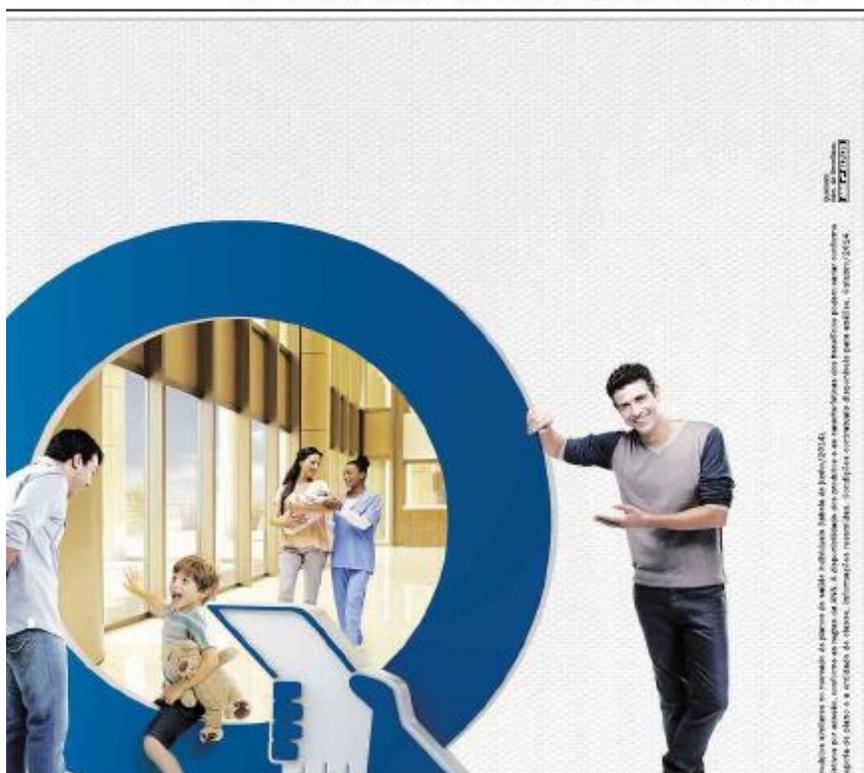
O médico Kent Brantley, que trabalhava em um hospital na Libéria e foi o primeiro americano infectado com o ebola, recebe alta após passar por tratamento experimental com a droga ZMapp em Atlanta (Geórgia); no mesmo dia, também teve alta a missionária americana Nancy Writebol, que estava no mesmo hospital e recebeu o mesmo tratamento

25. set

Hospital de Nebraska confirma que o obstetra Rick Sacra, o terceiro americano tratado contra o ebola nos EUA, está curado. Ele contraiu o vírus na Libéria, onde era voluntário em um hospital

30. set

Confirmado que homem que viajou a Dallas, no Texas, no dia 20, contraiu o vírus na Libéria. É a primeira vez que um caso é diagnosticado quando o infecta-



Fonte: Folha, 1/10/2014, p. A9.

O texto é de autoria de 'das agências de notícia'. Assim como o *Globo*, o texto informa sobre como o EUA registrou o primeiro caso de Ebola e acrescenta que os parentes e familiares da comunidade que tiveram contato com Duncan, o primeiro caso de ebola diagnosticado no país, serão monitorados por 21, o período máximo da incubação da doença. O diretor também afirma que o ebola não vai se disseminar no país e que "é possível que alguém que tenha mantido contato com o doente possa desenvolver ebola nas próximas semanas. Mas vai parar por aí". (FOLHA de SP, 1/10/2014, p. A9).

Nos últimos parágrafos do texto, explica que o paciente chegou no país no dia 24 e buscou ajuda médica no dia 26, mas somente foi internado no dia 28. Somente no dia seguinte

na matéria que explica porque o paciente não foi internado imediatamente. O texto termina dizendo do que dois americanos, um médico e uma missionária foram tratados em um hospital em Atlanta, EUA, mas que foram diagnosticado quando ainda estava na Libéria e transportados com todo tipo de controle.

Figura 22: Reportagem explica como a epidemia afeta os investimentos no continente africano

Epidemia de ebola leva à retração dos investimentos na África

Multinacionais repatriam funcionários e cancelam planos de expansão

LUCIANO CARMELO
luciano.carmelo@globo.com.br

A epidemia do vírus ebola já matou mais de 3.400 pessoas no Oeste da África, atingindo países que mal saíram de guerras civis de anos, e teve até um caso diagnosticado nos Estados Unidos. E a epidemia também terá consequências econômicas: a atividade tem sido diretamente afetada pelas mortes, quarentenas e restrições ao movimento de pessoas. Empresas estrangeiras estão reduzindo suas operações em Guiné, Libéria e Serra Leoa, os três países mais afetados, retirando funcionários e adiando planos de expansão, o que amplia ainda mais o potencial impacto econômico da doença.

A Ancestral, por exemplo, suspendeu as obras de expansão de sua mina na Libéria, diante da saída de cerca de três mil funcionários terceirizados do país. A própria companhia repatriou 130 funcionários de áreas não essenciais. A empresa Sims Darcy, da Malásia, adiou a construção de uma fábrica de óleo de palma, depois de investir na plantação do produto. Já o Grupo Sisa, da Costa do Marfim, anunciou que as exportações de borracha da Libéria foram suspensas após o bloqueio das fronteiras.

AVIÕES SUSPENDEM VOOS

Até a Vale repatriou seus funcionários da Guiné no início do surto da doença, em março. Em abril, no entanto, teve a licença do projeto de Simandou revogada e parou assim como os demais trabalhadores. Caspilar, Canadian Overseas Petroleum e Ausim Mining são exemplos de empresas que levaram expatriados de volta a seus países para reduzir riscos de infecção. E, entre companhias aéreas, British Airways, Emirates, Kenya Airlines e Asky suspenderam voos para a região.

— O custo econômico do ebola não é grande hoje, mas o potencial é enorme. A situação ainda está se deteriorando e concordamos com o presidente Obama (Barack) que é preciso agir mais rápido — diz o vice-presidente de



Drama Em Monróvia, capital da Libéria, profissionais de saúde desinfetam quem traz pacotes com ajuda

“Ninguém sabe como vai parar. Isso aumenta a incerteza quanto ao futuro, e a incerteza trava a economia.”

Antonio Carlos Macedo e Silva
Professor do Instituto de Economia da Unicamp

Comunicações Corporativas da AncestralMittal, Nicola Davidson.

A empresa investiu US\$ 1,7 bilhão na Libéria e teve que adiar a fase 2 de sua mina no país, que vai triplicar a capacidade de produção das atuais cinco milhões de toneladas de minério de ferro por ano para 15 milhões de toneladas. Com condições de segurança reforçadas, a atual unidade mantém sua produção. Um funcionário morreu com o ebola, nenhum outro foi contaminado.

Preocupada com o futuro, a AncestralMittal se uniu a outras empresas no Grupo de Mobilização do Setor Privado pelo ebola, que começou com 11 integrantes e agora já engloba 40, entre elas, Alcoa, London Mining, Rio Tinto, BHP Billiton, Diageo e Heineken.

— A ideia é confirmar nosso compromisso de longo prazo com o Oeste da África e ajudar na reação à doença. A infraestrutura de saúde desses países é muito precária — explica Nicola.

PREJUÍZO DE US\$ 800 MILHÕES

Estatístico do Banco Mundial alerta que o impacto econômico do ebola pode ser “catastrófico” se não houver reação internacional mais firme à doença, e estima em até US\$ 800 milhões os custos para Guiné, Libéria e Serra Leoa em um cenário de dificuldade de controle da epidemia. Os preços de alimentos estão subindo, assim como a inflação, e há casos de falta de produtos e especulação. Além disso, as projeções para o crescimento dessas economias foram reduzidas pelo Banco Mundial. Mais do que os custos diretos com o sistema de saúde, aponta o documento, é o futuro que afeta a economia.

— O maior risco é o medo do

contágio, o fator pânico. Os canais de transmissão para a economia são muitos: pelo comércio, transporte, turismo, agricultura e contas públicas, com menos receita de impostos e mais gastos com saúde — explica o associado sênior do Brookings Institution Amadou Sy.

Ainda que a epidemia do ebola fique restrita aos países do Oeste da África, afirma Sy, há risco de menor confiança de investidores na África como um todo.

— De fora, as pessoas costumam olhar a África como um único país e não veem que o vírus está concentrado no Oeste. No estágio atual é difícil estimar números, mas é possível que alguns investimentos sejam adiados ou cancelados — diz.

Para o professor do Instituto de Economia da Unicamp Antonio Carlos Macedo e Silva, a crise torna mais incerta a projeção de crescimento da África.

— A África subsaariana responde por cerca de 2,6% da economia global. Isso limita o impacto sobre o PIB global, mas não torna a epidemia menos dramática. Ninguém sabe como vai parar. Isso aumenta a incerteza com relação ao futuro, e a incerteza trava a economia. ■

Pelo título pode-se entender que a epidemia está causando prejuízos para empresas estrangeiras no continente africano. A autora, Lucianne Carneiro, começa o texto explicando que a epidemia está causando consequências econômicas. Pois a expansão do vírus está afetando empresas internacionais, e estas têm reduzido suas operações nos países mais afetados (Guiné, Serra Leoa e Libéria), retirando funcionários e adiando planos de expansão. Segundo o texto, isso é devido ao fato de que a atividade tem sido diretamente afetada pelas “mortes, quarentenas e restrições ao movimento de pessoas.” A autora deu exemplo da empresa de mineração, ArcelorMittal que investiu US\$1,5 bilhão na Libéria e teve que adiar a fase dois de sua mina no país. O que a princípio irá triplicar a capacidade de produção de cinco mil toneladas de minério de ferro por ano. Segundo o vice-presidente da empresa, “a ideia é confirmar nosso compromisso de longo prazo com o Oeste da África e ajudar na reação à doença” (GLOBO, 05/10/2014, p. 48). A fonte cita a intenção de ajudar o país, mas também reforça como a retração pode prejudicar a população, embora o título se referiu à África.

O relatório do Banco Mundial alerta que o impacto econômico do ebola pode ser “catastrófico” se não houver mais firme à doença e estima em até US\$ 809 milhões os custos para os três países mais atingidos pelo vírus. No texto, outra fonte, Sy, associado sênior da empresa Brookings Institution, explica que “ainda que a epidemia do ebola fique restrita aos países do Oeste da África, há risco de menor confiança de investidores na África como um todo” (GLOBO, 05/10/2014, p. 48).

Figura 23: Especialista nigeriano fala sobre como conter o vírus

FABIO BRISOLLA
DO RIO

Nos últimos meses, o trabalho do epidemiologista nigeriano Chikew Ihekweazu consistiu em atender infectados pelo ebola em Serra Leoa e na Libéria, que enfrentam uma epidemia da doença.

Consultor do Instituto Nacional de Doenças Transmissíveis, com sede na África do Sul, ele avalia que, além de combater a propagação do vírus, outro desafio é lidar com o medo da população.

Aponta ainda a razão do número expressivo de vítimas em decorrência da atual epidemia. Segundo a OMS, já são mais de 4.000 mortos.

"Antes, os casos eram detectados em áreas rurais. Agora, chegaram às zonas urbanas", disse o epidemiologista, que participou na semana passada da conferência TED Global, no Rio.

Ex-funcionário do instituto Robert Koch, da Alemanha, e da Agência de Proteção à Saúde, da Inglaterra, o nigeriano afirmou que a melhor proteção contra o contágio "não é fechar as fronteiras, mas ajudar no tratamento das vítimas da África".

Sobre a progressão do ebola, ele subestima as chances de uma epidemia em outros países como o Brasil. "O ebola é um vírus difícil de se propagar. Não acho que a doença se alastrará pelo mundo."

★

Folha - Por que dessa vez há tantos infectados?

Chikew Ihekweazu - O que mudou nos últimos anos não foi o vírus, mas o contexto. Normalmente, o ebola era detectado em pequenas



O epidemiologista Chikew Ihekweazu durante entrevista no Rio

ENTREVISTA CHIKEW IHEKWEAZU

É preciso conter o medo da população diante do ebola

NIGERIANO QUE ATENDEU NOS ÚLTIMOS MESES INFECTADOS EM SERRA LEOA E LIBÉRIA DUVIDA QUE EPIDEMIA VÁ SE ALASTRAR PELO MUNDO

Ajudar as vítimas é a melhor forma de proteger o resto do mundo.

A atual epidemia pode se alastrar por outros continentes?

Ebola é um vírus difícil de se propagar. É necessário ter contato com fluidos corporais, como sangue e suor, de um paciente infectado. Além disso, o vírus não é transmitido no período de incubação, apenas quando o paciente já apresenta os sintomas. É possível surgir um ou dois casos, mas não acho que se alastrará. Na Europa, por exemplo, os funcionários usam roupas adequadas e adotam os procedimentos necessários. Com boa estrutura, é muito mais fácil conter a doença.

Se o ebola chegar ao Brasil, qual seria o conselho do sr. para as autoridades do país?

O Brasil tem profissionais muito competentes na área de saúde. A Fiocruz, por exemplo, é uma instituição de fama internacional, reconhecida por sua capacidade de lidar com doenças contagiosas.

Há investimentos na área da saúde. Cheguei a visitar uma UPA no Rio, além da Fiocruz. O sistema pode não ser perfeito, mas parece ao menos haver alguma preocupação com o assunto.

O sr. tem medo de ser infectado pelo ebola?

É um risco calculado. Na maior parte do tempo, estamos bem protegidos durante o contato com pacientes. Sendo muito sincero, um cidadão da Nigéria como eu tem muito mais risco de morrer em um acidente de carro do que contaminado por ebola.

comunidades rurais, o que facilita o controle. Agora, os pacientes moram também em zonas urbanas. Em uma cidade como Monróvia [capital da Libéria], há favelas como as do Brasil. É muito mais difícil controlar a situação em um cenário assim.

Qual tem sido a frequência das epidemias de ebola na África?

Os surtos são raros. Nos últimos dez anos, houve cinco ou seis epidemias na África. Os casos anteriores foram registrados no centro e sul do continente, em países como Congo e Sudão. Nunca em Serra Leoa ou Libéria, ambos no oeste. Por isso, todos foram surpreendidos e não sabiam realmente o que fazer.

Qual situação o sr. encontrou nos dois países?

Libéria e Serra Leoa passaram por grande instabilidade política. São países com infraestrutura muito frágil e sistemas de saúde precários. Na Libéria, por exemplo, existe um médico para cada 100 mil pessoas. Assim como na Espanha e EUA, o grande desafio é conter o medo da população. Na Libéria e em Serra Leoa, a situação é ainda pior. Como não há confiança no sistema de saúde, muitos infectados preferem lidar sozinho com o problema em casa. Esse é o grande risco. É dessa forma que a doença se propaga com velocidade.

A comunidade internacional demorou a agir?

Sim, e todos sabem disso. O importante é que agora há um empenho em ajudar. Investir em saúde na África não é apenas caridade. Assim como outras doenças contagiosas, o ebola não respeita fronteiras.

Fone: Folha 14/10/2014, A10.

A reportagem de Fabio Brisola, é uma entrevista com o epidemiologista nigeriano, Chikew Ihekweazu, sobre o alastramento do ebola. Chikew é um Consultor do Instituto Nacional de Doenças Transmissíveis na África do Sul, mas nos últimos meses ele atendeu infectados pelo ebola em Serra Leoa e na Libéria. De acordo com ele, o motivo do número expressivo de vítimas (mais de 4mil mortos) é porque os casos eram detectados em áreas rurais e demorou para chegar às zonas urbanas. Para ele, o que mudou nos últimos anos não foi o vírus, mas o contexto.

Normalmente, o ebola era detectado em pequenas comunidades rurais, o que facilita o controle. Agora os pacientes moram também em zonas urbanas. Em uma cidade como Monróvia [capital da Libéria], há favelas como as do Brasil. É muito mais difícil controlar a situação em um cenário assim (FOLHA de SP, 14/10/2014, p. A10).

O jornalista questionou sobre a frequência das epidemias de ebola na África e segundo o epidemiologista, os surtos são raros, pois nos últimos 10 anos, houve cinco ou seis epidemias no continente. Mas foi a primeira vez que registram casos na Libéria ou Serra Leoa, por isso "todos foram surpreendidos e não sabiam realmente o que fazer". Ele ainda explica que os dois

países mencionados acima passaram por uma instabilidade política, além de serem países com infraestrutura muito frágil. De acordo com ele, há pouca probabilidade do vírus se alastrar por outros continentes desde que haja uma boa forma de contingência e neste sentido, afirma que a comunidade internacional demorou para agir, assegurando que “investir em saúde na África não é apenas caridade. Assim como outras doenças contagiosas, o ebola não respeita fronteiras. Ajudar as vítimas é a melhor forma de proteger o resto do mundo” (FOLHA de SP, 14/10/2014, p. A10).

Ao perguntar para o Chikew se ele tem medo de ser infectado pelo ebola, ele responde que

É um risco calculado. Na maior parte do tempo, estamos bem protegidos durante o contato com pacientes. Sendo sincero, um cidadão da Nigéria como eu tem muito mais risco de morrer em um acidente de carro do que contaminado pelo ebola (FOLHA de SP, 14/10/2014, p. A10).

Nota que a fala do nigeriano, indica uma desconstrução da ideologia de que o investimento financeiro de países ocidentais é considerado como caridade. O discurso dele também demonstra seu lugar de fala como africano, nigeriano, negro e especialista, por isso o seu enunciado revela que ele partilha da sua particularidade, sua subjetividade e sua autonomia. Desta forma, é possível retomar que Munanga (2006) expressa que o que nos torna humanos é o reconhecimento da nossa existência como indivíduo ou parte de um grupo, a percepção que temos de nós e que os outros têm de nós, que pode ser limitada ou depreciativa, influencia a imagem que temos de nós mesmos.

Figura 24: Notícia sobre Paciente de ebola

Paciente com ebola havia sido liberado de hospital

Homem pôde voltar para casa, mesmo após ter informado que viera da Libéria

Infectado teve contato com entre 12 e 18 pessoas, entre elas cinco crianças, segundo disseram autoridades

CILIA NA VALIZONE

de André Faria

O primeiro paciente diagnosticado com ebola nos EUA havia procurado um hospital quando começou a sentir os sintomas da doença, mas foi mandado de volta para casa mesmo após ter informado que estava vindo da Libéria.

A informação foi confirmada pelo Hospital Presbiteriano de Saúde do Texas, no qual o homem foi atendido no dia 26 de setembro.

Segundo o dr. Mark Lessor, uma enfermeira teria deixado de registrar o dado para a equipe médica.

O homem, que está isolado em Dallas, no Texas, em estado grave, foi identificado como Thomas Eric Duncan, um libanês de cerca de 40 anos que estava na casa de parentes nos Estados Unidos.

Segundo o jornal "The New York Times", Duncan, que morava em Monróvia, capital da Libéria, pode ter contratado o vírus ao entrar em contato com uma mulher doente apenas quatro dias antes de deixar o país rumo aos EUA.

Duncan é amigo e irmão-ino da família da mulher infectada, que estava grávida de seis meses e morreu, cuidadosa a transportá-la, em um táxi, para o hospital.

Uma equipe de dez agentes do CDC (Centro de Prevenção e Controle de Doenças dos Estados Unidos, na sigla em inglês) trabalha em Dallas para assegurar que a doença não se espalhe.

Entre 12 e 18 pessoas estão sendo monitoradas por terem tido contato com Thomas Duncan desde que ele chegou aos Estados Unidos, no dia 20 de setembro.

Entre elas, estão três membros da equipe de ambulância que levou o homem ao hospital e cinco crianças que foram à casa da família de Duncan ao longo do último final de semana.

As cinco crianças estudam em quatro escolas diferentes, que permanecerão abertas, segundo as autoridades.

Como precaução, porém, todos os locais passaram por uma limpeza.

Elas serão monitoradas por 21 dias – período máximo de incubação do vírus. Normalmente, os sintomas da doença aparecem ao redor de dois dias após a infecção.

“Se qualquer um deles apresentar um quadro de febre, vamos isolá-lo imediatamente para parar a cadeia de transmissão”, afirmou Tom Frieden, diretor do CDC.

Duncan informou às autoridades que embarcou em um voo da companhia aérea americana United Airlines.

Em comunicado divulgado nesta quinta (25), a United afirmou que “o diretor do CDC divulgou que há ‘zero risco de transmissão’ em qualquer um dos voos em que o paciente viajou, já que não havia sintomas.”

A companhia divulgou informações sobre o voo em que acredita que Thomas Duncan estava, “apesar de o CDC ter informado que não é preciso entrar em contato com outros passageiros no mesmo voo”.

Duncan pegou um avião da United em Bruxelas, na Bélgica, em Washington, e depois viajou, pela mesma companhia, até Dallas.

DE CARONA COM O EBOLA

Como indivíduo infectado levou o vírus aos EUA

O TRAJETO



19 set – Homem infectado, Thomas Eric Duncan, sai de Monróvia (Libéria) em voo com destino à Bélgica. De lá, pega conexão para os EUA

20 set – Chega a Dallas, no Texas, para visitar sua irmã

26 set – O paciente procura atendimento médico, mas é mandado de volta para a casa, mesmo após relatar ter vindo de uma área atingida pelo surto

28 set – Os primeiros sintomas da doença aparecem

28 set – Após novo atendimento, é colocado em isolamento no hospital Presbiteriano de Dallas

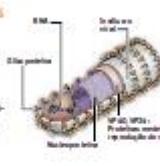
30 set – Testes confirmam infecção pelo vírus



O libanês Thomas Eric Duncan

BIÓLOGIA DO VÍRUS

O genoma do ebola contém 8 genes que codificam as proteínas da cápsula de ácido nucleico, na parte, as proteínas de superfície e as enzimas. O vírus se divide em três ligando e é superficialmente cilíndrico.



SINTOMAS

Febre, dor de cabeça, náuseas e articulações, garganta seca, diarreia, urticária e distúrbio hemorrágico no estágio avançado da doença.



COMO SE DÁ A TRANSMISSÃO

1 Contato direto com sangue ou outros líquidos corporais de quem apresenta sintomas da doença

2 Contato direto com os fluidos corporais de pacientes doentes que já apresentaram os sintomas

3 Contato direto com corpos de infectados



459
LITROS
FROST
FREE

Electrolux
• Refrigerador Frost Free
• 459 Litros • Frost Free
• Beauty Line • DWR Exposed
• Painel Blue Touch

desconto
em dólar
de **400**

De ~~R\$ 3.199,00~~ e até hoje
por **R\$ 279,90**
sem juros*

DESCONTO | TUDO ATÉ

Fonte: Folha, 2/10/2014, p. A8.

A matéria do *Globo*, *Paciente com ebola havia sido liberado de hospital*, foi publicada sem autoria. Começa explicando, na fala do infectologista, Edward Goodman, que a enfermeira que atendeu Duncan seguiu o protocolo criado para pacientes com a doença, constatou que ele estava com febre, mas mesmo assim não repassou as informações para o restante da equipe médica. Dois dias depois, ele voltou para o hospital de ambulância, em “estado grave”. Na fala do infectologista, a “equipe foi exaustivamente treinada em protocolos de doenças infecciosas em antecipação a um evento como este” (FOLHA de SP, 2/10/2014, p. A8). O autor acrescenta que o infectologista procura saber o que deu errado na primeira visita do paciente. Logo em seguida, informa que a CDC ressaltou aos funcionários de saúde a importância de ficarem

atentos a possíveis sinais de ebola ao receberam novos pacientes da África Ocidental, principalmente, da Libéria, Guiné e Serra Leoa.

Mais adiante, informa que 12 e 18 pessoas tiveram contato com o Duncan e que todos serão monitoradas. O governador do Texas também reafirma que o risco de o ebola se disseminar nos EUA é “muito pequeno”. O texto termina explicando que a epidemia já causou 3.338 de mortes no Oeste da África, com 7.178 de casos já foram registrados. Além disso, descreve que, “Até o início desta epidemia, no início do ano[...] esta é a primeira vez que a doença se espalha por cinco países (Libéria, Guiné, Serra Leoa e Nigéria) e cruza o atlântico.” (FOLHA de SP, 2/10/2014). O trecho destaca que o ebola somente chegou aos EUA porque atravessou o Atlântico, o que dialoga com enunciados anteriores, como destacada pelo Rodrigues (2012), de que a proliferação de doenças como a Aíds somente chegou ao ocidente quando os africanos atravessaram o Atlântico, enquanto no Brasil, os africanos escravizados trouxeram as doenças com eles.

5.9 VIOLENCIA/SEGURANÇA

Figura 25: Problemas com o protocolo de Estados Unidos

Protocolo de ebola não funcionou nos EUA

Paciente infectado foi mandado de volta para casa da primeira vez em que procurou o hospital

DALLAS, TEXAS Quando o primeiro paciente infectado com ebola era tratado em um pequeno hospital em Dallas, em 29 de setembro último, o enfermeiro que observou seguiu o protocolo criado para pacientes com a doença e obteve a informação de que o paciente tinha estado na Libéria. Ele também constatou que ele tinha febre. Mesmo assim, tais informações não foram passadas para o restante da equipe médica e o paciente foi liberado, segundo o relato do infectologista Edward Goodman, em entrevista coletiva concedida ontem.

De volta para casa, ele teria voltado na portaria de seu prédio, podendo vir a pessoas em risco. Somente dois dias depois, ele voltou ao hospital de ambulância. Os profissionais que o transportaram já foram colocados em quarentena e testaram negativo para o vírus.

— Nossa equipe foi exaustivamente treinada em protocolos de doenças infecciosas em antecipação a um evento como este — disse Goodman, que agora procura saber o que deu errado na primeira visita do paciente.

APÊLOS FORAM REFORÇADOS

Durante meses os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) alertaram os hospitais que o ebola estava a apenas um voo de distância, e ressaltaram a importância de os funcionários das emergências dos hospitais perguntarem aos pacientes sobre possíveis visitas à Libéria, Guiné e Serra Leoa, os três países mais fortemente afetados pelo surto na África ocidental. Até agora mais de mil pessoas já morreram vítimas da doença desde março.

Ontem, autoridades repertiram especialistas profissionais de saúde de todo o país para que fiquem atentos a possíveis sinais de ebola ao receberem novos pacientes.

— Se alguém esteve no Oeste da África nos últimos 21 dias e apresenta febre ou qualquer outro sintoma consistente com ebola, isole o imediatamente, foga com que seja testado — disse o diretor do CDC, Thomas Frieden.

O governador do Texas, Rick Perry,



Edward Goodman, epidemiologista do Hospital Presbiteriano de Texas, tenta explicar por que homem infectado foi mandado de volta para casa

“Os alunos (que tiveram contato com Duncan) não apresentaram nenhum sintoma; a chance de terem passado o vírus é baixa.”

Rick Perry
Governador do Texas

disse que o paciente teve contato com de 12 a 18 pessoas, incluindo algumas crianças em idade escolar, que serão observadas por 21 dias.

Perry disse que está confiante que o vírus pode ser controlado, e uma autoridade de saúde do estado disse que o risco de o ebola se disseminar nos EUA é “muito pequeno”.

— Os estudantes não apresentaram nenhum sintoma, portanto, a chance de terem passado o vírus é muito baixa — explicou o superintendente do distrito escolar de Dallas, Mike Miles, lembrando que, agora, eles estão em observação em suas casas.

As demais pessoas que tiveram contato com o paciente também estão sendo

monitoradas. Segundo o diretor do CDC, Thomas Frieden, uma equipe de profissionais está trabalhando com a família, todos os passos do paciente para determinar se houve contato próximo com mais alguém que tenha escapado à primeira lista.

O ebola se dissemina pelo contato com fluidos corpóreos do doente, como sangue ou saliva. Segundo especialistas, isso limita o potencial infeccioso do vírus. Ou seja, é mais fácil controlá-lo do que aqueles que são transmitidos pelo ar, por exemplo. Uma outra característica do ebola é que ele só é transmissível quando o paciente já apresenta os sintomas da doença (não tem transmissão assintomática). Por isso,

segundo autoridades de saúde, as pessoas que viajaram da Libéria para os EUA no mesmo voo do paciente não correm risco. Ele chegou ao país no dia 20, mas só apresentou os primeiros sintomas no dia 24.

O governo da Libéria confirmou ontem que o homem não apresentava sinais de febre ou outros sintomas de ebola quando deixou o país, no dia 19. Ele chegou aos Estados Unidos via Bruxelas.

DOENTE É IDENTIFICADO

O paciente foi identificado como Thomas Eric Duncan, morador de Monróvia, com cerca de 40 anos. Segundo autoridades da Libéria, ele teve contato direto com uma mulher infectada pelo Ebola no último dia 15, quatro dias antes de deixar o país rumo aos EUA, contaram os pais da mulher e os vizinhos de Duncan.

Eles disseram que Duncan os ajudou a levar Mathalene Williams a um hospital, de tal maneira não conseguiram uma ambulância. Crêdida de sete meses, ela tinha convulsões. Os centros de tratamento para ebola na capital estavam todos lotados, e os pais de Mathalene e Duncan, depois de rodarem por horas, resolveram levá-la de volta para casa. Ele ajudou a carregá-la amoça, que, naquele altura, já não conseguia mais andar. Ela morreu de desidratação.

A epidemia de ebola já causou 3.298 mortes no Oeste da África, com 7.178 casos da doença registrados, de acordo com o último boletim da Organização Mundial de Saúde (OMS). Trata-se da mais grave epidemia da doença já registrada desde que o vírus foi identificado pela primeira vez, em 1976, na República Democrática do Congo (na época, Zaire).

Até o início deste epidemia, no início do ano, os surtos da doença atingiam algumas centenas de pessoas em lugares remotos. Esta é a primeira vez que a doença se espalhou por cinco países (Liberia, Guiné, Serra Leoa e Nigéria) e cruzou o Atlântico. ■

Fonte: *O Globo* 2/10/2014, p. 31.

Os dois textos do dia (2/10/2014) no *Globo*, *Protocolo de ebola não funcionou nos EUA*, e na *Folha*, *Paciente com ebola havia sido liberado de hospital* (tratado anterior a este), falam sobre como o paciente havia procurado assistência médica, mas foi liberado pela enfermeira. Segundo o texto da *Folha*, assinado pela Giuliana Vallone, o homem, ao sentir os sintomas, procurou o Hospital Presbiteriano de Dallas no Texas, e mesmo ter informado a enfermeira que havia vindo da Libéria, foi encaminhado para casa. O jornal indicou o paciente como Thomas Eric Duncan que foi ao Texas visitar sua irmã.

O autor da notícia explica que segundo o *New York Times*, Duncan morava em Monróvia e pode ter contraído a doença ao ajudar transportar uma mulher grávida de sete meses num táxi quatro dias antes de sua viagem. O resto do texto informa que as pessoas que estavam no voo com ele não correm risco de contrair o vírus porque ainda não apresentava sintomas.

Figura 26: Imigrantes sofrem preconceito devido a repercussão da epidemia

Em Cascavel (PR), imigrantes relatam mais preconceito

Cidade tem grande população oriunda da África e do Haiti em busca de trabalho

CASCVEL (PR) - Frigoríficos, construção civil e empresas de grande porte ligadas, principalmente, ao agronegócio têm atraído mão de obra estrangeira de origem africana e haitiana a Cascavel de forma sistemática. Ainda assim, o preconceito contra os imigrantes é grande e, segundo os moradores, piorou consideravelmente desde o registro do primeiro caso de suspeita de ebola.

— Ouvi alguns amigos dizerem que as pessoas têm medo de nós, e esse temor aumentou desde ontem, quando o assunto se tornou público — contou o vice-presidente da Associação de Imigrantes de Cascavel, o haitiano Marcelin Geffrard. — Nos ônibus, por exemplo, as pessoas tendem a se afastar de nós. A maioria não entende sobre essa doença e acaba generalizando, achando que toda pessoa de cor negra está contaminada. Esse episódio do ebola aumentou a discriminação.

Os empresários locais, no entanto, estimulam a migração. Pessoas oriundas de diversos países da África e do Haiti que já trabalham na cidade são orientadas pelos empregadores a chamar amigos e parentes para se juntar a eles. Há cartazes nas fábricas premiando com

regiões. Por conta dessa circunstância, a Delegacia do Ministério do Trabalho de Cascavel tem facilitado a emissão de carteiras de trabalho para os forasteiros. De acordo com Geffrard, atualmente o piso salarial dos estrangeiros está na faixa de R\$ 900. Segundo ele, o morador local, de um modo em geral, não sabe diferenciar haitianos e africanos.

XENOFOBIA TAMBÉM NO FACEBOOK

Não foi somente na cidade paranaense que o preconceito foi exposto. No perfil no Facebook de Souleymane Bah, muitos internautas postaram agressões. Na madrugada de sexta-feira, quando estava internado na UPA de Cascavel, Bah postou em seu perfil uma matéria do "Huffington Post" sobre a violência doméstica nos Estados Unidos. Airda que o assunto não tivesse relação alguma com o ebola, vários brasileiros postaram comentários, culpando-o por, supostamente, ter trazido o vírus para o Brasil.

"Cara, tu trouxe a porra do Ebola para o Brasil", comentou um dos internautas no post de Bah.

Logo abaixo veio outro comentário, mas

ramente, é uma suspeita. Se até os Estados Unidos conseguiu (sic) ser infectado, nenhum outro lugar está imune, se é que você me entende", disse o usuário.

Apesar da repreensão, outros brasileiros destilaram preconceitos no perfil de Bah, alguns até com comentários em inglês: "Come back your country (sic)", disse outra internauta, como se ordenasse que Bah voltasse para a Guiné. Respondendo a outros usuários que manifestaram apoio ao africano, acrescentou: "Leva ele (sic) para sua casa, então".

Bah, que é comerciante, teria vindo para o Brasil como refugiado político. Ele integra o Movimento Patriótico da Guiné (Mopag, na sigla em francês), que combate a ditadura militar instalada no país desde 2008, segundo seu perfil na rede social. No Facebook, Bah demonstra que vinha acompanhando as notícias sobre a epidemia de ebola.

No último dia 8, ele compartilhou uma reportagem do site "Yahoo News" que informava a morte do liberiano Thomas Duncan, primeiro diagnosticado com o ebola nos EUA. Um dia antes, Bah também colocou na rede social outro artigo do mesmo site sobre

Corpo a corpo
CHIKWE IHEKWEAZU
'Estou otimista, esperançoso'
Epidemiologista nigeriano já coordenou resposta a surto da doença no Sudão, há dez anos

O médico falou sobre sua experiência ontem, no encerramento da conferência TED-Global, no Rio, e em entrevista ao GLOBO.

● **O Rio acaba de receber um suspeito de ter contraído Ebola. Como o senhor vê a ciência brasileira no combate ao vírus?**
É muito difícil o vírus se disseminar, precisa de condições ideais. A Nigéria é um ambiente perfeito, há muita pobreza extrema, problemas sérios de saneamento. Segunda estive na Fundação Oswaldo Cruz. Ela melhora com o passar dos anos, é um dos mais importantes polos de produção de vacinas no mundo.

● **O vírus pode ser controlado?**
Val haver um controle da epidemia, há mais divulgação e conhecimento sobre o vírus e como ele se espalha. Mas é necessário aumentar os investimentos em saúde pública. Na Libéria, há um médico para cada 100 mil pessoas.

● **O senhor é otimista?**
No momento, estou otimista. A palavra

://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=http%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas%2...

10/2017 acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=http%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas

em sua casa indicação nem sucedeu.
A Associação dos Imigrantes de Cascavel estima que são dois mil os imigrantes dessas

nessa vez criticando o companheiro brasileiro e apoiando o africano: "João, tua mãe não te ensinou a respeitar as pessoas, não? Primei-

a com a morte do primeiro caso de contaminação fora da África, na Espanha, da enfermeira Teresa Romero. ●

ideal e esperançoso. ●

Fonte: Globo, 11/10/2014, p. 29.

A notícia (acima) foi divulgada pelo mesmo jornal, *Globo, Em Cascavel (PR), imigrantes relatam mais preconceito*, (GLOBO, 11/10/2014, p. 29). Pelo título o uso de 'mais preconceito' indica ocorrência anteriores, ou seja, que imigrantes da cidade já sofrem preconceito antes do surto de ebola. Infelizmente, o querer-dizer implícito na palavra não foi abordada pelo autor, não indicado na reportagem. O texto começa assim:

Em frigoríficos, construção civil e empresas de grande porte ligadas, principalmente, ao agronegócio tem atraído mão de obra estrangeira de origem africana e haitiana a Cascavel de forma sistemática. Ainda assim, o preconceito contra os imigrantes é grande e, segundo os moradores, piorou consideravelmente desde o registro do primeiro caso suspeita de ebola (GLOBO, 11/10/2014, p. 29).

O trecho acima situa o espaço que os africanos e haitianos ocupam em Cascavel, que é trabalhadores em fábricas. Nota que em vez de dizer ‘mão de obra pesada’ o texto diz ‘mão de obra estrangeira’. Para o autor, mesmo neste espaço, ‘ainda sofrem preconceito’. Parece que a presença destes, em empresas de grande porte, eliminaria o preconceito e a questão racial. O que indica que no imaginário do jornalista, eles estariam indo contra a ideia de que negros são preguiçosos, porque trabalham em tais empresas. Noção que foi construída durante o regime escravista de que negros possuem habilidades físicas para trabalhos pesados. Autores como Albuquerque e Filho (2006), Moura (1989) relatam que os africanos foram trazidos para o Brasil para explorar diamantes das minas, extrair ouro, plantar e colher cacau, café, algodão e outros produtos tropicais de exportação. Jornadas de trabalho exaustivo e desgastantes, especificamente de quatorze a dezesseis horas. A maioria deles trabalhava na agroindústria açucareira, nas minas ou nas fazendas de café e o pagamento deles era a alimentação. A mão-de-obra dos homens negros jovens era mais valorizada no mercado brasileiro (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

Na fala do vice-presidente da Associação de Imigrantes de Cascavel, o haitiano, Marcelin Geffrad, “ouvi alguns amigos dizerem que as pessoas têm medo de nós, e esse temor aumentou desde ontem, quando o assunto se tornou público” (GLOBO, 11/10/2014, p. 29). Ele ainda relata que, no ônibus, as pessoas se afastam deles, pois, generalizam achando que toda pessoa de cor negra está contaminada. “Esse episódio de ebola aumentou a discriminação”, completa o haitiano. A situação se intensificou porque um africano viajou de Guiné para o Brasil e apresentava febre, mas o caso foi considerado um suspeito, uma vez que a pessoa não apresentou os outros sintomas da doença. Segundo a matéria, os empresários locais, no entanto, estimulam a migração. Para isso:

Pessoas oriundas de diversos países da África e do Haiti que já trabalham na cidade são orientadas pelos empregadores a chamar amigos e parentes para se juntar a eles. Há cartazes nas fábricas premiando com R\$ 300 cada indicação bem sucedida (GLOBO, 11/10/2014, p. 29).

O Haitiano conta que o piso salarial dos estrangeiros está na faixa de R\$ 900. Ou seja, eles ganham o mínimo. A chamada dos empresários para trazer familiares e amigos é também uma forma de baratear a mão de obra. De acordo com Albuquerque e Filho (2006) “a retirada violenta de africanos de suas comunidades, conduzidos para trabalhar como escravos em terras distantes, foi a solução encontrada pelas coloniais europeias para explorar as riquezas tropicais e minerais das colônias no Novo Mundo” (p. 39). Isso porque a colônia portuguesa (o Brasil) dependia de grande suprimento de africanos para atender às necessidades crescentes de uma economia carente de mão-de-obra.

Por outro lado, Bah, o rapaz de Guiné Bissau que viajou para o Brasil e o primeiro caso suspeito no país encontra-se em isolamento. Na mesma reportagem, informa que muitas pessoas postaram agressões na página do *facebook* do Bah, paciente suspeito da doença. Comentários como “Cara, tu trouxe a porra do Ebola para o Brasil”, descreve o texto. Logo outro comentário em baixo de um brasileiro:

João, tua mãe não te ensinou a respeitar as pessoas, não? Primeiramente, é uma suspeita. Se até os Estados Unidos consegui ter infectado, nenhum outro lugar é imune, se é que você me entende” (GLOBO, 11/10/2014, p. 29).

Nos últimos parágrafos da matéria, conta um pouco sobre Bah. No dia seguinte, dia 12, o suspeito deu negativo para os testes, mas mesmo assim, isso não afastou o medo da população. O movimento no UPA onde ele foi atendimento diminuiu bastante, a população tem visitado outros postos nas cidades vizinhas. As agressões postadas na internet são efeitos da notícia, mesmo sendo que era um caso suspeito. Neste momento, observa que a comunicação não é uma via única, mas um sistema reversível e interacional que gera efeitos sobre os interlocutores. Um discurso gera efeitos dependendo da posição social do interlocutor, por isso os autores do Círculo de Bakhtin partem da noção de ideologia, como conjunto de valores, que implica que toda comunicação é carregada de signos e todo signo é ideológico. Todo signo é uma arena de luta social em que se confrontam valores de diferentes grupos sociais. É nesta linha que Fonseca (2011) salienta que a mídia é um instrumento capaz de regular opiniões e influenciar ações políticas e sociais.

Suspeito forçou quarentena de 60 em hospital, (anexo T), é o título da matéria da *Folha* publicada no dia (11/10/2014). O texto relata sobre a quarentena das pessoas dentro da Unidade de Pronto Atendimento UPA logo após que o primeiro caso suspeito foi indicado. As pessoas que estavam dentro da UPA foram mantidas dentro da unidade até o dia seguinte após a desinfecção. No final do texto, uma funcionária de uma lanchonete no aeroporto conta que cogitou não levar os dois filhos à creche. Na fala dela “a gente que tem bebê se assusta com isso” (FOLHA de SP, 11/10/2014, p. C2).

No mesmo dia (11/10/2014) duas matérias foram publicadas pela *Folha*, *Paciente melhora, e infecção por ebola é pouco provável*, e a outra, *1º caso de ebola no país é pouco provável*, ambas escrita pela Johanna Nublat. Pelo título entende-se que o paciente suspeito está em quadro estável, como afirma o Ministério de Saúde. O ministro, Artuhr Chioro, informa que é “pouco provável” que Bah está infectado pelo vírus. Para o Secretário de Vigilância em Saúde “não podemos deixar na interpretação subjetiva do profissional. Foi isso que fez com que, nos Estados Unidos, um caso leve fosse mandado de volta para casa {e depois confirmado para

ebola}” (FOLHA de SP, 11/10/2014). No texto, aponta para a preocupação em conhecer a rota do Bah. Sendo que ele saiu de Guiné no dia 18 de setembro, fez uma escala em Marrocos, chegou no Brasil no dia seguinte (houve relatos de que ele passou por Argentina, o que não foi confirmado). No dia 21 ele chegou a Cascavel e no dia 23 ele pediu refúgio no posto da Polícia Federal em Dionísio Cerqueira, Santa Catarina. De acordo com o texto, a preocupação em rastrear a rota é em caso de confirmação da doença.

Pânico é mais rápido que ebola, afirma OMS (FOLHA, 14/10/2014, p. A9), (anexo U), foi escrita por Giuliana Vallone. O texto descreve o cenário nos Estados Unidos. A diretora da Organização Mundial de Saúde, Margaret Chan, explica que o pânico e os rumores sobre o ebola estão se espalhando rapidamente mais que o vírus. Para ela, “o ebola gera medo quase universalmente. E o medo amplia as rupturas sociais e os prejuízos econômicos muito além das zonas afetadas pela epidemia” (FOLHA de SP, 14/10/2014, p. A9). Também foi confirmado que a enfermeira que tratou Duncan contraiu a doença, ela já foi isolada e está em estado estável. Entretanto, o diretor do CDC Thomas Freiden, admite que a contaminação da enfermeira foi causada por uma falha no protocolo e segurança. A afirmação criou desavença entre profissionais de saúde e a autoridades sanitárias dos EUA. Numa pesquisa feita pela União Nacional de Enfermeiros, aponta que entre 2mil profissionais, 76% afirmam que os hospitais em que trabalham ainda não comunicaram os funcionários sobre como agir em casos da doença. Vale lembrar que na reportagem do dia 2/10/2014, publicada na *Folha*, o infectologista Edward Goodman afirma que os profissionais de saúde foram treinados “em protocolos de doenças infecciosas em antecipação a um evento como este” (FOLHA de SP, 2/10/2014).

Para isso, o diretor do CDC se desculpou e disse que “as pessoas na linha de frente estão lutando contra o ebola. O inimigo aqui é o vírus, não é uma pessoa, um país, um hospital” (FOLHA de SP, 14/10/2014, p. A9). Observa que a situação nos Estados Unidos sobre a falta de controle do vírus está deixando a população em pânico, provavelmente porque nas matérias avisa que as falhas são ligadas à quebra de protocolo e falha profissional. Em nenhum momento foi abordado se os hospitais possuem o sistema adequado para lidar com o vírus ou infraestrutura para conter a propagação. Parece supor que, em sendo nos Estados Unidos ou na Europa, certamente os países do Norte têm condições de conter a propagação do vírus, uma vez que são – diferentemente dos países africanos – bem desenvolvidos e referência para os protocolos de saúde.

Em outra matéria na mesma página, a jornalista Johanna Nublat informa sobre a situação de Bah, o primeiro caso suspeito da doença no Brasil. Aponta que segundo exame deu negativo para o ebola, o que “descarta em definitivo a possibilidade de infecção do paciente da Guiné

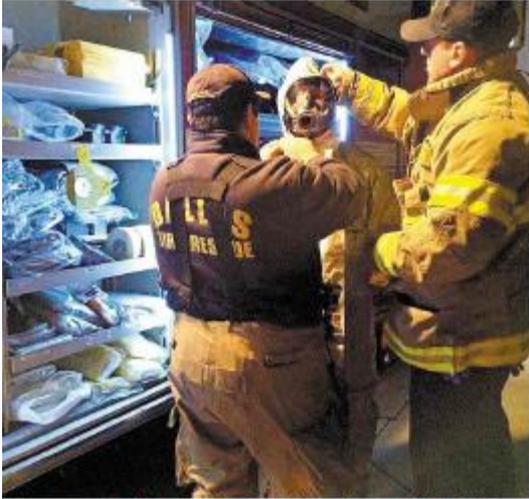
pelo vírus”. (FOLHA de SP, 14/10/2010, p. A9) Também informa que as pessoas sob monitoramento serão liberadas também. Além disso, foram feitos testes de malária, dengue e HIV. Friso aqui que a preocupação era testar o africano para o vírus ebola, mas fizeram outros testes também, o que reforça a visão e representação de África como fonte de doenças contagiosas. Se trazermos isso para o contexto sócio-histórico de que africanos são portadores de doenças contagiosas, esse enunciado ganha expressividade. Isso porque a mídia contribuiu e contribui para a noção de que de malária, dengue e HIV são doenças oriundas da África (RODRIGUES, 2012). Sobre a Aids, a mídia ocidental transmite e ajuda construir a ideia de que na África, humanos e animais podem ser parceiros sexuais. “É porque há no ideário racial do Ocidental o vislumbre de que esta é uma possibilidade concreta” (RODRIGUES, 2010, p. 17). O autor ainda explica que, a cobertura sobre ebola em Washington e na Itália em 1989 repetiu argumentos discriminatórios contra africanos, embora o surto já tivesse ocorrido na Alemanha na década de 1970.

Na mesma página do jornal *Folha*, numa coluna, apresenta o depoimento de uma viajante sobre a *Paranoia em relação ao ebola*. Ela conta sua experiência num voo de Nova York a Los Angeles. Segundo o texto do jornalista, Rodrigo Salem, o sujeito estava no voo quando, por volta das 12h30, a aeromoça perguntou se havia um médico a bordo. Logo em seguida o banheiro traseiro do aeronave foi trancada por causa de “problemas técnicos”. Ao chegar no destino de desembarque, o avião não permitiu que os passageiros desembarcassem. Uma hora e meio depois, o piloto avisou que tinha uma emergência médica que precisava ser atendida até liberassem os passageiros. Nisso, o avião descolou e pousou num hangar, um terminal isolado e avisou que “um dos passageiros teve contato com alguém da África”. “Em nenhum momento a palavra ebola foi mencionado. Mas não é preciso ver muito filme americano para saber que estávamos em um avião com um suspeito,” relata (FOLHA de SP, 14/10/2010, p. A9).

Após quatro horas de espera o piloto avisou que tudo não passava de uma “precaução”. No final das contas, uma garota oriental havia passado mal no avião e ao saber que esteve na África, as aeromoças deram a alerta para o suspeito de ebola. Somente depois que foi esclarecida que a moça esteve na África do Sul, país que não registrou casos de ebola. Observa que o pânico causada no avião é devido ao fato das aeromoças ouvirem a palavra ‘África’. O signo ‘África’ neste contexto, gerou efeito de pânico nos passageiros. Esse signo teve o mesmo efeito quando, após o desembarque dos passageiros, ao conversar sobre o ocorrido num Van, um homem dentro do veículo ouviu a conversa e gritou “Jesus, estamos todos ferrados!”, a mulher tentou explicar que era um alarme falso, mas o senhor gritou, “sempre é alarme falso!

É assim que essas coisas se espalham” (FOLHA de SP, 14/10/2014, p. A9). A palavra África, naquele momento, é carregada negativamente.

Figura 27: Problemas de protocolo em Estados Unidos



Sindicato americano denuncia falhas no cuidado de paciente

Enfermeiros relatam falta de equipamentos para tratar de liberiano diagnosticado com ebola em Dallas, Texas

Thomas E. Duncan, que morreu no dia 8, teria ficado horas em área aberta de pronto-socorro de hospital

DA ASSOCIATED PRESS

O liberiano Thomas Eric Duncan, primeira pessoa diagnosticada com ebola nos EUA, foi deixado por horas em uma área aberta de um pronto-socorro, e os enfermeiros que o trataram trabalharam por dias sem o equipamento de proteção adequado, sendo expostos a mudanças constantes de protocolo, segundo o maior sindicato de enfermagem dos EUA.

Enfermeiros tiveram de usar fita adesiva cirúrgica para selar as aberturas de seus trajes de tecido fino e se preocuparam com suas cabeças e o pescoço expostos ao tratar o paciente, que tinha febre, diarreia e vomitava em jato, disse Deborah Burger, do sindicato Nurses United.

Desde domingo (12), surgiram dois casos de enfermeiras infectadas após cuidar de Duncan no Hospital Presbiteriano de Saúde do Texas, em Dallas, onde o liberiano morreu em 8 de outubro.

RoseAnn DeMoro, diretora-executiva do Nurses United, disse que os relatos sobre as falhas vieram de “diversos” enfermeiros do hospital. Ela, porém, rejeitou especificar o número.

Entre os problemas apontados pelos enfermeiros está a possibilidade de outros pacientes terem sido expostos ao ebola pelo fato de Duncan ser ficado horas fora de uma área isolada.

Segundo os relatos, os enfermeiros de Duncan também cuidaram de outros pacientes e, diante de mudanças constantes nos diretores, foram autorizados tacitamente a seguir as que preferissem.

Além disso, o seminário de preparação para o ebola foi opaqueto, e não obrigatório.

OUTRO LADO

O porta-voz Wendell Watson reagiu afirmando que o hospital leva muito a sério suas “obrigações de fiscalização”. “Há várias medidas para oferecer um ambiente seguro de trabalho, entre as quais: treinamento anual compulsório e uma linha de emergência que funciona 24 horas, bem como outros mecanismos que permitem que irregularidades sejam apontadas imediatamente.”

Watson disse que o hospital “revisaria e responderia a quaisquer preocupações expressas pelos enfermeiros e por todos os funcionários”.

Burger rebateu as declarações: “Não houve preparativos antecipados sobre o que fazer com o paciente, não havia protocolo nem sistema.”

Segundo ela, o hospital garantiu que o equipamento apropriado para lidar com o vírus havia sido encomendado, mas demorou a chegar.

De acordo com o sindicato, os enfermeiros tiveram de “interagir com Duncan usando o equipamento de proteção disponível”, ainda que o paciente “produzisse muitos fluidos contagiosos”.

A família de Duncan forneceu a Associated Press uma ficha médica de Duncan. Segundo o documento, cerca de 12 horas após chegar de ambulância ao pronto-socorro, o liberiano tinha febre e apresentava “diarreia, dores abdominais, náusea e vômito”.

Quando surgiu a suspeita não confirmada de ebola, um médico escreveu que “o uso de coberturas descartáveis para os sapatos também deveria ser considerado”. Aquela altura, de acordo com todos os protocolos, o uso dessas coberturas deveria ser obrigatório, para impedir que fluidos contagiosos se espalhassem no hospital.

Registros de uma ficha hospitalar sugerem que a proteção melhorou dois dias depois com o uso de um traje Tyvek, luvas triplicadas, bocas triplicadas e máscara respiratória.

Segundo DeMoro e Burger, os enfermeiros alegaram ter sido instruídos pelo hospital a não falar com a mídia, sob pena de demissão. Elas não especificaram se os enfermeiros que fizeram as alegações faziam parte da equipe que atendia Duncan.

Fonte: Globo, 16/10/2014, A9.

Nos EUA, *Sindicato americano denuncia falhas no cuidado de pacientes* (16/10/2014, A9). O texto foi assinado por uma agência de notícia, Da Associated Press. A notícia relata que Duncan, a primeira pessoa diagnosticada no país, foi deixado por horas em uma área aberta de um pronto-socorro e os enfermeiros que o trataram trabalharam por dias sem o equipamento de proteção adequado. “Enfermeiros tiveram que usar fitas adesivas cirúrgica para selar as aberturas de seus trajes de tecido fino” explicou, Debora Burger, do sindicato Nurses United (GLOBO, 16/10/2014, A9) ao tratar o paciente, Duncan, que já tinha febre e vomitava. A

diretora-executiva do sindicato, RoseAnn DeMoro, conta que os relatos sobre as falhas vieram de “diversos” enfermeiros, mas preferiu não especificar o número. Por outro lado, a porta-voz Wendell Watson afirmou que o hospital “leva muito a sério suas “obrigações de fiscalização””. Ainda acrescenta que “revisaria e responderia a quaisquer preocupações expressas pelos enfermeiros e por todos os funcionários” (GLOBO, 16/10/2014, A9). Entretanto, Debora afirma que “não houve preparativos antecipados sobre o que fazer com o paciente, não havia protocolo nem sistema” (GLOBO, 16/10/2014, A9).

Isso porque o hospital garantiu que o equipamento apropriado para lidar com o vírus, havia sido encomendado, mas demorou para chegar, o que aconteceu dias depois. Por isso, que os enfermeiros que atenderam Duncan tiveram que interagir com ele utilizando o equipamento de proteção disponível. O último parágrafo do texto aponta que, “segundo DeMoro e Burger, os enfermeiros alegaram ter sido instruídos pelo hospital a não falar com a mídia, sob pena de demissão. Eles não especificaram os enfermeiros que fizeram as alegações faziam parte da equipe que atendeu Duncan” (GLOBO, 16/10/2014, A9). Constata que há contradições nas falas do pessoal do sindicato e do porta-voz do hospital, William, que garante que o hospital teve os equipamentos necessários para o atendimento.

Figura 28: Para conter a epidemia, EUA criam medidas de segurança rigorosa

EUA armam cerco ao ebola

Cem pessoas estão sendo monitoradas; porta-voz da ONU teme que vírus se torne mais agressivo

Três dias depois de o primeiro caso de ebola ser diagnosticado nos Estados Unidos, pelo menos cem pessoas já estão sendo monitoradas por risco de contaminação por esse vírus de transmissão fácil.

Em um relatório publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times", o chefe de operações de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), Anthony Fauci, disse que o primeiro caso registrado de ebola nos Estados Unidos, em uma mulher de 66 anos, ocorreu em 20 de setembro. Ela é a primeira pessoa registrada de seu lado de Clarence A. Brackley, o primeiro a ser diagnosticado com o vírus em um hospital de cuidados intensivos de um país desenvolvido, em 2014. Ela foi admitida no Hospital de Careceiros de Washington, DC, em 20 de setembro, após ser diagnosticada com o vírus em um hospital de cuidados intensivos de um país desenvolvido, em 2014.



Procedimentos de segurança rigorosos em um aeroporto internacional de Atlanta. Os embarques são suspensos para monitorar contra "o perigo do vírus", afirma a OMS.

3338

INFORMAÇÕES

de ebola

aproximadamente

100 mil

7.178

INFORMAÇÕES

de casos

de ebola em

cinco países

da África

ocidentais



Visitas em trânsito foram suspensas em um aeroporto internacional de Atlanta. O perigo do vírus é o foco da preocupação da OMS.

MONITORANDO OUTROS CASOS DE EBOLA

Três dias depois de o primeiro caso de ebola ser diagnosticado nos Estados Unidos, pelo menos cem pessoas já estão sendo monitoradas por risco de contaminação por esse vírus de transmissão fácil. O chefe de operações de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), Anthony Fauci, disse que o primeiro caso registrado de ebola nos Estados Unidos, em uma mulher de 66 anos, ocorreu em 20 de setembro. Ela é a primeira pessoa registrada de seu lado de Clarence A. Brackley, o primeiro a ser diagnosticado com o vírus em um hospital de cuidados intensivos de um país desenvolvido, em 2014.

Em um relatório publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times", o chefe de operações de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), Anthony Fauci, disse que o primeiro caso registrado de ebola nos Estados Unidos, em uma mulher de 66 anos, ocorreu em 20 de setembro. Ela é a primeira pessoa registrada de seu lado de Clarence A. Brackley, o primeiro a ser diagnosticado com o vírus em um hospital de cuidados intensivos de um país desenvolvido, em 2014.

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

MONITORANDO OUTROS CASOS DE EBOLA

Três dias depois de o primeiro caso de ebola ser diagnosticado nos Estados Unidos, pelo menos cem pessoas já estão sendo monitoradas por risco de contaminação por esse vírus de transmissão fácil. O chefe de operações de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), Anthony Fauci, disse que o primeiro caso registrado de ebola nos Estados Unidos, em uma mulher de 66 anos, ocorreu em 20 de setembro. Ela é a primeira pessoa registrada de seu lado de Clarence A. Brackley, o primeiro a ser diagnosticado com o vírus em um hospital de cuidados intensivos de um país desenvolvido, em 2014.

MONITORANDO OUTROS CASOS DE EBOLA

Três dias depois de o primeiro caso de ebola ser diagnosticado nos Estados Unidos, pelo menos cem pessoas já estão sendo monitoradas por risco de contaminação por esse vírus de transmissão fácil. O chefe de operações de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), Anthony Fauci, disse que o primeiro caso registrado de ebola nos Estados Unidos, em uma mulher de 66 anos, ocorreu em 20 de setembro. Ela é a primeira pessoa registrada de seu lado de Clarence A. Brackley, o primeiro a ser diagnosticado com o vírus em um hospital de cuidados intensivos de um país desenvolvido, em 2014.

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Cientistas conseguem traçar origem da pandemia global de Aids

HIV se disseminou de Kinshasa, na África, a partir

de um único indivíduo para o mundo, segundo um estudo publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

do início dos anos 1920

do início dos anos 1920, segundo um estudo publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Atual capital de FDC reuniu fatores

Atual capital de FDC reuniu fatores que criaram uma "tempestade perfeita" para o vírus se espalhar pelo mundo. O relatório foi publicado na edição de sexta-feira do jornal "The New York Times".

Fonte: Globo, 3/10/2014, p. 25.

O texto, *EUA armam cerco ao ebola* notícia publicada pelo *Globo* (3/10/2014, p. 25), informa que as cem pessoas que tiveram contato com o Duncan estão sendo monitoradas. A autora, Flávia Milhorce, descreve que, o Chefe da missão para ONU, Anthony Banbury,

demonstrou sua preocupação ao falar, na sua entrevista com o jornal *Telegraph*, que o vírus pode sofrer uma mutação e se propagar pelo ar, o que torna a sua contenção mais difícil. Segundo ele, “quanto mais o vírus se movimentar por hospedeiros humanos no caldeirão virulento que é o Oeste da África, mais chances de mutações”, afirma (GLOBO, 3/10/2014, p.25). Ele admite que a comunidade internacional demorou para responder, mas que ainda não é tarde demais para controlar a doença. Mais uma vez constata que no imaginário do Anthony de que epidemias da África são letais e podem sofrer mutações, além de que as doenças são “nativos” o continente. Por isso, Danfá (2016) pensa que:

As representações em torno do ebola não mudaram com o tempo porque persistem na imprensa brasileira as representações que se tem dos africanos, ligadas imaginariamente a um continente atrasado, primitivo e onde emerge grandes males e/ou doenças (DANFÁ, 2016, p. 112).

Além disso, a ideia que as reportagens dão é de que o Brasil e o ocidente em geral têm controle sobre as doenças melhor que os africanos, e por conseguinte, torna-se mais fácil contê-las (DANFÁ, 2016).

A segunda parte do texto fala sobre o Duncan ter omitido ter tido contato com doente. Começa assim, “embora a fronteira americana estivesse atenta à chegada de indivíduos das nações africanas atingidas, Duncan saiu da Libéria no dia 19 de setembro e chegou aos EUA ainda sem apresentar sintomas da doença” (GLOBO, 3/20/2014, p. 25). Portanto, a porta-voz da autoridade de aeroporto da Libéria alega que, o paciente passou por três rastreamentos e disse que ele teria afirmado “não” no questionário sobre o contato com indivíduos infectados. Também há uma foto da casa aonde o Duncan morava na Libéria. Segundo o texto, dois vizinhos do Duncan afirmam que ele ajudou transportar uma vítima de ebola há duas semanas.

No último parágrafo descreve como a chegada do ebola na fronteira americana criou clima de tensão no país. Por isso, ao embarcar num voo no Aeroporto Internacional de Atlanta, um médico vestiu roupas de proteção com máscaras em forma de protesto contra o que ele chama de “má gestão da crise”. Embaixo dessa notícia, foi apresentada outra matéria de autoria de Cesar Baima, com o título, *Cientistas conseguem traçar a origem da pandemia global de Aids*. Na notícia explicam como o HIV se disseminou pela Kinshasa, uma cidade no Congo, na África. “Berço do Ebola, onde o vírus foi identificado pela primeira vez em 1976, a região Centro-Oeste da África também é a origem da pandemia de Aids, que se espalhou pelo mundo na segunda metade do século XX” (GLOBO, 3/10/2014, p. 25). Esse parágrafo faz uma reafirmação a frase ‘caldeirão virulento que é oeste da África’. O continente conhecido como berço da humanidade agora é ‘berço de Ebola e de Aids’. Isso remete à noção de que doenças epidêmicas são oriundas da África e peculiares de africanos.

Figura 29: Notícia informa o segundo caso da contaminação do vírus

Segundo caso de ebola coloca EUA em estado de alerta

Outra enfermeira teve infecção confirmada no Texas e chegou a viajar de avião quando já estava febril



A confirmação do segundo caso de transmissão do ebola em território americano colocou os EUA em alerta máximo. A vítima, identificada como Amberly Vinson, de 28 anos, também é uma das enfermeiras que ajudou a tratar de Thomas Eric Duncan, libanês que foi a primeira pessoa diagnosticada com a doença já no país, enquanto ele estava internado no Hospital Presbiteriano Texas Health, em Dallas. Duncan morreu na semana passada e no fim de semana outra enfermeira que cuidou dele na instituição Nina Pham, de 26 anos, já tinha sido diagnosticada com a doença.

Amberly, que se comprometera a monitorar a própria temperatura como parte dos procedimentos para evitar que a doença se espalhe no país, chegou a viajar de avião entre Cleveland, no estado de Ohio, e Dallas na segunda-feira, quando já estava levemente febril, mas só relatou o mal-estar no dia seguinte, sendo imediatamente posta em isolamento no próprio hospital onde trabalhava. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC), o risco para os mais de 130 passageiros do voo da companhia Frontier Airlines é "extremamente baixo", mas, ainda assim, todos deverão ser identificados e, se sua temperatura frequentemente permanecer alta ao longo do dia, por mais 21 dias, período máximo de incubação do vírus.

— Com qualquer altura ela estava no grupo de indivíduos que sabidamente haviam sido expostos ao ebola, ela não deveria ter viajado em um voo comercial —, declarou Thomas Frieden, diretor do CDC. — O protocolo do CDC para essas situações destaca o que é chamado de "investimento controlado". Isso pode incluir um teste rápido, um carro,

mas não um transporte público. A partir de agora, vamos assegurar que nenhum outro indivíduo que esteja sendo monitorado por exposição (ao ebola) viaje de qualquer outra forma que não sejam ao deslocamento controlado.

OBAMA CANCELOU VIAGEM

A confirmação da infecção de Amberly levou o presidente dos EUA, Barack Obama, a cancelar uma viagem de campanha que faria ontem e a começar um rescaldo de emergência com os principais integrantes de seu gabinete para discutir o combate à doença no país. O governador do Texas, Rick Perry, também decidiu encerrar viagens para a Europa e adiar seu retorno para acompanhar de perto a situação em seu estado. Segundo Obama, o monitoramento sobre o ebola nos EUA agora será conduzido "de maneira muito mais agressiva". Ele determinou que o CDC, sediada em Atlanta, Geórgia, mantenha equipes de prontidão para avaliar novos casos suspeitos em qualquer lugar no país em menos de 24 horas.

— Os protocolos funcionam — afirmou Obama após o encontro. — Se seguirmos estes protocolos de maneira apropriada, a probabilidade de uma epidemia de ebola de grandes proporções neste país é muito, muito baixa.

Outros casos de ebola entre os mais de 70 médicos, enfermeiras e outros profissionais que ajudaram a tratar de Duncan durante os dez dias em que ele ficou internado no hospital em Dallas já eram esperados após o diagnóstico de Nina, mas a confirmação da infecção de Amberly veio a levantar dúvidas quanto aos procedimentos de segurança ado-

Fonte: Globo, 16/10/2014, p. 31.

Segundo caso de ebola coloca EUA em estado de alerta (GLOBO, 16/10/2014, p. 31).

O texto não indica autoria. Na notícia informa sobre outra enfermeira, Amberly Vinson, que contraiu o vírus de ebola. Ela fazia parte da equipe que cuidou do Duncan. A enfermeira viajou para outra cidade, Ohio para Dallas, quando já estava em estado febril. Devo frisar que o risco

de contaminação é mais alto quando a pessoa já demonstra sinais da doença. Amber somente relatou o mal-estar no dia seguinte. O Centro de Controle e Prevenção de Doença (CDC), “o risco para os mais de 130 passageiros do voo da companhia Frontier Airlines é “extremamente baixa”, mas, ainda assim, todos deverão ser identificados” (GLOBO, 16/10/2014, p. 31). O diretor do CDC expressa que “ela não deveria ter viajado em um voo comercial”.

A outra parte do texto informa sobre a abordagem do ex-presidente Barack Obama em relação a situação. Segundo ele:

O monitoramento sobre o ebola nos EUA agora será conduzido “de maneira muito mais agressiva” O protocolo funciona. Se seguimos estes protocolos de maneira apropriada, a probabilidade de uma epidemia de ebola e de grandes proporções neste país é muito, muito baixa (GLOBO, 16/10/2014).

O trecho, demonstra, de novo, a ideia dos Estados Unidos como país potência para controlar melhor a doença do que países africanos, o que não foi o caso, sendo que países como Senegal, Nigéria e Mali, que registraram números baixos de contaminação, conseguiram conter a doença. Foi registrado, 1 infectado em Mali, 1 em Senegal e 20 na Nigéria. O estudo da autora, Danfá (2016), revela que as duas empresas estudadas por ela, potencializam os riscos até então ignorados ou desconhecidos em um

“Pânico generalizado”, ao mesmo tempo em que o distancia do Brasil e do ocidente em geral. Essa aparente ambivalência revela assim, a construção de uma alteridade radicalizada, um “nós” e um “eles”, sendo “eles” (africanos) o estranho, o poluente (DANFÁ, 2016, p. 112).

De acordo com o texto, a contaminação da Amber (segundo caso nos EUA), “voltou a levantar dúvidas quanto aos procedimentos de segurança adotados pela instituição”. Além disso, explica que, o sindicato nacional de enfermeiros do país relatou a falta de proteção adequada contra a contaminação e problemas no seu treinamento para lidar com os doentes. Logo em seguida, o diretor do CDC, confirmou a denúncia e falhas nos procedimentos de segurança principalmente durante os três dias entre a internação do Duncan, e a confirmação que ele estava com ebola. A ambiguidade de informações nas notícias sobre a contenção da doença levou a população do país ao pânico e medo. As falas do diretor do CDC, da porta-voz do hospital e do sindicato dos enfermeiros não condizem. No meio dessa discordância, mais casos são diagnosticados e isso causou efeito de pânico nas pessoas. Concordo com Danfá (2016) ao dizer que, houve a dispersão de informação na forma ambígua e ambivalente que as impensas estudadas difundem as informações. Aterrorizam o público com projeções catastróficas e hipóteses insustentáveis ao invés de darem informação necessária que ajude diminuir o clima de terror.

5.10 CULTURA

Figura 30: No Brasil, caso suspeito de ebola é dispensado

Guineano deixa isolamento e deve ter alta

Segundo exame confirma que Souleymane Bah, internado no Rio, não tem ebola; ele voltará a Cascavel (PR)



Cascavel. Policiais de Defesa Civil e trabalhadores em uso de roupa de proteção estão a seguir uma pessoa diagnosticada com ebola na UVA e telefonista Nêta Pisan

JAILTON DE CARVALHO
jailton@globonline.com.br
FLÁVIA MILHORANDE
flavia.milhorande@globonline.com.br

...e mais. Deve ter alta hoje o guineano Souleymane Bah, de 47 anos, internado no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (Incha) no Rio. O homem, um seguidor do ex-presidente que Souleymane não tem ebola, por isso ele já deixou o isolamento na unidade e foi transferido para um quarto hospitalar. Outros três pessoas que tiveram contato com Souleymane antes de sua internação não precisaram mais ficar sob monitoramento.

Além dos casos de ebola, o guineano fez testes de AIDS, malária e dengue, todos com resultado negativo. Souleymane precisou irna Unidade de Pronto Atendimento de Cascavel, no Paraná, na quinta-feira, reclamando de febre, dor de garganta e tosse. Como vinha de uma área de alto risco na Guiné, foi ignorado como caso suspeito. Na sexta-feira, foi transferido num jato da Força Aérea Brasileira (FAB) com ferros aguçados de proteção.

Na fase epidemiológica, os sintomas apresentados — com início no primeiro dia de Saúde, Arina Chôma, após confirmar o resultado do exame negativo. Souleymane chegou ao Brasil no dia 13 com voo de tarifas, mas obtiveram autorização para permanecer no país até setembro de 2015 como refugiado político.

Hoje, será divulgado nota conjunta dos ministérios da Saúde e



Quem. Policiais de Defesa Civil e trabalhadores em uso de roupa de proteção estão a seguir uma pessoa diagnosticada com ebola na UVA e telefonista Nêta Pisan

do Turismo com orientações a viajantes que fazem viagens ao exterior. Apesar da medida, o ministro já descartou o apelo da facilitação de passagens ordenada das países mais afetados pelo ebola, como vieram feitos no EUA. Outros cinco passageiros do Avião Saúde — que não estiveram na África Ocidental — chegaram de saída a Boston e foram levados a um hospital local por precaução, pois se queixaram de sintomas semelhantes à febre hemorrágica.

NOVO CASO NOS EUA
Enquanto isso, um enfermeiro de Dallas, no Texas, foi com a primeira pessoa a contrair ebola nos EUA. Nêta Pisan, de 26 anos, teve, segundo autoridades de saúde, "sintomas" como o do italiano Thomas Duncan, que morreu na quarta. Após o início dos sintomas, a enfermeira teve contato com uma pessoa, além do cachorro dela. Ambos serão monitorados pelas autoridades.

Ele está "claramente estável", afirmou o diretor do Centro de Prevenção e Controle de Doenças (CDC), Thomas Frieden, garantindo ainda que a agência ampliou o monitoramento dos profissionais de saúde para evitar novos contatos. Outros médicos precisam se desculpar pelo mal-entendido após saberem que a enfermeira era culpada pela contaminação. Ainda não está claro como ela pode ter sido infectada.

— Estou muito se fel a impressão de que culpamos a enfermeira ao dizer que teve uma ruptura de protocolo. — Foi seguida, o presidente Barack Obama disse que as autori-

dades federais devem "tomar medidas adicionais imediatas para garantir que hospitais e profissionais de saúde em todo o país estejam preparados para seguir os protocolos caso se depararem com um paciente com ebola". O infectologista Fernando Porto, pedista que estatura pelo colóquio de separação é 100% seguro. — O contágio muito genérico e repetido, e que chamamos de "propagação", aumenta a possibilidade de contágio — com o risco de — Quanto mais complicado é o protocolo de prevenção, mais chances ele tem de falhar. Por isso mesmo, as equipes devem ser sempre treinadas e ter um plano, os protocolos precisam ser sempre atualizados, e os participantes avaliados a cada turno.

Em Madrid, a família de enfermeira Teresa Romero, de 44 anos, também infectada com ebola após ter contato com um paciente morto pela doença, pleureu durante a noite de domingo para segunda-feira e entrou no estado grave. Além de Teresa, estão hospitalizados 15 pessoas no Hospital Carlos III de Madrid, incluindo o marido dela, mas nenhum apresentou sintomas de febre hemorrágica.

O último relatório da OMS, da sexta-feira, mostra terem sido confirmados 6.328 casos de ebola em sete países (Guiné, Libéria, Serra Leoa, Nigéria, Senegal, Espanha e EUA), com 4.823 mortes. A Libéria, mais afetada, registrou 4.077 casos e 2.311 mortes. Por isso, centros de saúde do país foram fechados para combater o ebola. ■

Corpo a corpo
LAMAL BAKARE
'Um site pode fazer muito; mídias sociais engajam'
Uso da internet ajudou a Nigéria a conter o que poderia ter sido mais um foco significativo da epidemia de ebola

ANABELLA ZEPEDA
anzepeda.globe@globonline.com.br

Com o apoio de voluntários e parcerias, o nigeriano Bakare Lawal criou o portal EbolaAlert e um chat ao vivo no Twitter para disseminar informações sobre o ebola durante o surto de vírus na Nigéria. Em um país com 17 milhões de pessoas conectadas, o serviço foi um sucesso e dá exemplo a outros países.

Como você teve a ideia de criar o site?

Foi sobre que havia a necessidade de criar um portal para apoiar e motivar a intervenção nigeriana contra o ebola, algo que criasse confiança na população da Nigéria, um portal que servisse como fonte de informação. Eu pensei nisso desde que o surto de ebola começou, e a chegada do vírus à Nigéria fez com que o portal se tornasse essencial. No dia da eclosão do ebola no país, minha primeira reação foi alertar em fóruns no Facebook e incluir meus colegas a participar. Esses colegas se transformaram em diferentes categorias de voluntários que implementaram o EbolaAlert na Nigéria.

Como você acha que o site ajudou a conter o ebola?

Há necessidade de informações precisas em casos de surto como este, e a credibilidade pode fazer com que qualquer pessoa que poste qualquer coisa seja vista como autoridade. Implementamos um chat ao vivo, feito por voluntários que se alternavam respondendo questões básicas sobre sinais da doença e sob exigências de viagens. Havia também relatos de pessoas com sintomas que eram atendidos diretamente pelo equipe de gerenciamento de doenças. Também tivemos parceria com o Centro de Controle de Doenças (CDC, na sigla em inglês) americano e com a Organização Mundial da Saúde.

Qual a sua avaliação sobre o papel da internet em um país como a Nigéria, com mais de 17 milhões de usuários?

O tamanho da população e as dimensões geográficas tornam a disseminação de informação um desafio, especialmente quando é material vital. A internet foi um ponto de partida para compartilhamento de informação, por ser a única ferramenta disponível capaz de agrupar e propagar a informação durante uma epidemia. Quanto mais implementada, essa ferramenta pode ter resultados bem interessantes. ■

Fonte: Globo, 14/10/2018, p. 25.

Por outro lado, o *Globo* divulgou a matéria *Um site pode fazer muito; mídias sociais engajam* (14/10/2018). A matéria é uma pequena nota escrita por Jailton de Carvalho e Flávia Milhorande. Relata como Nigéria, um dos países afetados pela epidemia, conseguiu contê-lo. No texto, explica que o país conseguiu conter a propagação da doença porque um profissional, Bakare Lawal, criou um portal online, *EbolaAlert* e um chat ao vivo no *Twitter* para disseminar informações sobre o ebola durante o surto. Os autores afirmam que “em um país com 67 milhões

de pessoas conectadas, o serviço foi um sucesso e dá exemplo a outros países” (GLOBO, 14/10/2014, p. 25).

Segundo Bakare, desde que o surto chegou na Nigéria, ele sabia que havia necessidade de criar um portal para apoiar e motivar a intervenção nigeriana contra o ebola, algo, que de acordo com ele, criasse confiança no público do país. Junto com ajuda de voluntários e parceiros, conseguiram implementar o *EbolaAlert*. Um chat ao vivo foi implantado pela equipe para responder questões básicas sobre o vírus e exigências de viagens, assim, “os relatos de pessoas com sintomas eram enviados diretamente à equipe de gerenciamento de boatos” (GLOBO, 14/10/2014, p. 25). Tiveram parcerias com o CDC americano e com a Organização Mundial de Saúde, OMS. Pode-se considerar esse avanço na Nigéria como algo importante. Percebe-se a relevância dada à notícia pelo espaço que ela ocupa na página, sendo que a notícia de destaque na página é sobre o Bah, primeiro caso suspeito no Brasil que deixou o isolamento. Isso acompanhada de uma foto de policiais de Dallas onde morava a segunda pessoa contaminada pela doença em EUA, a enfermeira Amber.

Na notícia principal, *Guineano deixa isolamento e deve ter alta*, retoma que o segundo exame de Bah, o primeiro caso suspeito no Brasil, testou negativo e ele deixou o isolamento. Também reforça que ele chegou no país com visto de turista, mas obteve “autorização para permanecer no Brasil até setembro de 2015 como refugiado político”. Ao confirmar o resultado do exame, Arthur Chioro, o ministério de saúde, expressa que “na área de epistemológica, somos bastante preparados” (GLOBO, 14/10/2014, p. 25).

5.11 RELAÇÕES RACIAIS

Figura 31: Mais notícias sobre contaminação de ebola

Ate cem pessoas nos EUA podem ter se exposto a ebola

Indivíduos teriam tido contato com infectado após manifestação da doença

Cinegrafista free-lance da rede NBC é o quinto americano a contrair o vírus e passará por tratamento nos EUA

GIULIANA VALLONE
DE NOVAYORK

Cerca de cem pessoas podem ter tido contato com o liberlandês Thomas E. Duncan, 42, o primeiro paciente que foi diagnosticado com ebola já nos EUA.

Ele chegou ao país por Washington e foi para Dallas (Texas), onde está internado.

Nesta quinta (2), autoridades médicas afirmaram que estas pessoas estão sendo entrevistadas para determinar se houve o contato.

Tom Frieden, diretor do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças), diz que ainda não é possível saber exatamente quantas delas realmente estiveram com o paciente desde que os sintomas da doença começaram, no dia 24 de setembro.

Uma vez que o contato é confirmado, elas passam a ser monitoradas por 21 dias (tempo de incubação do vírus) e têm sua temperatura medida duas vezes por dia. Quem apresentar algum sintoma da doença — febre, diarreia e vômitos — é imediatamente isolado.

A namorada de Duncan, o filho dela e dois sobrinhos, que estiveram na mesma casa em que Duncan ficou no fim de semana, foram postos em quarentena nesta quinta.

A casa em que vivem é monitorada por policiais, e eles não podem deixar o local, sob risco de processo.

David Lakey, chefe do Departamento de Serviços de Saúde do Texas, disse que “é importante deixar claro que esses indivíduos não apresentaram nenhum sintoma, estão saudáveis.”

A CNN falou com a namorada de Duncan, e ela informou que o apartamento em que estão confinados ainda não havia sido limpo.

Lençóis, roupas e toalhas usadas por Duncan ainda estão no local, o que pode aumentar a chance de contágio.

Lahey admitiu que as autoridades encontraram resistência ao procurar uma equipe especializada que aceitasse fazer a limpeza do local: “Nós não estamos satisfeitos com isso. Estamos agindo para que a casa seja limpa e para que eles recebam comida e o que mais precisarem”.

Na Libéria, o chefe da autoridade aeroportuária, Binyah Kesselly, disse que Duncan pode ser processado porque negou, em um formulário, que teve contato com pessoa eventualmente diagnosticada com ebola.

Ele não teria declarado que ajudou, no dia 15, uma vizinha grávida que estava doente. Ela morreu dias depois.

“Se tivesse respondido honestamente, faria um segundo teste e não poderia deixar o país”, disse Kesselly.

Tom Frieden, do CDC, evitou afirmar que Duncan mentiu. “A realidade é que as pessoas costumam não saber [se tiveram contato com alguém infectado]”, disse.

Ele enfatizou que o paciente passou por exames no aeroporto e não tinha febre.

Em entrevista à CNN, o meio-irmão de Duncan, Wilfred Smallwood — nos EUA há nove anos —, negou que o liberlandês tivesse viajado ao país para fugir da doença.

“Ele disse que estava feliz porque iria ver seu filho e sua mulher. Ele não falou nada sobre o ebola”, afirmou.

OUTRO AMERICANO

Nesta quinta, um cinegrafista americano free-lance que trabalhava para a rede NBC teve diagnóstico positivo para o ebola. Ele sentiu febre e dores na quarta-feira e ficou isolado por decisão própria.

Na manhã desta quinta, o homem, de 33 anos, procurou um centro de tratamento dos Médicos sem Fronteiras onde se submeteu ao teste. O resultado, que revelou a contaminação, saiu em 12 horas.

Ele é o quinto americano a se contaminar na Libéria e fará tratamento nos EUA.

» LEIA MAIS na pág. A9

4 Qual o prognóstico da epidemia no mundo?
Segundo o CDC, na melhor das hipóteses, haverá 27 mil contaminados na Libéria e em Serra Leoa em 20 de janeiro de 2015. Na pior das hipóteses, os infectados podem chegar a 1,4 milhão

5 Por que a comunidade internacional não proibiu voos vindos desses países?
As autoridades dos países afetados buscam medir a temperatura de cada passageiro antes do embarque, o que reduz a quase zero a chance de contaminação de um passageiro para outro

6 Como a doença progride no organismo?
O período de incubação do vírus demora até 21 dias, mas geralmente se manifesta nos primeiros dez. Os primeiros sintomas são dor de cabeça, febre e dores no corpo, seguidos de vômito. Em seguida, a doença provoca hemorragia. O paciente morre por falência cardíaca, renal e do fígado

7 Como é o tratamento?
Não há vacina ou cura conhecida para o ebola. Até 60% dos pacientes que desenvolveram sintomas se recuperam por meio da própria resposta imunológica do corpo. As autoridades de saúde tentam conter a doença monitorando os possíveis infectados e mantendo os pacientes confinados em isolamento

Ícones: "The New York Times"; "Washington Post"

Fonte: Folha, 3/10/2014, p. A8.

O texto apresenta sobre como as autoridades e agentes de saúde estão entrevistando as pessoas que tiveram contato com o Duncan. A namorada de Duncan, o filho dela e dois sobrinhos que estiveram na mesma casa que Duncan foram postos em quarentena. Estão sendo monitorados por policiais “e não podem deixar o local, sob risco de processo”, o texto descreve. O chefe do Departamento de Serviços de Saúde no Texas, David Lakey, conta que “é importante deixar claro que esses indivíduos não apresentaram nenhum sintoma, estão saudáveis” (FOLHA de SP, 3/10/2014, p. A8). De acordo com a notícia, a CNN falou com a namorada de Duncan, e ela informou que o apartamento em que estão confinados ainda não havia sido limpo. Os lençóis e roupas usadas por Duncan ainda estão no local, o que pode aumentar chance de contágio. Logo em seguida, o chefe, Lakey, admitiu que

Encontraram resistência ao procurar uma equipe especializada que aceitasse fazer limpeza do local”. Ele completa que “nós não estamos satisfeitos com isso. Estamos agindo para que a casa seja limpa e para que eles recebam comida e o que mais precisarem” (FOLHA de SP, 3/10/2014, p. A8).

Observa-se a hostilidade e a discriminação que a família do paciente contaminado está recebendo das autoridades e dos agentes. A fala do Lakey demonstra que realmente há resistências em interagir com a família do Duncan, mesmo sendo que o ele mesmo confirmou

que eles não apresentaram nenhum sintoma, então, supostamente não teria necessidade de serem confinados no apartamento. Considerando que o local ainda está com as roupas do Duncan, parece que a família corre mais risco ao permanecer no local contaminado.

O chefe de autoridade aeroportuária disse que Duncan pode ser processado porque negou, no formulário, que teve contato com alguém diagnosticado com a doença. Segundo o chefe, “se tivesse respondido honestamente, faria um segundo teste e não poderia deixar o país” (FOLHA de SP, 3/10/2014, p. A8). Entretanto, o diretor do CDC enfatizou que o paciente passou por exame no aeroporto e não tinha febre. Nos últimos parágrafos da matéria, informa que, em entrevista à CNN, o meio-irmão do Duncan nos EUA, explica que o liberiano não viajou ao país para fugir da doença, “ele disse que estava feliz porque iria ver seu filho e sua mulher. Ele não falou nada sobre o ebola” (FOLHA, de SP, 3/10/2014, p. A8). Vale relembrar que a enfermeira Amber viajou quando estava com febre colocando assim, mais pessoas em risco do que, supostamente, o Duncan, uma vez que ele ainda não apresentava os sintomas quando viajou.

A reportagem do dia (9/10/2014, p. 30), no *Globo*, relata sobre a morte do Duncan, o liberiano que foi registrado como o primeiro caso do ebola em EUA. Com o título *Novos casos de suspeitos de ebola são isolados nos EUA e na Europa*, o texto não apresenta a autoria. O primeiro parágrafo relata sobre um americano que passou pelo apartamento de Duncan e da enfermeira que cuidou de dois padres (infectados) em Madri. Além disso, explica que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera inevitável que outros casos sejam diagnosticados, “mas que uma epidemia na Europa ou EUA é improvável” De novo, a ideia de que os países ocidentais lidam melhor com a epidemia. Logo em seguida informa que no mesmo dia em que Duncan morreu, outro paciente foi colocado em monitoramento e as autoridades anunciaram que intensificarão o monitoramento em cinco aeroportos, o rastreamento de pessoas que chegam de países do oeste africano, onde a epidemia já matou mais de 3 mil pessoas de um total de cerca de 8 mil casos. O diretor do CDC, Freiden, admite que “não é possível evitar o surgimento de novos casos, mesmo com a contínua melhora do sistema de proteção” (GLOBO, 9/10/2014, p. 30). Importante frisar que a reportagem continua frisando o fato de que mesmo com o aumento de risco de contágio o risco de uma epidemia é descartada, mesmo sendo que novos casos estão surgindo a cada dia.

Por outro lado, o mesmo assunto é tratado pela *Folha* de uma abordagem um pouco diferente ao apresentar a fala da família de Duncan e explicar que ele viajou para encontrar a sua família.

Figura 32: Notícia relata sobre a vida do primeiro sujeito a contrair o vírus em EUA

EUA têm primeira morte devido ao ebola

Liberiano Thomas Duncan chegou ao país em 19 de setembro e só foi internado três dias após buscar atendimento

A partir do fim de semana, EUA passaram a avaliar passageiros que chegam da África em cinco aeroportos

GIULIANA VALLONE
DE NOVA YORK

O primeiro paciente diagnosticado com ebola fora da África morreu nesta quarta (8), em Dallas (Texas), oito dias após ter confirmado a infecção pelo vírus. Foi a primeira morte pela doença registrada nos EUA.

Também nesta quarta, os EUA anunciaram que irão monitorar pacientes vindos da África em cinco aeroportos do país.

O liberiano Thomas Duncan, 42, viajou para o país em 19 de setembro para encontrar a namorada e o filho.

Ele começou a sentir os sintomas da doença no dia 24.

Ao procurar o hospital, no dia seguinte, foi enviado para casa com uma prescrição de antibiótico mesmo após dizer que viera da África.

Duncan só foi internado no dia 28, depois de voltar ao hospital ainda mais doente. O episódio gerou pânico e levantou dúvidas sobre o preparo das autoridades americanas para lidar com casos da doença.

"Acredito que agora uma análise metódica sobre todos os aspectos do atendimento a ele vá ser realizada. Mas estou lidando com a dor e a raiva por seu filho não poder vê-lo antes de sua morte", disse a mãe de Duncan,

Louise Troh.

Ela está isolada desde a semana passada com seu filho e dois sobrinhos por ter tido contato com Duncan.

Outras 44 pessoas são monitoradas. Nenhuma delas apresentou sintomas da doença até agora.

Na tarde desta quarta, porém, um paciente com sintomas do ebola e que diz ter tido contato com a família do paciente procurou uma clínica e foi transportado para o Hospital Presbiteriano.

O diretor do CDC (Centro de Prevenção e Controle de Doenças dos EUA), Thomas Frieden, afirmou em entrevista que não está confirmado se o homem teve contato com o vírus e se os sintomas são realmente do ebola.

AEROPORTOS

O governo dos EUA anunciou nesta quarta-feira (8) que cinco aeroportos vão avaliar todos os passageiros que estiveram recentemente em Serra Leoa, na Guiné ou na Libéria.

Eles terão sua temperatura medida ao entrar no país, serão analisados para outros sintomas e responderão a um questionário criado pelo CDC.

O controle começará a ser implementado neste fim de semana no aeroporto internacional John F. Kennedy, em Nova York.

A partir da próxima semana, os aeroportos Washington Dulles, O'Hare (Chicago), Hartsfield-Jackson (Atlanta) e de Newark (Estado de Nova Jersey) serão monitorados.

▶ **LEIA MAIS** na pág. A10



Thomas Duncan durante um casamento em Gana, em 2011

PREVENÇÃO NOS EUA

Maioria dos passageiros vindos da Guiné, Serra Leoa e Libéria chega a cinco aeroportos



Vítima da doença viajou para ver formatura do filho

DA ASSOCIATED PRESS

Thomas Eric Duncan, 42, cresceu perto de uma colônia de leprosos na Libéria, teve de se refugiar durante os anos de guerra no país e, quando conseguiu voltar para casa, encontrou o local tomado por doenças e pobreza.

Em setembro, chegou a Dallas para realizar o sonho de encontrar parentes e ver o filho se formar no ensino médio. O menino nasceu num campo de refugiados na Costa do Marfim e foi com a mãe,

ainda pequeno, para os EUA.

"O menino disse à mãe: 'Querover meu pai. Podemos ajudá-lo a vir?'. Os dois cuidaram dos procedimentos para trazê-lo ao país", disse o irmão do liberiano Wilfred Smallwood. Oliver, filho de Wilfred, está em quarentena.

Thomas tinha 18 anos quando rebeldes invadiram a Libéria a partir da Costa do Marfim, iniciando um conflito que tirou 250 mil vidas — cerca de 10% da população.

Mãe-irmã de Thomas, Mai Wureh chegou aos EUA em

1989, pouco antes da invasão.

Tentou levar a família, mas o processo de refúgio foi negado. Thomas e outros parentes foram para um campo na cidade marfimese de Danane. Lá, ele conheceu Louise Troh, com quem teve o filho, Karsiah.

Quando ela conseguiu a permissão para recomeçar a vida nos EUA, levou a criança, com três anos. O visto para Thomas continuou a ser negado. Ele seguiu para um campo de refugiados em Gana. Em 2013, dez anos após o

fim da guerra civil, Thomas Duncan voltou a uma Monróvia tomada por doenças. Trabalhou como motorista. Um ano depois, iria para os EUA. Segundo um amigo, "queria casar com Louise em Dallas".

Thomas chegou ao apartamento dela no dia 20. Por nove dias, antes de ser levado ao hospital, ele dividiu o local com Louise, família e amigos.

Louise Troh declarou, nesta quarta (8), estar "lidando com a tristeza e com a raiva" e que Karsiah Duncan não conseguiu se despedir do pai.

Fonte: *Folha*, 9/10/2014, p. A8.

O texto, *EUA têm primeira morte devido ao ebola*, (9/10/2014, p. A8), da autoria de Giuliana Vallone, a mesma jornalista que informou sobre a situação do Duncan no dia 2/09/2014. O texto apresenta a entrevista da noiva do Duncan que expressa "sua raiva e dor por seu filho não poder vê-lo antes de sua morte", mas acredita que "uma análise metódica sobre os aspectos do atendimento a ele será realizada" (FOLHA de SP, 9/10/2014, p. A8).

Além disso, na matéria, relembra que ela, seu filho e dois sobrinhos ainda continuam em isolamento. Enquanto isso, as autoridades aumentam o monitoramento das pessoas nos aeroportos. Ao da lado da notícia, está outra pequena reportagem sobre Duncan escrito por *Da Associated Press*, uma agência de notícia. O texto começa assim: "Thomas Eric Duncan, 42, cresceu perto de uma colônia de leprosos na Libéria, teve de se refugiar durante os anos de guerra no país e quando conseguiu voltar para casa, encontrou o local tomado por doenças e pobreza" (FOLHA de SP, 9/10/2014, p. A8).

Explica que, em setembro, chegou a Dallas para assistir a formatura no filho do ensino médio. "O menino nasceu num campo de refugiados na Costa do Marfim e foi com a mãe ainda

pequeno, para os EUA. [...] Thomas tinha 18 anos quando rebeldes invadiram a Libéria a partir da Costa do Marfim, iniciando um conflito que tirou 250 mil vidas” (FOLHA de SP, 9/10/2014, p. A8).

O resto do texto apresenta como Duncan viveu de um campo de refugiado para outro. Mas “em 2013, dez anos após o fim da guerra civil, Thomas Duncan voltou a uma Monróvia tomada por doenças” completa (FOLHA de SP, 9/10/2014, p. A8). De acordo com a reportagem, ao voltar para seu país, ele trabalhou como motorista e um ano depois decidiu ir para EUA ficar com a mulher e o filho. Os últimos parágrafos retomam como Duncan chegou no país e como foi levado ao hospital. A reportagem apresenta Duncan sob uma visão de uma pessoa com trajeto sofrida para suscitar pena do leitor. Para Danfá (2016). “Esta forma de hierarquizar o outro como inferior por pertencer uma cultura desvalorizada sugere um processo da infra-humanização e uma alteridade radicalizada, isto é, o racismo” (p. 113). Além da desumanização do outro, africano, nota-se a ausência do outro africano no debate sobre ebola. Mas nas análises vimos em somente dois momentos, a voz do outro nas discussões sobre o ebola e isso foi a entrevista do epidemiologista nigeriano, Chikew Ihekweazu, e a fala do nigeriano Bakare lawa, que criou o site do *EbolaAlert*.

No dia (29/10/2014), o *Globo* informou que dois irmão foram espancados na escola em Estados Unidos (foto abaixo)

Figura 33: irmãos sofrem agressão física

Irmãos africanos são espancados nos EUA por causa do ebola

Os meninos, de 11 e 13 anos, são do Senegal, que foi declarado livre da doença na semana passada

A disseminação da epidemia de ebola espalha também a discriminação e a violência. Dois irmãos africanos de 11 e 13 anos que se mudaram recentemente para os Estados Unidos foram atacados na escola na última sexta-feira, de acordo com a emissora "NBC" em Nova York. Os meninos, que estão no sexto e no oitavo anos, foram hospitalizados depois de serem gravemente feridos por pessoas que os chamaram de "ebola", segundo o Conselho Consultivo Africano, um grupo que defende os imigrantes do continente no bairro do Bronx. A história veio à tona quando o grupo de advocacia cobrou ações contra o preconceito na região.

Os meninos se mudaram do Senegal para os EUA há cerca de um mês, declarou o pai deles, Ousmane Drame, que afirmou ter corrido para a escola quando soube do espancamento.

— Me chamaram até a escola e disseram para ir rápido porque estavam batendo nos meus filhos (...). Eles estavam chorando, deitados no chão, com mais de dez crianças em cima deles, batendo neles — contou Drame à emissora.

Os ataques ocorreram um dia

depois de um médico americano que estava trabalhando com Médicos Sem Fronteiras no Oeste da África ter sido internado em um hospital de Nova York com diagnóstico de ebola.

Embora o Senegal tenha registrado apenas um caso de ebola e já tenha sido declarado livre da doença, na semana passada, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o preconceito é grande contra todas as comunidades africanas.

A Austrália, por exemplo, anunciou ontem que não concederá visto de entrada no país para pessoas oriundas dos países mais afetados pela epidemia: Guiné, Libéria e Serra Leoa.

ENFERMEIRA TEVE ALTA

A alta da segunda enfermeira a contrair ebola no Texas estava prevista para a noite de ontem, no Hospital Universitário Emory, em Atlanta.

Amber Vinson, que foi admitida no último dia 5, é uma das duas enfermeiras de um hospital de Dallas infectadas com o vírus após cuidar do primeiro paciente diagnosticado com a doença nos Estados Unidos.

A outra enfermeira, Nina Pham, também foi declarada livre do vírus na semana passada e já deixou o hospital em Maryland, onde estava internada.

A epidemia já atingiu dez mil pessoas e matou cerca da metade, sobretudo nos países do Oeste da África. ■

Fonte: Globo, 29/10/2014, p. 28.

O surto de ebola não somente causou medo e pânico nas pessoas em Estados Unidos, mas também impulsionou a discriminação e a violência. Do texto foi escrito por Renato Grandelle e acordo com a matéria, dois irmãos, um de 11 e 13 anos, do Senegal (país declarado livre do vírus) que mudaram para os EUA havia cerca de um mês, tiveram que ser hospitalizados após terem sido gravemente feridos por pessoas que os chamaram de 'ebola'. Importante explicar que somente um caso foi registrado no Senegal e o país já foi declarado livre do vírus pela Organização Mundial de Saúde. Segundo o relato do pai, ele recebeu ligação de que os seus filhos estavam sendo espancados por dez crianças. Ele conta que:

Me chamaram para ir rápido até a escola e disseram para ir rápido porque estava batendo nos meus filhos [...]. Eles estavam chorando, deitados no chão, com mais de dez crianças em cima deles, batendo neles (GLOBO, 29/10/2014, p. 28).

As ‘pessoas’ eram crianças da mesma escola que os irmãos frequentam. O texto não indica o nome da escola ou o posicionamento deles em relação ao ocorrido. Portanto, os ataques ocorreram após a divulgação que um médico americano do Médico Sem Fronteiras contraiu o vírus em Guiné e foi transferido para Nova York. O título da reportagem indica que os irmãos foram espancados por causa do ebola, mas o verdadeiro motivo é por causa das questões raciais no país, o que não foi problematizado, em nenhum momento, pelo autor. Também faltou explicar se as vítimas são os únicos negros que frequentam a escola, se havia outras crianças negras lá ou, se já houveram outras ocasiões semelhantes com pessoas negras. Se esses aspectos fossem abordados pelo Renato seria possível situar o leitor e discutir a questão do preconceito e discriminação presente nos Estados Unidos através da segregação. Mesmo assim, é evidente que os meninos foram agredidos, principalmente, pela questão racial. O fato de chamaram as duas crianças de ‘ebola’ indica que o signo, para os agressores, tem valor negativo, pois atribuem o sentido à palavra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos jornais *Folha de São Paulo* e o *Globo* durante a Copa do Mundo e o surto de ebola, embora sendo momentos distintos, mostraram-se majoritariamente negativos. No início das análises, esperava encontrar resultados positivos nas notícias que tratam sobre o mundial de futebol, mas é evidente que, mesmo num espaço esportivo, o continente africano e os africanos continuam sendo representados/visto sob os viés de fome, guerra, violência, doenças, miséria, animais selvagens e a instabilidade política. Mostra que esse imaginário está impregnado na mente dos brasileiros e no ocidente, que independente do que for o assunto, eles ainda são comparados a coisas negativas. Resgato a minha pergunta de pesquisa para verificar se ela foi respondida e se os objetivos forem cumpridos.

A pergunta desta pesquisa é: Que representações a mídia brasileira constrói sobre África e sobre africanos? Na Copa do Mundo, os dois jornais constroem uma representação da África que não é diferente da ideologia pré-existente no pensamentos dos brasileiros, mas também do ocidente em geral, considerando a notícia que o jornal britânico publicou sobre o país sede e o atraso dos times internacionais (ocidentais) em treinar em solo sul-africano. Alguns dos textos ainda apresentam a África como um país, o que geralmente é confundido pelos brasileiros (embora não peculiar a eles), ao pensar que a África do Sul, é o lugar onde todos os africanos vivem. A questão do continente com lugar perigoso e de violência também predomina no texto, como demonstra nas matérias ao abordar sobre o protesto dos trabalhadores, a notícia sobre as cobras no local onde a seleção da Inglaterra iria treinar, a reportagem sobre o medo da violência sexual. Os textos fazem questão de lembrar que o país sede da Copa 2010 é um dos maiores registro de soropositivos, assim questionando a segurança dos turistas para não serem infectados. Relembrem que Aids é uma doença comum no país. Por isso, a questão de doença também se tornou um tema presente nas reportagens.

A pobreza foi uma característica que predominou em todos os textos. Ao falar sobre o jogo ou sobre as seleções africanas, havia no texto, descrições de como os africanos são pobres, miseráveis, tristes e enaltecem a presença da seleção brasileira a ponto de descreve-la como a volta de messias. Além deles se apresentaram como “circo aonde falta pão”. Esses meios de comunicação também exploraram a situação das crianças sul-africanas. Nos textos, somente conhecemos crianças que descrevem como ‘faveladas’ e ‘carentes’, a ponto de receberem presentes ser um fato raro na vida delas. A fome também foi abordada pelos veículos de comunicação.

A questão racial foi um tema que se mostrou bastante presente, embora pouco abordado pelos jornais e quando tratado, havia tendência em não problematizar como sugere Regina Dalcastanagè (2000) que há várias formas de trabalhar com a desconstrução de estereótipos e uma delas é a problematização.

A identidade do africano representada pelos dois jornais, na Copa e do surto de ebola é extremamente negativa, além de reproduzir estereótipos no que concerne ser africanos. A construção do outro se torna evidente num viés ideológico cujo signo ganha expressividade no contexto sócio-histórico. Esse conjunto de valores remonta ao momento escravista que implementou as desigualdades sociais e de raça, sustentando hierarquias, estruturando assim, uma sociedade brasileira racista. Faltou aprofundamento nas reportagens sobre a questão do Apartheid, sendo que algumas notícias apresentam os efeitos do sistema segregacionista no país, mas não como suas marcas afetam as relações sociais, raciais e econômicas entre brancos e negros. Mesmo assim, é evidente que o branco é apresentado como norma, uma vez que eles são representadas como protagonistas. Nos momentos que o signo negro é retratado nas notícias, é para mostrar como eles são economicamente desprivilegiados. A presença dos negros foi praticamente excluída dentro do estúdio das notícias. Pela análise, observa-se que algumas das matérias no *Globo* apresentaram aspectos positivos do povo africano, como alegres, receptivos e simpáticos.

Na temática cultura, nota que algumas das notícias possuem aspecto positivo, ao trazer informações sobre lazer, religião, beleza (tranças africanas), a culinária, o carnaval, os museus e, em geral, os pontos turísticos. Como por exemplo, a matéria sobre os esportes radicais, a rotina dos sul-africanos no domingos, as tranças feitas nas ruas (mesmo que está acabou abordando uma suposta discriminação entre sul-africanos e outros africanos) e o carnaval. A culinária poderia ter sido abordada melhor, mostrando as várias comidas sul-africanas uma vez que é uma pais multicultural, em vez disso, o autor, adotou uma postura distante ao considerar a comida suja e desaprovar dos pratos.

As notícias sobre ebola, nos dois jornais, demonstraram, a incapacidade dos países africanos em conter a transmissão da doença, o preconceito, a falta de infraestrutura e de saneamento básico no continente. O surto foi relacionado à falta de higiene dos africanos e ao pobreza, pois, os africanos, por falta de poder econômico, se alimentam dos animais hospedeiros de vírus. Outra coisa é como eles relacionam a epidemia ao Aids, o que comprova o imaginário de que África é visto como berço de doenças infecciosas pelo Brasil e o ocidente. Visão que não é espanto para Rodrigues (2012), pois reconhece que o África é concebido “nativo” de Aids e ebola.

Os jornais estudados contribuíram para reforçar os estereótipos sobre o continente porque as notícias se concentraram, na maior parte, nos Estados Unidos, atrelando a transmissão da doença à falha de sistemas e quebra de protocolo. As informações mal aprofundadas, as contradições nas falas da porta-voz do hospital, do sindicato de enfermeiros e do diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças, instigaram assim, o pânico e o medo na população, fato que gerou desconfiança do público nos órgãos de saúde. A importância de um sistema de controle para contenção do vírus se mostrou importante e para isso, países como Nigéria, Mali e Senegal, serviram de exemplo.

O objetivo geral proposto foi analisar os discursos presentes nos dois jornais com vistas a observar como se constroem representações sobre África e dos africanos. Para isso, o trabalho cumpriu o seu propósito. Verifico que o tipo de representação presente nos veículos de comunicação são estereotipadas na maneira que apresentam os africanos e o continente através das marcas e dos efeitos da escravidão. Os enunciados presentes, majoritariamente, resgatam as marcas do período escravista para descrever e construir a imagem dos africanos. Isso foi observado nos dois momentos, Copa e surto de Ebola.

Outro objetivo proposto pelo trabalho é verificar os conteúdos temáticos e as tonalidades valorativas. Como demonstra na tabela do capítulo 4, as tonalidades valorativas são majoritariamente negativas nas categorias de política, desigualdade sócio-econômica, violência/segurança, cultura e Relações raciais. Os discursos dos dois meios de comunicação contribuem para a promoção de estereótipos nos dois contextos uma vez que reproduzem o continente como lugar de conflitos, de pessoas descontroladas, desorganizadas e doentes.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno O. Lacerda e SOARES, Antônio J. Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a interação pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In (org.) HELAL, Ronaldo, LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antônio J. Gonçalves. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações/organização**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de, FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da Imprensa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_4uXhbSWIJs>. Acesso em: 24 maio 2017.
- APPIAH, Kwame Anthony. Ilusões de raça. In: _____. **Na casa do meu pai: A África na filosofia da cultura**. – p. 53 a 76, 2007.
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: História da imprensa brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BAKHTIN, M. Mikhail. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- _____, Mikhail. O autor e o herói. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin à teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Org.); BRAIT, Beth... et al. **Diálogos com Bakhtin** 3ª ed. Curitiba: ed. UFPR, 2001.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 5ª ED. 1998 .
- BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. Cadernos Pagu. Nº 11, Campinas/UNICAMP, 1998. p. 11 – 42.
- CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: globalização da mídia. In: MARTINS, Ana Luiza.; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade, 5. ed, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

CARDOSO, Lourença. A branquitude acrítica revisitada e a branquidade. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 13, mar. – jun. 2014 p. 88-106.

CARMAGNANI, Anna Maria Grammatico. A questão da identidade na mídia: reflexos na sala de aula. In: CORACINI, Maria José. (Org.). **Identidade & discurso: (des) construindo subjetividades** Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

CASTELLS, Manuel. A política da internet I: redes de computadores, sociedade civil e o Estado. In: _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. , 2003.

CDC. Centro Nacional de Doenças Zoonóticas Infecciosas. Ébola (Doença por Vírus Ébola). 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 31. Brasília, julho-dezembro de 2008, p. 87-110.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DANFÁ, Lassana. Alteridade, racismo e representações sociais: o caso do ebola no Brasil. Dissertação (Dissertação em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco. 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teorizando Relações Étnico-Raciais no Brasil. In: Jamil Cabral Sierra; Marcos Claudio Signorelli. (Org.). **Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia**. Matinhos UFPR. Litoral, 2004.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Difusão europeia do livro 6. ed. São. Paulo, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. Edições Loyola: SP, Brasil, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 12. ed. 2000.

_____. Que “negro” é esse na cultura negra? In: SOVIK, Liv. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte, editora UFMG, 2009.

_____. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

_____. **Representation:** Cultural representations and signifying practices. Sage Publications. The Open university, 1997.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo.; SOARES, Antonio Jorge.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

JONES, James M. **Racismo e preconceito.** Tradução, Dante Moreira Leite, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de.; ÁVILA, Otávio Cezarini.; SILVA, Andrea Resende da. Aspectos da representação dos imigrantes haitianos no jornal Gazeta do Povo, de Curitiba/PR. **Ci. Inf.**, Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 35, p. 51-75, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/55701/37102>>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. **Discurso sobre a história da literatura do Brasil.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2080>. Acesso em: 26/08/2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e Identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

MELO, José Marques de. **Jornalismo no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOREIRA, Camila. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. **Revista da ABPN.** v. 6, n. 13 mar- jun. 2014. p. 73 – 87.

MOREL, Marco. **Os primeiros passos da palavra impressa.** In (org.) MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de. História da Imprensa no Brasil. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.
MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro.** Editora Ática S.A, São Paulo, 1989.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra no contexto da globalização.** In Ignácio G. Delgado (Org). Vozes além da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas. Juiz de Fora: ed. UFJF, 2006.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 3 Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. PENESB-RJ, 2003.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. **O Brasil de todas as Copas 1930 – 2010.** Brasília: Ministério do Esporte, 2012.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. **Em Tempo de Histórias -** Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB, n.9, Brasília, 2005. p. 90 – 114.

OLIVEIRA, Dijaci David de., LIMA Ricardo Barbosa, SANTOS, Sales Augusto dos. A cor do medo: o medo da cor. In (Org.) OLIVEIRA, Dijaci David de., GERALDES, Elen Cristina,

LIMA Ricardo Barbosa, SANTOS, Sales Augusto dos. **A cor do medo** – homicídios e relações raciais no Brasil. Brasília: Editora da UnB; Goiânia: Editora da UFG, 1998.

REIS, Carlos. **África / Doenças transmissíveis: contágio continental**. 2012. Disponível em: <https://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EFVuVFVZEyCLAdqbk>. Acesso em 15/09/2018.

RESENDE, Viviane de Melo. RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. 1. ed, São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Jaime. Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais. **História e Perspectivas**. Uberlândia (47): 15-34, jul./dez. 2012.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6. Ed. Nacional: Universidade de Brasília, 1982.

ROMANCINI, Richard.; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007

RWEYEMAMU, M., OTIM-NAPE, W., SERWADDA, D. **Infectious Diseases: preparing for the future**. Office of Science and Innovation, London, 2006.

Sampaio, João Roberto Cavalcante., Schütz. Gabriel Eduardo. **A epidemia de doença pelo vírus Ebola de 2014: o Regulamento Sanitário Internacional na perspectiva da Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Cad. Saúde Colet. Rio de Janeiro. 2016.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva. **Gregório de matos: o estatuto do silêncio rompido**. Olho d'água, São José do Rio Preto, 2(1): 1-157, 2010. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/45>. Acesso em 26/08/2016.

SCOTT, Joan. Igualdade *versus* diferença: os usos das teorias pós-estruturalistas. In: **Debate feminista**. Cidadania e feminismo. Nº especial, 2000, p .207-218.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da e ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun A. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo.; SOARES, Antônio Jorge.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Florentina. **Gênero e "raça" na literatura brasileira Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Núm. 32, 2008, pp. 103-112 Universidade de Brasília, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127096008>. Acesso em 26/08/2016.

VALENÇA, Márcio Moraes. Brazil x Brasil: o estereótipo da diferença. In: VALENÇA, Márcio Moraes, BRAGA, Maria Helena e COSTA, Vaz da. **Espaço, cultura e representação**. Natal, RN:EDUFRN - Editora da UFRN, 2005.

VAN DIJK, Teun Adrianus **Cognição, discurso e interação**. (org.). Ingedore V. Koch, São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Discurso e poder**. (Org.) Judith Hoffnagel, Karina Falcone. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. (Org.) **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VOLÓCHINOV Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 14^o ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.

ANEXOS

Brasileiro sequestrado na África já pode voltar

Segundo embaixador, vítima teme represália

DE ENVIADO ESPECIAL A HARARE (ZIMBÁBUE)

O representante comercial César Pereira, 33, vítima de sequestro o fortara na África do Sul, está liberado para voltar ao Brasil. Ele prestou depoimento à polícia local, em Johannesburgo, e segundo a embaixada brasileira, pode voltar a qualquer momento.

Ele foi vítima do golpe de uma quadrilha que promove negócios vantajosos para os traficantes no país africano.

Na última sexta-feira, uma unidade de elite da polícia sul-africana, os Hawks (falôes), entrou em ação e o sequestrador estava o representante apreendido sem resistência.

Pereira foi levado a um hotel, onde ficou incomunicável. Só saiu do local ontem, para voltar ao Brasil.

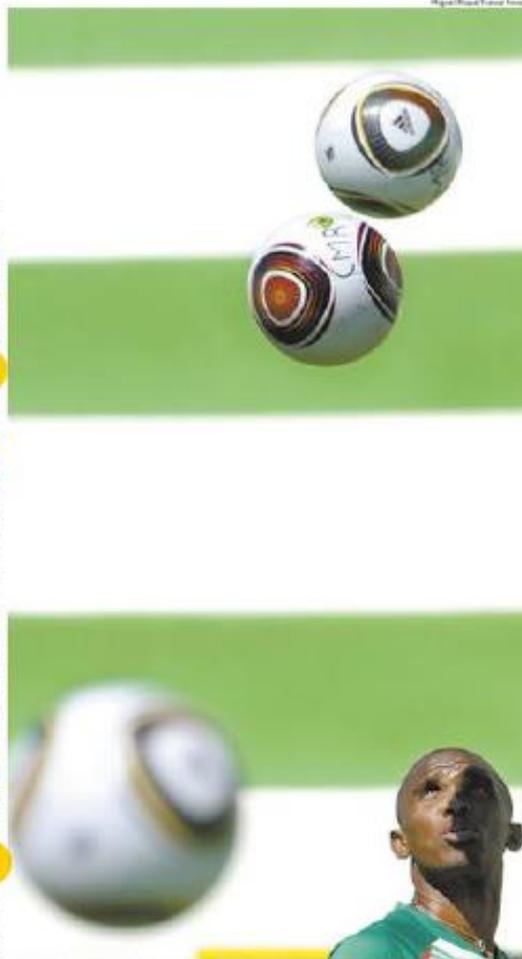
"Ele não quer falar com ninguém sobre o assunto pois teme represálias", afirmou o embaixador do Brasil na África do Sul, José Vicente Fimmentel. "A situação é muito delicada, mas se resolveu, tem muitas nuances", disse.

Ainda de acordo com o embaixador, Pereira "é um homem livre" e sua volta ao Brasil depende apenas do "acerto administrativo".

Foi a embaixada brasileira que pagou as despesas de transporte e alimentação nos últimos quatro dias – hospedagem e refeições. Ele deve reembolsar os custos.

Pereira, que trabalha em Bellville (Pará), foi liberado graças a informações passadas à polícia por um empresário sul-africano, que valeu seu próprio nome e pagou a sua resgate.

O porta-voz dos Hawks alegou que há jurisdicções sobre a estadia durante a Copa. (MARCUS FERREZ/REUTERS/AGF) (MARCUS FERREZ/REUTERS/AGF)



■ **FABRIL AFRICANO** Ele o treina em Covillê. Camarões paga Portugal em amistoso hoje. Foi escolhido por ter estilo de jogo similar ao da Costa de Marfim, rival dos lusos na Copa

Zimbábue terá comandante 'quebra-galho'

DE ENVIADO ESPECIAL

Vencer é um detalhe, o importante é o poder de jogar contra os brasileiros.

Essa será a filosofia dos "Warriors". Entretanto, como é apelidado a seleção zimbábue.

"Não estamos aqui para vencer o Brasil, estamos aqui para jogar contra o Brasil e para aproveitar essa oportunidade", diz Norman Mapeza, 38, o técnico da seleção zimbábue.

Na verdade, Mapeza está mais para quebra-galho que para treinador. O time está há meses sem comando. "Quando precisamos de um treinador, precisamos para uma ou duas partidas", comenta, que fez carreira treinando dois dos mais populares clubes de Harare, o Mwenemutpo e o Capital United.

Mapeza também minimiza o apoio que deverá ter de um estádio local. "Não sei quantos vão vir para nos ver. Acho que muitos zimbábueiros vão preferir o Brasil".

Ontem, o treinador conduziu um treino de seus 30 pré-selecionados para o jogo – 15 jogam no exterior e 15, no país. Aranzá de manhá, ele anuncia os 23 convocados. Foram duas horas de treinos físicos, depois um racha em meio gramado e, por fim, cobranças pênaltis.

O resto do time é o atacante Bhebe, 31, que foi colega de Ronaldo no Manchester City. "Sabemos que não é o melhor time do mundo, mas qualquer coisa pode acontecer. O importante é fazer marcação correta", diz. (REUTERS/AGF)

■ **Treinador da Costa de Marfim questiona seleção brasileira e portuguesa** fbl.br/leitor/743344

Kaká é mina de ouro para rivais

Federação do Zimbábue planeja 'ficar rica' com a presença do brasileiro no jogo de amanhã

FÁBIO ZANINI ENVIADO ESPECIAL A HARARE (ZIMBÁBUE)

Uma mina de ouro chamada Kaká. É dessa forma que a Zifa, a confederação zimbábueana de futebol, vê o jogo de amanhã contra o Brasil.

Se o governo do ditador do Zimbábue, Robert Mugabe, busca prestígio político com o amistoso, os cartolas locais projetam retorno financeiro suficiente para tirar suas costas do vermelho.

"Ficaremos ricos com esse jogo. Não há como perder dinheiro com Kaká", disse a diretora-executiva da confederação, Henrietta Rushwaya.

Kaká, que se recuperava de lesão e poderia ser poupado deste amistoso, treinou normalmente ontem e deve

ser escalado por Dunga.

Rushwaya não revela quanto espera de lucro nem qual será a despesa, que está na casa de US\$ 1,3 milhão (R\$ 2,37 milhões), segundo a reportagem apurou.

Com a venda de 60 mil ingressos variando de US\$ 10 (R\$ 18) a US\$ 40 (R\$ 73), deve ser arrecadado cerca de US\$ 1 milhão (R\$ 1,8 milhão). Há ainda a renda de patrocinadores estatais e de direitos de transmissão. "Com esse dinheiro, vamos pagar as contas do futebol do Zimbábue durante um ano, no mínimo", diz Rushwaya.

Segundo ela, não há dúvida de que o estádio estará lotado. "O maior problema não será atrair público, mas como evitar procura muito maior do que a capacidade."

Órgãos públicos e muitas empresas privadas de Harare adotarão o ponto facultativo. Os ingressos começam a ser vendidos hoje. A expectativa é de longas filas no Estádio



Atletas do Zimbábue treinam para o amistoso

Nacional, recém-reformado. No caminho até o hotel, muitas pessoas devem sair de ônibus da seleção, apesar de o avião ter previsão de aterrissar tarde, perto das 21h

→ SUPERLOTAÇÃO PREOCUPA POLÍCIA

O amistoso entre Brasil e Zimbábue terá segurança reforçada. Cerca de 600 policiais estarão a postos para a partida. Ontem, eles fizeram reconhecimento do Estádio Nacional de Harare. A preocupação do departamento de segurança do país é com o excesso de público que será atraído para a partida e com a reação de torcedores que ficarem do lado de fora do estádio, sem ingresso.

locais (16h de Brasília).

O Brasil reservou 70 quartos do Rainbow Towers, um dos hotéis mais luxuosos de Harare. Normalmente, cada noite nele sai por US\$ 200, mas o hotel fará um preço especial, que não é revelado.

Haverá segurança reforçada na entrada e nos andares ocupados pela seleção, para evitar a presença de curiosos. "Essa é um time especial, que precisa de segurança especial", afirma Tamuka Machelaka, gerente-geral do hotel.

A CIF apresentou ao Rainbow Towers um cardápio com quatro páginas de exigências alimentares, e a gerência teve de correr para ver o que é possível providenciar. "Nem tudo que eles pediram existe no Zimbábue", afirmou Machelaka.

Anexo B- Notícia apresenta seleção brasileira como messias.

Zimbabuanos esperam o novo 'Messias'

Seleção chega a Harare, para amistoso amanhã, como salvadora de uma pátria com os piores indicadores sociais do mundo

Carlos Eduardo Masur
e Renato de Alexandrê

HARARE, Zimbábue

A seleção brasileira que desembarca hoje, em Harare, capital do Zimbábue, não chega apenas como um time de futebol. Chega como esperança de salvação, por mais exagerado que tal pensamento possa soar num lugar em que falta o básico. Os indicadores sociais oscilam entre os piores do mundo, a economia entrou em colapso e a incapacidade de combater doenças como a Aids e o câncer jogou a expectativa de vida para 42 anos. Mas, para uma população que por vezes se julga fora do mapa mundi, esquadra como Kaká representa a sensação única de que o mundo estará olhando por eles. Para os zimbabuenses, é a tradicional charre de oferecer circo onde falta pão.

— A presença do Brasil será como a segunda vinda de Jesus à Terra. Todos ficarão felizes no dia em que, de fato, Jesus voltar. Mas, enquanto os brasileiros estiverem aqui, as pessoas estarão felizes — diz Henrietta Rushwana, diretora-executiva da Associação de Futebol do Zimbábue (Zifa), que há um ano e meio, encobriu-se, segundo a imprensa local, num escândalo sexual: foi acusada de soramarante do melhor jogador do país, Bonjani Mwanuzari, ex-companheiro de Robinho no Manchester City, da Inglaterra.

Nas ruas de Harare, a expectativa pela chegada dos salvadores concorre com a dura realidade do dia a dia.

— Todo mundo tem problemas. O que importa é que o mundo vai saber quem somos.

Vão nos dar atenção — diz Francis Gumbo, que trabalha num mercado local e souba. Clive Nyhadzina, que cêntula com uma camisa do Brasil, é o retrato da admiração pelos "samba boys".

— Quero muito vê-los, ver Kaká.

Talvez não seja possível. A polícia se mobiliza para uma grande peregrinação ao aeroporto e às ruas na chegada do time. Mas é possível que os jogadores entrem num ônibus ainda na pista. No trajeto, terão um retrato triste da África, bem ditado de Johannesburgo.

A equipe desembarcará no fim da noite. Talvez não tenha a visão de quem chega a Harare com dia claro. No bairro de Mbare, o ferrugineiro humano nas ruas se explica. Num país com 88% de taxa de desemprego, resta aos zimbabuenses treinar suas ruas comprar e vender quaisquer itens: frutas, panos, roupas ou artigos de casa. Pelas calçadas, formam-se inensos mercados, num panorama caótico.

Presidente amedronta

A economia ruia. Em julho de 2009, a inflação oficial foi de 231.000.000%. Em novembro de 2009, chegou a 510 quinquilhões. Os preços dobraram a cada 1,3 dia. Em 2009, a nota de 100 trilhões foi introduzida. Depois, foi preciso cortar 12 zeros da moeda e criar o quarto novo dólar zimbabuense. Há um ano, foi estirada e circulou moedas estrangeiras no país.

— É melhor ficar quieto. A frase, do motorista Ngoni Nedzambumba, ilustra o medo de falar sobre o onipresente Robert Mugabe. Oficialmente, é o presidente da república. Na prática, comanda um regime que se estende desde a independência do país, em 1980, que não pôs

fim à longa guerra civil e ainda debita marcas. Venceu as últimas seis eleições, quase todas contestadas pela comunidade internacional por evidências de fraude. Na última, seu adversário venceu o primeiro turno e desistiu. Para a Anistia Internacional, faltam no Zimbábue direito à proteção individual, à residência, ao ir e vir e à liberdade de associação. Em 2007, membros de um partido de oposição foram torturados e violentados.

Em frente ao mercado de Mbare, a seleção brasileira verá lixo acumulado e um cemitério, cujos limites são as calçadas por onde circular as pessoas. No Zimbábue, suspeita-se de que o índice de adultos com o vírus da Aids seja de 25%. O câncer matou mais de cinco mil pessoas em um ano, só em casos registrados. A OMS estima que 50% da população foram infectadas. O resultado é uma população que decrece. Entre 2002 e 2006, o número de habitantes caiu em quatro milhões. Neste ritmo, em 2025, os 12 milhões de zimbabuenses serão cerca de nove milhões.

— Não se sabe a situação atual da Aids. Não há estatísticas — lamenta o médico americano Ryan Phelps, que se hospedou no mesmo hotel da seleção para um congresso sobre a epidemia no sul da África.

Problemas demais para a seleção brasileira amenizar.

— O país está maravilhado. As pessoas não acreditam que seja verdade — deliro Shaefi Musto, gerente da seleção do Zimbábue. ■



Anexo C – O técnico da seleção brasileira com crianças.



DUNGA COM crianças no bairro. "Se quero que me deixem trabalhar pela seleção e fazer um bom trabalho"

Dunga, agora em versão mais light

Técnico pede desculpas aos torcedores pelo destempero e brinca com crianças de favela de Durban

Náucio Fonseca

DURBAN

Bem mais tranquilo do que na última entrevista que concedeu na África do Sul, após a vitória de 3 a 1 sobre a Costa do Marfim, quando balbuciou palavras para reanimar o jornalista Alex Facobar, da TV Globo, Dunga agora volta para pedir, então, desculpas aos torcedores brasileiros por seu destempero. Mas, em momento algum, se dirigiu diretamente ao jornalista atingido.

— Quero pedir desculpas ao torcedor brasileiro, pela minha atitude e pela forma como me comportei. O torcedor não tem nada a ver com os meus problemas pessoais. Não tem que ouvir meus discursos. Mas sim, peço desculpas. Só quero que me deixem trabalhar pela seleção e fazer um bom trabalho — disse Dunga. A entrevista coletiva foi realizada poucos minutos depois da derrota da Itália para a Eslovênia. E o treinador brasileiro não pareceu surpreso com a eliminação da atual campeã do mundo. Para ele, não há mais espaço para surpresas no futebol atual.

— Todo mundo brinca que o futebol é uma caixa de surpresa, mas hoje não há surpresa mais. Você tem que estar preparado para evitar surpresas. Acabou esta história de

tradição. O que vale é o que acontece dentro do campo.

Como sempre faz quando um jogador da seleção é criticado, Dunga só se defendeu de Kaká, que, segundo um jornalista, estava visivelmente tenso no fim da partida contra a Costa do Marfim:

— Respeito a sua opinião, mas, para mim, o Kaká estava bem tranquilo. O primeiro cartão amarelo, ele recebeu porque falou com o juiz após receber uma série de lances. No segundo, a televisão já mostrou diversas vezes que foi o adversário quem veio em sua direção. De qualquer maneira, sempre batemos no tecla da importância de o Brasil sempre terminar as partidas com 1:1. Quando isso acontece, meu caminho está aberto.

Como o Brasil já está classificado, Dunga deixou escapar que Enzo será mesmo poupado. Depois tentou voltar atrás. Em seguida, disse que a vitória de 6 a 2 sobre Portugal em novembro de 2015 não será importante no jogo de hoje mais:

— O que interessa é jogo de Copa do Mundo.

Ele confirmou que o substituto de Kaká será Júlio Baptista:

— Com o Júlio a gente ganha em ritmo de longa distância. É claro que ele não tem as mesmas características do Kaká. Poucos jogadores no mundo têm a arrancada do Kaká. Quando há uma troca de jogadores a equipe toda tem que se adaptar e se ajustar.

Dunga se emocionou ao falar sobre o pai, que está internado, em estado grave, em um hospital de Jua, no Rio Grande do Sul. Seu Edelson Verri, de 71 anos, sofre de Mal de Alzheimer há oito anos e já esteve internado outras vezes. Dunga disse que o problema do pai é mais um estímulo para ele encerrar bem o seu trabalho:

— Para mim, é mais uma oportunidade de demonstrar para o meu pai tudo o que ele me ensinou. Porém não quero ter virtude, posição, dinheiro, riqueza, transparência. É saber pedir desculpas quando erro.

Ele voltou a falar da importância de ser patriota, como já fizeram da vez que se recusou a ser convocado para a Copa.

— Minha mãe me deu o maior exemplo. O que está fazendo com o filho dela não é para fazer com um ser humano. Mas, ela me ensinou a não largar nunca nada, a lutar tudo até o fim... Fizeram chacota comigo quando eu disse que eu era professora de História, mas ela me desmentiu que a gente tem que ter amor pelo nosso país. Por mais que muitos não gostem, a gente tem que ser patriota. A adversidade só vai fazer com que a gente cresça — disse.

Para não atrapalhar Dunga, a família está mandando notícias sobre o estado de seu Edelson, mas Dunga faz questão de receber o boletim médico todos os dias. Deus Maria Verri, sua mãe, é quem acompanha o marido. ■

globo.com.br/brasil

O GLOBO no celular

• Acompanhe lance a lance os jogos da Copa do Mundo em <http://globo.com/brasil>

Anexo E – Texto compara África do Sul a Rio de Janeiro

FOCO

'Rio' da África do Sul sofre para ver o Brasil no Mundial

RODRIGO BUENO ENVIADO ESPECIAL À CIDADE DO CABO

Se você ganhasse R\$ 750 por mês, pagaria R\$ 2.250 em ingressos da Copa e mais um tanto em viagens pela África do Sul sendo que não acredita muito na sua seleção?

Os advogados Fernando Cardoso e Felipe de Macedo fazem, aos 24 anos, um bico como garçons na Cidade do Cabo e encaram um curso de inglês sofrível para experimentar de perto o Mundial.

"Ficamos mais de duas horas na fila para comprar ingressos, gastei cinco cartões de crédito. Vámos em nove jogos, inclusive o da semifinal com o Brasil na Cidade do

Cabo, isso se o Dunga não atrapalhar", diz o mineiro Fernando, que tem organizado grupos no bar onde trabalha para ver a seleção.

A vida dos dois e do colega Igor Aquino é apertada mas divertida. "Tem uns 600 brasileiros com residência fixa na Cidade do Cabo, mas estudantes são muito mais. Há classes com mais de 50% de brasileiros. O pessoal quer falar inglês, mas as aulas acabam em português. Nosso curso de inglês é meia-boca", diz o flamenguista Fernando.

Eles pagam quase R\$ 700 de aluguel numa casa de família e só andam a pé ou nas "emocionantes" vans locais. "Eles dirigem como lou-

cos, vão jogando em cima, todos se apertam", fala Felipe, que voltará em agosto ao Brasil. "Quem quer ganhar dinheiro não vem para cá."

Eles vão alugar um carro para percorrer o país e ver jogos. "Dizem que há violência aqui. Não é tanto assim. Nesses dias, o nosso pai de família [o responsável pela casa em que ficam] levou uma garrafada na cabeça, mas ele já está velho, às vezes acontece", diz Fernando.

A Cidade do Cabo, a mais turística da África do Sul, espera contar com cerca de 10 mil brasileiros na Copa.

Com geografia parecida à do Rio, a cidade deve ter bastante chuva no Mundial, mas nesta e na próxima semana a previsão é de clima agradável. Há um concorrido restaurante brasileiro com rodas de samba e feijoada e até bico camaleão.



Torcedores se divertem pelas ruas da Cidade do Cabo

Anexo F e G – texto apresenta Fifa como responsável pela pouca venda dos ingressos.

D20 esporte DOMINGO, 4 DE FEVEREIRO DE 2010

FOLHA DE SPORTE

Fifa contribui para esvaziar Copa

Governo e hotéis dizem que empresa ligada à federação é a maior vilã no encalhe de quartos

RODRIGO BUENO

INFORMAÇÕES A CHAMBERGO

A Fifa ajuda a esvaziar o mercado de ingressos para a Copa da África do Sul. É o que dizem representantes do governo e estudiosos de classe turística.

Inicialmente, estava previsto que fossem vendidos 450 mil tickets da Copa. A estimativa oficial atual é de 300 mil. Estimativas brasileiras variam entre 200 mil.

E por trás disso tudo de Johannesburg que os estrangeiros chegam em pequena número, embora sua presença seja bastante perceptível no Mundial.

A avaliação do Ministério do Turismo da África do Sul é que «muitos vilões para a redução da expectativa mundial. A maioria de violência associada ao país, pelo alto índice de homicídios, também inflacionou, diz o ministro». Mas um terceiro fator apontado pelo governo foi a atuação de Match, empresa parceira da Fifa que atua no mercado turístico para o Mundial em África.

No acalorado debate a Copa do país acabou ganhando a Fifa que tem contrato com o país para a Copa do Mundo, em 2014.

No África do Sul, a empresa reservou 1 milhão de quartos em hotéis e alguns em casas particulares.

Contudo houve alguma surpresa, a empresa começou a devolver os quartos para os hotéis. A estimativa é que a Match ficou com 600 mil quartos após seguir o mesmo caminho.

Resultado: ficou em cima da mão para os hotéis que não sabem para os turistas. "Havia a intenção de que a Match fosse a responsável por trazer os turistas e os preços cobrados. A Fifa acabou esse papel de que era",



Surprise Match: torcedores do Brasil comemoram vitória em Pretória, ontem. Os sul-africanos venceram por 1 a 0, com um gol de Nando Mphahlele

disse o porta-voz do ministro do Turismo, a Fifa não tem o maior número de quartos em hotéis de primeira linha, alegando que não é a intenção da Fifa sobre as acomodações disponíveis.

"Eles estão cobrando em outros países. Aceleraram o que não faz", diz o ministro.

É a mesma avaliação da Federação da Associação de Hotéis da África do Sul da empresa Turismo do Sul da África em Johannesburg. "Empresas a Match tomou decisões que tem de ser disponibilizada em cada cidade, dependendo da importância dos jogos que ocorrem no local. Isso está espec-

Exigência para que país reserve quartos vale para Mundial-2014

RODRIGO BUENO

A exigência da Fifa para que o país reserve quartos para o Mundial também consta de um dos encargos para a Copa do Mundo, em 2014.

É a mesma avaliação da Federação da Associação de Hotéis da África do Sul da empresa Turismo do Sul da África em Johannesburg. "Empresas a Match tomou decisões que tem de ser disponibilizada em cada cidade, dependendo da importância dos jogos que ocorrem no local. Isso está espec-

Até 'cobras' fazem turista evitar o país

INFORMAÇÕES A CHAMBERGO

Por ser na África, o país da Copa teve que enfrentar o estereótipo de ser um lugar perigoso para turistas.

A crítica do governo sul-africanos foi reforçada por campanhas na mídia internacional, especialmente em América e Europa, para tentar desmistificar fatos e percepções.

"Não gosto nem de repetir, mas nos jornal inglês disse que havia cobras no local em que a Inglaterra venceu o jogo e os jogadores poderiam ser picados e morrer", contou o portador do Ministério do Turismo, Trevor Bernard.

O temor da violência foi o maior obstáculo. Até os times com a seleção do Togo, em Jacaranda, tiveram de ser reabilitados como ameaça aos jogadores.

Mas é fato que a taxa de 33,6 milhões por 300 mil habitantes foi necessária para alistar potenciais visitantes durante a Copa.

O governo sul-africanos diz que a maior parte da violência é local e se concentra em áreas específicas, não afetando o país como um todo.

Mas isso não foi o suficiente para convencer os EUA, por exemplo, que fizeram várias recomendações de cancelamento de viagens para o país.

O Ministério do Turismo disse que não há mais turistas vindo para o país. O órgão diz que não há mais turistas vindo para o país.

Anexo H – Jornalistas são assaltados

Jornalistas são assaltados em hotel na África do Sul

Um deles sofre ameaça, e segurança do treino de Portugal é reforçada

MARTÍN FERNÁNDEZ
ENVIADO ESPECIAL A MAGALIESBURGO

Três jornalistas foram assaltados ontem no hotel em que estavam hospedados, nas proximidades de Magaliesburgo, cidade de 10 mil habitantes distante 70 quilômetros de Johannesburg.

O espanhol Miguel Serrano, repórter do jornal "Marca", e os portugueses António Simões, fotógrafo do diário "O Jogo", e Rui Gustavo, repórter do semanário "Expresso", tiveram todos os seus pertences roubados.

Foram levados documentos, roupas, dinheiro, cartões de crédito, equipamento fotográfico e computadores.

O assalto ocorreu às 5h (0h

em Brasília). Os três jornalistas tiveram seus apartamentos invadidos simultaneamente por homens armados. Serrano e Gustavo não acordaram enquanto seus armários eram esvaziados.

Simões acordou e logo uma arma foi encostada em sua cabeça. Ouveu a ordem para ficar calado. Obedeceu. Os ladrões botaram tudo numa camionete e fugiram.

"A segurança no hotel é feita por apenas um homem", contou Manuel Sainz, repórter do "As", que estava hospedado no mesmo hotel.

Accionada, a polícia chegou 15 minutos depois. No caminho entre o carro e os quartéis, acharam a passagem de um dos assaltados.

Um dos ladrões foi preso ainda ontem de manhã, depois que um dos celulares roubados foi rastreado.

Reno Maurício, diretor da agência de turismo que recepcionou o grupo de 20 jornalistas hospedados naquele hotel, minimizou o caso.

"Também tivemos assaltos na Euro de 2004, em Portugal", disse. "A África do Sul não é um país perigoso."

CENTENAS DE POLICIAIS

O assalto resultou num reforço de policiamento no treino de Portugal, às 11h locais.

Havia barreiras nas estradas de acesso à escola onde ocorrem os treinos, com centenas de policiais em volta do campo e carros revistados.

Após o assalto, a maioria dos jornalistas hospedados no local quis se mudar para Johannesburg ou Pretória.

Pedro Teles, representante da polícia portuguesa na África do Sul, chegou a oferecer escolta armada nos deslocamentos entre a hospedagem e o local onde a seleção portuguesa treina. A hipótese foi descartada porque a polícia sul-africana não tinha como atender o pedido.

Até o início da noite, os jornalistas que estavam hospedados no hotel não sabiam onde dormiriam.

A maior parte das redes de TV que cobre a Copa do Mundo, inclusive as brasileiras, tem utilizado serviço de escolta armada no país.

Anexo I - Seleção brasileira oferece presentes para crianças

Por um caminho mais ameno

Empate hoje garante invencibilidade e uma chave menos complicada a partir das oitavas de final. Sempre que foi campeão, o Brasil passou invicto pela primeira etapa do Mundial

Pequenos atos que valem mais que vitórias

Guto Scabra

• JOHANNESBURGO. Sob forte escolta policial, o ônibus da seleção se aproxima do Princess Magogo Stadium. Antes quietas, dezenas de crianças seguem em velocidade, gritando os nomes dos ídolos. A presença dos craques leva sonho e alegria à comunidade carente de Kwamashu, um reassentamento de terra erguido na década de 1950 exclusivamente para negros, com a finalidade de que ficassem longe do centro de Durban, onde moravam apenas brancos. No fim, fato raro na vida das crianças, receberam presentes dos jogadores.

Com quase 25% dos rendimentos abaixo do nível de subsistência, taxa de desemprego de 30%, alto número de pessoas contaminadas pelo vírus HIV e índices de violência até 17 vezes maior que nas áreas centrais da África do Sul, Kwamashu passa por um programa de renovação urbana. O Princess Magogo Stadium foi erguido como parte desses investimentos. Campo de treino para as seleções que passarão por Durban, o Magogo tem instalações de primeiro mundo. Após a Copa, o pequeno está-

Princess Magogo Stadium foi erguido como parte desses investimentos. Campo de treino para as seleções que passarão por Durban, o Magogo tem instalações de primeiro mundo.

Após a Copa, o pequeno estádio será utilizado pela comunidade carente de Kwamashu, dando início à política de educação pelo esporte. Ontem, sensibilizado com a corrida dos garotos atrás do ônibus, o técnico Dunga autorizou a liberar a entrada dos torcedores e, depois do treino, permitiu que ficassem no banco de reservas. Diante de um ídolo mirim com o cartão "I love you", Kaká retribuiu com uma bola. Lúcio deu outra Jabulani de presente, enquanto Robinho tirou o colete de treino e deu a um garoto sul-africano.

— O Dunga pediu. Não era nada programado — limitou-se a dizer uma representante da Fifa. Em Durban, está a maior colônia portuguesa da África do Sul. Estima-se que cerca de 300 mil vivam no país. ■

Anexo J – Notícia sobre esportes radicais na África do Sul

Adrenalina no meio de Soweto

Saltar de bungee jump, a cem metros de altura, é uma das atrações da Orlando Power Station

Renato de Alexandrino

JOHANNESBURGO

Apouco menos de duas semanas para o início da Copa do Mundo, a adrenalina já rola solta em Johannesburg. Seja nas ruas, onde o povo sul-africano não esconde a ansiedade para ver a bola rolar, seja na até então pacata Randburg High School, onde centenas de jornalistas acompanham os treinos da seleção brasileira em busca de informações, ou em Soweto, comunidade carente que virou marco na luta contra o apartheid e hoje é ponto turístico para quem quer conhecer onde moraram Nelson Mandela e Desmond Tutu ou experimentar uma atividade para lá de radical: saltar de bungee jump das torres da extinta Orlando Power Station.

As Orlando Towers se destacam imponentes na paisagem de Soweto, bairro caracterizado por construções baixas. Com cem metros de altura e gralhas de alto a baixo, esbanjam cores em um cenário antigamente marcado pela opressão. Construída na década de 40, a estação de eletricidade foi fechada em 1998, e as torres de concreto, usadas para refrigeração, ficaram sem uso até 2007, quando foi iniciado na área um projeto de revitalização, que culminou com a abertura do local para saltos no ano passado.

Homens desistem mais

Uma ponte foi instalada entre as duas torres para os corajosos e viciados em adrenalina mergulharem no vazio, amarrados por uma corda. Também são oferecidas variações como o power swing — o salto é menor e a pessoa fica balançando para os dois lados, como um pêndulo —, o abyss — o salto é feito dentro

sentimento inexplicável — disse Helen, “marinheira de primeira viagem”.

Já seu namorado, Hugo, dizia-se um veterano na arte do rapel, mas a empolgação após terminar a descida da torre deixava claro que se trata de uma emoção que nunca se esgota.

— É muito bom. Nunca cansa porque toda vez é legal.

O bungee jumping (ao preço de 480 rands cada salto, cerca R\$ 120) e o power swing (R300, cerca de R\$ 90) são as atividades mais populares nas Orlando Towers. Uma média de 60 pessoas saltam por dia e a taxa de desistência beira os 20%. Por taxa de desistência entende-se quem chegou no local empolgado, foi no escritório da recepção, pagou e, depois de subir 100 metros em um elevador semelhante ao utilizado em construções, deu aquela olhada para baixo e lembrou da família, dos amigos, do cachorro... e pipocou. O supervisor Lawrence Sillhole adiciona uma estatística interessante: os homens são os que mais desistem.

— Se um casal sobe junto para saltar e alguém ali vai desistir, é o homem. As mulheres sempre pulam — revela.

Sensação de dominar o mundo

Trabalhando no apoio tecnológico à equipe do GLOBO na África do Sul, Renato Guillarducci deu razão às estatísticas de Lawrence. O analista de sistemas ficou empolgado com a reportagem e alardeou que saltaria. Pagou 360 rands para fazer o power swing e, ao chegar lá no alto, desistiu:

— É muito alto. Não dá para ter noção olhando de baixo. Não senti confiança.

Funcionário do local, Botumelo Ntshangase mostrou como se faz e chegou a seu 27º salto de power swing, balançando para lá e para cá antes de aterrissar em segurança, com um sorriso de orelha a orelha:

— É sempre como a primeira

2017 acervo.oglobo.globo.com/?service=print

da desativada torre de ventilação — e um rapel torre abaixo, atividade escolhida pelo casal Hugo Troskie e Helen Esterhuizen, moradores de Pretória.

— É assustador quando se está lá em cima. Você fica com a impressão de que não deve confiar na corda de segurança. Mas, depois que comecei a descer, foi sensacional, um

vez. Primeiro, o medo por estar tão alto. Depois, pura adrenalina. Você tem a sensação de que pode dominar o mundo. ■

oglobo.com.br/esportes

Video

• Repórter do GLOBO confere de perto os saltos da Orlando Power

acervo.oglobo.globo.com/?service=print Pagin:

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2016 ★ ★ ★ esporte D9



Ambulantes vendem comida no estádio



Ao lado e acima, fãs mostram carinho por Kaká em Harare

FOCO

Carne suspeita, vuvuzelas e olas animam torcida

Jogo do Brasil tem mar de vendedores, penetras e homicídio do hino nacional

BOSENTIAGOS AHARARE

Torcer no Zimbábue é uma experiência intensa. É grande a correria em volta do Estádio Nacional de Harare.

Pelo menos cem vendedores de comida recorrem aos gritos para atrair clientes.

Pior que a poluição sonora é a poluição visual: há um mar de restos de carne, cascas de frutas, lenha queimada, listas e garrafas, tudo espalhado pelo chão.

E pior ainda é a poluição do ar. A fumaça castiga os olhos, a mistura de cheiros verbena o estômago.

Nas grelhas a carvão, nos panelões e nas frigideiras com óleos transbordante, milhões de frango, bifes enormes, ensopados, linguiças variadas. Como acompanhamentos, gordas batatas fritas e um pudim esbranquiçado.

Alguns jogam tudo dentro de um pote, outros correm com a mão, em pratos de plástico que inevitavelmente terminam no chão.

O preço é combinado de acordo com o vendedor. Mas nada ultrapassa US\$ 4 e raramente menos do que US\$ 1. Para entrar no Estádio Nacional, cada vendedor teve que pagar taxa de US\$ 20. Em geral, são desempregados tentando ganhar algum.

Já é hora do jogo e ainda há ingressos à venda, a US\$ 10 (ou 100 randos sul-africanos). Através do vidro da bilheteria, é possível ver as pilhas de dinheiro arrecadado. O policiamento no local é escasso, mas ninguém se atreve a

ameaçar os bilheteiros.

Quem chega atrasado passa correndo. Lá tempo de ver e ouvir o hino do Brasil ser destruído pela banda vocal. Alguns jogadores brasileiros sorriem, constrangidos.

O hino é tiomai executado que as vuvuzelas são bem-vindas. O time da casa ataca, e as cornetas soam mais forte. Também são sopradas, porém, nos gols do Brasil.

O estádio está quase lotado, mas nem todo mundo presta atenção ao jogo.

Há quem dançe de costas para o campo, há monikas com "Kaká" escritas nas horriças do braço. Começa uma fila. Dois, na verdade, uma em cada lado de estádio.

Lá são 35 minutos do segundo tempo. A noite começa a cair e ninguém age mais. O jogo está resolvido, o triunfo vai ser intenso...

"Foi o maior dia da história do Zimbábue", exagera o vendedor Moses Dandi, 35, ao deixar o Estádio Nacional para enfrentar o enorme engarrafamento. (FABIO ZANINI, MARTIN FERREARDIS E PAULO COBES)

“ Em um dia normal, no meu trabalho no mercado, consigo lucrar US\$ 20. Hoje tive que gastar US\$ 200, mas arrecadei mais de US\$ 500

SUSA GUMO
redatora

Anexo L- Cultura Suláfricana

Cabeças feitas no dia a dia

Em plena rua, no Centro de Johannesburgo, cabeleireiras disputam a clientela mostrando, em cartazes, o que sabem fazer. Homens e imigrantes também entram na briga pelo mercado

Flávia Oliveira
JOHANNESBURGO

Um salão de beleza a céu aberto funciona diariamente nas ruas do Centro de Johannesburgo. Um esquadrão ensaiado neste fim de outono, grupos de até seis mulheres disputam as sul-africanas. Elas exibem cartazes com fotos dos serviços que estão aptas a fazer: cabelos curtos alisados; trança e penteados afro; apliques cacheados. Há quem trabalhe em plena calçada. Outras levam a clientela a salas de residência. A concorrência é grande e a batalha, dura. Estima-se que a cidade tenha cerca de três mil cabeleireiros de rua, mercado explorado também por homens sul-africanos e, sobretudo, por imigrantes de Moçambique.

Para Isaac, tatus de leão são — explica ela. Moçamba é não de toda filha, de 10, 7 e 5 anos. Os dois mais velhos vivem em Moçambique com familiares. De tempos em tempos, ela volta ao país de origem para visitá-los. Resolvida de repente tem Annela Tereza, de 36 anos, mãe de uma moça de 22 e de um rapaz de 18. Neste fim de semana, ela vai a Maputo conhecer a neta. Zeca, de que o filho dela a luz três semanas atrás. Annela tem uma decada e meia de África do Sul. Duas a três vezes por ano, visita os filhos em Moçambique. Mora num quarto em Soweto para economizar dinheiro e enviar à família. Sobre preconceitos de sul-africanos, que implicam com a concorrência no mercado de trabalho, ela ton-

que de desemprego alto. Na África do Sul, a desocupação atinge um em cada quatro (25,2%) trabalhadores. — Alguns nos tratam mal, sim. Eles reclamam que licenciamos com os empregos, mas os sul-africanos não são de trabalhar muito. No fim, preferem ficar em casa e dormir — provoca a moçambicana, num sinal da tensão relação entre os dois grupos. As mulheres de Moçambique trazem da terra natal a habilidade de trançar cabelos. Algumas contrárias começam a fazer dinheiro com o talento e outras vieram no rastro. Gloria Manganane aprendeu com a família e, desde que chegou à África do Sul, há oito anos, trabalha como cabeleireira. Atenção de cliente a sete bandas por

“Os sul-africanos não são de trabalhar muito. No fim, preferem ficar em casa e dormir” — Annela Tereza

dia nas ruas de Johannesburgo. Vive na cidade com o marido, também moçambicano, e duas filhas, uma de 8 anos, outra de 18 meses. As sul-africanas, maioria das clientes, gostam de 80 a 180 randas para fazer o cabelo nas ruas. O preço varia de acordo com o tipo de serviço, o comprimento das mechas e o uso (ou não) de apliques. Annela cobra 130 randas (R\$ 36), aproximadamente para cachear um cabelo longo. Um corte curto seguido de alisamento custa 150 randas (menos de R\$ 40) com Monika. Preciosa Daba põe o aplique por R\$ 180. A sul-africana, de 34 anos, tem duas décadas de experiência com cabelos. Mas trabalha, ao mesmo tempo, como cozinheira: tem uma barra-

ca no Centro, onde vende de vuuzuzas a bijuterias, de cachecóis e luvas a bonfetas das seleções da Copa. É lá da seleção brasileira. — Voute aqui outro dia e eu venho com a família do Brasil — promete, enquanto trabalha no cabelo de Zenele Beaudy de 30 anos, desempregada e de nenhuma conversa. “Dreadlocks” é com homens Sifiso Tshabalala é um sul-africano de 25 anos especializado em “dreadlocks”. Ele divide com as moçambicanas e alguns contrários (homens e mulheres) uma calçada no Centro de Johannesburgo. Por hora e meia de trabalho (é o tempo que leva para preparar um cabelo) ganha 150 randas. Desde há três anos o ofício que aprendeu só de olhar um amigo. Como quase todos os colegas de profissão, ele só faz “dreadlocks”. Homens, diz, não têm habilidade para os penteados e os tratamentos mais sofisticados. Há dias em que atende até quatro clientes; outros, não aparece ninguém. Sifiso deu entrevista, enquanto trabalhava no cabelo de Vangie Dlamini, de 35 anos. Ela é motorista de ônibus escolar e não se importa em cuidar dos cabelos em meio ao vaivém dos carros e das transeuntes. — Já me acostumam. Sempre fiz assim — diz ela. Tshabalala, mesmo sobre o nome do apelido dos Batswa Bofara que fez o primeiro gol desta Copa, não sabe dizer exatamente quanto ganha por mês. “Depende de quanto vou precisar”, diz com surpreendente franqueza. Este mês, precisa arrumar 2.500 randas, pouco mais de R\$ 600. ■



ANNELA TEREZA economiza vivendo em Soweto



SIFISO TSHABALALA faz “dreadlocks”, especialidade masculina, em Vangie Dlamini

Época de mais lucro
É o caso de Monika Bernardo, moçambicana de 32 anos, 13 dias mais na África do Sul. Há nove anos, ela trabalha como cabeleireira no Centro de Johannesburgo. Tem acordado com um salão de beleza para onde leva as clientes. Em época boa, faz de seis a dez atendimentos por dia. Dezembro, por causa do Natal, e os fins de mês, quando os sul-africanos recebem salários, são os períodos de maior movimento. Monika fatura de 1.500 a 2.000 randas mensais, não mais de R\$ 500. Ao fim do mês, paga 700 randas pelo direito de usar as instalações. — Os serviços mais demandados não podem ser feitos na

Anexo M – Jogo da seleção

África do Sul se junta pela seleção

Em treino aberto, torcida multicolorida canta, dança, tieta atletas e acredita na união do país

JOSÉ GERALDO COUTO
PAULA CESARINO COSTA
ENVIADOS ESPECIAIS A JOHANNESBURGO

Um país unido. Pelo menos entre os torcedores presentes ontem ao treinamento aberto da África do Sul no Elizabeth Sturrock Park, em Johannesburgo, havia a confiança de que a realização da Copa do Mundo no país, e a torcida pela seleção local, irá melhorar, se não a vida das pessoas, o clima interno.

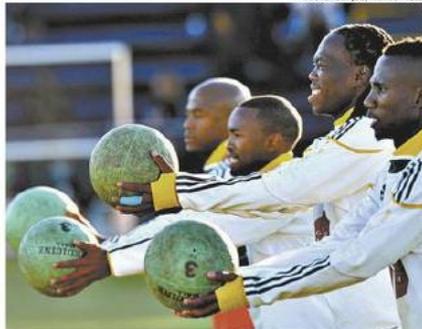
Muitos não vinham apostando no time. Mas a evolução da equipe, se comparada com o período de treinos no Brasil, em março, é visível. E foi reforçada por 12 jogos sem perder, o último deles uma vitória de 1 a 0 contra a Dinamarca, no sábado passado.

No treino de ontem, de duas horas, os atletas fizeram um coletivo movimentado, praticaram jogadas de ataque e cobranças de falta.

→ **PARREIRA VÊ TIME PRONTO PARA A COPA**

Para o técnico da África do Sul, Carlos Alberto Parreira, sua seleção adquiriu confiança para suportar a pressão de jogar em casa. “Hoje podemos dizer com segurança que a equipe está preparada. Estamos num grupo difícil [o A, com França, México e Uruguai], mas estou certo de que faremos uma boa Copa”, declarou o brasileiro, que nos últimos cinco jogos viu a equipe marcar 13 gols e sofrer somente dois.

O treino foi visto em grande parte por professores, estudantes e pessoas relacionadas à Universidade de Witwatersrand, nem todos fãs antigos de futebol. Agora, muitos passaram a acompa-



Treino da seleção anfitriã da Copa, em Johannesburgo

nhar a seleção. Com histeria, gritos, cantos e coreografias. Lesley Salter, funcionária da universidade e mais acostumada ao críquete, acha que o clima de patriotismo está fazendo bem ao país.

“Sinto que esse clima pode recuperar a união dos tempos do [Nelson] Mandela”, afirmou Lenore Longwe, outra que trabalha na Universidade de Witwatersrand. No final do treino, a tieta-

gem era explícita. Diferentemente da maior parte das seleções, os atletas foram até a torcida, conversaram, deram autógrafos, tiraram fotos.

“Nos últimos dez anos, cresceu bastante o número de sul-africanos brancos interessados em futebol. A Copa certamente estimulará outros a acompanhar o esporte”, diz Jason Burt, branco, que assistiu a sete jogos da Copa das Confederações e valer 19 do Mundial.

Há apenas um branco no time sul-africano, o zagueiro Matthew Booth. “Não é que os brancos joguem mal, mas, como a grande maioria da população é negra, é lá que está o talento”, analisa Burt.

Grace Kasatshwanu, senhora negra emigrante de Botswana, funcionária da administração da universidade, concorda: “Eles jogam bem, mas não o suficiente para estar na seleção”.

Alexander Jøel/France Presse

Anexo N – os cinco pontos turísticos da África do Sul

A tradução é simples. The Big Five. Os Cinco Grandes. Expressão famosa em toda a África. Para pescar turistas, os safáris de primeira divisão rufam tambores com sua principal atração: num passeio motorizado, o gringo vê rinocerontes, elefantes, leões, búfalos e leopardos. Cinco animais-símbolos. The Big Five. De tão célebre, a frase saiu da fauna e virou metáfora para política, esporte, cultura e economia. Os cinco maiores atores da África do Sul. The Big Five. As cinco primeiras namoradas do presidente Zuma. The Big Five. Ou, por exemplo, o tema desta página: os cinco grandes símbolos de Johannesburg, coração da Copa, onde o passado deste país traumatizado converge e diverge.

1 Começemos pelas lágrimas. O Museu do Apartheid. Foi construído antes do vizinho famoso e imponente, o Soccer City. O estádio fica a dez minutos de carro do museu. Que funciona ao lado de um parque de diversões temático. O museu é um parque de reflexões que traça paralelos expressos entre a discriminação de quase meio século e o Holocausto: no sentido de que, assim como em relação ao genocídio dos judeus, grande parte da Humanidade fingiu que nada estava acontecendo nos guetos sul-africanos. O Museu do Apartheid seria nosso rinoceronte, bem representado na presença física do Cavelião aqui utilizado, nos anos de segregação, para dispersar as manifestações. O carro está exposto, infame, em meio a fotos e vídeos.

2 Do outro lado da cidade, o maravilhoso Randpark Golf Club, onde se hospeda a seleção brasileira. O lugar, que também abriga a imprensa tupi (e é sede das entrevistas coletivas), continua funcionando como clube de golfe. Hectares e hectares de grama bem aparada, numa caricatura do que foi a divisão entre brancos e negros poucas décadas atrás. Pois ainda hoje a maioria esmagadora dos golfistas é branca. E todos os caddies são negros. Apesar dos incentivos governamentais, não deu tempo de subirem na vida a ponto de lavarem pacificamente este resíduo da elite: de usar tacos só pra bater na bolinha... O Randpark é o elefante. Enorme, lúido, mas lento demais ao se mover em busca de novas direções e perspectivas.

3 O terceiro animal é o elefante, metáfora fácil. O leão está por todas as partes. O apartheid já esteve um dia. O leão está no artesanato, nas roupas e no Lion Park, na periferia da cidade. O apartheid já esteve lá. Por R\$ 50, qualquer um pode subir num velho camiãoho grande e ver de perto os cinco grandes animais-símbolos da África do Sul. O leão está em toda parte. O leão está no artesanato, nas roupas e no Lion Park, na periferia da cidade. O apartheid já esteve lá. Por R\$ 50, qualquer um pode subir num velho camiãoho grande e ver de perto os cinco grandes animais-símbolos da África do Sul.



Os 5 animais-símbolos da África do Sul e seus 5 paralelos urbanos na teia de contrastes de Johannesburg

como o apartheid, ninguém mais quer que a besta volte a assustar.

O parque reserva uma visita especial a filhotes fofinhos. E a sociedade sul-africana, infelizmente, ainda carrega em suas vísceras filhotes da abominação racial. Gente capaz de aconselhar aos jornalistas que tenham muito cuidado com os negros, porque eles fazem apenas duas coisas na vida: "Mentir e roubar." Perto desses, qualquer leão é manso.

4 E o Soweto? Jamais poderia ficar fora do nosso Big Five. O distrito da resistência, dos oprimidos, de Desmond Tutu e Nelson Mandela. O Soweto não é uma favela, bradam seus moradores. O Soweto é um híbrido. Resistente, corajoso, que bate de frente. Assim como os estranhos safáris cariocas nas ladeiras, feitos por jipes repletos de turistas, o Soweto entrou para o circuito. Seus restaurantes típicos oferecem papas saborosas e, de quebra, vinhos melhores e mais baratos do que muito bistrô brasileiro metido a besta. Nada mais justo do que presentear seus moradores com o mais belo estádio da Copa, o Soccer City. Um monumento tão impactante quanto o Ninho do Pássaro de Pequim e o estádio-pneu de Munique. Com uma diferença. Não é em Munique, nem em Pequim. Na entrada de Soweto, ele é o poderoso Búfalo de Johannesburg.

2 Do outro lado da cidade, o maravilhoso Randpark Golf Club, onde se hospeda a seleção brasileira. O lugar, que também abriga a imprensa tupi (e é sede das entrevistas coletivas), continua funcionando como clube de golfe. Hectares e hectares de grama bem aparada, numa caricatura do que foi a divisão entre brancos e negros poucas décadas atrás. Pois ainda hoje a maioria esmagadora dos golfistas é branca. E todos os caddies são negros. Apesar dos incentivos governamentais, não deu tempo de subirem na vida a ponto de lavarem pacificamente este resíduo da elite: de usar tacos só pra bater na bolinha... O Randpark é o elefante. Enorme, lúido, mas lento demais ao se mover em busca de novas direções e perspectivas.

3 O terceiro animal é o elefante, metáfora fácil. O leão está por todas as partes. O apartheid já esteve um dia. O leão está no artesanato, nas roupas e no Lion Park, na periferia da cidade. O apartheid já esteve lá. Por R\$ 50, qualquer um pode subir num velho camiãoho grande e ver de perto os cinco grandes animais-símbolos da África do Sul. O leão está em toda parte. O leão está no artesanato, nas roupas e no Lion Park, na periferia da cidade. O apartheid já esteve lá. Por R\$ 50, qualquer um pode subir num velho camiãoho grande e ver de perto os cinco grandes animais-símbolos da África do Sul.

teia de contrastes de Johannesburg



4 Na entrada de Soweto, ele é o poderoso Búfalo de Johannesburg.

Falta Nelson Mandela. O bormen que transformou um país e virou estátua ainda vivo. Um enorme broche do ex-presidente enfeita a Praça Nelson Mandela, no bairro chinês de Sandton. Com oito metros de altura, fixado entre prédios luxuosos e shoppings de grife, ela avisa quem manda no pedaço. Ela retribui a importância do latador de boxe que tirou as lúas na hora certa e negociou a desconfiança de que a África do Sul podia ser de todos e não só do Sul. Nelson Mandela é o leopardo. Bonito, pragmático e veloz, muito veloz. O anúncio do fim do apartheid data de 1990. O fim para valer é sacramentado nas urnas com a eleição de Nelson Mandela para liderar a nação em 1994. Inteligente leopardo, Mandela levou o mundo no bico com seu sorriso. Virou uma espécie de xodó, de mascote das relações internacionais. Leopardo coincidentemente, o bicho escolhido para mascote da Copa. Zakuani é Mandela. Mandela é Zakuani.

Prá encerrar, como seria o Brasil em 1908, 20 anos depois do fim da escravidão? Como é o Brasil em 2010?

cervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=http%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_pa

/2017 acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=http%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XM

ocean e sair fotografando sem parar alguns reis da selva e suas dezenas de fêmeas. A poligamia na África do Sul é aceita ao ar livre e ao mato. Pequenos e tetãs, os leões do Lion Park são domesticados, mas vivem em grandes espaços cercados. Assim



democracia racial ou um país amado com cicatrizes escravistas? A nova África do Sul tem apenas 20 anos de idade: dois primos: é um muito mais para aprender. E não também.

Email: ana.elo.silva@oglobo.com

A8 mundo ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 2014

Paciente com ebola 'luta por sua vida', diz órgão dos EUA

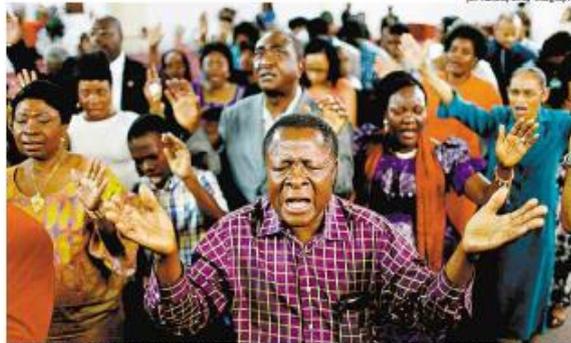
Liberiano Thomas E. Duncan, 42, não recebeu medicação experimental

Após horas de busca, autoridades do Texas encontraram sem-teto que teria tido contato com o infectado

DA SAGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Thomas Eric Duncan, a primeira pessoa a ser diagnosticada com ebola nos EUA, lutava no domingo (5) por sua vida em um hospital de Dallas, Texas, e "aparentemente" não está recebendo nenhum remédio experimental para combater o vírus, disse Tom Frieden, diretor do Centro de Prevenção e Controle de Doenças (CDC) dos EUA.

Duncan adoeceu depois de chegar da Libéria, há duas semanas. Sua entrada no país aumentou os temores de que a pior epidemia do ebola da história pudesse sair da África, onde começou em março, e se espalhar. A febre hemorrágica deixou ao menos 3.400 mortos entre os 7.990 casos



Fielés de igreja em Euless, no Texas, composta por libertanos, rezam por paciente de ebola

prováveis, suspeitos e confirmados em pouco mais de sete meses no continente africano.

"O homem em Dallas, que luta por sua vida, é o único paciente a desenvolver ebola nos EUA", disse Frieden, que atualizará o presidente Barack Obama sobre o caso nesta segunda-feira (6).

Segundo Frieden, doses do remédio experimental ZMapp "acabaram", e o medicamento, produzido pela Mapp Biopharmaceutical, "não estará disponível em breve".

Questionado sobre uma segunda droga experimental produzida pela canadense Tekmira Pharmaceuticals Corp, ele afirmou que "é muito difícil para os pacientes tomá-la". O médico e a família

do libertano teriam de decidir usar a droga, afirmou Frieden. Ele acrescentou que, "se quiserem, terão acesso a ela".

"Pelo que entendemos, remédios experimentais não estão sendo usados [por Duncan]", afirmou. "Depende de seus médicos, dele mesmo e de sua família decidir qual tratamento adotar."

SEM-TETO

Também no domingo (5), autoridades disseram que um sem-teto que era procurado por ter tido algum tipo de exposição a Duncan foi encontrado no Texas após várias horas de busca.

O desabrigoado não está entre as dez pessoas que comprovadamente tiveram con-

tato com o libertano de 42 anos. Nesse grupo estão sete funcionários de saúde e três membros da família ou de sua comunidade, disse Frieden.

Apesar disso, ele faz parte de um conjunto de 38 pessoas que podem ter tido alguma exposição a Duncan quando ele mostrou sintomas da doença após chegar aos EUA vindo da Libéria, no dia 20.

O juiz do condado de Dallas, Clay Jenkins, caracterizou o homem, que não foi identificado, de "baixo risco". Autoridades o haviam monitorado no sábado (4), mas querem medir sua temperatura regularmente para se assegurar de que ele não tem febre, que é um possível sintoma da doença.

Kalunga
ar condicionado

**AR CONDICIONADO
FUJITSU
MELHOR PREÇO**

ADia
ar condicionado
0800 15 66 11

Anexo P – Europa registra caso de ebola.

Europa terá mais casos de ebola, diz OMS

Alerta é feito enquanto Espanha tenta descobrir como auxiliar de enfermagem foi infectada com o vírus em Madri

Profissionais de saúde dizem que vestimentas de hospital não tinham proteção máxima; UE pede esclarecimento

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou na terça-feira (7) ser quase certo que a Europa terá mais casos de ebola depois que a auxiliar de enfermagem espanhola Teresa Ramiro, 40, tornou-se a primeira pessoa a ser infectada fora da África.

“Tais incidentes serão praticamente inevitáveis por causa das viagens europeias para os países afetados e vice-versa”, disse a diretora europeia da organização, Zsuzsanna Jakab.

No entanto, Jakab afirmou que “o mais importante é que a Europa ainda apresenta baixo risco para a doença, com a região ocidental do continente sendo a mais bem preparada para responder a febres hemorrágicas virais, incluindo a do ebola”.

Em meio aos temores de disseminação da doença, Rafael Perez-Santamaria, chefe do Hospital Carlos 3º, onde a auxiliar tratou dois missionários espanhóis que contrairam o vírus na África, disse que a equipe médica “está revisando os protocolos”.

Profissionais de saúde disseram ao jornal “El País” que, apesar do hospital de Madri

visando os protocolos”.

Profissionais de saúde disseram ao jornal “El País” que, apesar de o hospital de Madri ter procedimentos rígidos para lidar com o vírus, as roupas usadas tinham proteção de nível dois contra ameaças biológicas. No nível quatro, as vestimentas seriam totalmente à prova d’água e teriam um aparelho de respiração independente.

Em frente ao Hospital La Paz, médicos e enfermeiras protestaram reivindicando mais informações sobre o caso. “Como os métodos de transmissão e prevenção são bem conhecidos, está claro que algum erro foi cometido”, disse a Associação Médica de Madri em comunicado.

A Comissão Europeia pediu que a Espanha apresente nesta quarta-feira (8) ao Comitê de Segurança Sanitária explicações sobre as falhas do sistema de saúde que permitiram o contágio da auxiliar de enfermagem, disse o porta-voz Frederic Vincent. “Quando for identificada, a falha servirá de exemplo aos outros países”, explicou.

Para diminuir o risco de contágio, autoridades em Madri consideram até matar o cachorro da mulher doente.

A medida foi cogitada no mesmo dia em que três pessoas foram internadas por precaução.

O marido da auxiliar de enfermagem, identificado como Javier L. R., é o caso mais



Unidade Alphaville* L
Av. Junius, 706 J

Unidade Cidade Jardim L
Shopping Cidade Jardim, 9º piso J

Unidade Ibirapuera* L
Av. República do Líbano, 501 F

Reservar aqui: Telefone: 011-5049-4848 *Unidade

preocupante.

Também está em observação um engenheiro espanhol que trabalhava na Nigéria. Seu primeiro exame deu negativo e, nesta quarta-feira (8), outro deve ser feito para descartar a infecção.

Uma enfermeira foi colocada em quarentena, mas dois testes mostraram que não está contaminada.

Além disso, são mantidas em vigilância 22 pessoas com quem a paciente teve contato no Hospital de Alcorcón, onde está internada desde domingo (5), e 30 profissionais do Carlos 3º, onde os missionários morreram.

Anexo Q— Contaminação de enfermeira e cachorro em Madri.

Os sete erros da Espanha

Contágio de auxiliar de enfermagem deflagra temor por eficácia de medidas de segurança

Manifestação. Profissionais de saúde na Espanha pedem a demissão da ministra Ana Mato por erro de gerenciamento da crise do ebola no país: dois mortos e uma enfermeira infectada

PRISCILA GUILAYN
Especial para O GLOBO
societade@oglobo.com.br

MADRI. Em reunião de ministros da saúde da União Europeia (UE), há duas semanas, o governo espanhol justificou a repatriação de dois padres contaminados pelo ebola na Libéria e em Serra Leoa, dizendo que "o avançado conhecimento" adquirido poderia ser "de grande ajuda" para os vizinhos europeus. Ontem, o panorama no país era de dois mortos (os missionários Miguel Fajares e Manuel García Viejo), uma auxiliar de enfermagem infectada, uma outra profissional do hospital com febre, três pessoas em isolamento, 52 em observação, além de uma manifestação de profissionais de saúde pedindo a demissão da ministra da área, Ana Mato.

A notícia da primeira transmissão de ebola fora da África, da auxiliar de enfermagem espanhola Teresa Romero, de 44 anos, que cuidou do padre García Viejo, deflagrou críticas dos mais diversos setores da sociedade, numa espécie de jogo dos sete erros do governo na gestão da infecção. Autoridades não conseguiram explicar até agora como a infecção aconteceu. A UE cobrou explicações ao país. — Ela fez tudo que mandaram — garantiu o marido de Teresa, Javier Romero, que está em isolamento, em entrevista ao jornal espanhol "El Mundo", acrescentando que, em nenhum momento, ela teria cometido algum erro e se exposto à infecção. — Trabalhou normalmente e seguiu todos os protocolos.

REPATRIÇÃO DE DOENTES É CRITICADA

A Coordenadoria Antiprivatização da Saúde Pública de Madri, através de um comunicado, qualificou de irresponsável a decisão do Ministério de Saúde ao repatriar os dois sacerdotes, em vez de enviar hospitais, laboratórios de campanha e recursos sanitários às regiões mais afetadas pelo ebola. Das dez pessoas infectadas na África que foram transferidas para seus países de origem para receberem tratamento, somente os dois espanhóis morreram.

"Importaram o primeiro caso para o Estado espanhol e para a Europa, de forma premeditada, e submeteram os trabalhos do Hospital Carlos III, em Madri,



Em casa. A auxiliar de enfermagem e seu cachorro

toda a população a um risco absolutamente injustificado", diz o comunicado.

O segundo erro foi chamado de "aberração sanitária" por plataformas de defesa da saúde pública: o desmantelamento, em novembro passado, das instalações do Hospital Carlos III — onde os dois religiosos foram atendidos. Até então, o hospital era considerado um centro de referência para doenças infecciosas, mas, com o fechamento do sexto andar, parte do pessoal especializado foi dispensado. O terceiro erro foi improvisar uma estrutura para receber os religiosos e treinar, às pressas, uma nova equipe para atendê-los.

O treinamento para lidar com uma das mais letais infecções conhecidas consistiu de duas palestras de 45 minutos — uma antes da entrada do primeiro doente e outra quando chegou o segundo.

Porém o mais grave, segundo as denúncias, é que, entre a morte de um e a chegada do outro, o protocolo de segurança não foi mantido. O hospital teria voltado a dispensar os profissionais e desmontado as instalações de sexto andar. "É uma situação de instabilidade e falta de recursos para a atenção de doentes que precisam de um pessoal sanitário altamente treinado e qualificado", diz Marciano Sánchez Bayle, porta-voz da Federação de Associações para a Defesa da Saúde Pública, no que seria o quarto erro.

O quinto erro seria a roupa usada pelos profissionais que entraram em contato com os dois doentes. Segundo a denúncia da Coordenadoria Antiprivatização, foi

usado um uniforme de risco biológico 3, em vez do de nível 4, menos poroso, mais hermético, no qual os óculos estão unidos ao gorro e à máscara. Teresa teve dois contatos com o paciente. No primeiro, ela se encarregou de seus cuidados pessoais. No segundo, Viejo já estava morto e ela entrou em seu quarto para cuidar de seus pertences. Nas duas ocasiões, segundo a direção do Carlos III, ela usava a roupa de segurança completa.

O sexto erro está relacionado com o protocolo de segurança, mencionado por Sánchez Bayle. A Coordenadoria Antiprivatização reforça que todas as pessoas que estiveram em contato com os doentes deveriam ter sido mantidas em observação por 21 dias, que é o período de incubação do ebola. No entanto, no dia seguinte à morte de Viejo, Teresa saiu de férias.

EXAME DEMOROU A SER FEITO

Na madrugada do dia 30 ela ligou para o hospital para comunicar que não se sentia bem. Tinha febre de 38,5 graus e fraqueza. Mas, e este seria o sétimo erro, somente seis dias após a ligação, foi realizado o exame que confirmou o ebola. O marido de Teresa, Javier Limón, é uma das três pessoas em isolamento no Carlos III. As outras duas seriam também auxiliares de enfermagem. Uma delas testou negativo para ebola, mas a outra apresenta febre. O cachorro do casal deverá ser sacrificado para evitar um possível foco de propagação da doença, o que está causando comoção no país. Teresa, está sendo tratada com sangue de uma pessoa que foi contaminada e se curou.

— Foi um caso flagrante de descumprimento do protocolo não isolar a auxiliar de enfermagem quando ela apresentava sintomas. Ela própria insistia que era um caso de risco por ter trabalhado com um doente de ebola, e que era necessário descartar com exames específicos se tinha tido contágio. A justificativa para isso é incompetência: os responsáveis da saúde pública preferiram fechar os olhos — afirma Sánchez Bayle.

Sindicatos ligados à saúde estão pedindo a demissão da ministra da Saúde e do presidente da Comunidade de Madri, Ignacio González, que "tem sido incapazes de gerenciar esta crise".

Ontem, 52 pessoas estavam em observação, verificando a temperatura duas vezes ao dia: 30 profissionais que trabalharam no Hospital Carlos III com os dois sacerdotes e outros 22, do Hospital de Madri, que tinham contato com Teresa e

De acordo com Anne-Cecile, a evacuação foi bem sucedida e levou menos de 48 horas a partir do momento da descoberta da infecção. A médica agora está internada no Hospital Universitário de Oslo. Não há detalhes sobre o seu estado de saúde.

Nos Estados Unidos, Thomas Eric Duncan, o primeiro diagnosticado com a febre hemorrágica no país, continua internado em Dallas. A droga experimental brincidofovir está sendo usada em seu tratamento, assim como uma máquina de diálise renal. A função hepática do paciente teria melhorado nos últimos dias depois de uma piora no fim de semana. O cinegrafista americano Ashoka Mukpo, também infectado pelo vírus, está recebendo o mesmo remédio experimental, no Centro Médico de Nebraska. Ele chegou aos EUA antecedente, depois de contrair a doença na Libéria.

RISCO DE 5% NO BRASIL

Estudo da Universidade Northeastern, de Boston, divulgado pela BBC ontem, afirma que a probabilidade de que o surto chegue ao Brasil até o fim do mês é de 5%. O país aparece em último lugar em uma lista de 30 nações com maior risco. Apesar de ser o maior percentual entre os países latino-americanos, o número é considerado baixo por autores da pesquisa. Quando considerada uma redução de 80% no tráfego aéreo internacional entre Brasil e a África Ocidental — o que já estaria ocorrendo, por conta da queda de demanda da população por passagens para a região — a taxa cai para 1%.

Anteontem, a Organização Mundial de Saúde alertou para um novo fator que pode colaborar para manter a epidemia do ebola vivo: o sexo. De acordo com boletim informativo da entidade, em um homem convalescente, o vírus pode persistir no sêmen por até 70 dias e "um estudo indica que podem ser mais de 90 dias". Peter Piot, professor de higiene e medicina tropical da London School e um dos descobridores do ebola em 1976, afirmou que sobreviventes devem ficar atentos ao uso de camisinha. (Com agências internacionais)

Número
34

MIL É O TOTAL de mortos na epidemia até agora; a grande maioria na África Ocidental

Roupas usadas por profissionais incluem peças

/acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=http%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas%2...

/2017 acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=http%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_pagina:

impermeáveis. Após uso, parte do material é incinerado

MSF estabelece ordem e local para vestes serem colocadas e despidas. Organização teve 18 infectados pela doença

As investigações sobre a contaminação de profissionais de saúde deverá tentar descobrir se e como o vírus pode vencer o protocolo de segurança adotado por unidades, que inclui um minucioso conjunto de regras em relação às vestes usadas no combate à doença.

Os Médicos Sem Fronteiras (MSF), que ainda apuram o que levou à infecção da norueguesa que che-

gou ontem a Oslo, estabelecem que para entrar em contatos com doentes, profissionais usem macacão impermeável, dois pares de luvas simultaneamente, máscara com filtro, capuz, óculos, avental e galochas. Parte do material é descartável e, após o uso, é desinfetada e só então incinerada. As peças laváveis passam por banhos de cloro. Há lugar e ordem específicos para pôr e tirar as vestimentas. Essa segunda etapa pode levar até cinco minutos.

A norueguesa é a 18ª profissional da organização contaminada pelo ebola. Deles, 16 eram nacionais (os nascidos nos países mais afetados pelo surto). Todos esses teriam sido infectados fora do trabalho, no convívio nas comunidades. Dez morreram. ■



Detalhes sem fronteiras. Além de capuz, óculos e máscara, membros da ONG usam macacão, luvas, avental e botas

Anexo R – Nigéria consegue conter o vírus ebola

Um dia de relativo alívio em meio à tragédia da epidemia de ebola

Nigéria sai da lista de países onde surto continua a matar

Em meio à tragédia do ebola no Oeste da África, onde a doença já debou mais de 4,5 mil mortos só nos três países mais afetados — Guiné, Libéria e Serra Leoa —, o

dia de ontem foi marcado por algumas boas notícias na luta contra a epidemia. Depois de declarar na última sexta-feira o Senegal — que tinha registrado apenas um caso da doença “importado” da Guiné, em agosto — livre do vírus, a Organização Mundial de Saúde (OMS) também retirou ontem a Nigéria da lista de países onde o surto continua.

Já nos EUA, 43 pessoas que tiveram contato com o liberlandino Thomas Eric Duncan, primeiro diagnosticado com a doença em território americano, no fim de setembro, foram consideradas fora de risco de infecção e liberadas do monitoramento diário a que estavam submetidas. Enquanto isso, a União Europeia se comprometeu a intensificar os

esforços para arrecadar € 1 bilhão (cerca de R\$ 3 bilhões) para ajudar no combate à epidemia na África, e o Canadá enviou a Genebra, sede da OMS, o primeiro lote de uma vacina experimental para ser testada por técnicos da instituição em hospitais da cidade suíça.

Ainda na Europa, a organização Médicos Sem Fronteiras

(MSF), que está na linha de frente da luta contra o surto na África, começou a cura e a alta do hospital de Oslo de sua funcionária norueguesa Silje Lehne Michalsen, contaminada enquanto trabalhava em Serra Leoa, e o governo da Espanha informou que exames feitos na auxílio de enfermagem Teresa Romero, também infectada, deram negativo

para o vírus após duas semanas de tratamento.

No Brasil, por sua vez, o Ministério da Saúde voltou a desmentir boatos de novos casos suspeitos em Vitória e Fortaleza. Até o início da noite de ontem, porém, ainda não se sabia de que mal sofre a missionária de 39 anos internada de manhã em um hospital da capital do Espírito Santo. ■

Anexo S – Nigéria é o primeiro país a conter o vírus

Nigéria é exemplo a ser seguido na contenção do vírus, afirma OMS

País identificou quase mil pessoas que tiveram contato com 1º doente

Lagos. Ao declarar a Nigéria livre do ebola 42 dias após o último caso ter sido registrado no país — o dobro do período máximo de incubação de 21 dias da doença —, a Organização Mundial de

ou indireto com Sawyer — que viria a morrer cinco dias depois de chegar ao país — limitaram os possíveis contágios, no que classificou como “um trabalho de investigação epidemiológica de nível mundial”. No total, apenas outras 19 pessoas, a maior parte profissionais de saúde que trataram o americano-liberlandino, acabaram contaminadas com o ví-

//acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&i

0/2017 acervo.oglobo.globo.com/?service=printf

—, a Organização Mundial de Saúde (OMS) destacou que a nação africana é um exemplo a ser seguido na contenção do vírus.

Quando, em meados de julho, o americano de origem liberlandino Patrick Sawyer desembarcou em Lagos com sintomas da febre hemorrágica, temeu-se que a chegada do ebola à maior cidade da África, com 21 milhões de pessoas (o equivalente a Guiné, Libéria e Serra Leoa juntas), deflagraria uma epidemia apocalíptica.

Segundo a OMS, porém, a rápida identificação e o monitoramento de todas as quase mil pessoas que tiveram contato direto

oaram contaminadas com o vírus, das quais sete morreram.

‘NYT’ ELOGIA CUBA

Em editorial publicado no domingo, o diário “The New York Times” elogiou o papel de Cuba na luta contra o ebola, chamado de “o mais robusto entre as nações que buscam conter o vírus”. Cuba enviou centenas de médicos e enfermeiros ao Oeste da África em setembro. O jornal defendeu ainda a posição do ex-presidente Fidel Castro, para quem EUA e Cuba devem pôr as diferenças de lado e trabalhar juntos para debelar o surto. ■

REFÚGIO E ISOLAMENTO Veja as medidas tomadas pelo governo para atender o paciente com suspeita de ebola

13 out
Socleymane Bah, 47, sendo tratado na África Ocidental, e faz uma escala no Mémecox.

19 out
Bah chega ao Brasil, no aeroporto de Guarulhos (Grande SP) trazia relatos de que ele teria passado pela Argentina, o que não foi confirmado.

21 out
O africano chega a Cascavel, a 460 km de Curitiba, e se hospeda na cidade.

23 out
Bah pede refúgio no posto da Polícia Federal em Dionísio Cerqueira (SC).



Suspeita forçou quarentena de 60 pessoas em hospital

Acompanhantes de pacientes relatam que mal puderam comer e dormir

Unidade de saúde de Cascavel (PR) reabriu às 13h, após limpeza; grupo será monitorado pelo período de 21 dias

REJANA CROCI
DE SÃO CARLOS (SP)
LEIZ OLIVEIRA DA CRUZ
DE ASSIS (SP),
DE SÃO CARLOS (SP)

Quinta-feira, 18h40. Desvigiadas da UPA (Unidade de Pronto Atendimento) do bairro Imaculada, em Cascavel (PR), se preparavam para ir embora quando receberam a ordem: ninguém entra, ninguém sai. Um parlante dali, o ginecologista Socleymane Bah, 47, era suspeito de ter ebola. "Não posso sair. Tem suspeita de ebola." Foi assim, por telefone, que Janeci Martins da Silva avisou o marido de que não poderia dormir em casa aquela noite.

Junto com Janeci, que estava com a irmã, pacientes, acompanhantes e profissionais ficaram em quarentena fechada. Os que tinham condições de ter alta foram liberados na manhã de sexta (16).

O paciente de risco foi transferido às 6h, mas a unidade só reabriu às 13h para o público, após desinfecção.

Parênteses de pacientes usaram que mal puderam comer e dormiram em cadeiras. A advogada Carla Hommerding, 34, disse que a mãe, de 60 anos, que visitava a seu avô, tem pressão alta e cegueira apenas "bolacha de sal".

Quando chegava à UPA era orientado a buscar outra unidade. Com diarreia e vômito, Marcelo Silva, 22, baseou com a cara na porta na noite de quinta. "Só na TV é que ouvi falar dessa história de ebola."

O ginecologista chegou à UPA por volta das 10h de quinta. Passou pela triagem à, sem sintomas, esperou com os demais pacientes no saguão até as 14h, quando foi chamado



Em unidade de saúde isolada, enfermeira observa saída de sereno que leva paciente

por um médico.

O atendimento durou cerca de uma hora. Com algumas palavras em inglês, o médico compreendeu que ele vivia da Guiné e havia tido ebola. Depois do curso da doença na África, decidiu voltar Bah, o que só ocorreu às 19h.

Na última, os "aquelela-dos" começaram a ser liberados. Com lavas e roupas de proteção, funcionários limpavam o saguão e as salas e, à tarde, a ambulância que transportou Bah até o avião.

O grupo alvo da quarentena — trinta e seis pessoas na UPA, segundo o Ministério da Saúde — será monitorado e terá a temperatura medida pelo período de 21 dias.

O prefeito Edgar Bueno (PDT) pediu na TV que quem tivera contato com o ginecologista buscasse a rede de saúde.

Funcionária de uma lanchonete no aeroporto, Lucimara Mushi cogitou não lavar os dois filhos à noite. "A gente que tem bebê se assusta com isso", disse.

Para a empresária Gláucia Clarice, é exagero. "Ainda é um caso suspeito."

Além do Paraná, refugiado esteve em ao menos 2 Estados

DE SÃO CARLOS (SP)

Na terça (7), o sorridente Socleymane Bah, 47, parecia especialmente feliz com as roupas vibrantes que vestia. "São da África", disse. Dois dias depois, ele foi considerado o primeiro caso suspeito de ebola no Brasil.

Segundo a Polícia Federal, ele chegou ao país pelo aeroporto de Guarulhos (SP) em 19 de setembro. No dia 25, quando já estava hospedado no Paraná, foi a Dionísio Cerqueira (SC) pedir refúgio. Ele pode ficar no Brasil até setembro de 2015.

Ainda não se sabe por onde Bah passou em seu trajeto até o Sul do país.

Ele ficou hospedado do dia 21 de setembro até quarta (8) no albergue André Luiz, de uma entidade filantrópica de Cascavel (PR). Na

lista de inscrição, consta que o ginecologista é casado e tem dois filhos.

A região rural haitiana e africanas, que buscam emprego em frigoríficos. Na cidade, Bah solicitou uma carteira de trabalho.

Segundo a psicóloga do albergue Fabiane Faust Ferreira, 37, Bah fala francês, muito pouco de inglês e uma língua que os funcionários entenderam ser marba. Por isso, a comunicação entre eles se dava por gestos.

No dia 25, ele pediu ajuda à psicóloga. "Aproximou a língua e a barba. Não restava dúvida", disse.

Seu último dia no albergue foi quarta. Apenas pela TV, no dia seguinte, os funcionários souberam dele.

A suspeita mudou a forma com a cidade olha os estrangeiros, diz a presidente da entidade, Tereza Cristina Nappi, 62. "Fiquei aqui uns 30 dias com ele. E se eu cair doença também?", afirmou o brasileiro Waldison Novas Ramos, 38, 60.

17h45
O paciente é atendido em uma UPA em Cascavel (PR), relatando febre, tosse e dor de garganta no dia anterior. Entregado, o Ministério da Saúde é notificado da suspeita.

18h
O Centro de Operações de Emergência em Saúde, órgão responsável por monitorar situações de emergência em saúde pública, é acionado.

19h20
Forças da Polícia Rodoviária Federal iniciam operação para o transporte aéreo do paciente ao Rio



Foto: Luiz Carlos/DF

00h40
Equipe de investigação do Ministério da Saúde chega a Cascavel para avaliar a situação do caso suspeito e determinar quem entrou em contato com Bah.

1h11
Governo comunica OMS (Organização Mundial de Saúde), de acordo com protocolo internacional.

04h30
A mãe do marido em isolamento total no Paraná, Bah é transportado para o Rio.



Foto: Luiz Carlos/DF

7h41
O paciente chega ao Instituto de Infectologia Evandro Chagas. É investigado o sangue de Bah e enviado ao Instituto em Araricápolis, na região metropolitana de São Paulo, para análise.

08h10
Resultado do exame de sangue do paciente para confirmar ou descartar infecção pelo vírus deve sair nesta tarde (11).

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é o ebola?
Uma doença letal provocada por um vírus. O nome foi tirado de um rio na República Democrática do Congo, na África Ocidental, onde a doença foi descoberta em 1976.

Como é transmitido?
A partir de contato com fluidos ou de sangue de doentes, como sangue ou vômito, com os olhos, boca, nariz e mucosas. Não há risco de transmissão pelo ar.

Um objeto contaminado pode transmitir o vírus?
Sim. O vírus pode sobreviver por algumas horas em objetos contaminados, como luvas de látex ou miscarã.

Quais são os sintomas?
Febre, vômito, diarreia e hemorragia interna.

Todo o infectado morre?
Não, mas a taxa de letalidade média da doença é de cerca de 50%, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde).

Existe vacina ou remédio?
Não existe cura para o ebola. Há remédios experimentais, mas o tratamento consiste em uma terapia de apoio, mantendo o paciente hidratado, com níveis de oxigênio e pressão sanguínea estáveis.

Paciente infectado, mas sem sintomas, pode transmitir a doença?
Pelo que se sabe atualmente, não, mas o vírus já foi encontrado no sêmen de um paciente três meses depois de ter sido declarado curado. Nesse caso, médicos recomendam evitar relações sexuais durante 3 meses ou usar preservativos.

O ebola pode se espalhar pelo Brasil?
Especialistas do Ministério da Saúde afirmam que o risco disso ocorrer é muito baixo.

Qual o controle feito pelo país contra a doença?
Segundo o Ministério de Saúde, há um protocolo para que hospitais isolam pacientes com suspeita ou confirmação da doença, até que a pessoa seja transferida para um dos hospitais apontados pelo governo para o tratamento.

Anexo U- Pessoas entram em pânico por causa do vírus

Pânico é mais rápido que ebola, afirma OMS

Diretora da entidade diz que medo amplia rupturas sociais e prejuízos

Afirmção de que falha em protocolo provocou infecção cria desavença entre profissionais e autoridades dos EUA

que tiveram contato com ela apresenta sintomas do ebola.

» LEIA MAIS na pág. A10

GIULIANA VALLONE
DE NOVA YORK

Pânico e rumores sobre o ebola estão se espalhando mais rapidamente que o vírus, afirmou nesta segunda-feira (11) a diretora-geral da OMS (Organização Mundial da Saúde), Margaret Chan.

"Eu nunca vi uma doença infecciosa contribuir tão fortemente para a potencial falência de um Estado".

A epidemia já matou mais de 4.000 pessoas, a grande maioria na Guiné, na Libéria e em Serra Leoa.

"O ebola gera medo quase universalmente. E o medo amplia as rupturas sociais e os prejuízos econômicos muito além das zonas afetadas pela epidemia", disse.

O alerta foi feito em meio a uma desavença entre profissionais de saúde e autoridades sanitárias dos EUA.

No domingo, foi confirmada a infecção de Nina Pham, 26, enfermeira que tratou de Thomas Duncan, libertano que morreu na quarta-feira.

Ela foi isolada e passa por tratamento no Hospital Presbiteriano de Saúde do Texas.

EPIDEMIA DE EBOLA

Dos 16 casos tratados fora da África, três foram diagnosticados nos EUA e na Europa

■ Curado ■ Em tratamento ■ Morto



DEPOIMENTO

Paranoia me deixou horas parado num avião nos EUA

RODRIGO SALEM
COLABORAÇÃO FINAA FOLHA,
DE LOS ANGELES

O clima de paranoia em relação ao ebola já chegou à aviação norte-americana. Na manhã de domingo (12), embarquei do aeroporto JFK, em Nova York, no voo United 703, para Los Angeles.

Por volta das 12h30, a aeronave começou a perguntar se havia médico a bordo. Em seguida, o batedor traseiro da aeronave foi trancado — "problemas técnicos".

Chegamos ao destino antes do previsto, às 14h. Não parecia haver nada anormal no voo, mas, ao nos aproximarmos do terminal doméstico da United, vi cinco carros de bombeiros e duas ambulâncias vindo em nossa direção. Algo estava errado.

Foi quando a confusão começou. Fomos avisados que havia uma emergência médica e que não poderíamos sair do avião enquanto "os agentes" não "fizessem o procedimento adequado". Meta hora depois, o piloto nos avisou que precisaria levar o avião para o desembarque internacional. Uma hora depois, para um hangar.

Não era um hangar, mas um pequeno terminal isolado. O piloto finalmente avisou "que um dos passageiros teve contato com alguém da África".

Em nenhum momento a palavra ebola foi pronunciada. Mas não é preciso ver muito filme americano para saber que estávamos em um avião com um suspeito.

Entre a descoberta da suspeita e nossa chegada ao terminal de emergência, foram quatro horas. Parecia que ninguém sabia o que fazer, discutindo o curso da ação naquele momento — ficamos

da a infecção de Nina Pham, 26, enfermeira que tratou de Thomas Duncan, libertiano que morreu na quarta-feira.

Ela foi isolada e passa por tratamento no Hospital Presbiteriano de Saúde do Texas. Seu quadro clínico é estável.

No mesmo dia, Thomas Frieden, diretor do Centro de Prevenção e Controle de Doenças (CDC, na sigla em inglês), afirmou que a infecção foi causada por uma "falha no protocolo de segurança", gerando reações de profissionais da área.

A diretora do maior sindicato de enfermeiros dos EUA, Rose Ann DeMoro, afirmou que "enfermeiros de vários hospitais estão alarmados com o que vemos em seus locais de trabalho."

Pesquisa feita pela União Nacional de Enfermeiros aponta que, entre 2.000 profissionais, 76% afirmam que os hospitais em que trabalham ainda não comunicaram os funcionários sobre como agir em casos da doença.

O diretor do CDC se desculpa. "As pessoas na linha de frente estão lutando contra o ebola. O inimigo aqui é o vírus, não é uma pessoa, um país, um hospital."

MONITORAMENTO

O CDC informou que, após a divulgação do caso da enfermeira infectada, os profissionais que atenderam Duncan no isolamento serão monitorados.

Ainda não está claro como Pham pode ter sido contaminada. "Temos que repensar a forma com que lidamos com o controle do ebola, porque mesmo um único caso de infecção é inaceitável", disse.

Para Frieden, o alvo de maior preocupação é a saída dos funcionários da área de isolamento do hospital. Mais de 50 pessoas ajudaram nos cuidados com o paciente.

Na Espanha, onde uma auxiliar de enfermagem também foi infectada, o diretor do hospital responsável pelo tratamento afirmou que o país será superado o risco da doença no dia 27 de outubro caso nenhuma das pessoas

doença no momento.

Na quinta-feira (9), o paciente deu entrada em uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Cascavel (PR), relatando febre, tosse e dor de garganta.

Desde que foi admitido e isolado na UPA, porém, o paciente não apresentou nenhum sintoma característico do ebola — como febre, hemorragia e vômitos.

Um primeiro teste, feito na sexta-feira (10), deu resultado negativo para infecção por

ebola. Pelo protocolo, no entanto, um segundo exame deveria ser feito 48 horas após o primeiro para descartar a doença. O resultado deste segundo exame foi divulgado, na tarde desta segunda (13), pelo ministro Arthur Chioro (Saúde).

Descartada a doença, será desmontado o esquema que monitorava, desde quinta (9), as dezenas de pessoas que tiveram contato com Bah — na UPA e no local onde ele morava — e o eventual surgimento

de febre e outros sintomas para o ebola.

A alta do paciente, segundo Chioro, vai depender dos médicos que atendem Bah no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (RI). Testes rápidos feitos no paciente já descartaram malária, dengue e HIV.

O ministro afirmou que o governo pretende ampliar a divulgação de informações sobre o ebola entre companhias aéreas e funcionários de portos.

Entre a descoberta da suspeita e nossa chegada ao terminal de emergência, foram quatro horas. Parecia que ninguém sabia o que fazer, discutindo o curso da ação naquele momento — ficamos mais duas horas parados.

O despreparo das autoridades ficou mais evidente quando o piloto anunciou: "Parece que há uma briga entre as agências governamentais para saber quem lida com a situação." Pronto, eu estava em um thriller B de Hollywood.

Quando as autoridades finalmente decidiram quem mandava mais, aeronôcias com pequenas máscaras na face, em vez de mascarados entrando no avião, retiraram uma garota oriental do fundo do avião, que havia passado mais durante o voo.

Meta hora após levar a passageira, o piloto anunciou que tudo não passava de uma "precaução", que todo mundo estava liberado sem problemas e que haveria "acompanhamento psicológico" para quem desejasse.

O avião inteiro gargalhou. Não sei se foi com a oferta mustada ou com o alívio do final feliz.

A garota que havia passado mais esteve sim na África, mas na África do Sul, país que não registrou casos de ebola.

Fui pegar uma van grátis para um hotel da região. No caminho, um casal jovem com bebê no colo começou a conversar sobre a experiência comigo e dois idosos.

Do outro lado do micro-ônibus, um senhor ouviu a conversa e começou a brurr: "Jesus, estamos todos ferrados!" A mãe que segurava o neném tentou explicar que havia sido um alarme falso, mas o sujeito ficou descontrolado. "Sempre é alarme falso! É assim que essas coisas se espalham!".

Por sorte, o hotel era apenas a três minutos do aeroporto. Mas todos saíram do ônibus mais nervosos com a reação do homem do que após o desembarque do avião. Medo, pelo visto, se espalha mais fácil que o ebola.

Novo exame descarta caso suspeito da doença no Brasil

JOHANNA NIBLAT
de BRASÍLIA

O resultado do segundo exame laboratorial feito em Souleymane Bah, 47, primeiro caso suspeito de ebola no Brasil, também deu negativo nesta segunda-feira (13), o que descarta em definitivo a possibilidade de infecção do paciente da Guiné pelo vírus.

Bah chegou ao Brasil em 29 de setembro, vindo da Guiné — um dos países da África ocidental mais afetados pela

doença no momento.

Na quinta-feira (9), o paciente deu entrada em uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Cascavel (PR), relatando febre, tosse e dor de garganta.

Desde que foi admitido e isolado na UPA, porém, o paciente não apresentou nenhum sintoma característico do ebola — como febre, hemorragia e vômitos.

Um primeiro teste, feito na sexta-feira (10), deu resultado negativo para infecção por

ebola. Pelo protocolo, no entanto, um segundo exame deveria ser feito 48 horas após o primeiro para descartar a doença. O resultado deste segundo exame foi divulgado, na tarde desta segunda (13), pelo ministro Arthur Chioro (Saúde).

Descartada a doença, será desmontado o esquema que monitorava, desde quinta (9), as dezenas de pessoas que tiveram contato com Bah — na UPA e no local onde ele morava — e o eventual surgimento

de febre e outros sintomas para o ebola.

A alta do paciente, segundo Chioro, vai depender dos médicos que atendem Bah no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (RI). Testes rápidos feitos no paciente já descartaram malária, dengue e HIV.

O ministro afirmou que o governo pretende ampliar a divulgação de informações sobre o ebola entre companhias aéreas e funcionários de portos.